

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**  
**Programa de Pós-Graduação em Administração**

**Marinette Santana Fraga**

**POBREZA E CAPITAIS: a voz das pessoas em situação de pobreza e  
suas práticas de mobilização de capitais**

**Belo Horizonte**

**2020**

**Marinette Santana Fraga**

**POBREZA E CAPITAIS: a voz das pessoas em situação de pobreza e  
suas práticas de mobilização de capitais**

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Administração, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutorado em Administração.

Por

Autora: Marinette Santana Fraga

Orientador: Doutor Armindo dos Santos de Sousa Teodósio – PUC Minas

Coorientador: Doutor Virgílio Borges Pereira – Universidade do Porto - Portugal

**Belo Horizonte (MG)**

**Outubro 2020**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F811p Fraga, Marinette Santana  
Pobreza e capitais: a voz das pessoas em situação de pobreza e suas práticas de mobilização de capitais / Marinette Santana Fraga. Belo Horizonte, 2020.  
170 f. : il.

Orientador: Armindo dos Santos de Sousa Teodósio  
Coorientador: Virgílio Borges Pereira  
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Administração

1. Política pública - Brasil. 2. Vulnerabilidade Social. 3. Capital social. 4. Pobreza - Aspectos econômicos - Minas Gerais. 5. Mercado de capitais. 6. Habitus (Sociologia). 7. Renda - Distribuição. 8. Exclusão social. I. Teodósio, Armindo dos Santos de Sousa. II. Pereira, Virgílio Borges. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Administração. IV. Título.

CDU: 339.12

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Paim Brito - CRB 6/2999

**Marinette Santana Fraga**

**POBREZA E CAPITAIS: a voz das pessoas em situação de pobreza e suas práticas de mobilização de capitais**

Tese apresentada ao Doutorado em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, para obtenção do título de Doutora em Administração.

---

Prof. Dr. Armino dos Santos de Sousa Teodósio - PPGA/ PUC Minas (Orientador)

---

Prof. Dr. Virgílio Borges Pereira - Universidade do Porto/ Portugal (Coorientador)

---

Prof. Dr. Antônio Dias Pereira Filho - Cepead - UFMG (Banca Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliana Marcia Martins Fittipaldi Torga - Una/BH (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Mariano Yoshitake – Universidade da Cidade de São Paulo (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Marcelo de Rezende Pinto – PPGA/PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte (MG), 23 de outubro de 2020.

*À minha mãe  
Geni Juventina Fraga -  
quantos e quantos capítulos  
desta tese foram escritos  
na cama do hospital,  
na cama do nosso quarto,  
no sofá, no carro a passear.  
Em cada canto da casa, escuto  
sua voz a me chamar:  
vamos sair?  
Vamos embora para casa?  
E um dia,  
ela foi embora,  
embora para sempre e deixou essa fala:  
“estou muito feliz com a minha vida”.*

## AGRADECIMENTOS

- Ao Deus, pai do universo, pelas inspirações e pela superação das adversidades da vida.
- À Geni Juventina Fraga, minha mãe, por ter me acompanhado durante minha vida, e em especial, por sua presença nos momentos que eu escrevia parte da tese.
- Ao doutor Armindo dos Santos de Sousa Teodósio, o prof. Téo, por ter acreditado no desenvolvimento do meu perfil social e na minha transcendência do positivismo científico.
- Ao doutor Virgílio Borges Pereira, pela aceitação e pelo acolhimento na Universidade do Porto em Portugal. Meu muito obrigada pela condução na iniciação dos estudos de Bourdieu.
- À doutora Luciana Kind, que, no momento das minhas inquietações sobre a continuidade ou não do meu tema, proporcionou a reflexão sobre a gênese desta tese.
- Ao doutor Mariano Yoshitake, orientador do mestrado, sem o senhor a efetividade da realidade do doutorado não aconteceria. Obrigada por ter me propiciado o gosto pelas pesquisas e inúmeras participações em congressos.
- Ao doutor Antônio Dias Pereira Filho que me acolheu na Face-UFMG para disciplinas isoladas. Obrigada pelos trinta minutos que aconteceram após sua primeira aula, foi o tempo essencial para despertar a possibilidade da pesquisa em minha cidade natal.
- À banca de qualificação, na figura da doutora Eliana Marcia Martins Fittipaldi Torga, cujas considerações propiciaram uma revisão e delineamento da tese.
- À Universidade Federal de Juiz Fora – Campus Governador Valadares pelo apoio durante o doutoramento, em especial ao departamento de Ciências Contábeis na figura do professor Anderson de Oliveira Reis.
- À Ana Laura Fraga, a sobrinha, pela paciência e contribuição nas releituras da tese. Que esses momentos contribuam para sua trajetória acadêmica que se inicia com a aprovação no curso de Medicina.
- Ao Lucas Peixoto Fraga, o sobrinho, pelo acolhimento em sua casa e ajuda na diagramação. Desejo que seu mestrado em Ciências da Computação seja concluído com êxito. Sabemos que a trajetória não foi fácil, mas na vida precisamos enfrentar os desafios.
- Às irmãs Neide Aparecida Fraga e Olívia Flávia Fraga, pela compreensão da minha fase de doutoramento e pela ajuda nos cuidados com a nossa mãe e nos afazeres domésticos.
- À Leo, por ter me acompanhado nas pesquisas de campo, por me direcionar na forma de comunicação, no respeito com o contexto de cada participante e nos percalços da pesquisa. Incluo nos agradecimentos, a Madalena.
- Ao Dílson Mauro Florêncio Nunes e sua irmã Carla Cristina Florêncio Nunes, pelas preciosas dicas para a realização do doutorado de forma estratégica, planejada e de forma produtiva.
- Aos amigos do mestrado e doutorado do PPGA e do NUPEGS da PUC Minas, em especial as pesquisadoras Camila Álvares dos Reis e Patrícia Daniela Souza dos Anjos. A interação dos discernimentos demonstrou a relevância da produção acadêmica coletiva. Incluo o agradecimento aos funcionários do PPGA, na figura do Pedro Henrique Alves dos Santos.
- Aos participantes da pesquisa, essenciais para o elo do conhecimento empírico com o científico.
- Para finalizar, agradeço ao músico João Alves dos Santos (conhecido como João de Ana), que ao final da tese, em plena pandemia do COVID 2019, aceitou o convite para a melodia e harmonia da letra que criei. Essa é um dos produtos desta tese. Que Deus ilumine sua carreira e abra seus caminhos para o sucesso.

Pobreza é fome, é falta de abrigo. Pobreza é estar doente e não poder ir ao médico. Pobreza não poder ir à escola e não saber ler. Pobreza é não ter emprego, é temer o futuro, é viver um dia de cada vez. Pobreza é perder o seu filho para uma doença trazida pela água não tratada. Pobreza é falta de poder, falta de representação e liberdade. (Narayan et al., 2000, p. 9).

## RESUMO

Esta tese objetiva, de forma geral, a identificar e interpretar as práticas de mobilizar capitais pelas pessoas em situação de pobreza. Nas políticas públicas, em especial as sociais, um dos desafios é a mitigação à pobreza. O conceito de pobreza multidimensional e a abordagem sociológica de Bourdieu com as suas noções operatórias (*habitus*, classes - grupos sociais, campo social e capitais) foram os recortes da fundamentação teórica para o desenvolvimento da tese **POBREZA E CAPITAIS: a voz das pessoas em situação de pobreza e suas práticas de mobilização de capitais**. Delineamos como objeto de campo as pessoas em situação de pobreza de duas cidades brasileiras no estado de Minas Gerais. Utilizamos pesquisa qualitativa e narrativa através de coleta de dados por fontes primárias. Os procedimentos foram por meio da objetivação e de entrevistas não estruturadas com a questão norteadora: como elas (pessoas em situação de pobreza) fizeram ou fazem (mobilizam) para ter recursos (capitais) e tentar melhores condições de vida? De forma complementar realizou-se notas de diário de campo do contexto empírico. Escolhemos para nossa investigação a análise sociológica dos capitais de Bourdieu que caracteriza como análise interpretativa e atende as características de pesquisa em profundidade. A tese explicita um chamamento para inserção de pesquisas sobre pobreza e capitais no campo da Administração e das Ciências Contábeis, em especial, nos microespaços sociais e como parte dos estudos organizacionais, de desenvolvimento sustentável e da gestão social. Torna-se uma inovação e contribuição no campo dessas ciências e para a Teoria dos Capitais de Bourdieu com a identificação das práticas de vida de pessoas em situação de pobreza. Nossas pesquisas revelaram cinquenta e quatro práticas de mobilização de recursos abrangendo os capitais de Bourdieu, para exemplificar temos: trabalhar em diversos serviços, colocar as crianças para trabalhar, mudar de localidade quando necessário, aproveitar espaços e coisas de casa para transformar em dinheiro, fazer “bicos”, tirar carteira de motorista, conciliar estudos com trabalho, ter fé, superar abusos sexuais e discriminação, aproveitar capacidades adquiridas e incorporadas ao longo da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Situação de Pobreza. Capacidades. *Habitus*. Mobilização. Capitais.

## ABSTRACT

This thesis aims, in general, to identify and interpret the practices of raising capital by people in poverty. In public policies, especially social policies, one of the challenges is poverty alleviation. The concept of multidimensional poverty and Bourdieu's sociological approach with its operative notions (habitus, classes - social groups, social field and capitals) were the cuttings of the theoretical foundation for the development of the thesis **POVERTY AND CAPITALS: the voice of people in situations poverty and capital mobilization practices**. We outlined people in situations of poverty in two Brazilian cities in the state of Minas Gerais as the object of the field. We use qualitative and narrative research through data collection by primary sources. The procedures were based on objectification and unstructured interviews with the guiding question: how did they (people in poverty) do or do (mobilize) to have resources (capital) and try to improve their living conditions? In addition, field diary notes from the empirical context were made. We chose the sociological analysis of Bourdieu's capitals for our investigation, which characterizes it as interpretative analysis and meets the characteristics of in-depth research. The thesis makes explicit a call for insertion of research on poverty and capital in the field of Administration and Accounting Sciences, especially in the social microspaces and as part of the organizational, sustainable development and social management studies. It becomes an innovation and contribution in the field of these sciences and for Bourdieu's Theory of Capitals with the identification of the life practices of people in situations of poverty. Our research revealed fifty-four resource mobilization practices covering Bourdieu's capitals, to exemplify we have: to work in different services, to put children to work, to change locations when necessary, to use spaces and things from home to transform into money, to do “Beaks”, taking a driver's license, reconciling studies with work, having faith, overcoming sexual abuse and discrimination, taking advantage of acquired and incorporated skills throughout life.

**KEYWORDS:** poverty situation. Capabilities. *Habitus*. Mobilization. Capitals.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - A menina pobre que não aprendia a ler .....	16
Foto 2 - Saúde - CRAS da Pedreira Prado Lopes.....	83
Foto 3 - Casas do Programa Minha Casa, Minha Vida .....	90
Foto 4 - Participante e suas lembranças de como vivia.....	91
Foto 5 - Participante e sua produção para fazer dinheiro .....	95
Foto 6 - Participante e instrumento de trabalho.....	97
Foto 7 - O rio no fundo do meu quintal – falta o esgoto .....	97
Foto 8 - Empreendedorismo de sobrevivência .....	102
Foto 9 - A atividade e seu público alvo – os estudantes.....	111
Foto 10 - O jardineiro que virou mestre .....	117

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho da tese .....	34
Figura 2 - Estrutura Conceitual Contemporânea da Pobreza .....	44
Figura 3 - Modelo de análise da tese .....	125
Figura 4 - Tabela Periódica das Práticas de Mobilização de Capitais na Pobreza .....	145

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização do Capital Cultural na Pobreza.....	62
Quadro 2 - Tabela periódica da relação entre os Capitais de Bourdieu e Moser .....	73
Quadro 3 - Relação dos entrevistados .....	83
Quadro 4 - Matriz das Práticas do Capital Econômico na Pobreza.....	131
Quadro 5 - Matriz das Práticas do Capital Cultural Incorporado na Pobreza .....	133
Quadro 6 - Matriz das Práticas do Capital Cultural Objetivado na Pobreza .....	134
Quadro 7 - Matriz das Práticas do Capital Cultural Institucionalizado na Pobreza .....	136
Quadro 8 - Matriz das Práticas do Capital Social na Pobreza .....	140
Quadro 9 - Matriz das Práticas do Capital Simbólico na Pobreza.....	144
Quadro 10 - Matriz das Práticas de Capitais na Pobreza.....	147

## LISTA DE SIGLAS

APP`s	Avaliações Participativas sobre a Pobreza
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
EGEPE	Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MEC	Ministério da Educação
PMBH	Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SEMEAD	Seminários em Administração da Universidade de São Paulo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Gênese da tese .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Contextualização da tese .....</b>	<b>22</b>
<b>2 MARCO TEÓRICO.....</b>	<b>35</b>
<b>2.1 Delineamento conceitual contemporâneo da pobreza.....</b>	<b>35</b>
<i>2.1.1 Pobreza como ausência de necessidades básicas .....</i>	<i>36</i>
<i>2.1.2 Pobreza com base na restrição da renda: abordagem socioeconômica.....</i>	<i>37</i>
<i>2.1.3 Pobreza como ausência de bem-estar, juízo de valor e percepção dos protagonistas ...</i>	<i>40</i>
<b>2.2 Sociologia de Bourdieu: o perfil e metodologia das pesquisas pioneiras.....</b>	<b>46</b>
<i>2.2.1 Contextualização dos conceitos bourdieusianos.....</i>	<i>52</i>
<i>2.2.2 Campo Social: a multiplicidade do campo como espaços sociais .....</i>	<i>54</i>
<i>2.2.3 Capital Econômico: a não univocidade como símbolo forte e de distinção .....</i>	<i>57</i>
<i>2.2.4 Capital Cultural: a diferenciação das suas formas e efetivação da distinção.....</i>	<i>60</i>
<i>2.2.5 Capital Social: relações na distinção e promoção (ou não) das capacidades individuais .....</i>	<i>64</i>
<i>2.2.6 Capital Simbólico: resultado da eficácia dos capitais econômico, cultural e social.....</i>	<i>65</i>
<i>2.2.7 Habitus individuais e classes: abordagem da distinção e grupos sociais .....</i>	<i>66</i>
<b>2.3 Teoria dos Ativos de Moser .....</b>	<b>68</b>
<b>2.4 O simulacro da pobreza no Brasil: estudos de Jessé Souza com ênfase nos Capitais de Bourdieu .....</b>	<b>74</b>
<i>2.4.1 Pobreza e o simulacro da Nova Classe Média Brasileira .....</i>	<i>74</i>
<i>2.4.2 Concepções teóricas sobre a abordagem de Jessé Souza .....</i>	<i>77</i>
<b>3 DELINEAMENTO DA PESQUISA .....</b>	<b>81</b>
<b>3.1 Percurso Metodológico.....</b>	<b>81</b>
<b>3.2 Construção das narrativas.....</b>	<b>83</b>
<i>3.2.1 Pedreira Prado Lopes: campo social da cidade de Belo Horizonte .....</i>	<i>83</i>
<i>3.2.1.1 Entrevistada 1 (E1) – Senhora Amélia: a prioridade aqui é comer .....</i>	<i>85</i>
<i>3.2.2 João Monlevade: cidade brasileira do interior do estado de Minas Gerais .....</i>	<i>90</i>
<i>3.2.2.1 Entrevistado 2 (E2) – Senhor José Lico: o sonho de estudar ficou para trás, a gente plantava para comer, hoje sou um vencedor .....</i>	<i>91</i>
<i>3.2.2.2 Entrevistada 3 (E3) - Dona Luz: eu aproveito todo o espaço de casa que eu tenho, a gente tem que saber fazer mais de um serviço.....</i>	<i>95</i>

<i>3.2.2.3 Entrevistada 4 (E4) - Maria Josefina: só que depois que eu caí na cadeira de rodas, eu vi que eu não era religiosa era nada</i> .....	102
<i>3.2.2.4 Entrevistado 5 (E5) - Pedro Xavier da Penha - o ápice da superação: de jardineiro a lavador de carro ou garçom. Tudo isso era uma forma de capitalizar recurso para eu estudar</i> .....	117
<b>3.3 Modelo de análise: a análise Sociológica dos Capitais de Bourdieu</b> .....	123
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	147
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	159
<b>ANEXO A – Glossário</b> .....	168
<b>APÊNDICE A – Letra da música criada no contexto da tese</b> .....	170

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Gênese da tese

Aos leitores, decidimos compartilhar a história que deu origem a esta tese. O meu percurso como doutoranda, em relação ao tema, provém da minha origem, das dificuldades, dos desafios e da superação da situação de pobreza. A educação foi o meu principal capital. Passei ao longo do tempo de aquisição e acumulação do conhecimento por diversas discriminações da minha forma de falar, de vestir e da precária moradia. Deparei com muitas desigualdades advindas dos professores, colegas de escolas e diretores.

A intimidação, o sentimento de humilhação e a simulada meritocracia por parte dos educadores foi superada com interesse, dedicação, trabalho, estabelecimento de metas, controles e ampliação do Capital Social. A gênese da tese ganhou corpo na disciplina de Métodos Narrativos ministrada pela professora Doutora Luciana Kind na PUC Minas. Intitulada como **Narrativa de uma doutoranda: o porquê do estudo da pobreza com ênfase em mobilização de capitais**, foi uma reflexão e respostas às minhas inquietações em relação ao tema.

Algumas ressalvas são relevantes. A superação, na fase de adolescência e início da fase adulta, me conduziu para a profissão de docência em universidades. A longa distância temporal entre a realização do ensino médio, da graduação, do mestrado e do atual doutorado caracteriza pela prioridade de mobilizar trabalho em detrimento de educação, pois havia prioridade para satisfazer as necessidades básicas familiares.

O percurso e a conclusão do mestrado oportunizaram ampliação das redes sociais, realização de produções científicas e orientações de trabalhos acadêmicos. No início das minhas pesquisas, os principais mentores foram Mariano Yoshitake (orientador do mestrado) e Carlos Alberto Serra Negra (pesquisador, autor de livros de metodologias, meu professor da graduação e colega do mestrado).

Uma análise interpretativa nas minhas primeiras pesquisas evidenciou a utilização de pesquisa qualitativa no campo social, em especial, o nível micro estudando as pessoas, as famílias e suas relações com os controles organizacionais e financeiros, com destaque para o artigo **Plano-sequência – proposta da teoria do controle gerencial para a gestão do patrimônio familiar** publicado na Revista Mineira de Contabilidade.

No processo de doutoramento, elaborei diversos artigos científicos aprovados e apresentados nos congressos na área de Administração ou afins. Em junho de 2018, apresentei

no 4th International *Conference on Democratic Governance in the Developing World Community & Civic Engagement: Prerequisite for Fostering Sustainable Development in the Developing World*, promovido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Estudos Brasileiros de Administração Pública (EBAPE), com a apresentação dos artigos: Estratégias das microfinanças e da pobreza nos países em desenvolvimento: a realidade das instituições brasileiras e seus desafios; Arranjos de Políticas Públicas e Pobreza: uma análise do programa Bolsa Família; A política e o neopentecostalismo: atributos para a mitigação da situação de pobreza e a marginalização.

No ano de 2019, elaborei o artigo (desenvolvido com o orientador e professor doutor Armindo dos Santos de Sousa Teodósio e doutor Walter Mswaka) no *7th EMES International Research Conference on Social Enterprise* cujo tema foi *Microfinance and poverty in developing countries: changes and challenges in contemporary Brazilian Society*. Nesse mesmo ano, participei do VI Encontro Brasileiro de Administração Pública com o artigo *Estrutura Contemporânea da Pobreza: relevância para o debate da Nova Classe Média no Brasil*. No percurso de 2019, ainda apresentei no XXII Semead – Seminários em Administração da Universidade de São Paulo com o artigo – *Entre avenidas, becos, vielas e ruas sem saída: o complexo, parcial e precário acesso de trabalhadores das ruas às microfinanças em bancos públicos brasileiros*. Em 2020, apresentei no XI EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas o artigo “Microcrédito e trabalho nas ruas: desafios no contexto brasileiro”. Esse foi indicado pelo *Fast Track* do evento e ganhou o prêmio de segundo lugar na categoria Pequenas empresas.

Portanto, a gênese desta tese está enraizada na minha história de vida. Ela inicia com as lembranças da dificuldade para aprender a ler, foi assim:

**Foto 1 - A menina pobre que não aprendia a ler**



**Fonte: Fotografia da autora.**

Quando eu fazia o antigo primeiro ano de grupo (Foto 1), a educação inserida nos direitos sociais pautada nos princípios de equidade e igualdade para todos os indivíduos independente de qualquer classe me foi apresentada. Todavia, na minha realidade, a educação era um instrumento de poder e de discriminação entre os que possuem dinheiro (ricos) e os que não possuem (pobres). A minha socialização escolar passou pela compreensão da renda como sendo o fator unívoco de caracterização da situação de pobreza com representação e significados das roupas que eu usava.

Em consonância com as lembranças da minha vivência escolar, em tempos recentes eu conheci uma pessoa com dons artísticos musicais que busca viver de suas habilidades e encontra dificuldades de mobilizar recursos para melhorar sua condição de vida. Na sua trajetória de viver, sentiu que houve privação de capacidades em diversos momentos, entre elas, a moradia, a alimentação, o abuso sexual, a educação, o acesso à cultura, ao saneamento básico, à água tratada e à saúde. Meu conhecido percebia as oportunidades que o poder público oferecia como forma de indicação, de dominação e exploração, o que levou ao desenvolvimento de seus estigmas. E esses os conduziram para a necessidade de superar e enfrentar a falta de uma verdadeira meritocracia no poder público.

Essa pessoa, proveniente de uma família de “cantores” de uma cidade do interior de Minas Gerais e sem recursos para transformar o Capital Cultural e simbólico em econômico, me relatou que a vida representa o “hoje” e que trabalha para satisfazer as necessidades básicas, e acredita no seu talento e tenta vencer somente por ele, menciona que não existe um depois, um futuro, e todo dinheiro que entra em sua vida ele gasta imediatamente para viver melhor. Relato típico de pessoas em situação de pobreza. Lembro de sua fala ao descrever que sua mãe ao participar do programa de calouros na televisão ficou classificada para concorrer a final.

Era um importante programa que revelava cantores e vozes para o Brasil. Sua mãe foi classificada para a final. Porém, ela não tinha recursos econômicos e ela estava com dificuldades para se apresentar na final, visto ter gastado as poucas economias nas etapas anteriores. O que ela necessitava era de um vestido, sapatos e passagens para ir ao programa. Ao tentar mobilizar esses recursos com o poder público municipal, não conseguiu. A ela foi negada qualquer ajuda. Nessa época, a cidade investia em cultura, mas privilegiava o pessoal de melhor poder aquisitivo e *status*.

A oportunidade que surgiu na vida da mãe poderia ter mudado os rumos da sua vida e da família, muitos com talentos musicais. Assim, com a ausência dela na final do programa, um conhecido cantor foi o vencedor e ficou lançado no mundo artístico. E lá se foi uma oportunidade. O filho desiludido e sendo conhecido pelos dons de violão e voz prosseguiu o

canto pelos bares e eventos nas cidades próximas. Esse trabalho garantia a sua sobrevivência. A transferência hereditária dos dons e ao mesmo tempo a herança da falta de capitais, da mobilização dos mesmos e das oportunidades que não priorizam a meritocracia perpetuavam com reflexos nas condições de vida familiar. Após alguns anos, sua mãe faleceu sem ter tido oportunidade de demonstrar seu talento musical.

Para ele, hoje com 44 anos, o poder público carece de políticas sociais que empoderem as pessoas em situação de pobreza por meio de suas potencialidades. Para ele, em sua juventude, a educação foi discriminatória. Percebe a educação como um sistema de desigualdade, no qual as pessoas em situação de pobreza são vistas como sendo incapazes de aprender, como sendo insubordinadas, descompromissadas e são marginalizadas. Saiu da escola na quinta série colegial como sendo um aluno bagunceiro e incapaz de aprender. Escola na qual seu dom musical nunca foi enfatizado, sua voz de cantor jamais foi ouvida, e a sua habilidade de tocar bem um violão jamais reconhecida.

Seus conhecimentos dos estilos musicais, suas canções de MPB, sertanejo e samba de raiz, tudo foi menosprezado e interpretado como libertinagem e molecagem. Por outro lado, o rapaz proveniente de uma família de recursos e com habilidades em tocar violão e cantar (não tão bom quanto ele – fala da pessoa conhecida), a este sim, as portas foram abertas. Convites e mais convites de festas, presença nos eventos escolares e políticos, oferecimentos de cursos de aperfeiçoamentos e viagens, aplausos.

A educação inclusiva para aprimorar habilidades e promover a inserção cultural foi restrita para o meu conhecido, e a mim a instituição educacional tentou me colocar como sendo uma pessoa limitada por não possuir renda e não ter roupas adequadas, mas eu não aceitei e foi por meio de mobilização do recurso do conhecimento (educação) que consegui melhores condições de vida.

Morava numa pequena cidade do interior mineiro, cuja economia girava em torno de uma grande siderúrgica que empregava diversas pessoas. Essas necessitavam do trabalho para satisfazer as necessidades básicas e mitigar a pobreza. Eu pertencia a uma família extensa de um mecânico prático dessa empresa.

Minha família era constituída por meus pais, sete filhos e quatro filhas. Os homens tinham o privilégio de ter regalias de comidas. As filhas cuidavam da casa, obedeciam aos homens e submetiam a eles. A família representava um ambiente de discriminação onde a mulher era submissa ao homem e não precisava trabalhar fora e nem estudar e tão pouco podia opinar em casa.

Meu pai ganhava pouco e durante o dia trabalhava na grande siderúrgica. Na parte da noite, fazia trabalhos extras de bombeiro levando com ele meus irmãos menores. Os irmãos mais velhos saíram de casa para trabalhar pelo mundo com o objetivo de ajudar a criar os mais novos. Minha mãe e nós mulheres ficávamos em casa, dia e noite, noite e dia. Ao sair para o trabalho, todos os dias meu pai desligava a energia e colocava um cadeado no padrão, isso para ninguém acender luz durante o dia, ouvir rádio ou ligar a velha televisão. Todo esse cenário, me deixava convicta de que eu precisava lutar por uma identidade feminina e de pessoa útil. Utilidade que iria além de servir os homens e da prisão no lar. Dessa forma, encontrei na educação o caminho para uma emancipação como pessoa e condição de vida.

Na infância, cresci vendo as dificuldades dos meus pais de manter as necessidades básicas de uma família extensa. A alimentação essencial era representada por arroz, feijão, fubá, macarrão e verduras plantadas na horta de casa. O leite era difícil de obter e meu irmão mais velho tinha que andar vinte quilômetros para o buscar. A carne só se tinha uma vez por ano quando se matava um dos porcos criados por meu avô. Mas vivíamos dentro de um ambiente de infância reconhecida como feliz. Feliz pelas brincadeiras de jogar bolas, brincar de pique esconde com os primos, correr pelos campos, ter o que comer, ouvir em volta da mesa as histórias da vovó. A foto dos primos em torno da mesa e minha avó reflete o brilho dos olhos da criança.

No primeiro ano de grupo tive dificuldades para aprender a ler. Hum... como os professores me criticaram, me ignoraram. Eles me colocavam para sentar junto com um garoto que também tinha dificuldades; meninas não podiam conversar com meninos. Final do ano, reprovada, não consegui fazer a leitura oral, não aprendi a ler. Só me lembro da frase da professora aplicadora do teste: o galo pela manhã.... Eu olhava para a figura (era um galo cantando) e para ela, sem conseguir continuar o texto. Foi então que ouvi sua fala para os outros supervisores: “Não adianta, ela não consegue ler, a mãe não deve ajudar em casa. É pobre, conheço a família, tem que casar. Não vai ser nada na vida. Tem que repetir a série muitas vezes para aprender”.

Como chorei aquele dia. Minha mãe foi chamada na escola. Ela que tinha somente o terceiro ano, como poderia ser responsável por me ensinar a ler? Não seria atribuição das minhas professoras? Em casa, eu me senti como incapaz. Alguns irmãos rindo, meu pai querendo me tirar da escola. Mas, minha mãe, meus avós e, depois, meu pai, que voltou atrás, decidiram que eu tinha que ficar lá na escola, pois era meu direito. O filho de um homem rico para quem meu pai trabalhou também teve dificuldades na aprendizagem, mas a ele o

tratamento foi outro e lá estava o garoto no segundo ano e tendo acompanhamento das notórias professoras.

Repetindo o primeiro ano e de novo me colocaram junto com outro garoto. Só que, desta vez, nós ficamos amigos e prometemos mostrar que apesar da nossa situação de pobreza podíamos aprender e ser gente como todos. Assim, nos dedicamos e lá apareceu uma professora com ideias diferentes e que acreditava em nós. No exame de leitura tiramos nota máxima.

Esse fato marcante da dificuldade de aprender a ler e de discriminação da própria educação foi superado e veio o segundo, o terceiro ano. Nesse ano, ganhei concursos de cartazes a respeito de alimentação, fui destaque como melhor aluna na escola, ficando inclusive à frente dos alunos ricos.

As professoras ficaram disputando para qual turma do quarto ano eu iria, se para a turma A, com melhores rendimentos e “filhos” de ricos, ou para a B com menores rendimentos e filhos dos pobres. Lembro que foi uma briga de poder entre eles, todos me queriam na sala. No final, me mandaram para a turma A. Lá fiquei e tive sucesso pelas notas, pela dedicação. Por outro lado, sempre houve humilhação e discriminação.

Lembro um sete de setembro que eu apareci para o desfile, de novo as professoras dos ricos acharam inadequadas minhas roupas, e uma delas buscou roupas do filho e me vestiu para eu desfilar, uma roupa de *cowboy*. Apesar de sentir humilhação e vergonha, fiquei feliz naquela roupa, pois eles precisavam da minha fala, do meu cartaz com dizeres perfeitos. Aprendi a conviver com essas diferenças e a me valorizar, vi no conhecimento a grande arma contra meus “inimigos”. Final do quarto ano, todos me respeitavam na escola.

Fui para o ginásio e nunca mais repeti um ano de estudo. Novos professores, novos colegas, novas escolas..., mas o cenário da discriminação sempre presente. Muitas mudanças e melhorias na vida familiar, muitos ganhos, realização de ensino técnico para ir direto para o mercado de trabalho, universidade nem sonhar... primeiro trabalhar. Universidades federais só para os ricos, é assim que os da situação da pobreza viam o ensino superior gratuito.

Os anos passaram e eu trabalhei, fiquei sem estudar, depois retornei aos estudos. Hoje, tenho graduação em Administração, Ciências Contábeis, Mestrado em Ciências Contábeis e fazendo doutorado em Administração. Minha condição de vida foi derivada da mobilização do recurso denominado Capital Cultural Incorporado e institucionalizado, no qual se tem a educação e nela acreditei como fator importante na mitigação da pobreza.

Ao lado desse fator, foi necessário aprender a administrar e mobilizar o recurso econômico que era escasso. Aprendi muito com minha graduação e me tornei especialista em

controles financeiros pessoais. Com meu velho pai aprendi também algumas lições sobre como evitar desperdícios e realizar compras.

Da conversão do recurso econômico para o cultural, do cultural para o econômico, e destes para a representatividade e relevância do Capital Simbólico na vida das pessoas em situação de pobreza. E para a tríade formada por eles inclui-se a necessidade da mobilização do Capital Social, no qual encontrei diversas relações formadas por redes de relações que auxiliam na maximização dos recursos/capitais por mim citados.

Todos esses fatos da minha vida vieram a ser lembrados ao conhecer a pessoa que mencionei como sendo de tempos mais recentes. Seus relatos de vida em relação à educação que o reprimiu e o fez deixar a escola, que o marginalizou devido a sua situação de não riqueza, foi a mesma que eu deparei e mobilizei. Meu conhecido, por ter deixado os estudos decidiu ganhar a vida com seu violão e voz e assim de bar em bar com suas canções e sua visão de um mundo injusto segue seu modo de pensar a vida como representada somente no hoje, não crer que existe um futuro e enxerga o mundo como injusto. Acredita na educação como forma de melhores condições de vida, mas percebe a desigualdade e discriminação nos sistemas de ensino.

A vida do meu conhecido gira em torno de poucos recursos, mora em uma pequena casa alugada e em área vulnerabilidade social. Não conseguiu melhorar de vida apesar de suas habilidades artísticas. Sente uma frustração pelo seu não reconhecimento, sabe que é bom e enaltece sempre o seu Capital Simbólico que é sua voz e habilidade de tocar, mas não mobiliza recursos nem acumula Capital Econômico. Falta a ele uma visão prospectiva da vida.

Eu acredito que venci vários desafios e que houve muita resistência para não ser quem a sociedade queria que eu fosse. Atualmente, ano de 2020, me descrevo como uma vencedora e uma educadora que procura contribuir com a aprendizagem de diversos discentes. Sou mestre em Ciências Contábeis e futura doutora em Administração. Sou uma pessoa que conquistou dignidade e com perspectivas de atuação na gestão social.

Foi nesse cenário, de pessoas em situação de pobreza atrelado a observação do campo empírico da minha pesquisa de tese, que verifiquei a necessidade de saber como as pessoas em situação de pobreza mobilizam recursos. Esses recursos representam os capitais, sendo eles: econômico, cultural, social e simbólico. Ao meu conhecido, talvez tenha faltado a mobilização dos capitais e a superação de estigmas provenientes da sociedade. Então, meu tema de tese de doutorado versa sobre as práticas de mobilização de recursos pelas pessoas em situação de pobreza.

O desafio maior da proposta do tema é um reconhecimento da minha própria trajetória de condição de vida, esse é o porquê do tema da minha tese. É buscar trabalhar o emocional, é relembrar fatos sociais que emergiram com as falas das pessoas em situação de pobreza e reconhecer minha resistência e capacidade frente aos desafios. É a instigação do próprio eu. E diante de todo processo acadêmico de se realizar um doutorado surge o lidar com o emocional, que também se faz presente na subjetividade dos seres humanos.

E por aqui finalizo: só sei que não sei, não sei se sei algo com toda minha trajetória da condição de vida que conquistei; quantos amores perdidos; só sei que a luta envolvia várias práticas. Devido a vivência em situação de pobreza deparei com a necessidade de construir minha tese no campo da pobreza e dos capitais. Uma vertente de estudos que elaborei a partir da observação que as pessoas nessa condição possuem capacidades e criatividade, mas que elas precisam de oportunidades. Portanto, essa introdução tem o segundo ponto que permite ao leitor compreender o contexto que a tese foi elaborada complementando a sua gênese.

## 1.2 Contextualização da tese

Ao reportar a temática da pobreza, as condições de vida nos despertaram para a investigação de como as pessoas mobilizam capitais para viver. A forma como vivem tende a passar como normais ou despercebidas, sem haver visibilidade das capacidades e criatividade das pessoas em situação de pobreza. Nesse contexto, enunciamos a nossa **tese: existem práticas de mobilizar e acessar capitais para viver ou sobreviver nas condições de situação de pobreza, em razão de as pessoas que a vivenciam possuírem capacidades e criatividade.**

Devido às ambivalências conceituais do termo recursos para representar o que os pobres têm ou podem utilizar, esta tese adotou o conceito de capital como sendo recursos aos moldes da Teoria de Capitais de Bourdieu. Escolhemos a abordagem sociológica para nortear o desenvolvimento do conteúdo, numa perspectiva pós-estruturalista.

O cerne metodológico da abordagem sociológica é o conhecimento do campo empírico e a sua realidade, não nos prendemos as concepções pré-concebidas da pobreza e dos estereótipos das pessoas que a vivenciam. Antes de delinear o problema de pesquisa, surgiram algumas inquietações. Por que o campo social da situação de pobreza? As pessoas desse campo possuem capitais; não parece incoerente haver capitais na pobreza? Por que a utilização da metodologia de Bourdieu por meio da objetivação do campo empírico? Nossa primeira inquietação foi elucidada na parte anterior a esse tópico e será complementada por fundamentos teóricos. As demais são evidenciadas nos próximos parágrafos.

Nas políticas públicas, em especial nas sociais, um dos desafios é a mitigação da pobreza. Seu conceito é multidimensional. A abordagem clássica a define com base na renda (Miller e Roby, 1971; Nussbaum, 2011, Rowntree, 1901). Essa difere da visão moderna e pós-moderna que possuem como pilares as capacidades, liberdades, poder de decisão e afirmação do indivíduo como sujeito ativo (Abramovay (2012); Bourdieu, 1989a, 2011b); Dinzey-Flores (2017); Souza (2012); Honneth (2003).

A escolha do campo social da situação de pobreza pela abordagem sociológica deve-se à multidimensionalidade da pobreza, que envolve aspectos sociológicos, antropológicos, econômicos, religiosos, políticos entre outros. Na concepção sociológica, a pobreza refere ao produto de injustiça e dependência das estruturas econômicas, sociais e políticas (Bourdieu, 1980b, 1989a, 1990, 2007a, 2011b).

De forma a contribuir para a definição de pobreza, propomos a inserção da dimensão da sustentabilidade. Segundo Abramovay (2004), a vertente de sustentabilidade para a pobreza é uma forma da inclusão dos indivíduos aos meios que lhes possibilitem melhores condições de vida. Esses vão além do trabalho e do consumo, atingindo aspectos relacionais, sociais e ambientais. A assertiva esclarece a existência de capitais na situação de pobreza, visto que transcende ao fator renda em direção a fatores de cultura, relações sociais e representações simbólicas subjetivas ou coletivas. Essa proposta é o cerne para a ampliação de pesquisas sobre pobreza, não sendo objeto de estudo nessa tese e sim de investigações futuras.

A tese (**POBREZA E CAPITAIS: a voz das pessoas em situação de pobreza e suas práticas de mobilização de capitais**) faz um chamamento para as ciências da Administração e de Ciências Contábeis, visto que são classificadas como sociais. Para exemplificação, a temática pode ser abordada nos estudos organizacionais, no desenvolvimento sustentável, na responsabilidade socioambiental e na gestão social.

O discernimento da diversidade de pobrezas possibilitou conceitos para a compreensão dos distintos espaços sociais e dos desafios para viver ou sobreviver. Utilizamos o termo mobilização, no sentido de como utilizar e acessar capitais para melhorar as condições de vida. Essa definição decorre da interpretação dos estudos de Batti (2014). Para a autora, a mobilização de recursos pode ser conceituada como o esforço de conseguir meios financeiros e não financeiros para o alcance dos objetivos e atividades das células sociais (pessoas, entidades públicas e privadas etc.).

A contribuição teórica do construto de mobilização, proposta desta tese, no contexto da pobreza e dos capitais de Bourdieu, relaciona-se com ações, práticas, percepções, iniciativas e meios específicos para o modo de vida que envolve perspectivas temporais (curto, médio e

longo prazo), lutas de vida, aceitabilidade, comunicabilidade, experiências e capacidades. Esses fatores originam no processo relacional do indivíduo com as distintas formas de capitais, com o contexto, com os outros atores e com a família.

O desenvolvimento da tese perpassa pela compreensão dos *habitus* de práticas cotidianas na situação de pobreza, cuja elaboração foi realizada a partir da sociologia e metodologia de Bourdieu (1986, 1989a, 1990, 2011b) por meio da objetivação do campo empírico. Nessa mesma linha, encontramos Sen (1999, 2000) que advoga a visão de necessidades humanas heterogêneas com base no desenvolvimento das capacidades.

No Brasil, em especial, cita-se o surgimento da denominada Nova Classe Média, uma classificação econômica teórica e que se trata de uma perfídia capitalista para a exploração na díade produção-consumo. Para representar a realidade das pessoas inclusas nessa classe, a melhor denominação seria grupos sociais. Nessa visão, Souza (2009, 2012) possibilita reflexões sobre o simulacro da Nova Classe Média Brasileira.

De modo crítico, o autor evidencia como e quem são as pessoas que vivem em situação de pobreza. A farsante classe média constitui-se como detentora do conhecimento e privilégios em relação aos desprovidos e de subordinação à elite. Por conseguinte, as forças de reprodução de desigualdades no Brasil são a posse ou não dos capitais econômico e cultural. O autor vai ao encontro da abordagem sociológica de Bourdieu e sua estrutura de capitais.

No nível micro e nos estudos de capitais de Bourdieu (1980b, 1989a, 2007b, 2011b), não foram identificadas pesquisas com ênfase em práticas de mobilização e acesso dos capitais. A base dessa afirmação foram as pesquisas que realizamos nos bancos de dados (Portal de periódico da Capes; Web of Science; SciELO; ResearchGate e Spell) e envolveu uma consulta especial as obras desse sociólogo. A pesquisa foi realizada em 2018, restrita a área da sociologia. A pesquisa foi complementada pelas fontes bibliográficas dos Cadernos de Ciências Sociais no ano de 2019. Elas foram indicadas pelo pesquisador bourdieusiano doutor Virgílio Borges Pereira. Esse, durante a coorientação, possibilitou uma revisão e debates sobre a mobilização de capitais. Os capitais são as forças e fontes dos recursos que, sendo utilizadas, podem trazer benefícios tangíveis e intangíveis; entre eles, o desenvolvimento das capacidades das pessoas.

Essas contextualizações demonstram que na situação de pobreza existem capitais ocultos e não potencializados que devem ser utilizados. Moser (1996) descreve os capitais como sendo recursos ou ativos, sendo exemplos o trabalho, o capital humano, a moradia, as relações familiares, o Capital Social. Essa socióloga, através do Banco Mundial, realizou um estudo comparativo a respeito da modalidade com a qual quatro comunidades pobres, em quatro

diferentes continentes, reagiram à crise econômica dos anos de 1980. Advogou que os meios para a resistência são os recursos que os indivíduos, as famílias e as comunidades podem utilizar para enfrentarem as necessidades. Assim, concebeu um vínculo da vulnerabilidade com a posse e oportunidades de recursos. Esclareceu que quão maior são os bens e a corrosão deles, maior a insegurança.

Justifica-se a proposta da tese pelos acontecimentos da última década. Nesses, muitas pessoas em situação de pobreza aumentaram seus ganhos e mudaram de padrão de consumo, de vida e de comportamento sobre a realidade social e política brasileira. Essas mudanças são objetos de importantes controvérsias entre os pesquisadores que defendem o surgimento da classe teórica denominada de Nova Classe Média e outros pesquisadores que apontam a condição precária de trabalho, salário, moradia e imobilidade econômica de grupos sociais que continuam na situação de pobreza.

Outra justificativa são a existência de estudos que enfatizaram a situação de pobreza e utilizaram como procedimento metodológico ouvir e conversar com as pessoas desse campo social para conhecer suas realidades e percepções, como por exemplo a assertiva da existência escassa ou ausência do Capital Econômico, Cultural, Social e Simbólico na situação de pobreza. A afirmação pode ser discutida, em especial, pela cultura da pobreza. Essa ficou conhecida pelos estudos de Lewis (1961) quando da publicação do seu livro *The Children of Sánchez, Autobiography of a Mexican Family*. Esse trabalho revelou as condições de vida das pessoas que lhe concederam depoimentos. O autor argumentou que as pessoas são portadoras de suas condições de vida, e no caso da situação de pobreza não são específicas de uma localidade, mas existem em diversas regiões dos países incluindo as regiões pobres da Europa e dos Estados Unidos. Compreendemos que nessa cultura existem formas de mobilizar e acessar capitais e que podem ser comuns a vários contextos regionais, pois a pobreza pode ser concebida como construção social. Os tipos de capitais podem ser causa e efeito dos *habitus* cotidianos referentes às práticas.

Portanto, tem-se que os capitais norteiam as pessoas para desenvolver práticas específicas em seus modos de vida, que no geral possuem como eixo central o Capital Econômico. Aprender a lidar com a ausência ou redução desse capital envolve práticas inerentes e subjetivas, tornando-se uma habilidade de luta para melhores relações sociais e condições de vida. Outros estudos que nos conduziram e justificam nossa pesquisa foram os trabalhos desenvolvidos por Moser (1996, 1998) e Narayan et al. (2000).

Após essas justificativas e de forma complementar, delineamos o problema de pesquisa nos fundamentos metodológicos das pesquisas pioneiras de Bourdieu (1980a, 1980b) com

utilização do método da participação e objetivação. Nessa mesma linha, identificamos as pesquisas de APP's de Narayan, Chambers, Shah e Petesch (2000). Essas pesquisas visavam conhecer a realidade e desafios das comunidades em situação da pobreza e as suas percepções sobre o que é pobreza, visto as mudanças das políticas econômicas e sociais.

A pesquisa de Narayan et al. (2000) evidenciou que apenas os próprios pobres podem retratar a realidade das suas situações e suas disposições para melhorar as condições de vida. Essas condições estão relacionadas com a forma como eles vivem, encaram as oportunidades ou sua ausência, os riscos e as limitações que lhes atingem. Essa forma de como eles vivem também vão ao encontro da Teoria da Privação das Capacidades (Sen, 1999, 2000) e na Teoria dos Ativos (Moser, 1996, 1998), mas não encontramos práticas de mobilizar e acessar capitais com concepções bourdieusianas. Deparamos com essa lacuna e efetivamos nossa pesquisa.

Mediante a argumentação anterior, esclarecemos que a proposta, da nossa pesquisa, transcende à investigação da percepção das pessoas em situação de pobreza do que é pobreza, para uma abordagem das práticas cotidianas que elas fazem em relação aos capitais. Em seguida, observamos que nos estudos da Teoria dos Capitais de Bourdieu, não houve identificação de pesquisas em relação às práticas cotidianas de utilização e acesso de capitais pelos indivíduos em situação de pobreza. Portanto, elaboramos o seguinte **problema**: como as pessoas em situação de pobreza fazem para mobilizar e acessar capitais?

Devido a não adoção, no Brasil, de uma única linha oficial de medida da pobreza, o recorte para a definição da situação de pobreza foi o parâmetro do Programa Bolsa Família (MDS, 2018) em conformidade com as Pesquisa de Orçamento Familiar do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010). Essa última, com base nos relatórios da Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE (2019), indica que o Brasil, segundo critérios da linha de pobreza do Banco Mundial, é um país com renda média-alta. Estabeleceu-se para a linha de pobreza brasileira os rendimentos de até US\$ 5,5 por dia. Essa é a linha de pobreza nacional, ela é utilizada para acompanhar os objetivos do desenvolvimento sustentável até 2030.

Esta tese **objetiva**, de forma geral, a identificar e interpretar as práticas de mobilizar capitais pelas pessoas em situação de pobreza. Três **objetivos específicos** foram elaborados para a completude da pesquisa. O primeiro visou a propor uma Estrutura Conceitual Contemporânea da Pobreza (ECC) para compreender o campo empírico da pesquisa. O segundo objetivo foi reconhecer e interpretar a existência de ações que pudessem ser reconhecidas como práticas de mobilização de recursos mediante os procedimentos metodológicos das pesquisas pioneiras de Bourdieu e sua análise sociológica.

O terceiro objetivo foi verificar se os capitais de Bourdieu, a Teoria de Ativos de Moser, bem como as abordagens de Souza e Honneth, se relacionam e como podem (ou não) gerar resultados em termos de identificação das práticas de mobilização de capitais e melhoria das condições de vida das famílias em suas distintas dimensões da vida - (re) conversão de capitais.

O **campo de pesquisa** foi as pessoas que vivem ou viveram a situação de pobreza. No início, a investigação limitou-se a seis pessoas de duas cidades mineiras: Belo Horizonte e João Monlevade, ambas na região sudeste do Brasil e pertencentes ao estado de Minas Gerais. Todavia, houve percalço no final do nosso trabalho. Esse foi derivado da desistência de uma participante que ao comentar e fazer a leitura da sua narrativa com as filhas, essas não concordaram que seus nomes e alguns acontecimentos fossem relatados. Devido a esse acontecimento, a entrevistada decidiu pela não participação. Lamentamos o ocorrido e respeitamos a decisão. Finalizamos a nossa pesquisa com cinco entrevistados. A quantidade de participantes pode ser uma limitação do nosso trabalho, mas por ser uma pesquisa de profundidade decidimos por não expandir o campo. Futuras pesquisas poderão agregar discernimentos.

A primeira pesquisa foi realizada na Pedreira Prado Lopes, na capital belorizontina, no estado de Minas Gerais. Foi escolhida uma pessoa para ser entrevistada. A mesma, do sexo feminino é chefe de uma família com renda mensal entre R\$ 89,01 e R\$ 178,00 por pessoa, e tem 3 filhos, se encontra dentro dos parâmetros de pobreza do programa Bolsa Família e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A cidade de João Monlevade é minha cidade natal, localiza-se no interior do estado de Minas Gerais e possui bairros em situação de pobreza. A vivência, experiência e interesse social nessa cidade foi um fator relevante para a escolha do campo empírico da situação de pobreza. Nesse local entrevistamos cinco pessoas de bairros pobres: duas do sexo masculino e duas do sexo feminino. As pessoas foram escolhidas em conversas informais a respeito da pesquisa da doutoranda. Com exceção de uma pessoa do sexo masculino, que foi indicado pelo irmão da doutoranda, as demais, o acesso foi por meio de uma moradora da comunidade que surgiu no percurso da pesquisa.

A moradora de uma comunidade tornou-se conhecida da doutoranda, em uma aula de canto e violão da qual ambas participavam. Nas apresentações em sala, a doutoranda observou que a moradora poderia ajudar no acesso as comunidades carentes de João Monlevade. Diante das apresentações abriu-se espaço para aproximação no intervalo da aula, e assim a moradora e mais uma colega, professora aposentada de uma escola da comunidade, mostraram interesse em apresentar a doutoranda para a comunidade e identificar as pessoas interessadas em

participar da pesquisa. A terceira pessoa da cidade de João Monlevade ao saber da pesquisa por terceiros mostrou-se interessada em participar e procurou a doutoranda. A quarta pessoa foi um senhor que vivenciou a situação de pobreza na sua trajetória de vida e teve interesse em nos conceder seu depoimento.

Devido ao aparecimento desses interessados revelados no percurso da tese, o total de entrevistas na cidade de João Monlevade foi finalizada com quatro participantes. De forma específica, no campo de João Monlevade tivemos: a segunda pessoa da entrevista e a primeira de João Monlevade do sexo masculino. Sua renda atual em torno de R\$ 400,00 por pessoa e considera ter uma melhor condição de vida. Todavia, por diversos anos, pertencia a uma família mais pobre que não tinha renda e o pai plantava para manter a família de 7 filhos, um total de 9 pessoas. Moravam em um local próximo a cidade de João Monlevade e que não tinha infraestrutura e nem oportunidades.

A terceira pessoa da entrevista e a segunda pessoa de João Monlevade, do sexo feminino pertence a uma família constituída pelo marido (hoje, doente), três filhos morando em casa, uma filha (seus dois filhos e marido) morando ao lado e que mantêm dependência da casa dos pais, e um filho que saiu de casa e foi morar mais distante. A renda fixa e principal é derivada do benefício de invalidez do marido, em torno de um salário mínimo (R\$ 998,00). Na casa, residem cinco pessoas, mas vivem sempre lá sete, com renda variável entre R\$ 100,00 e R\$ 178,00 por pessoa.

A quarta pessoa da entrevista e a terceira pessoa de João Monlevade, do sexo feminino, é uma vendedora ambulante que possui um pequeno empreendimento de sobrevivência, cuja renda não é fixa e muito variável (de meio salário mínimo a um salário), sempre dentro dos limites da pobreza definida por renda do Bolsa Família. Possui dois filhos e uma mãe idosa que mora com ela. Seu bairro é vizinho do centro comercial da cidade de João Monlevade. No mesmo há um aglomerado de pessoas de classes distintas, contexto que demonstra desigualdades de condições e acesso diferencial de recursos pelas pessoas que vivem nos bairros.

A quinta entrevista refere a quarta pessoa de João Monlevade. Na atualidade reside em Ouro Branco e é natural de João Monlevade, cidade onde viveu em situação de pobreza e superou suas condições por meio da mobilização de capitais. O participante demonstrou interesse em fazer seu relato ao saber do objetivo da pesquisa pelo comentário de um amigo doutorando que ouviu a pesquisadora apresentar sua proposta no Semead em 2018. Com o desenvolvimento da pesquisa no campo empírico, o assunto da tese foi reforçado com ele através de um parente que era conhecido de um dos entrevistados.

Na presente data da nossa pesquisa, a condição do quinto entrevistado não é de situação de pobreza, mas foi nela que ele viveu por muitos anos e conseguiu superar. Em contato com a pesquisadora, disse que sua trajetória de vida poderia contribuir para demonstrar a quebra geracional da situação de pobreza por meio da mobilização de recursos relacionais e da educação. Dessa forma, foi um entrevistado que não é da situação de pobreza. Um antigo jardineiro que se transformou em mestre e está a caminho de concluir um doutorado. Foi deliberada sua inclusão na pesquisa visando uma perspectiva de demonstrar a quebra geracional na situação de pobreza. Seu relato exemplifica a existência de capitais que transcendem ao econômico, mas que convertem a ele.

Na fala desse último entrevistado destacamos a necessidade e relevância do Capital Social, de buscar ampliar os laços fortes, ou seja, de relações exógenas ao ambiente familiar e ao espaço social que vive. Ele enfatizou a educação pública, o apoio familiar (laço fraco) e a quebra do ciclo geracional para vencer a situação de pobreza. Resume-se o perfil do entrevistado como pessoa sucedida, instruída, docente de ensino superior, pesquisador do campo da Administração e da Educação e que contribui para a validação dos nossos resultados.

Iniciamos o desenvolvimento da tese com fontes primárias, sendo a pesquisa bibliográfica realizada por meio do banco de dados do Portal de periódico da Capes; *Web of Science*; SciELO; *ResearchGate* e Spell. As palavras chaves foram pobreza (*poverty*) e capitais de Bourdieu (*Bourdieu Capitals*), e as áreas pesquisadas envolveram o campo da Administração, Sociologia, Economia e Políticas Sociais. Devido à multidimensionalidade da pobreza, descrever todos conceitos e caracterizações dos termos tornaria uma tarefa exaustiva, desobjetivada e interminável.

Em 2019, mediante estágio doutoral na Universidade do Porto em Portugal, utilizamos referenciais teóricos sobre Bourdieu – acervo da biblioteca das Faculdades de Letras da Universidade do Porto, em especial, as publicações no Caderno de Ciências Sociais (editora: Afrontamento) que englobam pesquisas e elucidaciones das noções operatórias de Bourdieu aplicadas a distintos campos empíricos, conforme orientação do pesquisador bourdieusiano Doutor Vírgilio Borges Pereira.

Para esta tese, após as pesquisas nos bancos de dados, delineamos como recortes os conceitos de pobreza (Miller e Roby, 1971; Nussbaum, 2011; Rowntree (1901); os estudos das noções operatórias, em especial dos capitais de Bourdieu (1980a, 1980b, 1989a, 1989b, 2007a, 2007b, 2011a, 2011b) e seus difusores, entre eles, Pereira (2012, 2013, 2014, 2016) e Wacquant (1998, 2004, 2012, 2013, 2014, 2017); as abordagens da Teoria de Ativos de Moser (1996, 1998).

De forma complementar, a fundamentação trouxe a contribuição da Teoria das Capacidades de Sen (1989, 1992, 1999, 2000), a Teoria de Reconhecimento de Honneth (1995) e o debate da pobreza e suposta Nova Classe Média segundo Abramovay (2012), Pochman (2012, 2013, 2014) e Souza e Lamounier (2010). A seleção dos autores foi devido às suas referências e destaque nos debates, nas pesquisas e discussão do tema, junto à comunidade acadêmica internacional, nacional e às instituições internacionais de desenvolvimento, por exemplo, o Banco Mundial.

Quanto aos procedimentos metodológicos, nossa decisão foi escutar a realidade do campo empírico da situação de pobreza. Nesse patamar, nosso estudo classifica-se como pesquisa qualitativa e de profundidade. Trata-se, de direcionar-se pela subjetividade dos *habitus* e das experiências vivenciadas pelos participantes em relação a questão norteadora bem como, o papel de autor e participante que o pesquisador exerce para dar sentidos e significados ao objeto de pesquisa (Barbisan & Megid, 2018; Dewey, 1976; Lavige & Dionne, 1999; Minayo, 2015).

Essa caracterização nos remete para uma abordagem do singular e da subjetividade tratados pela Epistemologia Qualitativa. A ênfase é a comunicação como sendo o processo relacional mútuo do pesquisador com os pesquisados, no qual “os participantes de uma pesquisa se converterão em sujeitos, implicando-se no problema pesquisado a partir de seus interesses, desejos e contradições.” (González Rey, 2010, p.14).

A defesa da Epistemologia Qualitativa é o “caráter construtivo interpretativo do conhecimento e a legitimação do singular como fonte do conhecimento.” (González Rey, 2010, p. 5). Portanto, a pesquisa empírica se torna produção teórica, sendo que o teórico se expressa na atividade pensante e construtiva do pesquisador. (González Rey, 2010).

Nesse contexto, utilizamos a narrativa como sendo o meio ideal para atingir os nossos objetivos. Segundo Connelly e Clandinin (1995) a pesquisa narrativa evidencia como sendo uma experiência narrativa: “todos nós, seres humanos, somos por natureza contadores de histórias, que individualmente ou socialmente vivem vidas que podem ser relatadas.” (p. 11). Assim, quais são as práticas de mobilização de capitais na situação de pobreza, ou melhor, como as pessoas nessa situação fazem para ter recursos é um tema que deve ser pesquisado narrativamente (Clandinin & Connelly, 2011, 2015).

Nossa decisão seguinte foi com relação aos instrumentos de coleta dos dados. Segundo González Rey (2010) “instrumento é toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa.” (p. 42). Com base nessa definição,

utilizamos entrevistas não estruturadas, anotações de diário de campo e de forma complementar algumas fotografias.

Desenvolvemos a pesquisa narrativa seguindo o espaço tridimensional da situação, continuidade e interação. Esse espaço foi descrito na teoria da experiência de Dewey (1976) e nos estudos de Clandinin e Connely (2011) em direção a quatro dimensões: a introspectiva que refere às condições internas, tais como sentimentos, esperanças e disposições morais; a extrospectiva segundo às condições existenciais (meio ambiente) e a dimensão retrospectivo/prospectivo que se liga à temporalidade – passado, presente e futuro.

Nessa concepção, estabelecemos as seguintes linhas de forma a contribuir com novas formas para a pesquisa narrativa, cujas diretrizes são:

- a) Quanto ao lugar da teoria: a partir da Epistemologia Qualitativa temos que a teoria não é a construção teórica do conhecimento. Na pesquisa narrativa a composição do texto, no geral, tem início com a descrição da experiência do pesquisador - momento que tende a orientar o leitor e explicitar o problema de pesquisa, visando a proporcionar significação ao que está sendo investigado. Não há um capítulo específico, de revisão de literatura, mas articula a teoria e prática, incorporando a experiência na investigação (Bello & Barros, 2016; González Rey, 2010). Buscamos, nesta tese, explicitar a fundamentação teórica prévia ao *corpus* empírico. Esse posicionamento deve-se a formação acadêmica positivista da pesquisadora, que está buscando (re) construir seu perfil de pesquisas qualitativas, e assim contribuir para o campo da Administração e das Ciências Contábeis, que carecem de metodologias não tradicionais e de temas ligados a pobreza e capitais com abordagem sociológica. Portanto, contrariamos a diretriz da não existência da revisão teórica em capítulo específico. Decisão que não afetou o delineamento do objetivo e do problema de pesquisa, pois esse derivou da vivência e experiência no decorrer da vida da pesquisadora e da objetivação no campo empírico. Diante dessas justificativas, a perspectiva hermenêutica e a inspiração da *grounded theory* conduziram para que a revisão da literatura precedesse os textos empíricos, mas com uma vinculação ao percurso analítico construído a partir destes últimos. A *Grounded Theory* foi utilizada nas pesquisas de Glaser e Strauss (1967) que aplicaram a perspectiva indutiva em seus estudos. O procedimento foi a realização da análise sistemática de dados empíricos para o desenvolvimento de teorias. O resultado de suas pesquisas evidenciou a descoberta indutiva para a construção teórica. Nesse sentido a nossa pesquisa narrativa iniciou com a visita ao campo empírico, e foi nele

através da objetivação que nos foi revelado que as pessoas faziam diversas ações no seu cotidiano. A partir dessas ações chegamos à reflexão da vida da doutoranda e dos recursos mencionados por Bourdieu. Dessa forma, recorreremos a Strauss e Corbin (1990, 1997) que enfatizaram como uma das vantagens de *Grounded Theory* a permissão de uma estrutura metodológica flexível para fins de comparação dos dados. Essa teoria concebe a literatura como fonte de dados que deve ser comparada com outras fontes, como por exemplo o conhecimento empírico. Ela deve ser considerada como uma metodologia de investigação qualitativa que extrai aspectos significativos das experiências vivenciadas, e interliga constructos teóricos, com possibilidade de potencializar a expansão do conhecimento referente ao objeto investigado. A precaução e reflexão foi não nos prendermos a sistematização teórica. A articulação da teoria com a prática é evidenciada em capítulo específico denominado de percurso metodológico e análise sociológica dos capitais de Bourdieu.

- b) Quanto à construção do conhecimento: González Rey (2010) explicitou que o conhecimento pela Epistemologia Qualitativa tem centralidade na pesquisa, no pesquisador e nos pesquisados. Esses três eixos se relacionam durante o processo comunicativo que envolve a pesquisa. Em nosso trabalho, o objeto central da pesquisa foi as pessoas que vivem em situação de pobreza ou que a vivenciaram. A construção do conhecimento perpassa pela compreensão das realidades individuais que são subjetivas, singulares e vitais para conhecer realidades sociais. Portanto, o campo social da pobreza evidenciado pela construção das narrativas no que tange a mobilização de capitais acontece de forma relacional com outros atores, com o contexto e representa o modo de viver. Esse inclui as dimensões temporais do que faziam (passado), fazem (presente) ou irão fazer (futuro). Portanto, buscamos pensar de forma narrativa para compreender as falas e as experiências vivenciadas.
- c) Quanto ao papel do pesquisador e dos sujeitos que participam da pesquisa: nesse quesito, em nossa pesquisa houve aproximação entre pesquisador e pesquisado. Estabelecemos acordos no início e durante a realização da investigação, bem como para finalizar a pesquisa. Dessa forma, buscamos o aspecto interpretativo-constutivo da Epistemologia Qualitativa. Nesse, o singular é concebido como o espaço de produção do conhecimento científico, portanto, metodologicamente são essenciais os papéis do pesquisador e dos pesquisados. Nessa mesma linha, utilizamos a metodologia de Bourdieu (1979a).

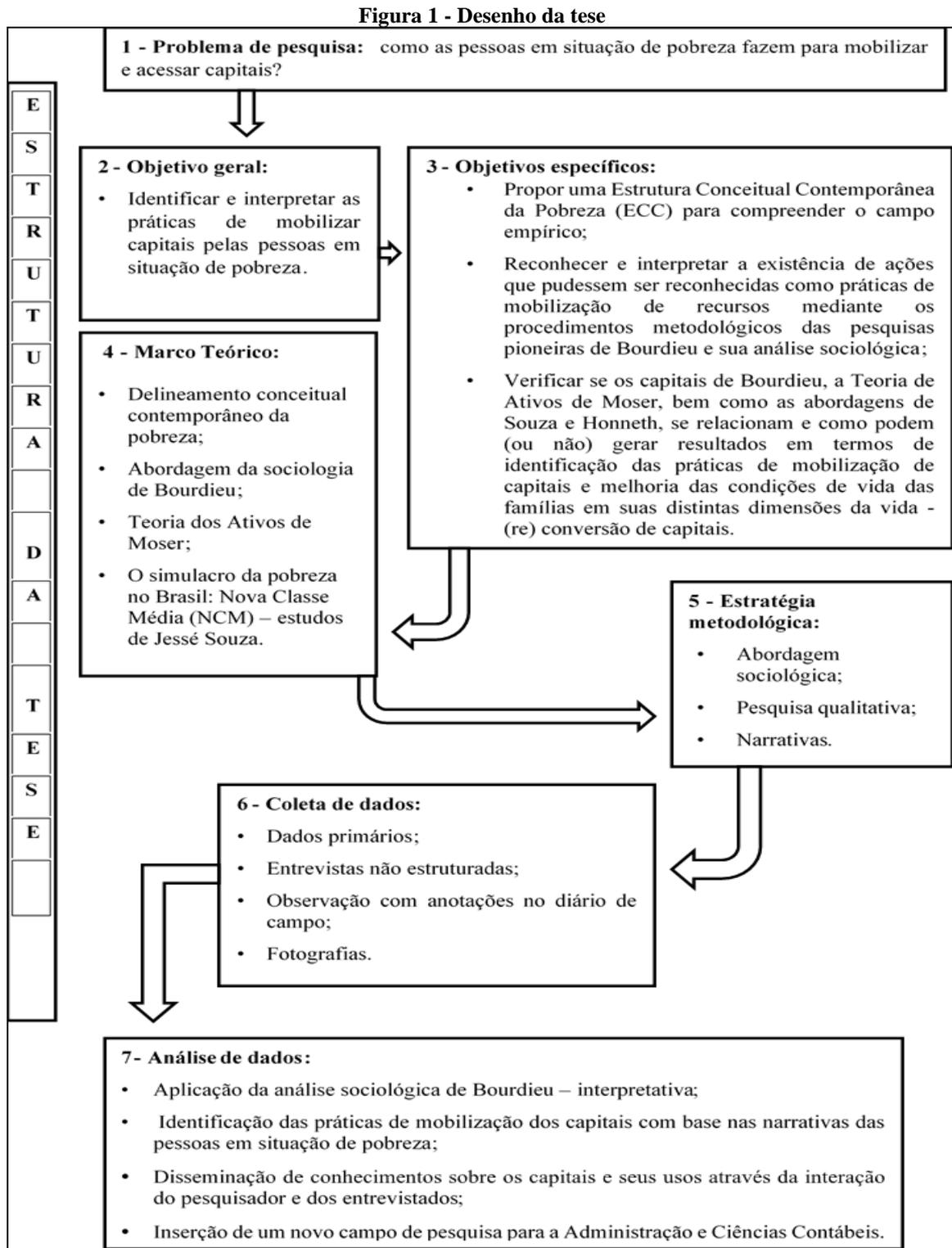
Para a análise dos dados não utilizamos *softwares*, optamos pela forma tradicional de leituras. No âmbito do poder dos instrumentos de pesquisa utilizados, a complexidade de decisões se faz presente e parte integrante da Epistemologia Qualitativa. Um dos momentos mais complexos que levou a inquietação foi a fase de transição dos textos de campo para o texto de pesquisa, que requer audições repetitivas, leituras e releituras dos textos. Bem como, a forma e ordem para narrar esses textos conforme explicitado anteriormente. Nesta tese, a complexidade aumentou e a colocação da análise sociológica dos capitais de Bourdieu para o texto de pesquisa deparou com a incógnita da articulação das falas dos participantes durante a fundamentação teórica ou como um tópico separado que apresentasse os resultados. Visto que a opção nesta tese foi pelo desenvolvimento de um capítulo teórico, a flexibilidade dos instrumentos permitidos pela pesquisa narrativa e as formas de sua realização nos permitiram a contribuição com a forma de se fazer e narrar os resultados por meio de matriz.

Segundo Bauer e Gaskell (2018) a pesquisa narrativa e sua análise permite a redução do texto qualitativo em unidades menores, a categorização dos textos em sistemas e a análise por categoriais. Sendo assim, procedemos a interpretação da teoria simultaneamente com o texto empírico e de forma dialética, do texto empírico para o texto teórico. Em seguida, selecionamos falas semelhantes apreendidas nas narrativas e identificamos se apresentam ou não as categorias dos capitais propostos por Bourdieu. Dessa forma, a prudência foi para que os instrumentos estivessem a serviço dos objetivos da pesquisa e da expressão e compreensibilidade dos participantes, visto que à complexidade da pesquisa narrativa, requer do pesquisador criatividade para engendrar novas formas de composição de textos (González Rey, 2010).

Os resultados, da nossa pesquisa, apontaram a existência de práticas que são naturais, específicas, subjetivas e que decorrem dos *habitus* e das experiências advindas das necessidades. Direcionamos para buscar no campo empírico a identificação e interpretação dessas práticas e suas relações com outros objetos, pessoas e contextos sociais.

O desenvolvimento do conteúdo tem a sequência das seções que descrevem o marco teórico e da pesquisa empírica. É composto por quatro eixos. O primeiro descreve o conteúdo macro conceitual da pobreza, propõe o delineamento conceitual contemporâneo da pobreza e a vertente da sustentabilidade, com a elaboração de uma Estrutura Conceitual Contemporânea da Pobreza. O segundo determina a abordagem da sociologia de Bourdieu para o desenvolvimento da Tese. Retrata as noções operatórias, os métodos de pesquisas e a contextualização dos conceitos bourdieusianos. Evidencia o cerne da Teoria dos Ativos de Moser. Enfatiza a situação de pobreza e o simulacro da Nova Classe Média no Brasil com a abordagem de Souza (2009, 2012).

O terceiro eixo descreve o delineamento da pesquisa que envolve o percurso metodológico, a construção das narrativas e o modelo e análise sociológica dos capitais de Bourdieu. O quarto eixo direciona-se para as considerações finais. Visando melhor compreensibilidade apresentamos o desenho da tese:



Fonte: Desenho da autora.

## **2 MARCO TEÓRICO**

### **2.1 Delineamento conceitual contemporâneo da pobreza**

O delineamento conceitual contemporâneo da pobreza destaca conceitos de algumas pesquisas internacionais e brasileiras. Sua elaboração não se limita às abordagens delineadas nesta tese, sendo essa diretriz para novos estudos. Sua base é o pressuposto da pobreza como fenômeno complexo e multidimensional que transcende à abordagem clássica da pobreza atrelada ao fator renda.

Segundo Ferreira e Lugo (2013), a pobreza está relacionada com contextos particulares e envolve vários aspectos econômicos e sociais. Para os autores, a pobreza em um determinado local pode não ser pobreza em outro. Portanto, ser pobre no Brasil é diferente de ser pobre na África. Ser pobre na região sul ou sudeste do Brasil é diferente de ser pobre na região norte ou nordeste.

Santos e Carrion (2009) discutiram em seus trabalhos, três conceitos de pobreza com objetivo de verificar a relação dos micocréditos com a pobreza: Pobreza como Carência no Atendimento de Necessidades Essenciais, Pobreza como Carência de Capital Social e Pobreza como Carência de Empoderamento. Os autores destacaram a não pretensão de limitar esses conceitos. Nessa mesma concepção, esta tese selecionou conceitos de pobreza para desenvolver o conteúdo das práticas de mobilização de capitais segundo as pessoas que vivenciam ou vivenciaram a situação de pobreza.

#### **2.1.1 Pobreza como privação das capacidades: Teoria de Amartya Sen**

Essa é uma abordagem contemporânea de Sen (1981, 1998, 1999, 2000) e se refere à teoria da pobreza relativa. Segundo sua premissa, a “pobreza deve ser concebida como a privação de capacidades e não somente como a ausência ou pouca renda.” (Sen, 2000, p. 114). A mensuração da pobreza relativa compreende a existência real de oportunidades, que envolve escolha individual e processos de política pública (Sen, 2000).

O cerne da abordagem da teoria das capacitações refere a liberdade de decisão dos indivíduos, envolve se eles estão aptos a fazer, bem como as condições que podem planejar, organizar e realizar ações para ter vida significativa (Sen, 2000). Portanto, há dependência das atitudes, interesses e expectativas das pessoas em relação às oportunidades de suas vidas.

As liberdades de decisões encontram-se inter-relacionadas e promovem o fortalecimento do ciclo de promoção das capacidades do indivíduo. Essas liberdades se classificam como políticas socioeconômicas (Sen, 2000).

### *2.1.1 Pobreza como ausência de necessidades básicas*

Para os indivíduos em situação de pobreza, o primeiro desafio é conseguir satisfazer as necessidades básicas imediatas. Essas proporcionam a satisfação de outras necessidades para terem melhores condições de vida futura. Streeten, Javed, Mahbub, Norman e Frances (1981) explicitaram a relação entre as necessidades básicas, o desenvolvimento e as oportunidades. Para os autores, a teoria de desenvolvimento fundamenta-se nas necessidades básicas e tem como objetivo assegurar a qualidade de vida das populações mais pobres. Prioriza as condições mínimas de acesso a bens e serviços básicos de consumo para mitigar a pobreza.

Nessa vertente, a pobreza relaciona-se com a falta de oportunidade da população para ter acesso à alimentação, postos de saúde, água potável, saneamento básico e moradia. A abordagem das necessidades básicas na pobreza foi dividida em três pilares: oferta, demanda e instituições (Streeten et al., 1981). O argumento é a existência de oportunidades que envolvam a produção ou importação de bens e poder de compra dos pobres. Fazem-se necessários arranjos organizacionais que visem a facilitação da entrega e distribuição desses bens e serviços. (Streeten et al., 1981). Todavia, não é nosso objetivo adentrar em detalhes sobre esses pilares. A eles consideramos a necessidade de futuros estudos que envolvam os seus impactos na situação de pobreza.

As abordagens das necessidades básicas e da teoria das capacitações (*capability approach*) de Sen (1981, 1998, 2000) caracterizam a visão contemporânea da luta contra a situação de pobreza e envolvem uma dimensão ética e de valorização do ser humano. Os meios para atingir melhores condições de vida e realização dos objetivos são a oportunidade de acesso a um conjunto de bens e serviços para os indivíduos; como a educação de qualidade, a garantia de integridade física (vestuário socialmente valorizado), saúde, alimentação e moradia decente. O World Bank (2019) retratou em seus relatórios as múltiplas privações que levam a situação de pobreza, entre elas citou a conjugação da composição do consumo ou renda com medidas de educação e acesso a serviços básicos de infraestrutura, como eletricidade, água e saneamento.

Existe também a necessidade de superação de determinados estigmas que interferem nas capacidades dos indivíduos, como não se envergonhar em público, necessidade de demonstrar utilidade e de pertencimento social (Abramovay, 2012). Conforme advogam Navarro e Arce

(2016) existem impactos no sentimento de pertencimento a certos grupos sociais. Essa sensação se efetiva em termos de acesso a recursos, oportunidades e relações sociais, políticas e econômicas. São fatores que permitem a projeção das pessoas de forma individual ou coletiva, cujas diferenciações nos acessos, afloram a desigualdade e a percepção do bem-estar.

Na abordagem de pertencimento, tem-se a luta pelo reconhecimento proposta por Honneth. O autor explicitou que o reconhecimento e a relação consigo próprio resulta de uma estrutura intersubjetiva da identidade pessoal. Portanto, sendo as pessoas únicas, as mesmas, a partir do olhar dos outros indivíduos, se encorajam, aprendem a respeito de si próprio e se identificam como seres que possuem propriedades de realizações e capacidades específicas (Honneth, 2003).

De forma complementar, Graham (2009), McGregor e Pouw (2017) expõem exemplos do mundo real, nos quais as pessoas podem estar se saindo bem em termos de recursos materiais, mas, por outro lado, se sentem insatisfeitas em seus próprios julgamentos sobre seu bem-estar e sua participação social.

Nessa vertente, Abramovay (2012) disserta sobre a cooperação social como instrumento central para uma nova economia. Explicita que a sua missão é a ampliação da participação dos indivíduos e de diversas comunidades nos processos de inovação e criação de riqueza. O poder de reconhecer, de recombinar, de misturar, de pôr em contato universos sociais, cognitivos, materiais e financeiros são os pilares dessa amplitude.

### *2.1.2 Pobreza com base na restrição da renda: abordagem socioeconômica*

O conceito de pobreza, com base na renda, conecta-se com distintas vulnerabilidades, desigualdades e é fator essencial no combate às mesmas. Dinzey-Flores (2017) cita como componentes das desigualdades a renda, a riqueza e o acesso à oportunidade. O primeiro fator pertence à abordagem clássica da economia nos estudos de pobreza.

A pobreza como restrição de renda proporciona seu conceito como desigualdade por meio da estratificação das classes (Miller & Roby, 1971). Segundo Pouw e Gupta (2017), as políticas modernas podem exacerbar a desigualdade, de forma explícita ou implícita. Rowntree (1901, 2000) foi um dos primeiros a pesquisar sobre pobreza e declarou a insuficiência de renda como característica de uma pobreza primária. Nessa vertente, atribuiu relevância para o conceito de pobreza segundo os aspectos biológicos. Esses se relacionam com a necessidade de sobrevivência ou eficiência do trabalho e são utilizados para a definição das linhas de pobreza.

Serra (2017), com base em Rowntree (2000), descreveu a respeito dos conceitos de pobreza no debate internacional. Mencionou os estudos de Rowntree, considerado como precursor na literatura empírica dos estudos da pobreza na Grã-Bretanha. Todavia, ressalta que Rowntree mencionava os trabalhos de Charles Booth, realizados entre 1889 a 1903. Os trabalhos de Charles Booth versavam a respeito da mensuração da pobreza, entre eles, o principal foi em Londres no período de 1887 a 1892, e para o qual empregou uma medida mais bruta de pobreza (Rowntree, 1901, 2000). A autora Serra (2017) destacou ainda a obra (*The temperance problem and social reform*) do pai de Rowntree em 1899, o senhor Joseph Rowntree que teve como colaborador Arthur Sherwell.

Rowntree (1901, 2000) desenvolveu o conceito de pobreza absoluta, que foi adotado a partir de 1964 nos Estados Unidos. Uma pobreza na qual as pessoas não possuem comida, moradia, água potável e vivem em condições de vulnerabilidades. Silva (2002) dissertou que a Alemanha, em 1972, utilizou o conceito de pobreza absoluta para a fixação do mínimo de recursos de subsistência como referência aos serviços de assistência nacional. Esse conceito foi aplicado em outros países europeus e levou à determinação de uma renda mínima (Euzeby, 1991).

Entre as abordagens clássicas de estimação das linhas de pobreza, encontram-se as de Orshansk (1965). A linha baseia na quantidade de gastos para assegurar a satisfação das necessidades básicas. Os estudos de Ruggles (1990) e Saunders, Bradshaw & Hirst (2012) evidenciam a estimativa de necessidades duráveis como o inverso da proporção do gasto familiar total com alimentos, o que levou a aplicação de um percentual do multiplicador para necessidades duráveis.

Ameen (2017) advoga que as estimativas da linha de pobreza pelo *World Bank*, entre 2007 e 2012, foram produzidas com base em gastos per capita em alimentos e necessidades familiares duráveis. Outras contribuições notáveis sobre linhas de pobreza são da *Oxford Poverty e Human Development Initiative*. Apesar das vantagens práticas dessas abordagens, a subjetividade continua sendo uma fraqueza, ressaltam Decancq (2014) e Ravallion (2011).

As abordagens socioeconômicas consideram, simultaneamente à renda, os indicadores de necessidades e os de direitos sociais básicos, como: saúde (nutrição, mortalidade infantil), educação (anos de instrução, escolaridade) e padrão de vida (consumo de alimentos, água, eletricidade, bens) (Pnud, 2010, 2013, 2015).

A incidência da pobreza, usando medidas unidimensionais e multidimensionais, pode ser significativamente diferente. Lipina e Evers (2017) analisaram como diferentes fatores

individuais e contextuais estão associados à privação material, emocional e simbólica. Isto é: a falta de comida, abrigo, educação e saúde.

Townsend (1979) adverte que não é apenas a renda que deve ser a base para conceber a pobreza, pois existem outros recursos/capitais. Argumenta, ainda, que o nível de controle dos indivíduos sobre os recursos/capitais deve atender às necessidades humanas. O argumento se refere, em especial, ao estilo da vida e a necessidade do reconhecimento social. O significado do valor entre os que recebem e oferecem capitais se torna relevante para as relações sociais.

Segundo Bourdieu (1980-1990), a renda é o principal Capital Econômico que se converte em Capital Cultural e Simbólico. Wacquant (2017) aboga o compromisso de Bourdieu com os determinantes simbólicos e materiais e suas interações na vida social, em especial, como os recursos podem ser acessados e convertidos em estratégias sociais.

Para Bourdieu (1979a, 1980-1990), os sistemas simbólicos constituem armas na luta para produzir e impor a visão dominante do mundo. Entre esses sistemas, existem as instituições simbólicas religiosas, políticas, legais, jornalísticas, artísticas, acadêmicas e científicas. (Wacquant, 2017).

A ampliação de Capital Social favorece o aumento do Capital Econômico, Cultural e Simbólico. Bourdieu (1980a, 1986) enfatiza o atributo do Capital Social na constituição e manutenção de relações de classes hierárquicas e desigualdades sociais e econômicas, fazendo parte das inter-relações de diferentes formas de capital.

Segundo Bourdieu (2004), o Capital Econômico compreende o capital dominante que comanda os demais capitais. Esse capital se encontra como base essencial de outras formas de capital, cujas conversões levam, ou não, à acumulação. O Capital Cultural corresponde ao conjunto de bens culturais adquiridos por Capital Econômico, apropriados simbolicamente por meio da incorporação e materializados por meio da institucionalização. Classifica-se como um ativo intangível e durável, que se revela pela virtude da pessoa e agrega valor ao seu Capital Econômico (Bourdieu, 1989b).

O Capital Cultural é construído através do tempo e empenho e se transforma em atributo corpóreo da pessoa. Aparece como dom pessoal, conhecimentos, habilidades adquiridas, valores, crenças e signo de méritos pessoais. Visa, de forma dominante, o fortalecimento da autoconfiança e da (re) valorização das pessoas em situação de pobreza (Bourdieu, 1989b).

O Capital Social é o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que tem ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter – reconhecimento mútuo.” (Bourdieu, 1980a, p. 67). O Capital Simbólico é a forma assumida por todos os tipos de capital (Capital Cultural, Econômico e Social), percebida pelos atores sociais

por meio da percepção, reconhecimento e atribuição de valor (exemplo: o valor que se dá à confiança).

Townsend (1979) adverte para o reconhecimento dos seguintes capitais: “renda monetária atualizada (salários, aluguéis, rendimentos, pensões, juros); bens de capital (valor imputado da propriedade de bens móveis e imóveis, habitação alugada e poupança); o valor dos bens e serviços pagos pelo trabalho em espécie (vale-alimentação, seguro pago pelo empregador e benefícios sociais); estimativa do valor monetário da utilização de serviços sociais subsidiados e públicos (saúde, educação, segurança social e habitação); e valor da produção de autoconsumo, presentes e serviços de apoio oferecidos pelos membros do agregado familiar.” (p. 55).

Serra (2017) corrobora com a visão da renda e pobreza, e esclarece que apesar da pobreza como renda no Brasil ter diminuído ao longo dos anos 2000, outras dimensões carecem de estudos empíricos mais profundos. Seu trabalho analisa as mudanças na pobreza multidimensional no país de 2000 a 2010, através dos censos demográficos do IBGE e da abordagem das capacitações de Amartya Sen.

### *2.1.3 Pobreza como ausência de bem-estar, juízo de valor e percepção dos protagonistas*

A visão do bem-estar contribui com a abordagem social inclusa nas concepções econômicas da pobreza. McGregor e Pouw (2017) esclarecem que o bem-estar de uma pessoa, em termos básicos, resulta da combinação do que as pessoas têm de bens materiais e da relação delas com o que possuem, seu nível de satisfação e a qualidade de vida subjetiva que elas almejam. A assertiva vai ao encontro da proposta das práticas de mobilização de capitais.

A partir de uma perspectiva dinâmica, o bem-estar deve ser entendido como um processo emergente em si mesmo. Deve estar sujeito à transformação quando agregada a um nível coletivo superior (McGregor & Pouw, 2017). Pobreza, como ausência de bem-estar, é uma concepção mais social do bem-estar humano. Pode contribuir, ou não, para a compreensão da tomada de decisão econômica de recursos em benefício individual ou coletivo (Lawson, 2015; McGregor, 2017).

McGregor e Pouw (2017) e OECD (2015) citaram o exemplo histórico da Holanda, onde a combinação de tolerância de distintos valores dentro do estado-nação e a vontade de contribuir (por meio de altas taxas de impostos) para a vida cívica coletiva tende a baixos níveis de desigualdade de renda e insucesso no bem-estar.

A pobreza como juízo de valor é caracterizada por uma visão subjetiva do indivíduo a respeito de suas necessidades e capacidades. Esse indivíduo se encontra preso ao senso comum e à normatização dos padrões da sociedade do que é ou não é pobreza. Para Sen (1981), o “exercício de avaliação da pobreza não se atrela ao valor de julgamento de uma sociedade e tão pouco a algum tipo de exercício subjetivo.” (p.17). Os estudos da pobreza e as convenções de sociedade são questões de fato, e não questões de moralidade ou de pesquisa subjetiva. (Hobsbawm, 1968).

Na pobreza como juízo de valor, o indivíduo de forma dominante e implícita se remete ao parâmetro renda e consumo, enquanto outras variáveis interferem na situação de pobreza. A renda lhe proporciona o pertencimento e a entrada em uma classe superior à da pobreza e amplia sua capacidade de consumo (Gurovitz & Crespo, 2002). Esse fundamento encontra-se inserido nos debates da NCM.

A relevância de conhecer a realidade da pobreza, conforme a percepção de seus indivíduos, foi ressaltada a partir dos estudos de Narayan (2000, 2005). Suas pesquisas são uma extensão dos estudos sociológicos do indiano Amartya Sen, por quem foi abordado o conceito da pobreza como privação relativa.

As abordagens de Sen e Narayan transcenderam à visão de renda para a incorporação de capitais intangíveis. São visões contemporâneas com ênfase mais humanista e sociológica. O objetivo das pesquisas de Narayan (2000, 2005) foi identificar o conceito de pobreza na percepção das pessoas em situação de pobreza para estudos do Banco Mundial.

As atribuições e ações desenvolvidas pela sociedade, comunidade e pelas políticas sociais só podem ser eficazes se os indivíduos em situação de pobreza tiverem interesse em serem atores ativos de suas vidas (Narayan, 2005). Essa conceituação remeteu a pobreza como ausência de condições de recursos/capitais tangíveis (materiais) e recursos/capitais intangíveis (atributos psicossociais e emocionais).

Nos estudos de Narayan et al. (2000, 2005), houve a aplicação das Avaliações Participativas sobre a Pobreza (APP's). O método foi ouvir o que os pobres têm por dizer. As pesquisas concentraram como os indivíduos em situação de pobreza percebem as distintas manifestações da pobreza, suas causas e os fatores limitantes de oportunidades.

Os resultados apontaram o restrito acesso a bens e créditos (ativos) como uma das limitações das oportunidades e como causa de isolamento, discriminação de gênero, etnia, classe ou religião. As narrativas dos pesquisados evidenciaram as dificuldades dos serviços públicos: saúde, educação, programa de planejamento familiar, transporte.

Os ativos são considerados como recursos, e esses são os capitais. No resultado das suas pesquisas, houve a elaboração da associação da falta de ativos (físicos, humanos, sociais e ambientais) à vulnerabilidade e ao risco a que as pessoas estão submetidas (Narayan et al., 2000). Em síntese, o conceito de pobreza a partir da percepção e voz dos pesquisados foi relacionada com a ausência de fatores econômicos, sociais e emocionais:

Pobreza é fome, é falta de abrigo. Pobreza é estar doente e não poder ir ao médico. Pobreza não poder ir à escola e não saber ler. Pobreza é não ter emprego, é temer o futuro, é viver um dia de cada vez. Pobreza é perder o seu filho para uma doença trazida pela água não tratada. Pobreza é falta de poder, falta de representação e liberdade (Narayan et al., 2000, p. 9).

A metodologia de ouvir as pessoas e considerar as suas realidades e percepções de pobreza direciona-se para a compreensão da pobreza como necessidade da afirmação dos seus indivíduos. No Brasil, os estudos de Abramovay (2012) e Souza (2009, 2012) contribuem para essa vertente.

#### **2.1.4 Sustentabilidade: uma nova vertente para conceituar pobreza**

A percepção de um conceito de sustentabilidade envolve as dimensões econômicas, sociais, ambientais e culturais. Abramovay (2012) remete ao estudo da sustentabilidade como fator importante nas pesquisas da situação de pobreza. Nesse contexto, compreende-se a sustentabilidade como uma forma de inclusão dos indivíduos aos meios que lhes possibilitem melhores e permanentes condições de vida, que vão além do trabalho e do consumo. Portanto, uma nova vertente para a conceituação da pobreza que propõe o (re) conhecimento dos demais tipos de pobreza com inserção para aspectos do meio ambiente natural e seus recursos.

A sustentabilidade torna-se uma visão ampla com diversas variáveis que são abordadas nos distintos campos das ciências sociais, econômicas, ambientais, jurídicas, em especial, pela sociologia, que enfatiza as relações dos seres e seus contextos. Por exemplo, Gillarda, Snella e Bevanb (2017), em seus estudos sobre energia e pobreza, seguem as teorias da justiça social e ambiental, na qual a justiça energética é conceituada nas três formas inter-relacionadas de desigualdade: distribuição (de bens e serviços entre grupos), procedimento (para determinar e contestar a distribuição), e reconhecimento (das necessidades e direitos dos diferentes grupos).

Teixeira e Zuberi (2016) estudaram as percepções de moradores de bairro sobre o ambiente, os vizinhos e a pobreza. A pesquisa sugere que a pobreza exerce efeito nocivo, não só para recursos através de privação ao nível individual e familiar, mas através de uma geografia

de pobreza, que inclui vários outros sistemas em interação com as pessoas nessa situação, incluindo bairros.

Clark (2007), em seus estudos, menciona o uso eficaz dos recursos naturais para promover o alívio da pobreza, entre eles, cita melhores acessos para se ter água com qualidade e promoção de sistemas limpos de energia. Advoga por urbanizações mais rápidas e sustentáveis.

Existe, na prática, a necessidade do desenvolvimento de políticas direcionadas para a construção de resiliência urbana por meio de uma multiplicidade de estruturas temporais e escalares (Bouzarovsk & Simcock, 2017). Como exemplo, no caso do recurso energético, deve-se levar em consideração a relação entre pobreza energética, por um lado, e contingências socioambientais mais amplas, como a mudança climática, a segregação social urbana e rural, e cadeias globais de fornecimento de energia (Bouzarovsk & Simcock, 2017).

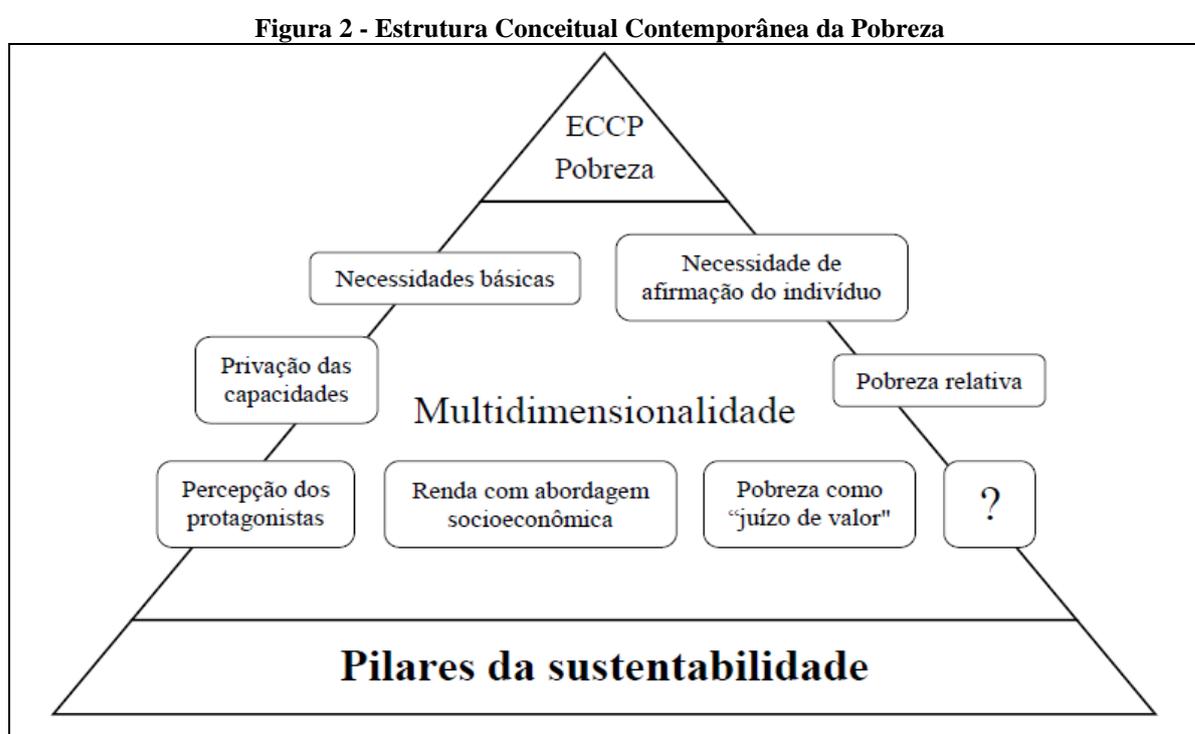
McGregor e Pouw (2017) mencionam que a produção e a troca de bens e serviços econômicos ocorrem na interação entre os níveis micro, meso e macro. Esses são integrantes da noção de desenvolvimento e sustentabilidade. A pesquisa empírica realizada, em Santiago, por Fernández, Navarrete e Torres-Salinas (2016) corrobora com o aspecto da resiliência. Os autores versam que existe em Santiago um sistema resiliente altamente desigual caracterizado pela segregação de populações de baixa renda em áreas com baixo acesso ao desenvolvimento de ativos.

Steven, Haider, Engström e Schlüter (2017) propõem a interação de múltiplos fatores físicos, naturais e culturais na visão multidimensional da pobreza. Seria uma visão multidimensional sustentável, que abrangeria, por exemplo, diferentes respostas de alívio, de insumos de ativos como transformadores de mudanças essenciais para o desenvolvimento sustentável integrado. Nessa vertente, se encontra o campo de mercados financeiros, para o qual a visão da pobreza com sustentabilidade torna presente e insere como elemento da denominada inclusão financeira. Essa envolve as microfinanças e seus diversos instrumentos do mercado financeiro, como os microsseguros, micropoupanças e os microcréditos. A visão de sustentabilidade em situação de pobreza deve ser pautada pela ética dos diversos agentes dos mercados, das políticas e da sociedade.

Abramovay (2012) corrobora ao advogar que “aumentar a eficiência e reduzir a desigualdade no uso dos recursos são objetivos estratégicos de uma **nova economia** que tenha a ética no centro da tomada de decisões e que se apoie em um metabolismo social capaz de garantir a reprodução saudável das sociedades humanas.” (p. 13). Tal argumentação oferece

condições para uma melhor relação saudável entre distintas variáveis, bem como contribui para o debate da NCM.

A sustentabilidade possui como elementos relacionais o tempo, a natureza, as relações dos indivíduos com os recursos naturais e a inclusão de todos ao desenvolvimento econômico (Abramovay, 2012). Gupta e Vegelin (2016) evidenciam que o desenvolvimento inclusivo abrange questões ambientais e a necessidade do compartilhamento do crescimento econômico com os pobres, indo ao encontro da pobreza como sustentabilidade. O resultado desse tópico foi a elaboração da Estrutura Conceitual Contemporânea da Pobreza (ECCP):



Fonte: Elaborada pela autora.

A estrutura evidencia a visão multidimensional da pobreza que norteia os demais conceitos. Todas as dimensões apresentam as diversas definições com cerne na teoria de Amartya Sen. A renda com abordagem socioeconômica, tem origem na abordagem clássica da renda, mas não se prende à visão de que a renda seja a única causa da pobreza.

O enfoque da renda deve ser para suprir a privação das capacidades e das necessidades básicas. A renda não deve ser um instrumento para alavancar desigualdades, por isso a hipótese é que a visão contemporânea argumenta por uma renda justa, contínua, construtivista e emancipatória.

Para a dimensão da privação das capacidades e da ausência das necessidades básicas, há necessidade de renda. A dimensão da pobreza relativa concebe capacidades, liberdades e

oportunidades. As dimensões vão ao encontro da necessidade de reconhecer o ator da situação de pobreza, seu contexto e a sua realidade de vida.

A pobreza relativa tem, em seu âmbito, a caracterização do conceito das capacidades e das oportunidades. A pobreza como juízo de valor se insere como parte da cultura da sociedade. Abordagem necessária para a conduta ética, as relações e os novos modos de viver na era contemporânea.

A base da ECCP é a sustentabilidade que ampara todos os demais conceitos nos pilares econômicos, sociais, humanos e ambientais. A dimensão interrogativa da estrutura demonstra a flexibilidade para a inserção de novas possibilidades de situação de pobreza, visto a diversidade de contextos e a constante mutabilidade das condições de vida na modernidade.

A conceituação contemporânea da pobreza para as pessoas que vivem nessa situação se torna essencial para melhores políticas sociais. Delinear empiricamente a realidade é uma forma indutiva de construção científica e de elaboração das políticas sociais. Duas características importantes podem ser destacadas nessa assertiva. Primeiro o conhecimento da percepção de quem vive a rotina da pobreza: como e de que ela é? Em seguida, a necessidade da autoafirmação dessas pessoas, seus sentimentos de pertencimento social e suas emoções como são trabalhados pelas políticas sociais?

Nos pilares econômicos, sociais, humanos e ambientais da sustentabilidade se desenvolvem os elementos da renda, as capacidades intangíveis, os recursos materiais, ambientais e intangíveis. Como exemplo desses últimos, têm-se a capacidade cognitiva, o pertencimento, a redução de estigmas e as emoções das pessoas, ou seja, o cerne é o capital humano.

A pobreza, na vertente da sustentabilidade, não se dissocia da necessidade de renda, dos valores, das capacidades e das oportunidades, e sim, engloba todos os conceitos contemporâneos com inclusão do meio ambiente, da integração do capital financeiro com o humano para mitigar a situação de pobreza.

A escassez dos recursos naturais atingirá a todas as classes, todavia os de classes mais vulneráveis podem ser mais afetados devido às desigualdades de condições. Sendo assim, a sustentabilidade não se dissocia do desenvolvimento que deve buscar, nos tempos modernos, a potencialidade do indivíduo.

A farsante e concebida NCM se insere na sustentabilidade, por ser uma classe que mobilizou e mobiliza diversos recursos para sobreviver. São pessoas que já vivenciaram a pobreza em diferentes amplitudes e que buscam, por meio de capacidades, ter melhores condições de vida, apesar da privação e ilusão de liberdades de decisões devido à dominação

capitalista. Uma NCM concebida pelas vertentes dominantes como sendo ascensão à renda e ao consumo. Uma NCM que ainda possui diversas carências de capacidades (Souza, 2012), na realidade uma classe de trabalhadores e escravizados pelos instrumentos capitalistas.

## **2.2 Sociologia de Bourdieu: o perfil e metodologia das pesquisas pioneiras**

As pesquisas de Bourdieu representaram novas abordagens de procedimentos para as pesquisas no campo da sociologia. Bourdieu nasceu em Denguin na França em primeiro de agosto de 1930, filho de família camponesa. Formou-se em filosofia no ano de 1954 pela École Normale Supérieure e iniciou sua profissão como professor em Moulins. Prestou serviço militar obrigatório em Argélia. Foi assistente de Raymond Aron, na Faculdade de Letras de Paris e membro do Centro de Sociologia Europeia. Em 1975, com a criação da Revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* tornou-se seu diretor. Como pesquisador produziu diversas obras e pesquisas no campo da sociologia e antropologia, das quais um dos resultados que lhe deu credibilidade foi o seu modelo teórico para a sociologia contemporânea. Bourdieu faleceu em Paris no ano de 2002 (Guimarães & Junior, 2014).

Andrade (2014) mencionou em seus estudos que a ideia de Bourdieu seria concluir uma tese em filosofia. Todavia, a realização de trabalhos de campo em sociologia e etnologia decorrentes da obrigatoriedade do serviço militar e da sua profissão de professor na faculdade de Argel entre 1958 e 1960 despertaram seu interesse para a descoberta de novos objetos de pesquisas e visões distintas da filosofia. Nesse sentido, desenvolveu e aperfeiçoou a sua visão sobre a sociedade e suas relações, dedicando-se aos estudos da sociedade Cabila, lugar onde viveu. Nesse espaço, verificou os efeitos das mudanças política e econômicas marcadas por uma leitura influenciada pela revisão do estruturalismo de Lévi-Strauss.

Entre as universidades estrangeiras que lecionou estão a Princeton, Harvard, Max Planck Institut de Berlim. O ano de 1981 foi um marco para Bourdieu, tornou-se catedrático de Sociologia no Collège de France (Andrade, 2014; Hess, 2001). No que tange à inovação na sociologia, Bourdieu teve como proposta uma nova forma de procedimento teórico e metodológico. Esses guiavam-se pela crítica à formalização e estruturalismo dos métodos tradicionais limitados por uma visão de sistema teórico normatizado e fechado. O presente sociólogo propunha observações no campo empírico, a partir do qual, o contexto e o objeto de pesquisa pudessem revelar informações para a construção das noções operatórias de suas pesquisas.

Foi na sua obra em *La distinction*, de 1979, que houve o estabelecimento do seu procedimento analítico mais sistemático, ainda que as proposições teóricas de fundo tivessem sido avançadas em *Esquisse d'une théorie de la pratique*, no início da década de 1970. O sociólogo argumentou, por meio de reflexão teórica um trabalho empírico, a respeito da importância de uma concepção das relações entre as classes sociais e dos processos de divisão simbólica estrutural (Bourdieu, 1979a, 2011a, 2011b). Nessa concepção, esclarece Pereira (2016, p. 184):

A sociologia conjugará a dinamização de inquéritos sobre práticas, classificações e pertenças sociais com trabalho etnográfico de perfil diferenciado e o desenvolvimento de leituras relacionais da informação recolhida, acrescida da mobilização da técnica estatística de análise de correspondências múltiplas, segundo os estudos de Rouanet *et al.* (2005) e Benzécri (1992).

Nesse contexto, Guimarães e Junior (2014) refletiram que a gênese das pesquisas bourdieusianas encontram-se nos estudos de Marx, Durkheim e Weber, em especial nos conceitos de dominação e de classes sociais, no papel das representações na análise sociológica e de legitimidade, nas regularidades além de leis. Bourdieu desenvolveu uma sociologia da ação, isto significa uma ação situada no campo a partir da lógica prática. A assertiva remete para a realização das propriedades de uma ação e nas formas de ser de cada indivíduo que interfere na sua exteriorização (Corcuff, Bourdieu & Wacquant, 1993).

Dessa forma, considera-se que a base da sociologia de Bourdieu encontra-se nos corpos caracterizados por diversos valores adquiridos por distintos meios no tempo. Efetivam-se pelas formas conscientes (ou não) de ser e de pensar, entre elas: a forma de agir, vestir, comer, falar, pensar e de se comportar no social. O fundamento sociológico é a corporação ou incorporação de sentidos, significados e esquemas avaliativos pelos indivíduos e por seus grupos nos espaços sociais a que pertencem. Perrot e Bourdieu (2003) explicitam o corpo como sendo o local que se incorporam elementos culturais. Esses se fazem presentes nas experiências que os indivíduos vivenciam durante toda a existência. Pode-se afirmar que as experiências transformam em características de identidades dos indivíduos e seus locus do exercício ou não do poder.

Desse parágrafo supracitado, denota-se que a preocupação de Bourdieu encontrava-se na temporalidade da ação e suas urgências, no conhecimento prático e principalmente na relação prática com o entorno. Essa relação de envolvimento proporciona o significado do jogo da vida que leva o indivíduo “a fazer o que tem que ser feito sem pedir explicitamente como objetivo, do lado do cálculo e até da consciência, do outro lado do discurso e da representação.” (Corcuff, Bourdieu & Wacquant, 1993, p.104). As formas de perceber as relações no cotidiano dos sujeitos evidenciam a visão das pesquisas científicas bourdieusianas.

Conforme Bourdieu (1989a), a sua pesquisa científica visa estabelecer o conhecimento do espaço das relações objetivas, suas posições no campo e as relações estabelecidas. Essas últimas são efetivadas pela mediação dos *habitus* dos indivíduos e do grupo, considerando suas ocupações, posições e tomadas de posição entre os espaços que eles pertencem e participam com ações. Tais espaços são as formas relacionais entre os indivíduos ou seus grupos, ditas de relações objetivas e subjetivas. São elas que constituem a realidade do campo social. Em consonância, as relações sociais possuem sentidos ambíguos e indeterminados, visto que “os homens não classificam os seres visando encobrir ou justificar as relações que mantêm entre si, os homens classificam os seres por uma necessidade lógica que também os leva a pensar em sua existência em termos de grupamentos e divisões.” (Bourdieu, 2011a, p. 19).

Em relação ao campo de pesquisa, Bourdieu o define como um modo de construção do objeto que vai comandar ou orientar as opções práticas da pesquisa. Funciona como a diretriz do que há de fazer, a saber e a verificar que o objeto a ser analisado não se isola do conjunto de relações que retira o essencial das suas propriedades. E através dessa relação, tem-se o primeiro preceito do método: “se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de forma relacional.” (Bourdieu, 1989a, p. 27).

Para Bourdieu, a construção do objeto de pesquisa inclui uma postura ativa e sistemática do pesquisador em relação aos fatos e contextos a serem pesquisados. O autor enfatizou a necessidade de romper com a passividade empirista de pesquisas na sociologia tradicional. Para ele, a passividade somente ratifica as pré-construções do senso comum das formas racionais e sistemáticas das teorias. Dessa forma, tornou-se necessário a ruptura com representações partilhadas e reproduzidas por todos. Essas determinam o certo e o correto, segundo as práticas do sentido comum e aceitabilidade de grupos específicos (Bourdieu, 1989a). Nessa lógica, exemplificou:

O recurso a esse instrumento de construção do objeto, simples e cómodo, que é o quadro dos caracteres pertinentes de um conjunto de agentes ou de instituições se trata por exemplo de analisar diversos desportos de combate ou diversos estabelecimentos de ensino superior ou ainda diversos jornais parisienses, inscreve-se cada uma das instituições em uma linha e abre-se uma coluna sempre que se descobre uma propriedade necessária para caracterizar uma delas, o que obriga a pôr a interrogação sobre a presença ou a ausência dessa propriedade em todas as outras – isto, na fase puramente indutiva da operação, depois, fazem-se desaparecer as repetições e reúnem-se as colunas que registram características estrutural ou funcionalmente equivalentes, de maneira a reter todas as características e essas somente que permitem discriminar de modo mais ou menos rigoroso as diferentes instituições, as quais são, por isso mesmo, pertinentes. Este utensílio, muito simples, tem a faculdade de obrigar a pensar relacionalmente tanto as unidades sociais em questão como as suas propriedades, podendo estas ser caracterizadas em termos de presença ou ausência (sim ou não) (Bourdieu, 1989a, p. 29).

Bourdieu argumentou que seu método de pesquisa abordava caso empírico. Seu objetivo era a construção de um modelo teórico independente dos procedimentos formais, racionais e estruturais. Seu anseio foi a criação de um sistema coerente de relações que precisava ser colocado à prova. Para tal finalidade, explicou a inserção de uma interrogação sistemática de um caso particular, do qual possa retirar propriedades gerais. Sendo assim, essas somente serão possíveis por meio da interrogação e observação objetivada no campo empírico (Bourdieu, 1989a). A respeito da formulação dessa interrogação, o autor esclarece a necessidade da a interrogação não se prender à descrição da experiência e observação do campo como se faz na etnometodologia. A ênfase interrogativa inclui as condições sociais, a adequação das estruturas sociais, mentais e objetivas do mundo. Em funcionamento, tais estruturas podem ser também estruturantes nos processos das relações nos espaços sociais (Bourdieu, 1989a).

Pereira (2016) corrobora com essa contextualização interrogativa e da gênese metodológica das pesquisas de Bourdieu. O autor evidencia que a forma dos procedimentos metodológicos se encontra teorizada nos diferentes estudos que Bourdieu realizou na Argélia e desenvolveu-se mais tarde na França, por volta dos anos 1960. Sua afirmação tem como base o referencial em diferentes pesquisas (Bourdieu, 1963; Bourdieu e Sayad, 1964; Bourdieu, 1966; Bourdieu, 1977). A ênfase dos estudos está na gênese e na estruturação das classes sociais acompanhada por uma interrogação relacional estabelecida sobre as divisões simbólicas.

No que tange aos estudos pioneiros na Argélia, Bourdieu (2005) fez a análise tradicional da sociedade argelina com base na sua experiência prática por meio de um trabalho de objetivação quando prestava serviço militar. Buscava transcender a construção de uma ciência verdadeira estruturada, então, preocupou-se com o processo de (re) construção da identidade pós-colonial com vistas a uma Argélia independente (Cunha, 2007).

Dessa forma, as primeiras pesquisas de Bourdieu romperam e contradizeram com a racionalidade das teorias. Uma de suas obras, *Le sens pratique*, evidenciou novos objetos de estudos, cujos campos empíricos possibilitaram um modelo da identificação de suas noções operatórias, entre elas, campo, *habitus*, relações, capital, distinção (Bourdieu, 1980b). Todas evidenciadas em diversas traduções das obras de Bourdieu, que envolvem pesquisas em campos distintos, como na obra Razões Práticas: Sobre a Teoria da ação traduzida por Maria Correia em 1996 (obra original: *Raisons pratiques – Sur la theorie de uma/ion* de 1930). Em síntese, seu método de pesquisa foi por meio da sua própria experiência, vivência e objetivação participante no campo empírico. Dessa forma, Bourdieu procurou ouvir e conversar com as pessoas em situação de pobreza, para então interpretar a identidade e os significados de diversos fatos da realidade e não preocupou em seguir métodos estruturados que normatizavam

perguntas com previsão e indução de resposta. Sua preocupação era compreender os seus entrevistados, visando um ambiente de pesquisa permeado pela troca de experiência e conhecimentos distintos (Bourdieu, 2001). Entende-se que a sua objetivação se distinguiu da observação participante, visto que a última tende a uma falsa análise de uma participação em um grupo estranho. A primeira requer a ruptura das aderências e adesões em profundidades de forma mais inconsciente, informações que possam surgir independente do que se procura no objeto de pesquisa e são reveladas pelo campo a partir da relação do pesquisador com os pesquisados e o contexto. Bourdieu explicou essa objetivação participante como:

Exercício mais difícil, mas o mais necessário porque, como tentei fazer em *Homo academicus*, o trabalho de objetivação incide neste caso sobre um objeto muito particular, em que se acham inscritas, implicitamente, algumas das mais poderosas determinantes sociais dos próprios princípios da apreensão de qualquer objeto específico (Bourdieu, 1989a, p. 51).

Nas suas pesquisas pioneiras uma das evidenciações foi a divisão da sociedade em grupos sociais transcendendo a ideia de classes teóricas. Essas possuem como características somente a renda, e a nova concepção incluiu fatores como a cultura e as condições de vida (*habitus* incorporados). Os grupos sociais possuem disposições e acessos distintos na estrutura de distribuição dos capitais. A mobilização (ou não) desses capitais reflete nas práticas cotidianas para viver ou sobreviver, e requerem diversas adaptações, ações e alternativas que se referem às práticas:

As práticas resultam da relação dialética entre uma estrutura – por intermédio do *habitus* como *modus operandi* – e uma conjuntura entendida como as condições de atualização deste *habitus* e que não passa de um estado particular. Por sua vez, o *habitus* deve ser encarado como um sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados (Bourdieu, 2011b, p. 50).

Tais práticas efetivam nas relações e incluem a assimilação de fatores endógenos e exógenos, portanto são causas e efeitos ou efeitos e causas de dominação do poder. Pereira (2016) e Wacquant (2013) corroboram enfatizando que Bourdieu realizou uma síntese criativa e rigorosa das teorias tradicionais de estudo do poder e da dominação, e inseriu as divisões sociais como cerne de suas pesquisas. Dessa forma, sua contribuição sociológica reside na reformulação holística dos caminhos da análise sociológica, em especial, das classes sociais.

Essas práticas e fatores são formas distintivas e naturais que são consideradas como universais. São a base da separação entre grupos dominantes e dominados, entre eles os

indivíduos que vivem em situação de pobreza e vivenciam estigmas sociais. Wacquant (2012), a respeito desse campo, ressalta que no capitalismo existem diversas formas que tendem a notoriedade do mercado e como consequência a punição da pobreza. Essa mesma assume distintas formas, não se limitando ao encarceramento:

Ela infiltra-se por meio dos diferentes setores da polícia, da justiça e dos aparatos carcerários, com efeitos variáveis; estendesse por domínios da política, intrometendo-se na provisão de outros bens públicos como serviços médicos, assistência à infância e habitação; em geral desperta reticências, muitas vezes encontra resistências e por vezes provoca vigorosos contraataques. (Wacquant, 2012, p. 21).

Müller e Duayer (2019) conceituam o capitalismo como “um sistema que não apenas sanciona a ganância do empreendedor e de quem vive de renda: ele não pode funcionar sem ela. Sua ideologia e seus modos ortodoxos de socialização fomentam ativamente a competição e os valores individualistas.” (p. 127).

Defende-se, diante das contextualizações anteriores, a contribuição de Bourdieu para uma sociologia contemporânea conhecida como sociologia do conhecimento. O conhecimento da relação entre o conhecimento teórico e a prática exige a completude da ciência e do objeto. Isso requer uma ciência da relação dos agentes com as relações objetivas evitando um desconhecimento das relações intrínsecas e extrínsecas (Bourdieu, 2011a). Portanto, a sociologia de Bourdieu defende a possibilidade da democracia na pesquisa, visto que “critica as formas existentes, como lacunárias, atrofiadas e inacabadas, porque a capitalização apoia denominações normativas.” (Corcuff, Bourdieu & Wacquant, 1993, p. 296).

A sociologia do conhecimento considera a realidade do campo social empírico e seus espaços. Segundo Bourdieu (1989a), o espaço social constitui-se por diferenças representativas dos grupos e funcionam, a exemplo dos estilos de vida individuais ou coletivos. Como exemplificação, tem-se o objeto de uma das pesquisas de Bourdieu: a análise de uma sociedade tribal do Norte da África, conhecida como Cabilas e viviam nas margens da sociedade moderna que tinha como características fenômenos de aculturação. Esses se efetivam por meio da organização social e familiar, da temporalidade, do espaço e da visão do mundo (Bourdieu, 1989a). Em corroboração Cunha (2007) cita em suas pesquisas que:

É no estudo etnográfico de 1958 sobre a sociedade argelina Kabila, intitulado *Sociologie de l'Algerie*, que se detectam as primeiras reflexões de Bourdieu relacionadas com a sua análise sobre cultura. Estabelecendo uma ponte entre a Sociologia e a Etnologia, o autor explica o conceito como sendo um instrumento de luta por posições de dominação simbólica no seio de uma estrutura social. (p. 8).

Portanto, a proposta teórica de Bourdieu objetivava demonstrar a não apresentação da realidade social por meio das distinções tradicionais entre as díades: indivíduo e sociedade, subjetivismo e objetivismo, ação e estrutura. Se faz conceber as conexões dos sistemas relacionais entre às classes, os agentes e os grupos, no que tange ao significado das ações dos indivíduos.

Diante do esboço metodológico nas pesquisas bourdieusianas, justifica-se a relevância de identificar as práticas de mobilização dos capitais no campo social da situação de pobreza e seus distintos espaços. Como esses indivíduos fazem (mobilizam) para viver e tentar melhores condições de vida? Eles possuem práticas específicas para viver com limitações ou ausências de capitais? Para esta tese, aos moldes de Bourdieu, concebeu-se a sociologia como sendo uma topologia social, um conhecimento social das relações, uma busca da reflexividade sociológica (objetivação do sujeito objetificador) a partir das práticas realísticas. Busca-se, assim, contribuir com o campo da Administração e das Ciências Contábeis a partir dos estudos de Bourdieu de forma a ampliar a natureza da pesquisa científica reflexiva a partir do campo empírico (Corcuff, Bourdieu & Wacquant, 1993).

Conclui-se, que a ciência sociológica do conhecimento e reflexiva pode representar o mundo social em forma de espaços distintos. Sendo que, a base da construção desses espaços são os princípios de distinção e distribuição de capitais. Os mesmos representam o conjunto de propriedades tangíveis e intangíveis pertencentes ou delegadas ao seu detentor e vão ao encontro da proposta da estrutura de capitais bourdieusiana. Nessa vertente, a distinção ou diferenciação refere a percepção das diferenças na estrutura do espaço social, segundo as suas próprias categorias e convicções internalizadas pelos grupos sociais (Bourdieu, 1989a). A multiplicidade das distinções faz elos com os conceitos bourdieusianos e estão na ação e nos distintos capitais.

### *2.2.1 Contextualização dos conceitos bourdieusianos*

Os conceitos bourdieusianos fundamentam-se nas suas noções operatórias com abordagem sociológica do conhecimento reflexivo. Tais fundamentações nortearam diversos estudos a partir do campo empírico, como os de Burger (1985), Pereira (2012, 2013, 2014, 2016) e Wacquant (2004).

Dois duetos das pesquisas de Bourdieu são a Teoria da ação e a Teoria dos capitais. A ação equivale a uma espécie de luta entre a história objetivada e a história incorporada. “Essa luta tem duração por vezes uma vida inteira para modificar o posto ou modificar-se a si mesmo,

para se apropriar do posto ou ser por ele apropriado ou transformado.” (Bourdieu, 1989a, p. 103). A afirmação conduz para o mundo das práticas.

Conforme seção anterior, o método praxiológico foi utilizado por Bourdieu, com o objetivo de repensar a noção escolástica de *habitus*, em dois eixos. O primeiro de estrutura que representa tangibilidade; o objetivo. O segundo seria no âmbito do subjetivo que envolve intangibilidade como avaliação, sentimento, percepção e classificação. Nesse delineamento, afirma-se que o *habitus* interioriza o exterior, e ao mesmo tempo o exterior se incorpora no interior, assim tem-se a Teoria da ação (Corcuff, Bourdieu & Wacquant, 1993).

Pereira (2016) em suas pesquisas sobre bairros do Porto – Portugal, de forma sistemática, enfatiza o princípio da ação:

[...] reside na cumplicidade entre dois estados do social, entre a história feita corpo e a história feita coisa, ou, mais precisamente, entre a história objetivada nas coisas, sob a forma de estruturas e de mecanismos (os do espaço social ou dos campos), e a história encarnada nos corpos, sob a forma de *habitus*, cumplicidade que funda uma relação de participação quase mágica entre estas duas realizações da história. (p.186).

Além dos *habitus* expressando a ação não objetivada, os debates da sociologia bourdieusiana perpassam pela compreensão das noções operatórias do campo social e seus espaços sociais, entendimento dos *habitus* e das classes como grupos sociais que levam à distinção, verificação da incorporação do Capital Econômico, Cultural e Social. Esses são os principais tipos de capitais, sendo que o Capital Econômico são os ativos (bens e direitos) com os giros financeiros dos créditos e do dinheiro; o Capital Cultural é parte do capital informacional e se encontra no estado corporificado, objetivado e institucionalizado; e compondo a tríade existe o Capital Social que são as relações com laços fracos ou fortes (Wacquant, 1998). Da efetivação e eficácia desses capitais resultam o Capital Simbólico. Para Cunha (2007):

A riqueza econômica de um indivíduo não é medida apenas pela quantidade de bens materiais que possui, mas também pelo poder que lhe conferem sobre aqueles que não os possuem. O mesmo se poderá dizer do Capital Social que se manifesta na sua rede de relações e que pode ser usada em benefício próprio. Os dividendos colhidos através do Capital Cultural são consonantes com o valor de mercado (laboral e social) dos recursos intelectuais obtidos na escola ou em contexto familiar. Por fim, há todo um prestígio, uma representação social que se liga a cada um dos capitais atrás referidos e que se constitui como um capital simbólico. Qualquer destes tipos de capital pressupõe a interiorização de certas disposições, segundo Bourdieu existe um *habitus* que é incorporado por todos ao longo da vida e mediante as experiências que vão sendo acumuladas. (p.10)

Em síntese, os capitais são as forças que definem as probabilidades de ganho num campo ou subcampo que tem seu capital particular em disputa nos espaços sociais. A distribuição desses capitais representa forma de distinção de dominação e de poder nas relações sociais; a esse conhecimento denotou-se a Teoria dos Capitais no campo (Bourdieu, 1989a, p. 134).

### *2.2.2 Campo Social: a multiplicidade do campo como espaços sociais*

A gênese da noção de campo teve seu emprego como uma forma utilizada por Bourdieu para conduzir suas pesquisas. O princípio foi de negação sistemática da interpretação das ciências culturais, religiosas, da arte e da literatura. Verificou-se, em relação às duas últimas, a oposição entre um formalismo da teorização de uma arte com alto grau de autonomia e reducionismo. Esse propunha a relacionar formas artísticas com formas sociais, negligenciando a autonomia relativa das ciências e o que elas tinham em comum. Portanto, o campo de produção como espaço social de relações objetivas era ignorado, um exemplo são as concepções marxistas de Lukacs e Goldman (Bourdieu, 1989a).

Segundo Bourdieu (1983), os “campos são a representação dos espaços sociais estruturados, cujas propriedades dependem das posições dos múltiplos atores e que podem ser analisadas independentes das características particulares dos indivíduos ou grupos.” (p. 89). Assim, define-se campo social como um espaço global de posições sociais, configurado em torno de um sistema de desvios de distintos níveis, cuja existência acontece nas relações dos atos entre as instituições, os agentes e todos os atores sociais. Tais relações efetivam-se nos jogos de conflitos, posições e distinções (Bourdieu, 1989a).

Segundo Wacquant (1992) o campo de Bourdieu refere-se a uma sociedade diferenciada que se constitui por diversos microcosmos sociais com autonomia relativa. Um espaço de desenvolvimento de interesses individuais, coletivos e de disputas para o funcionamento dos múltiplos campos (campo econômico, artístico, religioso, político, escolar, esportivo) visando ajustar as suas lógicas existenciais. Resulta, pois que os campos possuem leis de funcionamento gerais que não sofrem variações e propriedades particulares que são específicas de cada campo.

Nessa vertente, Bourdieu (1989a) explicita que a “estrutura do campo social é definida em cada momento pela estrutura da distribuição do capital.” (p. 149). Encontra-se, portanto, no campo diversos espaços sociais permeados de distintos capitais, que são econômico, cultural, social e simbólico, conforme já mencionado nesse texto. Tais capitais levam à distinção pelo ter e não ter, pelo poder e não poder, pela dominação e não dominação.

Em relação ao âmbito econômico, segundo a teoria geral da economia, os campos descrevem e definem suas formas específicas, seus mecanismos e conceitos gerais. No econômico, encontram os termos capital, investimento, ganho, entre outros, e que podem ser distintas em outros campos. Dessa forma, busca-se evitar o reducionismo, a exemplificar o campo do economismo que se guia pelo interesse material e pela maximização do lucro monetário (Bourdieu, 1989a).

Em paralelo ao campo econômico, tem-se o campo cultural. Bourdieu, por meio de uma crítica a abordagem econômica funcionalista da educação escolar, analisou as ações dos indivíduos ao longo do tempo e concluiu, que nesse campo existem três formas de Capital Cultural: incorporado, objetivado e institucionalizado. Tais formas podem e tendem a converter em Capital Econômico, todavia podem ser explorados pelos meios de produção quando do estado objetivado ou institucionalizado. Assim, argumentou Bourdieu (1979b):

Essa definição tipicamente funcionalista das funções da educação, que ignora a contribuição que o sistema de ensino traz à reprodução da estrutura social, sancionando a transmissão hereditária do Capital Cultural, encontra-se, de fato, implicada, desde a origem, numa definição do “capital humano” que, apesar de suas conotações “humanistas”, não escapa ao economicismo e ignora, dentre outras coisas, que o rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família e que o rendimento econômico e social do certificado escolar depende do Capital Social também herdado – que pode ser colocado a seu serviço. (p. 1).

Esse argumento reforça que o Capital Cultural é distintivo e possui dependência do contexto que se vive, ou seja, das condições familiares em termos de cultura acumulada e poder econômico. De forma complementar, a eficácia e efetivação do Capital Cultural Institucionalizado em econômico dependerá das relações exógenas. Isso significa a necessidade de uma rede de socialização, além da rede familiar, implicando no denominado Capital Social.

Das três formas de Capital Cultural, a forma incorporada pertence somente ao indivíduo que o traz em seu corpo, e somente a ele pertence. Pode ser mutável ao longo do tempo, mas não pode ser transmissível, e por meio da forma de ser e de se comportar pode implicar na demonstração de poder e de diferencial, mesmo em relação aos detentores de Capital Econômico. Na forma objetivada, o Capital Cultural se transforma em econômico na forma de posse. Todavia, se não for materializado e se efetivar como simbólico, não será transferível e pertencerá somente ao seu indivíduo, pois será um bem intangível de valor simbólico e necessitará de reconhecimento por terceiros para se transformar em Capital Econômico (Bourdieu, 2007b).

Segundo Burger (1985), o Capital Cultural pode visar ao poder, ao prestígio e ao pertencimento na sociedade. Escalareceu que Bourdieu na concepção do campo social, considerou a objetivação como meios estratégicos mobilizados na luta pelo poder e formas de distinção ou diferenciação ao longo da vida.

A divisão dos sistemas diferenciais no campo inclui critérios que abrangem propriedades objetivas (território, religião, trabalho) e subjetivas (sentimentos, pertencimento, aceitação e estigmas). São representações da visão dos agentes sociais que contribuem para a realidade das divisões de classes ou grupo (Bourdieu, 1989a, p. 120). Essas contextualizações remetem a interpretação do campo como constituído de diversos espaços em constante mutação. Nesses espaços encontram-se as distâncias que se formam nas relações devido a distribuição distinta dos capitais:

O que existe é um espaço de relações tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços e sobretudo em tempo. Também as distâncias se medem em tempo (exemplo – ascensão). E a probabilidade da mobilização em movimentos organizados, dotados de um aparelho e de um porta-voz (exemplo – classe) será inversamente proporcional ao afastamento nesse espaço (Bourdieu, 1989a, p. 137).

Considera-se espaço social como a possibilidade de juntar um indivíduo a qualquer outro. Torna-se essencial para a inclusão e agrupamento, o respeito aos bourdieusianos comuns e às diferenças fundamentais, entre elas, as econômicas e culturais. Nessa concepção, tem-se que o campo social com seus espaços é a representação e a existência social, ou seja, a necessidade de ser percebido, se sentir percebido e ser distinto (Bourdieu, 1989b).

Segundo Bourdieu (1989a), as categorias de percepção são produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social, que levam os agentes a perceberem o mundo social como ele é com aceitação como mais natural do que uma rebelação contra ele. A construção do espaço social possui como princípios as propriedades atuantes que se diferem nas espécies de poder ou de capital. Esse último tem sido visível no estado objetivado nas formas de propriedades materiais, também se encontra no estado incorporado. Representa um poder sobre um campo e sobre o produto acumulado do trabalho passado (conjunto dos instrumentos de produção) (Bourdieu, 1989b).

O conhecimento da posição ocupada no espaço comporta uma informação sobre as propriedades intrínsecas (condição) e relacionais (posição) dos agentes (Bourdieu, 1989a). A posição de um agente no espaço social pode ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o Capital Econômico (nas suas diferentes espécies), o Capital Cultural, o Capital

Social e o Capital Simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama etc, que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital.

Dessa forma, viabilizou-se a construção de um modelo simplificado do conjunto do campo social que permitiu pensar a posição de cada agente em todos os espaços. Se cada campo tem a sua lógica própria e a sua hierarquia própria, a hierarquia que se estabelece entre as espécies do capital e a ligação estatística existente entre os diferentes haveres fazem com que o campo econômico tenda a impor a sua estrutura aos outros campos (Bourdieu, 1989a).

A partir do espaço das posições, um dos recortes de estudos é o das classes como sendo os conjuntos de agentes que ocupam posições e condições semelhantes e que estão sujeitos a condicionamentos com atitudes, interesses semelhantes, práticas e tomadas de posição semelhantes. Essa classe tem uma existência teórica, por ser produto de uma classificação que visa explicar e prever as práticas e as propriedades das coisas classificadas e, entre outra, as das condutas de reunião em grupo. Portanto, não é realmente uma classe real, no sentido de grupo mobilizado para a luta, é uma classe provável, enquanto conjunto de agentes que oporá menos obstáculos objetivos às ações de mobilização do que qualquer outro conjunto de agentes (Bourdieu, 1989a).

### 2.2.3 *Capital Econômico: a não univocidade como símbolo forte e de distinção*

O Capital Econômico é o cerne da distinção existente no campo social, somente quando são reproduzidos e assimilados pelos *habitus* sociais e coletivos. No geral, o indivíduo que detém esse capital possui forte Capital Social, o qual se refere a relação privilegiada e de distinção reconhecida por um grupo (Bourdieu, 2014; Guimarães & Junior, 2014).

Todavia, o *habitus* econômico que se relaciona com a posse ou não desse capital tem sua dependência nas práticas de vida dos indivíduos. Nesse âmbito, tais *habitus* tendem a reproduzir a lógica de cálculos pelas lógicas capitalistas de ganho, lucro, custos e maximização de recursos com uso de excedentes (Bourdieu, 2004).

Na situação de pobreza, o Capital Econômico é escasso ou ausente e leva a *habitus* econômicos de mobilizar práticas específicas para se ter renda (fonte de recursos) e suprir necessidades básicas. Essas práticas, na maioria das vezes, são efetivadas em detrimento de Capital Cultural (escola), lazer e relações internas familiares. O trabalho ou o serviço em excesso, precários e de diversos tipos ocupam o tempo, sem direito a pensar em ociosidade para convivência.

No texto de Bourdieu (2011a) “A formação do *habitus* econômico”, respostas da entrevista, analisada pelo método narrativo de um cozinheiro, descrevem diversas formas que o cozinheiro encontrou para viver ao sair da sua comunidade e ir para Paris. Sua ida derivou-se das mudanças econômicas-políticas impostas ao modo de vida. O texto evidencia também inúmeros exemplos de diferencial entre pessoas com Capital Econômico próprio e os que não possuem, ou sejam, dependem de vender a força de trabalho para se ter renda.

Nesse contexto, ressalta-se que o Capital Econômico se torna para todas as classes como essencial no suprimento das necessidades básicas ou secundárias. A maximização, a acumulação e o melhor acesso a esse capital vinculam-se ao capital da informação, nesse insere o Capital Cultural, segundo Bourdieu (1996). Todavia, a informação também faz distinção, uma vez que pode ser privilegiada e restrita para a dominação econômica que tende a promover a desinformação.

O Capital Econômico individual ou familiar pode ser transmissível para terceiros. A família detentora desse recurso é a principal gestora do seu patrimônio. De forma objetivada, o Capital Econômico apresenta-se como meio de *status* e de seleção de grupos de convivência e de estratégias mercadológicas. Nessa concepção, ao descrever sobre diversas práticas de mercados, Zelizer (1983, 1985, 1989), com sua abordagem da Nova Sociologia Econômica, discutiu as transformações do mercado infantil e de seguro nos Estados Unidos. As práticas pesquisadas pela autora contribuíram para uma visão de *embeddedness* social na economia. No mercado de investigação da adoção de crianças, a autora colocou que acontecia na realidade uma transação de compra, e essa se tornou condenada pela sociedade. Posteriormente, a adoção ganhou dimensões de afetividade e sentimentos relacionais que transcenderam a visão da utilização de crianças para o trabalho. Dessa forma, argumentou Júnior (2002) com base nas obras iniciais de Zelizer, e essa embasou na análise sociológica de Pierre Bourdieu para propiciar a inserção de contextos sociais na vida econômica e doméstica. A autora se tornou uma das precursoras da Nova Sociologia Econômica. Essa abordagem, acreditamos que corrobora com as práticas de mobilização de capitais na situação de pobreza. Se tornam necessários estudos que evidenciam a realidade de microestruturas e as estratégias de dinastias capitalistas e burguesas.

Bourdieu (1996) explica que as dinastias burguesas são “lugares de acumulação e de gestão de um capital que é igual a soma dos capitais de cada um de seus membros e que as relações entre os diferentes detentores permitem mobilizar, ainda que parcialmente, em favor de cada um deles.” (p. 111).

Dessa forma, o Capital Econômico favorece o acesso aos demais capitais. Como meio distintivo, pode se dizer que é o primeiro e de mais elevada observação objetiva empírica. Ao seu lado, encontra-se a necessidade de conversão desse capital em Capital Cultural e Simbólico. A questão é verificar se o poder do Capital Econômico ou a sua posse garante a incorporação do Capital Cultural e do Simbólico, ou adquirir-se Capital Econômico sem necessariamente ter os outros dois? E como um detentor de Capital Cultural nato ou adquirido sem Capital Econômico pode buscar esse recurso, maximizando suas capacidades individuais, visto que a ausência do econômico dificulta a efetivação e eficácia do cultural?

Para essas respostas, recorreremos a Bourdieu (2007a) que descreveu a respeito da relação do Capital Cultural escolar com o econômico: “(...) estabelecer taxas de convertibilidade entre o Capital Cultural e o Capital Econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar.” (p. 73). Espera-se, portanto, um retorno do tempo e do dinheiro gasto com o investimento, sendo o tempo de aquisição do Capital Cultural e sua efetivação monetária, o elo entre o Capital Econômico e o Capital Cultural. Sendo que, aqueles que já são detentores de Capital Cultural familiar possuem vantagens, uma vez que há a precocidade empreendedora de transmissão e de acumulação, e essa possibilita a disponibilidade de tempo para investimento no Capital Cultural aprimorando capacidades e desenvolvendo talentos mediante recursos monetários e redes de relacionamento (Bourdieu, 1979a).

Dessa forma, há relação intrínseca entre o Capital Cultural e o Capital Econômico que contribui para a diferenciação social nos países desenvolvidos (Bourdieu, 2001; Cunha (2007). Em relação a essa diferenciação e as vantagens dos detentores de Capital Econômico, Pereira (2016), em suas pesquisas na cidade do Porto em Portugal, menciona o livro em *La distinction* de Pierre Bourdieu. (p.185). Desse modo, enfatizou:

A análise empreendida por Bourdieu convoca classes e frações de classe, mas o faz potenciando relações entre diferentes propriedades sociais e acentuando a importância de uma leitura, configurada em termos topológicos sob a forma de espaço social, das divisões socialmente construídas em torno do volume e da estrutura da composição de capital, com particular destaque para o econômico e para o cultural, e sobre a importância da sua evolução no tempo. (Bourdieu, 1979b, pp. 128-144).

A exemplificação consta em Bourdieu (1996), para o qual, quem possui mais volume de capital global, como por exemplos empresários, membros de profissões liberais e professores universitários podem se ter diferenciações e pesos relativos a depender da proporção do Capital Econômico e do Capital Cultural no seu patrimônio. No geral, os professores possuem mais Capital Cultural do que econômico, quando comparados a empresários detentores de maior

volume de Capital Econômico e nem sempre com Capital Cultural; exemplos que se observam na França e no Japão. Assim, nesses países, Bourdieu identificou quadros de divisão social e de luta simbólica na ocupação de regiões dominantes, que estão na dependência do econômico e do cultural das regiões intermediárias e dominadas e as dinâmicas de (re)produção do gosto sob tensão e de necessidade que suportam.

Diante dessas fundamentações teóricas, defende-se que o Capital Econômico é uma forte distinção, se não o seu núcleo ou a sua gênese. Portanto, esse capital, sua conversabilidade e utilização no espaço social são tridimensionais. Na primeira dimensão, as distribuições dos agentes acontecem conforme o volume global dos tipos de capital. A dimensão seguinte retrata a estrutura global de capital como a participação relativa do Capital Econômico e do Capital Cultural no total do patrimônio. A terceira dimensão enfatiza as variáveis para a acumulação do Capital Econômico que são o volume, o tempo e a especificação de cada item do capital (Bourdieu,1996). Em síntese, existe a relevância do Capital Econômico em relação ao Capital Cultural que depende das posições dos agentes no espaço social e do valor subjetivo atribuído a esses capitais.

#### *2.2.4 Capital Cultural: a diferenciação das suas formas e efetivação da distinção*

Conceitua-se Capital Cultural como o conjunto de aptidões e de conhecimento adquirido ou incorporado, que podem ocorrer em diversos espaços sociais. Entre esses, tem-se a escola, o mercado e o Estado que levam à distinção dos indivíduos. As formas de distinção estão relacionadas a um conjunto de fatores que requerem a percepção dos agentes de um contexto específico. Assim, quando ocorre distinção ou diferenciação por esse capital os indivíduos são excluídos ou incluídos por seus comportamentos, modo de vestir, atitudes, conhecimentos formais e técnicos, formação e diplomas escolares, entre outros. Para classes mais favorecidas o Capital Cultural é símbolo de status elevado, ao lado do Capital Econômico (Cunha, 2007).

Bourdieu (2011b) esclarece haver diferença da estrutura de distribuição do Capital Cultural em relação à estrutura do Capital Econômico. O autor explicita, em especial, o capital escolar. Esse com sua autonomia relativa vem para efetivar e trazer uma justificativa para a meritocracia com sua polissemia conceitual. Nessa ideologia, há uma questão de justiça aos merecedores de certificações e credenciais escolares. Em destaque para os indivíduos que não possuem outros atributos a não ser sua inteligência ou seu mérito. Por outro lado, o desenvolvimento e acesso ao Capital Cultural escolar tende a um favoritismo de acesso para pessoas detentoras de Capital Econômico.

Às vezes, o (re)conhecimento do Capital Cultural é limitado pelo poder de dominação e aplicações seletivas por meritocracia; essa nem sempre é acreditada pelas pessoas em situação de pobreza. Uma vez, essas pessoas em concorrência por uma posição no mercado e nas seleções do Estado sentem a exigência de indicações relacionais que permeiam o Capital Social, o aprimoramento de conhecimento técnico e literário. Dessa forma, a construção do Capital Cultural deriva da herança cultural recebida e do desenvolvimento de habilidades. Esses meios são incorporados às condições de vida.

Na situação de pobreza, o Capital Cultural é uma das práticas para conseguir desenvolver capacidades e ter Capital Econômico. Na realidade, há uma exploração dessas pessoas detentoras desse capital individual, que necessitam de serem descobertas por mediadores ou especuladores sociais e, por vezes, são também objeto de ações sociais institucionais capitalistas e alvo dos conhecidos projetos sociais. Relaciona-se, portanto, com o campo social das políticas sociais, da educação, da estratificação e das desigualdades sociais.

Esse cenário remete para a tipologia do Capital Cultural, cuja estrutura identifica três formas nas obras de Bourdieu: Capital Cultural Incorporado, Capital Cultural Institucionalizado e Capital Cultural Objetivado. O Capital Cultural Incorporado representa-se no corpo biológico com suas disposições. O Capital Cultural Objetivado quando materializado evidencia-se pelos bens culturais (obras de arte, instrumentos, máquinas, móveis e bens). Quando não materializado estará ligado a percepções subjetivas (sentimentos). Por fim, o Capital Cultural Institucionalizado refere-se a forma de objetivação que necessita ser acumulado ao longo da vida de forma assimilada e pertencendo assim a quem dedicou-se tempo para adquirir o mesmo (exemplo: ter diplomas escolares) (Bourdieu, 2007b).

Após a aquisição do capital institucionalizado e incorporado, eles devem converter no Capital Cultural Objetivado. Porém, esse deve ter a propriedade de capital ativo e atuante nas duas formas material e simbólica. Assim, poderá ser apropriado por terceiros (agentes) como objeto das lutas simbólicas (lutas de classes e o poder existente nos campos da produção cultural – campo artístico, científico, religioso, esportivo e outros) para obtenção de benefícios referentes desse capital objetivado e do capital incorporado (Bourdieu, 2007a).

Na obra *A Distinção - Uma Crítica Social do Fundamento do Juízo* de 1979, Bourdieu enfatizou o Capital Cultural como um dos principais pela distinção de classes e suas formas disposicionais que se identificam com aspectos próprios de cada cultura e interfere na cultura de cada indivíduo. Referiu-se ao Capital Cultural Incorporado como um *Ter para Ser*, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, *habitus*. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse

capital “pessoal” não pode ser transmitido instantaneamente, mas pode ser de forma dissimulada. Ele é adquirido e acumulado pelo seu sujeito e repassado a outras gerações de forma inconsciente ou até mesmo consciente para potencializar capacidades, como os dons e talentos (Bourdieu, 2007c).

Bourdieu (1979b) descreveu algumas características dos tipos de Capital Cultural. Para o autor, elas são meios de distinções sociais e necessitam de investimentos públicos no contexto de situação de pobreza. Em consonância, nossa tese defende a valorização de Capital Cultural nato das pessoas mais desfavorecidas economicamente, buscando alternativas para a minimização de exploração institucionais e de algumas atuações falaciosas de organizações não governamentais (ONGs) e o modismo dos projetos sociais, bem como, o acesso as outras formas de Capital Cultural. O quadro, abaixo, especifica a caracterização do Capital Cultural e a percepção no contexto de pobreza pela autora desta tese em consonância com Bourdieu (1979b):

**Quadro 1 - Caracterização do Capital Cultural na Pobreza**

Capital Cultural e suas dimensões	Caracterização	Situação de Pobreza
Incorporado	Modo de ser dos indivíduos e suas formas de internalizar o que se vê, o que se aprende no seu contexto de vida. Aquisição constante durante a vida e que pode sofrer mutações e adaptações que perpassam pelos interesses e oportunidades nas estruturas de capitais.	<p>Modos atrelados às formas de se comportar e relacionar, considerados por outras classes como simples e humildes. Formas de dominação e de estigmas a serem superados e enfrentados.</p> <p>Maneiras de vestir, falar e comer conforme as condições econômicas. No seu contexto de vida é o “jeito de ser” e nesse espaço, cada gesto e ação representa o seu habitat e mais privilegia a solidariedade, a confiança e o respeito nas práticas cotidianas familiares e sociais.</p> <p>A humildade e a simplicidade são estratégias de mobilização para acessar novos recursos e oportunidades.</p>
Institucionalizado	Aquisição durante a vida pelo interesse, dedicação, frequência e cumprimento de vida escolar. A formação se comprova pelos diplomas de ins-	<p>Meio concebido como necessário para se ter melhores condições de vida, todavia nem sempre de fácil acesso.</p> <p>Condições econômicas deficitárias que requerem a opção entre estudar ou trabalhar para comer. Como estratégia, a busca para conciliar</p>

	tituições de ensino educacional. Tais diplomas são merecedores de valor convencional e meios para ter melhores oportunidades econômicas e simbólicas.	trabalho e estudo aproveitando o tempo.  Necessidade de vencer estigmas de difícil aprendizagem, inferioridade e humilhação no ambiente escolar, como por exemplo, ser taxado de “burro”.
Objetivado	Concretização em bens quer pela posse ou consumo de objetos culturais, como: obras de arte, instrumentos musicais, livros, equipamentos, etc. Formas de se apresentar mediante objetos que representam a distinção de cultura do indivíduo.	Difícil conversão material objetivada das habilidades natas para aparição social. Mobilização de formas de criação dos próprios objetos – estratégia de criação. Essas podem se tornarem diferenciais e valorizadas por meio de capitais sociais. Todavia, requerem oportunidades.  Busca por um Capital Cultural Objetivado não material de forma simbólica, evidenciando ou incorporando novos modos de pensar, agir, vestir e se expressar perante o social. Esse vai pertencer somente ao indivíduo e não é transferível como o capital objetivado materialmente (posse e direitos a bens).

**Fonte: Elaborada pela autora.**

Após o conhecimento das tipologias dos capitais culturais, evidencia-se a síntese desse tópico. Optou-se pelas considerações dos estudos de Cunha (2007) ao citar Almeida (2007) e Bourdieu (2011b) no que se refere a operacionalidade do Capital Cultural. Essa possui como exigibilidade elementos que atribuam a valorização, o pertencimento e a legitimidade da cultura de um grupo por meio de indicadores que possam ser validados por certificação ou não, logo, indicadores que nos parecem ocultos na realidade dos campos sociais, entre eles, a situação de pobreza e suas práticas de viver ou sobreviver.

Tais práticas em constante mutação incluem a conversão do Capital Econômico em Cultural e do Cultural em Econômico para se transformarem em Capital Simbólico. Porém, na intermediação dessa e para essa conversão há necessidade de mecanismos institucionais. Sendo que, a lógica da transmissão do Capital Cultural depende da efetividade e eficácia ideológica dos seus detentores. Fundamental se torna as condições do ambiente em que se vive, o tempo de aquisição e a conversão material econômica para melhores condições de vida. Sendo que no âmbito do Capital Cultural, a primeira rede de transmissão, apoio, interesse e motivação

é a transmissão geracional pela família e depois as demais formas de socialização (Bourdieu, 2007b).

Conforme Bourdieu (1985) e Wacquant (1998), a conversão e reconversão são estratégias de grupos para a manutenção da posição no espaço social. De forma dual, representam as lutas entre grupos em prol de interesses que envolvam a hierarquia dos capitais, ou seja, o poder e as redes de relações.

### *2.2.5 Capital Social: relações na distinção e promoção (ou não) das capacidades individuais*

As formas relacionais se realizam por meio do Capital Social, cuja compreensão perpassa pela assimilação da noção de capital. Entende-se por esse qualquer recurso com potencialidades de trazer benefícios e estão presentes no campo social. O principal objetivo do capital, na vertente econômica, é a obtenção de lucros decorrentes da exploração e produção de atividade. Essa é a visão mais conhecida e disseminada entre as pessoas. Existem outras dimensões não econômicas para o termo capital. Uma delas é o conceito de capital que Bourdieu (1985) destacou com cerne nas relações – Capital Social. O autor afirma que a quantidade e a estrutura dos tipos de capitais e sua posse define a posição do indivíduo no espaço social. Sendo que o Capital Social é meio essencial para possibilitar oportunidades de capacitação e desenvolvimento das pessoas.

Bourdieu (1989b) conceitua o Capital Social como o agregado de recursos atuais ou potenciais. Seu objetivo é fornecer a cada participante o apoio de um capital coletivo. O conceito de Capital Social se insere em diversas abordagens teóricas, sendo os mais próximos à linha de Bourdieu as definições de Coleman (1988) e Putnam (2000). Justifica-se a escolha desses autores, devido haver convergência quanto às propriedades da estrutura social que realizam a ação social por meio do acesso às relações (Wacquant, 1998).

Por conseguinte, o Capital Social é o somatório dos recursos, reais ou intangíveis, que se acumulam durante um tempo no indivíduo, nos grupos ou nas instituições: “uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo e reconhecimento.” (Bourdieu, 1986, p. 248).

Nas concepções de Wacquant (1998), o Capital Social pode ser formal ou informal, sendo que eles impactam as capacidades, as oportunidades e as estratégias de um indivíduo. Esses fatores, na abordagem de Bourdieu, possuem correlação com a eficácia dos demais capitais. Além disso, as alterações na estrutura da distribuição dos tipos e subtipos de capital requerem instrumentos para a conversão de um tipo a outro tipo envolvendo custos para a

reconversão ao longo do tempo e refletindo nas mudanças de posições e padrões sociais. Nesse contexto, existem as relações e seus elos, por exemplo as redes sociais e institucionais como as famílias, as escolas, a religião e os mercados de trabalho. Tais ambientes são espaços sociais de aquisição, negociação, disputas e conflitos (Bourdieu, 1996; Wacquant, 1998).

### *2.2.6 Capital Simbólico: resultado da eficácia dos capitais econômico, cultural e social*

O Capital Simbólico é o resultado da eficácia dos capitais econômico, cultural e social. A ele atribui-se também o nome de distinção, que se refere a qualquer tipo de capital, e vai depender da percepção dos agentes em relação as resultantes da incorporação da estrutura da distribuição de capitais e sua obviedade.

As distinções, como transfigurações simbólicas das diferenças que incluem níveis, ordens, graus ou quaisquer outras hierarquias simbólicas, são produto da incorporação das estruturas de capitais. Pode-se afirmar que são a apreensão do mundo comum como algo evidente, natural e resultado da coincidência quase perfeita das estruturas objetivas e incorporadas que conduz ao comum (Bourdieu, 1989a).

A tradição idealista como consensus permite definir a objetividade pela concordância das subjetividades estruturantes (sistemas simbólicos – arte, religião, língua) como estruturas estruturantes. Dessa forma, esclarece Bourdieu:

Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível as inteligências (Bourdieu, 1989a, p. 8).

Portanto, o poder simbólico reside nos sistemas simbólicos numa relação determinada entre os que exercem o poder e os que aderem ao mesmo. Os símbolos do poder são Capital Simbólico objetivado atrelado a sua eficácia nas mesmas condições (Bourdieu, 1996). O poder simbólico se incorpora no Capital Simbólico, porque as relações de forças objetivas tendem a reproduzir-se nas relações de forças simbólicas, nas visões do mundo social que contribuem para garantir a permanência dessas relações de forças. Nesse contexto encontra-se a utilização do poder simbólico. Um poder invisível exercido com a cumplicidade de um grupo a que lhe estão sujeitos ou que o exercem (Bourdieu, 1989a).

Bourdieu (2013, 2014), em sua proposta de pesquisa a partir do campo, faz o elo desse poder simbólico que existe no campo científico. O autor declarou que é necessária uma operação científica que considere as formas objetivadas como os agentes sociais apresentam na realidade com suas propriedades. E nessa vertente existem as propriedades materiais (exemplo o corpo) que são mensuráveis como qualquer outro objeto.

A outra propriedade é simbólica e proveniente das relações entre os indivíduos e suas percepções, requerendo interpretações. São, no geral, intangíveis. Portanto, escrever sobre Capital Simbólico é incluir essa segunda vertente nas pesquisas da sociologia, e considerar que esse capital é distintivo e deriva dos demais capitais, todavia, podem se atrelar apenas em símbolos valorativos conforme os grupos e classes sociais e meio objetivado de poder. Esse capital, portanto, depende das relações e suas percepções.

### *2.2.7 Habitus individuais e classes: abordagem da distinção e grupos sociais*

A noção de *habitus* exprime a estrutura do elo entre a consciência e o inconsciente nas ações individuais ou de grupos sociais, sendo a mesma incorporada nos modos de ser. A denominação de grupos sociais é uma corrente de compreensão da classe social que transcende a classificação teórica baseada na renda para uma inclusão dos aspectos culturais e simbólicos (Bourdieu, 1989a).

O conceito de *habitus* possui uma gênese filosófica antiga, estando presente inicialmente no pensamento aristotélico e depois na doutrina escolástica. Após 1960, a noção de *habitus* recebeu uma nova modelagem conceitual por Bourdieu. Sua intenção em revivenciar e inovar o *habitus* foi ao encontro da criação de uma Teoria Disposicional da Ação, conforme já mencionado nessa tese. Essa teoria teria a capacidade de reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes (Bourdieu, 2004; Wacquant, 2004).

O cerne da noção de *habitus*, nos estudos de Bourdieu, reside na construção da **economia das práticas**. Conforme Bourdieu (2011b) e Wacquant (2004) essa economia generalizada deve ser capaz de aprisionar a economia pluralizada por categorias como de capital, poder, racionalidade, interesse, ganho e mercado. Assim, buscou-se a especificação das condições sociais de urgência nos jogos dos atores econômicos e dos sistemas de trocas simbólicas. A partir dessas condições e dos jogos de interesse, dominação e poder os *habitus* vão se incorporando aos atores individuais para atender aos *habitus* coletivos ou institucionais que se inserem nas distintas classes sociais. Pereira (2016) conceitua essas classes com ênfase nas relações objetivas e subjetivas com seus aspectos endógenos e exógenos:

[...] uma fração de classe é definida não somente pela sua posição nas relações de produção tal como pode ser captada através de índices como a profissão, os rendimentos, ou mesmo o nível de instrução, mas também por uma certa proporção sexual, uma distribuição determinada no espaço geográfico (que nunca é neutro socialmente) e por todo um conjunto de características auxiliares que, a título de exigências tácitas, podem funcionar como princípios de seleção ou de exclusão reais sem nunca serem formalmente enunciados. (p. 216).

A esse respeito, recorreu-se ao contexto da teoria marxista das classes, cuja uma das insuficiências está na falta de explicação dos conjuntos das diferenças objetivas da realidade. Essa teoria concebe o seu reducionismo do mundo social ao campo econômico, portanto a sua falta de explicação do conjunto das diferenças objetivas e provadas na realidade, cujas posições sociais acontecem somente pelo econômico, ignorando o campo cultural e os aspectos da subjetividade (Bourdieu, 1989b).

Em conformidade com Pereira (2016) tem-se nas classes os *habitus* como estruturas e estruturantes, visto que funcionam como sistema de produção de práticas e como sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas, exprimindo o local ocupado pela posição social segundo Perrot e Bourdieu (2003). Portanto, defende-se que *habitus* é um princípio operador que considera a interação entre os sistemas relacionais das estruturas objetivas e das práticas. “Ele complementa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas.” (Bourdieu, 2011a, p. 51).

Wacquant (2014) corrobora com Pereira (2016) afirmando que: “A abordagem de Bourdieu sobre a classe incorpora a sua incansável concepção relacional de vida social. Para o autor da Distinção, tal como para Marx e Durkheim, a matéria da realidade social, a base da heterogeneidade e da desigualdade consistem nas relações.” (p. 145).

Nessa ênfase relacional Bourdieu criou seus conceitos operacionais que Wacquant (1992) explica como *modus* operacional, tendo como primogênito os *habitus*. Para os autores, *habitus* é um sistema de disposições abertas, mutáveis, duráveis e transferíveis. São estruturas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes. Isto significa que, referem a uma matriz de percepção, apreciação e ação dos indivíduos que os constroem no passado de forma a ter uma interiorização do social no presente. Dessa forma, tem-se a contribuição para a constituição de um campo específico ao produzir agentes capazes de atribuir sentidos e valores para as disputas, interesses e conflitos no interior da diversidade do espaço social.

Isto posto, o que se torna essencial compreender nesse tópico são as relações entre as classes ou grupos e a lógica do campo; local onde há geração em função de *habitus* sociais

coletivos. Isso se explica nos fatores endógenos e exógenos que interferem nas relações. Dessa forma, a razão e a razão de ser do indivíduo ou de uma instituição e dos seus efeitos sociais não dependem da vontade individual ou de um grupo, mas sim do campo de forças antagonistas ou complementares no qual, em função dos interesses associados às diferentes posições e dos *habitus* dos seus ocupantes, se geram as vontades e se definem a luta da realidade institucional e dos efeitos sociais (Bourdieu, 1989b).

*Habitus*, segundo Bourdieu (1980-1990), é uma noção mediadora presente no contexto social:

É aquilo que confere às práticas a sua relativa autonomia no que diz respeito às determinações externas do presente imediato. Esta autonomia é a do passado, ordenado e atuante, que, funcionando como capital acumulado, produz história na base da história e assim assegura que a permanência no interior da mudança faça do agente individual um mundo no interior do mundo. (p. 56).

Toda essa contextualização das noções de *habitus*, sua gênese, as classes e os grupos sociais que sofrem e recebem distinção remetem para uma síntese reflexiva da realidade. Bourdieu ampliou a noção de *habitus* inserindo a mesma no contexto de classes e grupos sociais. Enfatizou a relevância das relações entre propriedades sociais distintas em um espaço social, cujas posições dos atores dependem da acumulação e distribuição da estrutura de capital, em especial o cerne do Capital Econômico e em seguida do Capital Cultural, cuja evolução (ou não) estão atreladas ao tempo e as práticas individuais ou sociais (Bourdieu, 1979a, Pereira, 2016).

Pinto e Pereira (2007) explicam que criaram para suas pesquisas sobre os *habitus* da comunidade de Vitória (bairro do Porto) uma matriz local de *habitus* que identificasse algumas práticas de vida. Essa matriz objetivava “ao conjunto de geradores de um conhecimento prático sobre princípios práticos a partir dos quais os agentes produzem e atribuem sentido e orientam a ação.” (p.12). Essa assertiva permite a inclusão do conhecimento dos ativos na situação de pobreza.

### **2.3 Teoria dos Ativos de Moser**

O estudo dos ativos envolve diversas ciências que têm como objeto de estudo o patrimônio das entidades, ou melhor, dos agentes sociais. Na concepção da Administração, da Contabilidade e da Economia, o ativo é o elemento positivo de todo e qualquer patrimônio. Caracteriza-se como sendo bem ou direito e deve trazer benefícios presentes ou futuros (Sá,

1999). Esta tese não tem como objetivo discutir as ambivalências conceituais do termo ativo, mas explicitar a abordagem sociológica de Moser (1996, 1998) para corroborar com a Teoria dos Capitais de Bourdieu, no que tange aos elementos específicos dos capitais.

A Teoria dos Ativos explicita que os ativos, de forma genérica, são conceituados como recursos (Moser, 1996). E esses são os capitais que permitem melhores condições de vida para as pessoas, satisfazendo suas necessidades. Para tanto, eles têm que ser utilizados de forma a propiciar benefícios presentes ou futuros, o que significa que devem ter eficácia (Bourdieu, 1980b, 2011b; Sá, 1999; Souza, 2012).

Diversos fatores influenciam na aquisição e incorporação dos ativos, e para sua efetividade precisam ser observados, construídos e gerenciados no interior da estrutura de capitais (econômico, cultural, social e simbólico) (Souza, 2012). A proporcionalidade de cada elemento do ativo é um parâmetro para a distinção entre as classes e grupos sociais (Bourdieu, 1989a). Por exemplo, uma pessoa pode ter mais Capital Econômico do que Capital Cultural, ou ao contrário. Essa quantidade é fator diferencial entre os que possuem, de forma que se tornam representações e símbolos para a inclusão e permanência em uma classe social. Uma necessidade de pertencimento e reconhecimento das pessoas no cotidiano social.

A identificação da tipologia dos capitais de Bourdieu vai ao encontro dos estudos de Moser (1996, 1998) e sua Teoria dos Ativos. A conceitualização é que esses ativos são conhecidos como recursos tangíveis e intangíveis e são identificados como capitais na sociologia do conhecimento proposta por Bourdieu. Uma sociologia que aplica a metodologia de observação empírica do campo, através da qual esse sociólogo elaborou a Teoria dos Capitais. Surgiu da realidade de fatores econômicos, políticos, culturais e sociais que influenciaram o modo de vida das comunidades pesquisadas por ele.

Nessa elaboração, a Teoria de Moser pode contribuir com a identificação de alguns elementos (subcategorias) para cada tipo de capital. Os ativos de Moser são encontrados na literatura das políticas públicas como ativos sociais. Seu surgimento se deu na década de 1990. Em seus estudos, Bronzo (2005, 2009) corrobora com Moser ao relacionar a ausência de ativos com a insegurança na situação de pobreza. A autora advoga que a proteção das famílias em situação de pobreza vai ao encontro dos recursos específicos para o enfrentamento de situações de vulnerabilidade. A esses recursos atribui-se o nome de ativos.

Portanto, os ativos são os tipos de recursos ou capitais que as pessoas possuem, utilizam e podem acessar como estratégias de resposta aos eventos de risco (Bronzo, 2009). Existe, assim, uma relação entre os riscos das vulnerabilidades sociais e a forma de utilização e acesso dos recursos pelas pessoas em situação de pobreza. Isso, significa que os capitais precisam ser

trabalhados nesse domínio da vida social.

As pessoas que ocupam as posições mais fragilizadas das classes sociais necessitam de oportunidades para que possam acumular e converter capitais, como por exemplo: a força de trabalho e talentos inatos (Capital Cultural) em dinheiro (Capital Econômico) e desse para o bem estar em saúde e moradia digna (Capital Simbólico), em paralelo do Capital Econômico para o desenvolvimento das capacidades (Capital Cultural).

Nesse patamar, a variação de capitais (ativos; recursos) está relacionada com a perspectiva teórica do enfoque da vulnerabilidade. No entanto, não existe consenso sobre a hierarquia dos capitais (ativos). Quais devem ser reconhecidos como sendo primogênicos, centrais ou prioritários. A percepção é da necessidade de se ter todos os capitais em constante giro. Bronzo (2009) mencionou à tipologia de Moser, para a qual os elementos dos ativos são: “o trabalho, o capital humano, a moradia, as relações familiares e o Capital Social. Porém, advertiu que outras abordagens consideram como ativos o capital natural, o físico, o humano, o financeiro e o social.” (p. 404).

A socióloga Moser (1996, 1998), através do Banco Mundial, realizou um estudo comparativo a respeito da modalidade com a qual quatro comunidades pobres, em quatro diferentes continentes, reagiram à crise econômica dos anos de 1980. A pesquisadora concluiu que, para analisar uma comunidade, é relevante identificar as ameaças e as capacidades de adaptação, de aproveitamento das oportunidades e de resistência aos efeitos negativos das mudanças do ambiente exógeno. Além disso, afirmou que os meios para a resistência são os recursos que os indivíduos, as famílias e as comunidades podem utilizar para enfrentarem suas necessidades. Concebeu a existência do vínculo da vulnerabilidade com a posse desses capitais (ativos). Esclareceu que “quanto maior são os bens e a corrosão deles, maior será a insegurança.” (Moser, 1996, p. 2).

Os estudos dos ativos de Moser (1996) devem ser compreendidos na vertente de recursos materiais limitados e recursos intangíveis. Essas vertentes encontram-se no Capital Simbólico e está relacionado à acumulação de prestígio e reconhecimento social pelos agentes. A pessoa preserva sob seu domínio os recursos considerados essenciais num determinado campo. Assim, pode ser considerado um resultado da eficácia dos capitais econômicos e culturais que são reconhecidos e legitimados em um espaço social (Bourdieu, 1980b, 1986, 1989a). Necessária é a busca do significado de vida pelo homem. Esse, quando positivo, o possibilita a ser um agente capaz de efetivar suas ações, potencialidades e talentos (Moser, 1996).

Nessa tríade, tem-se os recursos tangíveis e intangíveis como inversamente proporcionais à situação de vulnerabilidade das comunidades pobres. Além disso, o fortalecimento dos capitais pode auxiliar o enfrentamento e a redução das vulnerabilidades. Segundo Moser (1996), as estratégias para o enfrentamento da situação da pobreza não são simples, tampouco evidentes. A autora frisou a necessidade de compreensão de como se configuram e potencializam os ativos (capitais) existentes na realidade das pessoas ou das comunidades. Os elementos das categorias de capitais são:

- a) O trabalho: considerado o maior recurso ou patrimônio do pobre. Recebe diversas influências do mercado laboral, que vão de aspectos econômicos até políticas trabalhistas e fragilização das relações do trabalho. O desemprego causa a vulnerabilidade social, visto que a principal fonte garantida de renda para os indivíduos em situação de pobreza é o trabalho.
- b) Infraestrutura social e econômica: envolve as condições que interferem no bem-estar físico e mental dos indivíduos. Está presente no saneamento, no abastecimento de água, transporte, eletricidade, coleta seletiva de lixo, educação e saúde. Assim, a infraestrutura urbana tem uma relação proporcional com as capacidades dos indivíduos; melhor infraestrutura permite maior desenvolvimento de capacidade pessoal, uma maior participação no exercício de cidadania.
- c) Moradia: bem material que para os indivíduos em situação de pobreza representa um importante recurso, o “ter uma casa” é algo que enobrece a pessoa, tanto economicamente quanto ao valor simbólico auferido pela posse. Os pontos positivos da propriedade estão relacionados com a proteção da família perante uma pobreza aguda, o fortalecimento dos laços sociais exógenos e o apoio da rede de solidariedade.
- d) Rede de apoio familiar: um recurso endógeno e primordial para a sobrevivência diante da vulnerabilidade social. Consideram-se essas redes atingidas pelas condições exógenas suportando os seus efeitos. Esses interferem nas formas geracionais do modo de agir e pensar e afetam as relações no ambiente da primeira célula social; a família. Como exemplo das condições exógenas, citamos os seguintes fatores: desemprego, dificuldades financeiras, conflitos familiares, ampliação da família por nascimentos ou novos agregados, redução familiar por falecimentos ou saídas de membros, necessidade especial para doentes, idosos, crianças e pessoas com necessidades especiais. Todas requerem o apoio familiar e a solidariedade entre os seus membros.
- e) Capital Social: esse é de máxima relevância para ampliação das capacidades dos indivíduos, mas que requer boas relações e disciplinas de controles e até mesmo

aceitação de subordinação aos padrões sociais. Compreende as normas, a confiança e as redes de reciprocidade. A relevância do Capital Social tem relação com a facilitação da cooperação, a geração de benefícios mútuos comunitários e a redução da vulnerabilidade.

Katzman e Filgueira (1999) argumentam a necessidade da identificação dos ativos das pessoas em situação de pobreza para enfrentar as vulnerabilidades e a criação de uma estrutura de oportunidades que permita a sustentação desses ativos. As oportunidades envolveriam as probabilidades de acesso a bens, serviços ou atividades que influenciam o bem-estar das famílias e facilitam a utilização de recursos próprios ou forneçam novos recursos com características de utilidade para a mobilidade e integração do Capital Social (Katzman, 2000). Portanto, abrange os elementos das redes de apoio familiar e da infraestrutura econômica de Moser, bem como, do Capital Social de Bourdieu.

O Capital Social refere às normas, às instituições e à confiança. Para os grupos mais vulneráveis, o Capital Social promove a entrada de um conjunto de ativos familiares e pode viabilizar a utilização mais produtiva de outras formas e acumulação de capital. Essa concepção de Capital Social vai ao encontro das afirmações de Moser (1996).

Devido às terminologias semelhantes do termo recursos, para representar o que os pobres têm ou podem utilizar e acessar, esta tese defende o termo capital da abordagem sociológica de Bourdieu em consonância com Moser (1996): os recursos das pessoas em situação de pobreza podem se encontrar e ser mobilizados (ou não) na estrutura de oportunidades.

Em síntese, os recursos são as fontes dos capitais que, sendo utilizadas e trazendo benefícios aos seus usuários, transformam em ativos. Portanto, os capitais serão ativos somente se forem utilizados, ou seja, se tiverem utilidade e potencialidade de benefícios. Estão em congruência, nessa visão, a Teoria dos Capitais de Bourdieu e a Teoria dos Ativos de Moser (1996, 1998). Ambas dependem de uma estrutura de oportunidades que deve ser parte das políticas sociais.

O Quadro 2 apresenta a tabela periódica de capitais, estruturada com base nas concepções de Bourdieu (1980, 1989a, 2011b) e Moser (1996):

**Quadro 2 - Tabela periódica da relação entre os Capitais de Bourdieu e Moser**

Período 1		Período 2	Período 3
Teoria de Capitais Bourdieu (TCB)		Teoria dos Ativos Moser (TAM)	Caracterização da congruência TCB e TAM
Capital Econômico	CE	Trabalho	CE Trabalho, moradia (TAM) Capital Econômico (bens materiais e sua posse e fluxo) (TCB)
Capital Cultural	CC	Infraestrutura social e econômica	CC Rede de apoio familiar e Capital Social como elementos do CC (TAM)
Capital Social	CS	Moradia	CS Infraestrutura social e econômica (TAM) Rede de apoio familiar (TAM) Capital Social (TAM)
Capital Simbólico	CSb	Rede de apoio familiar	CSb Trabalho: fonte econômica (TAM) Moradia: proteção (TAM) Infraestrutura Social e econômica: oportunidades para melhores condições de vida. Rede de apoio familiar: fonte primária de apoio do desenvolvimento das capacidades e de solidariedade. Capital Social: relações com o ambiente exógeno para ampliação de oportunidades.
		Capital Social (CSm)	
Base de sustentação para estrutura de oportunidades: Políticas Sociais – Capacitar para Libertar.			

**Fonte: Elaborada pela autora.**

Através do Quadro 2, verifica-se que as políticas sociais devem ter como base uma estrutura de oportunidades com alicerces nas Teorias dos Capitais de Bourdieu e dos Ativos de Moser. A tabela demonstra o período 1 (categorias de capitais), o período 2 (subcategorias de ativos, ou seja, elementos dos capitais) e o período 3 que é o relacional (caracterização de categoriais e subcategorias).

Os períodos 1 e 2 são congruentes, mas a efetivação deles não depende somente das pessoas e do seu ambiente endógeno (família). Há uma dependência relacional de cada ser com o ambiente exógeno e com os fatores tempo, objetos e espaços. Nesse patamar, o lado esquerdo da figura representa os Capitais de Bourdieu como dimensão macro (sintética). O meio demonstra os ativos de Moser de dimensão micro (analítica) especificando os elementos. O lado

direito resulta da análise de congruência dos lados anteriores. O último quadrante, da direita, inclui todos os ativos detalhados por Moser, os quais são ou deveriam ser convertidos em Capital Simbólico. São dimensões que requerem investimentos das políticas sociais nas oportunidades locais, isto é, devem priorizar o contexto dos municípios: local onde vivem as pessoas. Todavia, não devem depender das variáveis macroeconômicas e políticas governamentais estaduais e nacionais. A finalidade da base política com vertentes nos capitais seria capacitar as pessoas para libertá-las das condições de pobreza. No Brasil, essa ilusória libertação deriva da inserção das pessoas em situação de pobreza na denominada Nova Classe Média, quando elas conseguem através do trabalho melhores condições econômicas.

## **2.4 O simulacro da pobreza no Brasil: estudos de Jessé Souza com ênfase nos Capitais de Bourdieu**

### *2.4.1 Pobreza e o simulacro da Nova Classe Média Brasileira*

Os estudos de pobreza no Brasil e no cenário internacional possuem múltiplas abordagens, tendo, em geral, a renda como principal causa de segregação das condições de vida. Concepções políticas, econômicas e sociológicas abordam conceitos, ora com visões críticas favoráveis ou desfavoráveis em relação ao fator renda. Dessa forma, não há consenso unívoco da base de definição da pobreza e tão pouco do sujeito e da sua culpabilidade.

O objetivo deste tópico é identificar a abordagem de Jessé Souza sobre a pobreza do Brasil diante do simulacro da NCM, tendo como centralidade os capitais de Bourdieu, as pessoas e suas identidades de atores ativos. As pessoas da situação de pobreza precisam de oportunidades em relação aos seus capitais tangíveis e intangíveis (Souza, 2012). Nosso pressuposto é a compreensibilidade do contexto local desses atores, no qual as práticas caracterizam o cotidiano das pessoas em situação de pobreza. Portanto, trata-se de um campo social com sua própria cultura: disposições, *habitus* e dinâmica do modo de vida. Essas categorias são provenientes das obras de Bourdieu e essenciais para a compreensão da situação de pobreza no Brasil.

As pobrezas no Brasil são múltiplas e teoricamente diminuiram nos últimos anos devido a ascensão de algumas pessoas à nova classe média. Segundo Souza (2012), as “pessoas da suposta NCM brasileira pertencem a um grupo de “batalhadores” com gênese na classe mais pobre, conhecida de forma pejorativa como “Ralé Brasileira.” (p. 10). Essa é constituída pelas

peças que estão abaixo dos princípios de dignidade, expressivismo e que são mal remuneradas e exploradas para serviços precários.

Numa visão pré-concebida, a classe Ralé é constituída por famílias desestruturadas. No geral, elas são conduzidas pela mãe que divide seu tempo no lar e no trabalho. A mulher, na maioria das vezes, sozinha, busca combinar trabalho ocasional e instável com a criação dos filhos para suprir as necessidades imediatas e básicas (Souza, 2012). A assertiva enfatiza a característica principal da Ralé que é a estratégia de transformar necessidade em virtude. Essa forma é utilizada para representar o agir, o pensar e o sentir. As pessoas desse grupo devem buscar a mudança de sujeito passivo para ativo.

Essa consciência de afirmação e valorização requer condições cognitivas e psicossociais; atributos considerados ausentes em muitos membros da ralé por questões de contexto e aspectos geracionais que se manifestam pelas relações (Souza, 2009, 2012). Nessas dimensões, Souza (2009) advoga a ausência da construção sociocultural na situação de pobreza. Indaga a respeito da dominação social moderna nas precondições sociais e a ausência de uma verdadeira meritocracia. Essa tende ao favorecimento do acesso à cultura para as classes mais favorecidas e de melhor Capital Econômico.

A ausência dos capitais leva a uma vida em condições precárias, sem as pessoas se darem conta de que são invisíveis nos sistemas econômicos, políticos e culturais. Tal aceitação conduz às generalizações de que as classes pobres são marginalizadas e culpadas da própria exclusão e miséria. Se todas as classes sociais possuem os mesmos recursos sociais, então a marginalidade e a pobreza só podem ser culpadas devido a própria preguiça, burrice e arcaísmo dos marginalizados, levando à invisibilidade da classe baixa e aumento de seus estigmas; critica Souza (2009).

Conforme Souza (2012), a NCM não é uma classe, e sim um grupo de trabalhadores proveniente do capitalismo neoliberal, no qual a produção flexível foi a grande responsável pelo desemprego estrutural. O autor adiciona dimensões importantes á análise da suposta classe média que foi baseada na renda. Para o autor, o Capital Social e cultural são dimensões ausentes ou precárias para os trabalhadores batalhadores da Classe C e para os da ralé (classe mais empobrecida da sociedade). Nessa classe, encontram-se as pessoas que carecem de relações sociais, de tempo para estudar, de competências sociais e capacidades, como disciplina e autocontrole. Atributos indispensáveis para ser bem-sucedido no capitalismo moderno e até de uma autopercepção como dignos e portadores de direitos (Souza, 2012). Essas características se enquadram nas concepções de Capital Cultural e Capital Simbólico de Bourdieu (1979a, 1979b, 1986).

Segundo a crítica de Souza (2012), há um discurso economicista na divulgação da existência de uma nova classe de emergentes brasileiros, com imagem de um mercado (neo) liberal. A Nova Classe Média se define como uma classe com pequena incorporação de capitais da sociedade moderna. Os principais capitais que acessam são os econômicos e faltam a eles os capitais culturais e sociais (Souza, 2012). A visão de Souza, também, insere o Capital Social de Bourdieu (1986, 2011a). Portanto, podemos de forma positiva considerar que o autor utilizou as abordagens sociológicas de Bourdieu em seus estudos. Mas, Souza nos conduziu para uma percepção que suas pesquisas possuem características esboçadas de conceitos discriminatórios e tradicionais.

O grupo de trabalhadores/batalhadores, a que Souza se refere, desenvolve disposições para o comportamento, que permitem a articulação da tríade disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo. O que o caracteriza é a sua inclusão subordinada no processo histórico de acumulação do capitalismo. “O trabalhador, ao contrário da ralé e de todos os setores desclassificados e marginalizados, é reconhecido como membro útil à sociedade. Ele pode criar uma trajetória de sucesso pessoal e enfrentar a pobreza.” (Souza, 2012, p. 55).

O livro (Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?) segregou a classe dos batalhadores em trabalhadores e empreendedores. Os primeiros se caracterizam pela presença de disposições primárias, como: ter origem familiar estruturada, presença dos pais na infância, ausência de necessidade material imediata; disposição para o trabalho esforçado e honesto, zelo pelo significado de dignidade; demonstração de disposições econômicas básicas para cálculo e administração de forma primária.

Os elementos diferenciais do batalhador empreendedor são denominados de disposições secundárias. Exemplos são a disposição e cálculo para autossuperação e disposição para chefia e liderança (Souza, 2012). Nesse contexto, a pobreza refere às condições que vivem a ralé brasileira, da qual surgiu a farsante Nova Classe Média.

Segundo os estudos de Souza (2009, 2012), a sociedade brasileira é estratificada por classes sociais teóricas, definidas pela renda e pela capacidade diferencial de incorporação de disposições e de conhecimento. Essa observação está inserida na abordagem sociológica: “não é a renda, mas os *habitus* um fator de divisão social.” (Souza, 2009, p. 335). Bourdieu (2006) explica que *habitus* referem a um conjunto de disposições para a ação e é adquirido como aprendizado espontâneo e inconsciente desde a infância.

Utilizando o contexto dos *habitus*, o livro de Souza (A ralé brasileira: quem é e como vive) retrata a realidade da pobreza segundo as pessoas que a vivenciam. A pobreza foi definida com centralidade no dinheiro (Capital Econômico Disponível) para as necessidades imediatas

e sem preocupação com futuro. A renda foi considerada como a causa de condições materiais precárias e morais. As pessoas lutam pelos fatores de cultura no eixo da formação escolar e visam superar ou minimizar a situação de pobreza.

A ascensão de alguns atores da ralé não pode ser generalizada como solução de sucesso para a saída da pobreza. Muitos permanecem ou retornam para a situação de pobreza e suas trajetórias são marcadas pela dominação das forças econômicas, políticas, sociais, culturais e ambientais. Essa rede de dominação direciona e restringe o acesso a estrutura de capitais proposta por Bourdieu. A ralé é uma classe marcada pela ausência, exploração, dificuldades ou restrição da incorporação dos capitais (Souza, 2009).

Souza (2009) afirmou a exploração da ralé por outras classes dominantes. Essas necessitam e compram os serviços das pessoas da ralé. Esse tipo de trabalho caracteriza como incerto, precário, mal remunerado e desvalorizado marcando a vida e o comportamento do prestador de serviço e de sua família.

A estratégia de vida da ralé, diante da incerteza do capital trabalho, pode ser concebida como prática do imediatismo. A prioridade é satisfazer as necessidades primárias de sobrevivência. Como consequência tem-se a dificuldade de pensar a médio e longo prazo, prevalecendo o jogo das iniciativas subjetivas e imediatas. Essas são essenciais para vencer as dificuldades de um dia após o outro e dificulta a acumulação de capitais (Souza, 2009).

O campo dos capitais na situação da pobreza vincula-se, de forma especial, ao Capital Cultural. Muitas vezes, esse tipo de capital é limitado às habilidades inatas, como por exemplo ter dom para a culinária, cantar, tocar instrumentos, lutar, dançar, serviços artesanais e pesados. O Capital Cultural deriva da possibilidade de incorporação e utilização do conhecimento útil, bem como das relações sociais para o seu reconhecimento. Ele é marca do sucesso e do fracasso social de todas as classes sociais e de todos os indivíduos. No geral, existe a dificuldade de transferência de Capital Cultural para o econômico, e desse para os demais capitais nas situações de pobreza (Souza, 2012). Essa (re) conversão entre os capitais foi estudada por Bourdieu (1966, 1980a, 2007a, 1979a, 1979b).

#### *2.4.2 Concepções teóricas sobre a abordagem de Jessé Souza*

Não há consenso para a visão de Souza sobre a pobreza e a NCM do Brasil. Alguns autores economicistas defendem e acreditam que houve no Brasil uma diminuição da pobreza e o aparecimento de uma NCM. Essa foi responsável pelo fortalecimento do mercado interno, dinamismo econômico e pelo desenvolvimento do novo capitalismo brasileiro (Neri, 2017).

Contrário à Souza (2009, 2012), Neri (2011) defende que a NCM é constituída por pessoas que aumentaram seus consumos e suas rendas. Logo, elas possuem melhores condições de vida. Para Pochmann (2012), a “Nova Classe Média se destaca na elevação de índices de mão de obra que migraram do setor primário para o setor terciário nos últimos anos.” (p. 69).

A caracterização da NCM perpassa por critério de renda, percepções de sustentabilidade financeira, ambições, valores e projetos de sociedade. A abordagem da NCM sustenta-se na classificação de classes econômicas segundo a categoria do consumidor e do produtor. (Neri, 2011, 2017). Souza (2012) considera que o equívoco da Nova Classe Média defendida por Neri (2011), é não considerar a transferência de valores imateriais e de seus privilégios no tempo. Entre eles, o Capital Cultural, o Capital Social e a ausência de determinados fatores que sinalizam uma violência simbólica e aprisiona as pessoas na visão financeira e materialista.

Além de Neri (2011, 2017), as perspectivas e debates da NCM são abordadas por Abramovay (2012) e Pochman (2012, 2013, 2014). Os autores discutem diversas questões, entre elas: a preocupação com educação e inserção ocupacional; análise das atitudes e expectativas das pessoas; hiato de renda, isto é, quanto de renda falta, em média, aos miseráveis para que eles consigam satisfazer suas necessidades básicas no mercado. A discussão, ainda aborda o bem-estar social e os diversos aspectos da realidade de diferentes pessoas, a questão de até que ponto os níveis de renda e de consumo serão, ou não, sustentáveis no futuro; a análise do acesso a mercados como porta de saída da pobreza como as microfinanças – microsseguros, micropoupanças e microcrédito; a evolução dos estoques de ativos das famílias com base numa visão ampla da natureza dos padrões de vida conquistados.

A NCM pode ser conceituada como sendo uma classe média emergente e ser o motor da expansão da economia, porém a sua sustentabilidade é uma incógnita no desenvolvimento econômico e social (Abramovay, 2004). A farsante Nova Classe Média é um segmento da classe trabalhadora que, sendo atomizado e individualizado pelo consumismo, torna-se politicamente inofensivo e indiferente à ação coletiva (Pochmann, 2012, 2013, 2014). É representada pelos trabalhadores em situação de pobreza que, com a remuneração do trabalho, seguem os mecanismos de dominação do capitalismo. A NCM é composta por mais pessoas empregadas, mas não necessariamente com condições adequadas e dignas de trabalho (Pochmann, 2012, 2013, 2014). O autor indaga se as pessoas da NCM seriam capazes de planejar seu futuro e sua ascensão. Assim, defende-se a visão de Souza (2009, 2012) da inexistência da NCM brasileira, visto que essa, pode ter mais Capital Econômico, mas não necessariamente Capital Cultural, simbólico e Capital Social adequado (Bourdieu, 1986, 2014).

Na defesa da existência da NCM brasileira, um quesito é a atribuição da culpa da pobreza aos próprios pobres que a vivenciam. Para Crossley (2017) a pobreza apresenta como um efeito de falhas pessoais. Souza (2009) não compartilha dessa concepção, defende a falta de oportunidade e a necessidade de Capital Cultural e social como essenciais para a mitigação da pobreza. Nessa linha, as pessoas em situação de pobreza acreditam na educação escolar como meio para sair da pobreza. Todavia, o Capital Cultural Incorporado (a educação) pode ser uma forma de dominação, distinção e de favorecimento e que as pessoas desfavorecidas não se dão conta (Bourdieu, 2007a). Essa concepção articula a dominação do homem por mecanismos distintos e simbólicos que podem aumentar a invisibilidade e os estigmas pessoais.

Carrion (2014) contribui com o aspecto da invisibilidade ao dissertar o princípio de dignidade como condição humana. Esse princípio se encontra nas pesquisas de Honneth com o objetivo de diminuir os estigmas. Habermas (2011) corrobora ao mencionar que é preciso fortalecer o eu, a autoconfiança, o sentimento de dignidade e a autoestima das pessoas em situação de pobreza, por meio de acolhimento, dedicação e apoio. Defende a ideia de Honneth de uma liberdade ética pautada numa relação solidária, participativa e cooperativa que possibilite a realização individual.

Bouzarovsk e Simcock (2017) citaram a consideração de Reid, McKee e Crawford (2015), para os quais o estigma é dependente do contexto. Por exemplo, o estigma associado à pobreza e ao subconsumo é mais predominante em sociedades com maiores desigualdades econômicas e onde as políticas públicas sugerem que os pobres são responsáveis por sua pobreza (Pickett & Wilkinson, 2012; Walker, 2014; Walker et al., 2016).

Souza (2009) explicitou a seguinte assertiva em seus estudos: “ralé, como classe do “corpo” sem conhecimento (Capital Cultural) nem dinheiro (Capital Econômico), por que ela não reage ao seu desvalor e humilhação cotidianos?” (p. 410). Entendemos que Souza refere a uma classe que apresenta atributos inatos incorporados e com dificuldades de conversão em recursos culturais e econômicos. O autor argumenta que as referidas pessoas dependem da relação social com outros agentes e de oportunidades, ou seja, carência de Capital Social.

Nesse cenário existe a denominada ética da responsabilidade do Estado com o cidadão. Essa ética teria que ir ao encontro da observância e do respeito ao “*habitus*” de cada classe social. Souza (2009) considera que “os sujeitos não agem isolados havendo uma transformação concomitante em diversas instituições no tempo e no espaço. Portanto, as classes sociais não são definidas apenas pela renda, mas por seus *habitus*, ou seja, um conjunto de pressupostos e condições para a ação social estruturados por um pertencimento prévio de classe.” (p. 107).

*Habitus* corresponde a um conjunto de características humanas socialmente adquiridas que define, em traços gerais, certo modo de conduzir a vida. Indivíduos socializados, num contexto de *habitus* primário, incorporam as formas de pensar e agir necessárias para alcançar qualificação profissional, autorrespeito e estima social (Sen, 1981; Sen, 2000).

Estigmas sociais envolvem o expressivismo, pertencimento, reconhecimento e vão ao encontro dos capitais de Bourdieu, em especial do simbólico e a caracterização relacional com os demais capitais. Nessa ênfase, tem-se o que a sociologia denomina de fontes morais. Elas estão por trás do funcionamento de dominação das sociedades modernas e da ação cotidiana de todos os indivíduos, para garantir a igualdade social e a liberdade. Cita-se, como exemplo, a dignidade do trabalho útil e a expressão do próprio corpo e personalidade (Sen, 1991).

Como explicitado nos estudos de Bourdieu (1980b, 1996, 2011a, 2011b), os dominados acabam contribuindo para a dominação da qual são vítimas, pois seu corpo (através de seus gestos) aceita, espontaneamente e por antecipação, os limites de classe impostos e sem ser preciso recorrer a qualquer justificação racional para essa atitude (Souza, 2012). Dessa forma, as pessoas estão envoltas, além da hierarquia econômica, em uma hierarquia moral, presente nas formas sociais e institucionais modernas (Sen, 1981). Moral, na situação de pobreza, pode ser a estratégia dos desfavorecidos para se sentirem valorizados diante das hostilidades nas relações. Em suas pesquisas, Souza (2009, 2012) trabalha a pobreza multidimensional que carece de oportunidades para ser mitigada. Conforme Serra (2017) a pobreza precisa ser tratada como pobreza de oportunidades, nessa vertente, a autora evidencia:

A privação de condições dignas de moradia e de educação básica limitam as oportunidades de realizações das pessoas, e essas oportunidades dependem fundamentalmente do local onde a pessoa vive. Em suma, o enfrentamento da pobreza no Brasil exige tratar da desigualdade de oportunidades, de modo que todos tenham condições de uma vida decente em sociedade, independentemente de onde vivam. (p.127).

Esse tópico permitiu a reflexão a respeito de quem são as pessoas que fazem parte da denominada Ralé e da NCM brasileira. Uma classe teórica que pode ser ilusória, passageira e dependente dos campos macro econômico e político. A pretensão do conteúdo foi demonstrar que Souza (2009, 2012) apoiou nos estudos bourdieusianos para a defesa da não existência da NCM no Brasil, e da ocultação de distintas formas de pobreza.

### 3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

#### 3.1 Percurso Metodológico

Conforme explicitamos no capítulo de introdução, seguimos a metodologia de Bourdieu (1979a) com a objetivação. Fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa. Sujeito enquanto procurávamos identificar as práticas e conhecer o contexto. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, éramos como um instrumento de receber, narrar e divulgar as práticas (Bosi, 1994).

Anterior a entrada no campo empírico, atentamos para a incorporação do caráter experimental da pesquisa como sendo um processo aberto e imprevisível que se desdobra em inesgotáveis inquietações e problemas (Corrêa & Medrado, 2016). Dessa forma, iniciamos a pesquisa empírica com as falas das pessoas em situação de Pobreza.

Após a transcrição das falas, realizamos a construção das narrativas dos participantes. São histórias que elaboramos a partir dos momentos de interação nas entrevistas, buscando apresentar ao leitor essas pessoas e suas práticas, respeitando a forma como elas quiseram ser apresentadas e elucidando suas práticas de vida como meios de viver melhor. Esse foi um momento de aproximação e familiarização com o contexto das pessoas que se caracterizou por seus relatos, sem intervenções nas suas falas e sem preocupação de intervenções analíticas teóricas. O objetivo era ouvir o campo empírico e o que ele podia evidenciar. Aplicamos a entrevista não estruturada, iniciamos com a explicação do objetivo, explicamos a questão norteadora e avisamos da duração aproximada de duas horas para as falas. Solicitamos a autorização e consentimento da gravação.

Utilizamos a questão norteadora: como elas fizeram ou fazem (mobilizam) para ter recursos (capitais) e tentar melhores condições de vida? Escolhemos o método da análise sociológica dos capitais de Bourdieu para a interpretação das falas, visto que essa tese possui características de pesquisa em profundidade. Em paralelo, construímos as narrativas.

Nessa diretriz, recapitulamos a abordagem de Clandinin e Connely (2015), para os quais a narrativa visa capturar as experiências, sendo as experiências das práticas o fenômeno investigado. Os autores descrevem a temporalidade, a sociabilidade e o lugar como essenciais para a pesquisa narrativa. Essa é a perspectiva da narrativa defendida por Clandinin e Connely (2015) que se realiza pelo cruzamento dessas dimensões (temporal, interacional e contextual). A primeira consiste na compreensão de que cada experiência ocorre em um determinado tempo e em caráter contínuo (passado, presente e futuro); a segunda relaciona-se com o entendimento

de que toda experiência é concomitantemente particular e coletiva, individual e social; e, por fim, a dimensão contextual com a inserção da localização da experiência. Os autores destacam também o papel em que o pesquisador deve estar “localizado em algum lugar ao longo das dimensões do tempo, espaço e do social.” (Clandinin & Connelly, 2015, p. 99).

Para esta tese, a postura do pesquisador narrativo envolve a percepção de vivenciar a experiência do campo, todavia a complexidade do contexto pesquisado denota marcas específicas da realidade que são constituídas ao longo da vida das pessoas e que não permitem interferência ou participações temporais, pois são experiências incorporadas e acumuladas ao modo de vida (Mello, 2016). O lugar em que se coloca o pesquisador pode mudar diante dos objetivos e do tempo. Sendo assim, buscamos uma postura de objetivação participante, sem interferência nas falas e orientação somente quando solicitadas pelos participantes.

Essa escolha vai ao encontro do método de pesquisa de Bourdieu e da análise sociológica dos Capitais de Bourdieu. Entende-se que essa objetivação difere da observação participante, visto que a última tende a uma falsa análise de uma participação em um grupo estranho. A primeira requer a ruptura das aderências e adesões em profundidades de forma mais inconsciente, informações que possam surgir independente do que se procura no objeto de pesquisa e são reveladas pelo campo a partir da relação do pesquisador com os pesquisados e o contexto. Caracteriza-se essa objetivação participante:

Exercício mais difícil, mas o mais necessário porque, como tentei fazer em *Homo academicus*, o trabalho de objetivação incide neste caso sobre um objeto muito particular, em que se acham inscritas, implicitamente, algumas das mais poderosas determinantes sociais dos próprios princípios da apreensão de qualquer objeto específico. (Bourdieu, 1989b, p. 51).

Após a construção das narrativas, elaboramos as primeiras matrizes relacionais das principais falas. Após revisão de outros pesquisadores, no caso o orientador e coorientador da tese, reelaboramos essas matrizes para interpretarmos e analisarmos as narrativas construídas. Ressaltamos que alguns participantes tiveram dificuldades de dizer o que pensavam. Houve diversos momentos que iniciavam um relato, paravam esse relato e passavam para outro, esqueciam de palavras para formar o que queria falar. Nesses casos, foi necessário, durante a transcrição pontuar e elaborar a frase do participante, respeitando suas falas. A construção das narrativas evidencia as falas dos participantes em um ir e vir ao longo de suas histórias de vidas: ora passado, ora presente, ora pensando no futuro. O discernimento empírico contribuiu para a interpretação e comprovação da fundamentação teórica referente a existência dos capitais de Bourdieu na situação de pobreza. A base dessa assertiva são as pesquisas pioneiras de Bourdieu,

cuja objetivação no campo empírico propiciou ao sociólogo a elaboração das noções operatórias de sua teoria. Nessa mesma linha, o nosso campo empírico possibilitou o conhecimento das práticas que foram interpretadas como mobilização de capitais.

Para compreensibilidade do leitor, esclarecemos que os entrevistados foram identificados pela **codificação numérica das entrevistas de 1 a 5** (E1, E2, E3, E4 e E5). As narrativas foram construídas com letra *Times New Roman*, **tamanho de letra 10, recuo 1,25 e espaço simples**. As anotações e observações do **diário de campo** foram descritas com fonte *Times New Roman*, **sem recurso itálico, espaço simples e tamanho de letra 11**. No Quadro 3, apresentamos a relação dos entrevistados (as):

**Quadro 3 - Relação dos entrevistados**

Codificação	Entrevistados (as)
E1	Amélia das Contas (nome fictício) (Senhora Amélia)
E2	José Lico (nome fictício) (Senhor José Lico)
E3	Maria dos Anjos Luz (nome fictício) (Dona Luz)
E4	Maria Josefina Silva (nome fictício) (Bizé)
E5	Pedro Xavier da Penha

**Fonte:** Arquivo pessoal.

## 3.2 Construção das narrativas

### 3.2.1 Pedreira Prado Lopes: campo social da cidade de Belo Horizonte

**Foto 2 - Saúde - CRAS da Pedreira Prado Lopes**



**Fonte:** Projovem (2019).

O campo social Pedreira Prado Lopes pertence a cidade de Belo Horizonte (capital do estado de Minas Gerais no Brasil). A Foto 2 mostra um dos recursos que a comunidade possui para o acesso a saúde. A escolha do bairro foi com base na história da ocupação de suas áreas e sua característica de situação de pobreza, objeto de diversas ações de programas sociais. O surgimento e crescimento estão atrelados à construção de Belo Horizonte que demandou pessoas advindas de distintas localidades. Essas pessoas se tornaram operárias, e na ausência de moradia, no centro da cidade, foram ocupando espaços no seu entorno. Tal aspecto não foi previsto na construção dessa cidade planejada (PMBH, 2018b).

Com o rápido crescimento e industrialização da capital mineira houve uma desorganização espacial. Muitas pessoas chegavam em busca de trabalho, renda e melhores condições de vida, todavia não havia moradia para todos. Nessa ausência habitacional, áreas de fazendas começaram a ser ocupadas e nas mesmas iniciavam pequenas construções (PMBH, 2018b).

Segundo o livro histórias de bairros da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, a capital foi dividida em regiões como forma de administração política-pública. E essas regiões foram divididas em bairros. Alguns são conhecidos também como comunidades, aglomerados ou conjuntos (PMBH, 2018a).

Segundo o Censo Demográfico de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a comunidade Pedreira Prado Lopes pertence à região Noroeste de Belo Horizonte. Possui 4.453 pessoas, sendo 2.084 de homens, em percentuais equivale a 46,80 % homens e 2.369 mulheres, em percentuais equivale a 53,20%. Segundo a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (2018), a Pedreira Prado Lopes é a mais antiga de Belo Horizonte. Foi constituída pelos operários que trabalharam na construção da capital mieneria. A ocupação do espaço começou entre 1900 e 1920.

Pedreira Prado Lopes é conhecida por causa dos altos índices de criminalidade e pobreza. A prefeitura ressalta que a Pedreira é o principal berço do samba de Belo Horizonte e da primeira escola de samba da cidade. No ano de 2017, essa comunidade inaugurou o primeiro *shopping* social do Brasil, cujo objetivo foi proporcionar oportunidades de renda aos moradores da comunidade. A administração está na responsabilidade da Organização Não Governamental Inconformados ligada à Igreja Batista da Lagoinha (PMBH, 2018a).

O campo de pesquisa foi conhecido no dia 18 do mês de dezembro de 2018 por indicação da doutora Eliana Marcia Martins Fittipaldi Torga, docente do curso de Mestrado Profissional em Administração do Centro Universitário UNA em Belo Horizonte, e colaboradora, àquela época, do Projeto Incluir da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) coordenado pelo

doutor Francisco Vidal Barbosa do Cepead UFMG. A doutora Eliana intermediou os contatos com representantes dos bairros Pedreira Lopes Prado e Capitão Eduardo. De posse desses contatos, a pesquisadora doutoranda e sua colaboradora, também pesquisadora e mestre da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) Camila Álvares dos Reis fizeram os contatos e foram ao campo para conhecer a representante e o bairro.

Os primeiros contatos foram realizados por telefone e depois conversas pelo *WhatsApp*, meio mais fácil para os diálogos, custos menores e muito utilizado pelas pessoas do bairro. A representante da Pedreira Lopes Prado, a qual desde o primeiro contato se prontificou a colaborar com a pesquisa e nos recebeu com pontualidade e cortesia em sua casa. Muito dinâmica, extrovertida e cheia de energia, nos relatou as condições do bairro.

No dia 18 de dezembro de 2018, às 14 horas, realizou-se a primeira visita ao bairro. A representante percorreu o mesmo, mostrando os principais pontos e no percurso apresentava alguns moradores. Explicamos o objetivo da pesquisa, a representante considerou viável a mesma e importante. Após o *tour* pelo bairro, verificamos que o ambiente era tranquilo e a amizade parecia ser fortalecida entre os moradores. A representante verificou uma pessoa para participar da pesquisa, mediante o perfil estabelecido para a tese.

### 3.2.1.1 *Entrevistada 1 (E1) – Senhora Amélia: a prioridade aqui é comer*

No dia 29 de janeiro de 2019, realizamos o nosso percurso na Pedreira Prado Lopes:

Estamos a caminho do encontro com a chefe da família Seixas, que aceitou participar da nossa entrevista, uma senhora que nos pediu para se apresentar por um nome fictício: senhora Amélia das Contas. No percurso, passamos por becos onde as pessoas usuárias de drogas vivem e fazem comércio. Até a chegada à casa, onde se realizou a entrevista, o caminho era repleto de barracos considerados como casas e as pessoas nos olhavam desconfiadas. (Anotações do diário de campo, 29 de janeiro 2019).

Ao chegarmos à pequena casa, a líder comunitária nos apresentou a dona Amélia (nome fictício). Ela se denomina como sendo morena e chefe de família. Após nos convidar para entrar e nos sentarmos, iniciamos uma conversa informal sobre o percurso que fizemos para chegar ali. Como procedimento metodológico, solicitamos a autorização para gravar a sua fala. Explicamos a questão norteadora da pesquisa e iniciamos a gravação. Só depois, adentramos no universo do modo de vida da senhora Amélia. Todos os nomes mencionados são fictícios, conforme o pedido da entrevistada. Nesse momento, ela inciou a sua fala:

Eu sou dona Amélia das Contas, sou morena e chefe da minha família. Aqui em casa, temos hábitos de trabalho, de dedicação de tempo, comprometimento com nossos compromissos, buscamos a fé religiosa, passamos por situações de doença e de ambiente de drogas a nossa volta, e temos momentos de alegrias. E eu falo uma coisa: na vida, a gente tem que fazer muitos serviços para conseguir melhorar as condições, e sendo mulher, como eu que tenho a responsabilidade de criar os filhos sozinha, aí que precisamos dá conta da casa e dos serviços fora de casa. Não é fácil, mas é muito gratificante ser mulher de comunidade. Tenho 40 anos, nasci e moro no Bairro Santo André – aglomerado Pedreira Prado Lopes. Possuo quatro filhos, sendo um adotivo, que é filho do meu sobrinho e peguei ele com dois meses de idade. O pai não podia criar. Meu ex-marido, separei dele quando os meninos ainda eram pequenos, e ele foi preso por fazer coisas erradas.

Sou uma mulher batalhadora e não tenho medo de trabalho, lutei e luto para criar meus filhos sozinha. Sozinha não, com a ajuda de Deus. Gosto muito de cumprir meus compromissos. Se falo, eu faço. Hoje, estou vindo do hospital Santa Casa, pois faz uns dias que minha filha foi internada para um tratamento de uma doença grave. E resolvi parar aqui nesse ponto alto da comunidade para pensar na minha vida, o como eu fiz e faço para viver.

Aqui em casa, eu tenho a primeira necessidade é fazer dinheiro para alimentar os meus filhos. Precisei correr atrás do dinheiro e aprender a fazer dinheiro. Eu recebo todo mês a bolsa escola, no valor de R\$ 246,00 (duzentos e quarenta e seis reais), esse é o único dinheiro fixo. Eu penso que o meio para ter um dinheiro certo todo o mês é ter um trabalho fichado, conhecido como trabalho assalariado. Mas, atualmente está difícil, por causa do desemprego. Eu fiquei desempregada, aí tive a ideia de comprar roupas em São Paulo e revender em Belo Horizonte, dentro da própria comunidade. Minhas idas são de dois em dois meses. Eu tive essa ideia porque eu precisava cuidar da minha sobrevivência e dos meus filhos.

Vender roupas dá um trabalho bom, não é fácil igual algumas pessoas pensam. E nessa nova atividade, eu precisei pensar como eu ia fazer o meu negócio. Como moro na periferia e é um bairro de pessoas mais carentes, eu resolvi vender para as pessoas me pagar no pagamento. E conforme o valor das compras eu divido o total em prestações, por exemplo: as compras acima de cento e cinquenta reais eu divido em duas parcelas.

Com essa experiência de sair vendendo eu aprendi que a gente tem que saber para quem vender. No meu caso, a maioria que me paga direito, são as pessoas que recebem bolsa família, dou prioridade a elas. Então, eu posso descer de dois em dois meses, um mês faço o investimento, aí eu vendo e recolho esse investimento e o outro mês eu tiro meu lucro. E é assim, primeiro eu recebo o que tenho que receber. Em seguida, eu vou e guardo o dinheiro e separo o meu lucro e eu pago as minhas contas. Sempre faço isso, é assim que eu trabalho! Tem sempre que ter um percentual para repor as compras, pois se não você não consegue pegar o negócio, tipo assim, eu chamo isso de “fazer dinheiro”, senão não tem como você ter material para trabalhar.

E um ponto importante é a gente saber controlar e saber fazer contas. Da última vez que eu fui a São Paulo, foi no mês de novembro, porque muita gente ficou me devendo, como até hoje de fato está me devendo, aí, eu peguei e dei uma parada porque quanto mais você busca, mais eles compram e ficam devendo, e eu fico muito sem graça de falar que não vou vender, e sem jeito de cobrar. Então, prefiro ficar um pouco sem descer. E eu preciso melhorar nesse ponto de saber fazer cobrança dos que me devem, é que a gente da comunidade trabalha muito acreditando na confiança, mas nem todas as pessoas agem assim e querem dá o calote.

Então, eu sempre dou meu jeito para controlar o dinheiro para suprir as necessidades, se torna uma forma para ter as coisas nos períodos de altas temporadas e de baixa, de forma a suprir as necessidades básicas. Durante esse tempo de desequilíbrio de dinheiro, o que que eu fiz, eu fui juntando o dinheiro, aí quando chega nessa fase baixa, como eu não gasto muito e minha família não tem lazer, porque eu sei que a prioridade aqui é comer, o que guardo dá. Então, assim, eu tenho que guardar dinheiro todo dia para comer, e se a gente gastar com lazer depois vai fazer falta. E eu sou uma pessoa muito econômica. Vamos supor: de manhã, se tiver, eu compro pão; se tiver leite e Toddy, aí eu compro manteiga. Tipo assim, eu sempre compro, eu não tenho aquela palhaçada de comprar bolo, pão de queijo, sempre assim, eu compro mais o básico mesmo. De noite, por exemplo, se minhas filhas quiser pizzas, eu tenho dó de dá por exemplo R\$ 60,00 (sessenta reais) numa pizza, que é uma das melhores aqui na região, que é do Hangar

e vai dá uns sessenta e sete reais, aí para mim já é a carne durante a semana, a verdura, um arroz. Eu sou assim, eu olho muito isso.

Então, a gente que vive da comunidade, tem saber usar o dinheiro. O meu dinheirinho é para comprar alimentação básica: o café, o leite, o Toddy, porque tem que ter por causa da criança e sempre é o pão primeiro. Na hora do almoço, eu sempre tenho que ter o dinheiro para a carne e verdura, evito muito o desperdício. Vamos supor que se eu fizer almoço ou janta uma vez, se eu faço para o almoço sobra para a janta, se faço na janta sobra para o almoço, eu não tenho esse negócio de jogar comida fora. E, se sobra pão de manhã, a gente come de noite, tipo assim, a alimentação sempre é a prioridade para mim. Não gosto de desperdício. Quando eu tenho dinheiro, eu sempre vou guardando, eu gasto de uns R\$ 25 a R\$ 30 (vinte e cinco a trinta reais) por dia. Em casa somos cinco pessoas, eu e meus filhos. Minha casa não tem luxo, ela tem o básico. Os outros até falam assim: porque você não faz isso aqui, aquilo outro ali, vai ficar bom.

E é dessa forma que eu vou vivendo e educando meus filhos. Eu acho que os filhos da gente, a gente tem que dá educação para eles, estudo é prioridade. Agora o resto eles têm que correr atrás, igualzinho eu corri. Vamos supor, se elas querem arrumar e ter conforto tem que vir delas, porque eu fiz essa opção de ser o homem e a mulher de dentro da minha casa e cuidar dos meus filhos, mas eles têm que aprender a ganhar dinheiro e cuidar da vida deles, não podem ficar dependendo de mim a vida toda.

E eu ensino para eles a questão de economizar de várias maneiras. São fatores ligados a boa utilização do dinheiro, evitar gastos desnecessários ou gastar sem planejar são ideias para melhorar as condições de vida familiar. Então, tipo assim, eu já vi muitas mulheres arrumar casa e dá coisas fúteis para os filhos, ficar bonita, e as coisas básicas faltando em casa, principalmente alimentação. Eu penso assim: se os meus filhos querem conforto em casa, eles possuem o básico, eles têm de trabalhar e colocar. É até um meio de motivar eles para trabalhar, se tornar mais responsável e dá valor as coisas.

E tem outra coisa também, não dá para a gente mãe dá tudo, não dá. Não tem como dá educação melhor, roupas melhores. Meus filhos não me cobram, eles me admiram muito, meus filhos são muitos apaixonados comigo. Mas, eu sempre expliquei para eles por que não posso dá tudo ou coisas melhores, sempre eu os criei sozinha e com Deus que está sempre comigo. O meu primeiro relacionamento não deu muito certo, tudo muito difícil, eu também era difícil, muito nova. Aí, o que aconteceu, como eu tinha só meninas, eu tive medo de arrumar um homem e ele acabar por molestar minhas meninas, esses casos que acontecem. Então, eu tinha medo de acontecer alguma coisa com elas, então eu as protegia. Em questão disso, eu sempre abri mão de ter um relacionamento dentro da minha casa, então assim, quando você abre mão é por causa dos filhos, você tem que olhar, é muito forte ter filhos. Não é fácil, mas Deus ajuda.

E a minha família é monoparental lida com diversas situações alegres e tristes. A diferença para outras famílias é a centralidade de decisão na mulher e a necessidade de trabalhos para todos. Tenho uma filha de 19 que faz 20 agora, dia primeiro de fevereiro, uma filha de 17, uma de 4, um menino de 6 anos e o filho do meu sobrinho que criou. Eles são tranquilos, e em casa é tudo gritado, muito agitado o ambiente com criança, mas é normal, sinal de terem saúde e estarem bem. Uma alegria de criança, alegria de casa. Agora, a Elza Maria (nome fictício) começou a trabalhar não faz nem um mês, mas tinha trabalhado há anos na AMAS, um projeto muito bom, mas que acabou. Ela começou a trabalhar com 11 anos e 11 meses. Esse projeto era ótimo, mas foi cortado. Na época me ajudou muito.

E aqui em casa, eu e meus filhos tentamos sempre participar dos projetos sociais que chegam na comunidade. São oportunidades e saber relacionar com as pessoas de instituições são formas de melhorar as condições de vida. Houve uma época que chegou o pessoal do CRAS aqui em casa, de manhã, eu com o cabelo grande e atrapalhado, aquele barrigão, pensando comigo “meu Deus do céu”, aí a moça do CRAS chegou. Por isso que eles falam que às vezes Deus trabalha muito. Aí chegou, eu estava passando um aperto, mas não era fome, aí a moça do CRAS olhou para mim e perguntou se essa menina (Elza Maria) não está trabalhando? Eu respondi que não, aí ela falou que ia dá um encaminhamento para ela e ela começou a trabalhar. E eu ensinei a Elza a ter as coisas dela, lógico que eu a ajudava, mas ela começou a comprar o guarda-roupa, eu fiquei motivando a ter seu guarda-roupas, seu negócio de colocar computador, e ela toda alegre, ela acha que foi só ela que montou o quarto. E assim... ela cria o hábito de comprar as coisas dela. Depois ela perdeu esse trabalho do AMAS.

E tenho a outra filha a Ester Maria (nome fictício) de 17 anos, quando fez 15 anos e onze meses, ela mesmo marcou aquele negócio pelo site, eu só a levei para tirar carteira de identidade, ela faz tudo mais

é sozinha. A Elza Maria já andava mais comigo. Aí a Ester Maria foi lá, pegou no pé do pessoal do CRAS e o pessoal foi e arrumou para ela na Asprom. Ela fez 17 entrevistas e não passava. Chegava lá, ela não passava. A mulher perguntou a Ester Maria porque você não passa, e ela disse que é porque falava a verdade.

Ouvir outras pessoas experientes e que possuem influência em instituições é uma forma de se ter conhecimento do funcionamento dos órgãos públicos e a gente aprende como se deve comportar para conseguir um objetivo. Minha menina não conseguia passar nas entrevistas, porque quando perguntavam se mexia com drogas e se bebia, ela falava que não. Então, uma senhora disse a ela que quando chegar lá de novo, ela deveria mudar a fala, e então ela foi fazer nova entrevista e disse que mexia com drogas, que passa muitas dificuldades por causa do vício, tem vontade de parar e queria entrar para trabalhar. Ela falou o que eles queriam ouvir, aí rapidinho arrumaram o emprego para ela. Não ensinei a mentir, mas foi uma necessidade para ela conseguir o serviço. Falar a verdade e ter honestidade é tudo.

Então, ela foi trabalhar na Urbelinda (nome fictício), lá eles gostam muito, muito mesmo dela. E depois ela ficou doente, e ela ia terminar o contrato agora, mas visto a doença eles vão encostar ela. Eles a colocaram como menor aprendiz e tem contrato, carteira assinada e todos os direitos. Ela ganhava R\$ 500,00 (quinhentos reais). Se ela não tivesse empregada, ela teria direito em benefícios pela Loas, um projeto do governo de assistência social. Agora, ela deve receber um salário mínimo, capaz de receber. Afastaram, mas ainda não deu entrada nos papéis, pelas contas tem somente uns quinze dias que ela está no hospital. Eu tenho que ir lá pegar os papéis, a moça já ligou para mim e eu tenho que levar no INSS. Ela ainda tem 17 anos. Há umas burocracias que travam umas coisas boas. É preciso ter paciência e persistência, mesmo no momento de fragilidade da saúde. Eu falo para meus filhos, que a gente como cidadão temos que conhecer nossos direitos.

Outra situação na minha família que eu não gosto de pensar muito é a relação dos meus filhos com o pai, mas eu respeito. Nunca ajudou em nada, mas também não faço nem questão, pois sei que ele vai me perturbar. Os meus filhos têm contato com o pai, claro, afinal é pai deles, o cara não presta é para mim. Para eles, é o pai. Um dia, o pai saiu de onde estava, formou outra família, não é muito participativo porque, eu particularmente, assim, a gente nem gosta, as minhas meninas foram criadas por mim, mas o pai delas tem vícios, então, ele chega viciado e a gente não gosta que fica dentro da casa da gente, então minhas meninas também não gostam que ele entra e fica aqui muito tempo.

E nessa minha vida, a força maior que eu utilizei foi a religião. A prática religiosa é onde se busca forças emocionais para suprir as dificuldades da vida. Eu aprendi isso com a vida e já estava mais velha. Minhas filhas são evangélicas da igreja Batista, elas foram para a igreja porque elas quiseram; eu nunca levei, foi até Deus. O papel da igreja foi muito importante na criação delas, eu não sou evangélica, mas tenho muita fé em Deus. A igreja foi muito importante, por exemplo quando elas eram pequenas e eu tinha que ir trabalhar, então elas iam para o Ondorindo daqui, e de lá ia para a Igreja Batista, e lá elas conheceram a palavra de Deus. Eu falava com elas: vocês vão porque lá vocês terão o que comer, aqui em casa não tem comida, vocês não voltam para casa sem comer. Eu olhava mais de ter um lugar para elas ficarem, então a igreja foi uma fase de necessidade que me ajudou muito a criar as meninas, que hoje são adultas graças a Deus. Nós daqui já vimos muitas pessoas que entraram e saíram da igreja da mesma forma. Apesar de participar de músicas, tocar instrumentos, uns morreram, outros viraram bandidos. A pessoa tem que querer melhorar.

A igreja está ali para acolher e direcionar, mas nem todos conseguem vencer os vícios e as malandragens. Eu só entendi e vi a importância da igreja depois de um bom tempo. Lá tinha um Centro Estudantil, era um local que os filhos saíam da escola e tinha onde ficar. Eles ensinavam o para casa, tinha o almoço, o café da tarde, as meninas iam embora para casa satisfeitas. Hoje, não tem mais, acabou, os vizinhos reclamaram, então lá era muito bom. Reclamaram por causa do barulho. Eu só entendi que a ida das minhas filhas para igreja foi bom quando nós vimos um filme sobre a vida de Moisés e minha filha foi me explicando. Hoje eu agradeço a fase adulta delas.

Depois da religião, eu penso nos estudos. Para a gente, dedicar o tempo somente para os estudos são privilégios de uma minoria no nosso país. Uma boa prática é aquela que eu já comentei, é aproveitar oportunidades de projetos sociais para se capacitar. A minha Ester ia terminar agora o ensino médio, ia formar, mas como ela começou a trabalhar e estudar, não sei se ela não deu conta ou porque ela já estava doente e sentindo cansada, e a gente não sabia. A Elza Maria é formada no ensino médio. No projeto Incluir, da UFMG, estava eu e a Elza Maria. Só que eu tenho dois meninos pequenos e um menino meu

é hiperativo, ele é agitado e muita gente não tem paciência com ele. O que aconteceu então: nós começamos a ir, aí eu peguei e fui e eu não sei o que aconteceu na hora do cadastro e eu falei sobre ele, e eles falaram para levar ele que eles iriam colocar ele na aula de capoeira, nós vamos colocar ele em dois horários, e era até bom porque como ele é hiperativo, isso ia ajudar muito. Aí eu falei “tá”, porque eu estava indo, mas ficava preocupada com eles em casa. Eu fui e falei com a representante da comunidade no projeto, eles falaram que eu posso levar o menino e então ela tinha que verificar a respeito do ônibus, o lanche, tipo assim, porque ele não estava nesse projeto. Então, eu disse que ia de ônibus pela avenida, só que as coisas foram apertando para mim, era uma coisa muito boa o projeto, e como foi apertando resolvi deixar como está, eu ia fazer a parte financeira. Também ir, e ficar preocupada com ele aqui sozinho, não dá.

Nessa correria e nesse nosso jeito de viver, minha família não tem muito lazer. A Elza Maria diverte na Igreja com as colegas delas, eu acredito. Nós costumamos ficar mais em casa, na internet, no *WhatsApp*, no Face, nós ficamos assim e elas vão a igreja e levam os irmãos. Eu falo que não temos lazer, assim, fazer uma viagem, um clube, eu não gosto de noitada, tanto é que nós dormimos muito cedo. Até uma moça falou com a Ester assim: você gosta de balada, bebida alcoólica? E ela disse: eu não. Nós somos de ficar em casa e dormir cedo. Nós gostamos muito de dormir... A gente gosta de filme. Aqui, no bairro já houve atividades nos espaços das praças, mas acabou, tinha cinemas na praça, mas tem muito tempo. A Ester Maria participava de tudo que tinha na comunidade. Hoje a comunidade tem futebol e atividades nas escolas.

E a estrutura da nossa comunidade é boa, mas pode melhorar. As condições da minha casa são ideais. Água, energia, saneamento básico, coleta de lixo, mas não seletiva, temos isso tudo. Hoje, nossa comunidade tem muitas coisas. E para cuidar da saúde, minha família utiliza os recursos públicos disponíveis aqui. Mas, se o estado fica mais complicado ou grave, a gente tem que ir para hospitais. Então é assim; aqui nós utilizamos primeiro o posto de saúde da comunidade. Depois, temos bem próximo o hospital Odilon Behrens.

No caso da minha filha, que está doente, a mesma precisou ser internada no Hospital da Santa Casa, no qual fará o tratamento da doença que ela tem. No posto de saúde, minha filha foi atendida e diagnosticaram como ansiedade e assim quatro meses passaram, e como ela começou a inchar, procuramos o hospital e ela fez diversos exames, foi então que há poucas semanas soubemos da doença e minha filha foi enviada para a Santa Casa. No Odilon Behrens, todos que chegam lá são colocadas fitas verdes na triagem, todo mundo igual e tudo que se tem é virose. O atendimento é demorado, acham que a pessoa não faz nada na vida. Acho que no posto, eles devem ter pensado que era preguiça da minha menina e que a gente queria é atestado para não trabalhar, mas a Ester Maria não é assim, ela gosta muito de onde está e eles gostam dela. Então, aqui na Pedreira Prado Lopes, os recursos são bons e aparecem sempre projetos por aqui. Existem alguns lugares aqui em Belo Horizonte, como o bairro Zilar, que as pessoas não vão encontrar nenhum desses recursos públicos, aqui temos muita coisa. Em minha casa temos um banheiro, uma tv, geladeira, fogão, temos um computador, mas a gente usa mais os celulares com o Face.

No meu modo de ver a vida, a gente precisa sempre ter o necessário e não ter quantidades exageradas das coisas, pois são decisões que envolvem dinheiro. Eu tenho as coisas básicas e essenciais, hoje vai ser muito raro você perguntar e alguém não ter. Ainda tem gente que não tem, mas tem uns que tem até demais e nem espaço possuem para colocar. Uns possuem geladeira de 2.000 reais, televisão de 2.000 reais, possuem coisas que nem precisam e em duas, três quantidades. Deixam de alimentar direito para ter. O pobre gosta de exibir, né? O rico, particularmente, o rico não gosta de mostrar o que tem, o pobre gosta, gosta.

Pobre tem uma mania de querer tudo grande demais com espaço pequeno, porque às vezes é uma sala pequena e ele vai lá e compra uma televisão de 63 polegadas, depois tem problemas de vista e não sabe por quê. A maioria tem sala pequena e vai comprar o sofá e não tem noção do tamanho da sala; tem, mas como viu o sofá de outro quer pôr de qualquer jeito. E é preciso continuar a viver e você precisa ter fé na fase de doença e ir para o hospital que arranjam vaga para você. Eu vou cuidar da minha menina. Então, eu sou da opinião que a gente da comunidade precisa sempre buscar fazer dinheiro e dá educação aos nossos filhos, e lógico, sempre pedir a proteção divina.

### 3.2.2 João Monlevade: cidade brasileira do interior do estado de Minas Gerais

**Foto 3 - Casas do Programa Minha Casa, Minha Vida**



**Fonte: Jornal Bom Dia (2013).**

João Monlevade situa-se no interior de Minas Gerais a 110 Km da capital belorizontina, de forma estimada a população em 2019 foi de 79.910 habitantes (IBGE, 2010). A Foto 3 representa os recursos destinados a moradia em um bairro de situação de pobreza. João Monlevade é uma cidade montanhosa e que por diversos anos vem tendo sua dependência econômica na indústria de produção de minério de ferro, sendo referência no produto fio máquina. É um importante eixo de ligação entre a capital Belo Horizonte e o leste de Minas Gerais, bem como para os estados do Espírito Santo e da Bahia. Ponto de paradas e fluxos rodoviário e ferroviário, com a Estrada Ferroviária da Vale S.A.

Seu reconhecimento e emancipação política foi em 1964, sendo o nome da cidade derivado do seu fundador Jean-Antoine Félix Dissandes de Monlevade um minerador francês que descobriu as terras e implantou uma mineração, nessa utilizava-se a mão de obra escrava e fazia produtos para Portugal. Dessa fábrica houve a expansão da exploração do minério para siderúrgicas. Nas últimas décadas, devido a diminuição do potencial das minas e alterações nos tipos de produtos siderúrgicos, a cidade desenvolveu-se para o setor terciário comercial e de prestação de serviços. A Arcelor Mittal realizou uma redução no quadro de funcionários, e esses precisaram enfrentar os desafios do desemprego e buscar novas fontes de ocupação e renda.

Na relação pessoas e renda, a cidade possui 14.062 pessoas na faixa de  $\frac{1}{4}$  a  $\frac{1}{2}$  salário mínimo, 24.098 com  $\frac{1}{2}$  a 1 salário mínimo, 18.654 com 1 a 2 salários mínimos e 9.291 com mais de 2 salários mínimos. Seu Índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) é de

0,758 (IBGE, 2010). O salário médio mensal das pessoas ocupadas, em 2017, foi de 2,3 salários mínimos (IBGE, 2019).

João Monlevade é dividida em bairros e esses são ocupados por diferentes classes sociais. O bairro principal e comercial é conhecido por Carneirinhos. No mesmo residem pessoas da classe média e com melhores rendas. Ao entorno de Carneirinhos há diversos outros bairros também procurados pelas classes médias, porém com mesclagem residencial com pessoas de menor poder aquisitivo. Na periferia de João Monlevade diversos bairros foram surgindo e sendo ocupados pelas pessoas de classes desfavorecidas e em situação de pobreza. Entre esses bairros, citamos o bairro São João, Nova Monlevade, Campos Elisios, Petrópolis, Egito, Sion, Planalto, Santa Cecília e Nova Esperança.

3.2.2.1 *Entrevistado 2 (E2) – Senhor José Lico: o sonho de estudar ficou para trás, a gente plantava para comer, hoje sou um vencedor*

**Foto 4 - Participante e suas lembranças de como vivia**



**Fonte: Fotografia da autora.**

Essa fotografia (Foto 4) evidencia a casa que o nosso próximo entrevistado viveu na roça e que ainda mora uma de suas irmãs. A trajetória para chegar a ele foi assim: no dia 18 de julho de 2019, direcionei minha entrevista para o seu bairro. Resolvi ir a esse bairro, utilizando o transporte público que me deixou na avenida principal que dá acesso ao bairro (anotações do diário de campo, 25 de julho de 2019). Precisei caminhar em torno de meia hora até chegar à casa do senhor Lico. Aos meus olhos, a estrutura do bairro revelava a carência de recursos. Observei diversas ruas sem calçamentos, ouvi reclamações sobre os problemas com chuvas que ocasionam lamas em vários pontos, há falta de rede fluvial, de calçamentos e de iluminação.

Senhor Lico nos acenou de longe e foi ao nosso encontro. Seguimos para a sua atual casa e ao chegar, ele preferiu que nossa conversa fosse ali na calçada bem perto da porta de entrada da moradia e de um bar que ele presta serviço. Não podia sair de lá, porque estava

vigiando o estabelecimento para o dono. O ambiente estava muito tranquilo e não foi limitação para a entrevista, pelo contrário nos ajudou a ter proximidade com o entrevistado.

Após conversas informais por uns quinze minutos e observação da natureza ao entorno da casa, explicamos o objetivo, a questão norteadora e nosso papel enquanto pesquisadores. Seu Lico, com naturalidade falou da emoção de participar da entrevista. Então, ele nos contou a sua história:

Minhas lembranças me remetem para a infância, uma fase que aprendi a trabalhar. Eu lembro que meu pai, para cuidar da família, trabalhava em tudo. O pai trabalhava na roça. Era um sítiozinho e ele vivia ali naquele sítio trabalhando para cuidar da família. Um lugarejo chamado Quaresma. Quando eu estava com dezesseis anos, eu já trabalhava junto com ele. E, nesse sítio, o pai plantava milho, feijão e ele trabalhava trocando de serviço com o amigo dele. Ele trabalhava para o amigo dele e o amigo dele ia e trabalhava uns dois ou três dias para ele. O serviço era feito assim, uma forma dele poder e conseguir fazer a capina da roça com uma pessoa experiente ajudando.

Os serviços de capina dos outros. Ele e o amigo pegavam juntos, os fazendeiros contratavam os dois. Tudo isso era para criar a família. E a nossa roça era para a família alimentar. Nós éramos sete irmãos e os irmãos mais velhos saíam tudo cedo de casa. A irmã mais velha se casou com dezessete anos, meu irmão mais velho casou com 20 anos de idade. E meu pai foi ficando sozinho com os filhos mais novos para cuidar da roça em volta da casa.

Era um trabalho por conta própria. Era o trabalho-sustento, não tinha nada de lucro, o pai fazia a plantação na roça em volta da casa para sustentar a família. Tinha época que a roça dava muita fruta, então meu pai colhia laranja, banana e colocava em um saco e ele trazia em João Monlevade para ser vendido. Mas, assim, uma vez por semana, e ficava andando com o saco pesado de frutas na cidade. E assim a gente foi vivendo lá na roça.

E eu de criança a rapazinho tinha que trabalhar para ajudar no trabalho e o que a gente tinha era nossos braços fortes. Foi com 16 anos, que eu comecei a trabalhar em outro sítio, uma fazendinha e conseguir levar dinheiro para casa. Meu serviço começava seis horas da manhã tirando leite, que isso era média de 15 vacas.

Hoje, eu acho assim que é muita responsabilidade para um menino de 16 anos. Na época era muita coisa que um garoto fazia. Nessa fazenda, eu trabalhei uns três anos (16, 17, 18) e com 19 eu saí e fui trabalhar com outro senhor. Agora, foi picando lenha, mas não era como hoje no motor serra, era no machado, eu trabalhava por produção - quanto mais lenha eu picava, mais eu recebia. Nesse serviço, consegui um dinheirinho e dele eu tinha que tirar para dá ao meu pai, para ajudar em casa. E foi assim minha vida, durante um bom tempo.

Um dia chuvoso apareceu um primo lá na roça e me viu trabalhando. Ele foi e me chamou para ir para São Paulo. Ele morava e trabalhava lá, ele ia até se casar e veio nos convidar. Meu primo falou bem de São Paulo, disse que era o lugar de bons serviços. Então, eu animei e pensei eu vou para São Paulo e vou tentar trabalhar e estudar. Esse primo meu me ajudou no início. Eu tinha o dinheirinho guardado há um tempo, que eu picava lenha e tinha mais ou menos um ano que eu estava trabalhando nisso. Deu certo que ele me fez essa proposta e eu tinha o dinheiro para pagar a passagem e eu ia ficar na casa dele pelo menos uns mês e ele não ia me cobrar nada.

Eu estava com 21 anos e aproveitei essa oportunidade. Chegando lá, em poucos dias eu comecei a trabalhar numa empresa. Era uma fábrica de pão. Nessa fábrica, eu trabalhei um mês, não deu certo o serviço, mas eu tentei. Depois, eu arrumei outro serviço numa empresa de alumínio que fazia trilhos de cortina, e trabalhei dois anos e dois meses. Fiquei sem emprego novamente. E em São Paulo aparecia serviço, mesmo eu sem estudos eu conseguia trabalhar e ganhar um bom dinheiro. Depois eu fui trabalhar em uma metalúrgica de nome JL Libert, foi uma empresa muito grande lá em São Paulo. Em 1982, ela tinha três mil funcionários. Eu estava bem nessa empresa, aprendi muitos ofícios. Mas, veio uma política do governo e confiscou o dinheiro do povo brasileiro e aí essa empresa faliu. Ficou lá com uns vinte e

oito funcionários. Minha sorte é que o gerente pagou todos os empregados, ninguém ficou no prejuízo. Naquele tempo aconteceu que muita empresa falia e não pagava os funcionários, e essa que trabalhei foi humana e pagou a gente. Eu, graças a Deus, nessa época que ela faliu, eu tinha sete anos lá e recebi meu dinheirinho todo direitinho.

Uma crise econômica e de desemprego e eu fiquei parado um mês e depois arrumei serviço em outra empresa. Nessa foi de motorista, mesmo com terceiro ano de grupo. Eu consegui trabalhar como motorista, porque eu entrei nessa empresa de ajudante, fazendo serviço braçal e mostrei que sabia trabalhar. Era uma empresa que a gente trabalhava com serviço de terraplanagem, era cortar rua e fazer rua e avenida. Eu entrei lá como ajudante, no pesado mesmo. E, com dois meses que estava lá, o encarregado me chamou e disse: você tem carta de motorista? E eu disse: tenho. Então ele disse “vou te pôr para trabalhar de motorista”, aí me colocou nessa função e eu fiquei muito feliz. Nessa empresa eu fiquei quase quatro anos. Nesses quatro anos, conforme eu falei, o gerente da Libert ficou com vinte e oito funcionários e ele conseguiu fazer uma adaptação lá e levantar a empresa de novo. Nesses quatro anos, eles me chamaram de volta para a empresa, isso porque eles sabiam que eu era bom de serviço.

Quando foi em 1998, eles venderam a empresa para Açominas. Só que, nesse ano, eles dispensaram muita gente também. A Açominas, que comprou o maquinário da Libert com os funcionários, ia pagar as dívidas com os funcionários. Açominas dispensou muito funcionário, mas eu fiquei como empregado dela. E aí, nessa Açominas, eu é que fiquei até aposentar e tive 35 anos de contribuição no INSS. Hoje sou aposentado e me sinto um vencedor!

Minha vida se resume no trabalhar. E o estudar se tornou um sonho, não houve condições favoráveis para a realização de ser um trabalhador-estudante. Minha vida mudou bastante depois que eu comecei a trabalhar nessa empresa que eu aposentei. Primeiro na Libert e depois de 1998 que passou para Açominas. Mas aí, como eu falei, eu fui para São Paulo com vontade de trabalhar e estudar. Mas as condições não davam para trabalhar e estudar, e trabalhava demais e ficava muito cansado e não dava - não consegui estudar. Vou contar para vocês como as coisas foram dificultadas para mim.

Quando eu fui trabalhar nessa Libert, eu pedi ao meu encarregado (na época falava assim, hoje fala supervisor), eu pedi para ele me mudar de horário, que eu tinha que matricular numa escola para eu estudar e que tinha escola pertinho da empresa, achei que ia conseguir. Eu pagava pensão, na época esse lugar ficava perto da empresa e tinha muita gente solteiro sem lugar de morar que ficava nessa pensão. Você ficava na pensão, você tinha roupa lavada, tinha comida e pagava um tanto por mês. Não precisava preocupar com arrumação de casa e roupa para lavar. E nesse lugar tinha comércios, bancos e escolas. Pensei “vou estudar”. E eu fui e pedi ao encarregado e ele disse “aqui não tem como você estudar. Você tem que trabalhar de três horários - seis às duas, duas às vinte e duas e de vinte e duas às seis da manhã. A escola é só de dia como você vai estudar?”. E ele não quis me mudar para um horário apenas. E aí eu não podia deixar de trabalhar ele não me deixou trabalhar somente de um horário.

Quando foi no ano de 2007, a Açominas pediu que os funcionários voltassem a estudar e quem não estudasse e estava parado no tempo teria que sair da empresa. E como a Açominas dava essa oportunidade para a gente eu aproveitei e fiz um supletivo. Aí, eu aprendi algumas coisas, tive um pouco de conhecimento e contato com escola. Mas, nessas alturas, eu estava com 38 anos. Eu acho assim: que as oportunidades que tinha que vir para mim quando eu estava mais novo foi cortada pela situação de dificuldades e falta de oportunidades. E isso me faz chorar. Eu não consegui crescer muito por isso, porque lá atrás alguém me barrou de estudar, mais ou menos assim.

Então, o trabalho foi meu meio de tentar melhores condições de vida e ajudar meus pais que ficaram na roça. Para mim, o trabalho é uma forma de dignidade para o homem. E eu venci pela minha capacidade de pegar qualquer trabalho, mesmo que fosse em condições precárias e para ganhar pouco. Eu falo que a gente tem que aprender a fazer mais de um serviço. Eu trabalhei de motorista, trabalhei bastante na roça, não escolhia atividade e arrisquei de sair de uma roça para uma grande capital, assumir riscos é importante.

Na empresa Açominas, eu fiquei trinta anos; porque seis anos eu trabalhei em outras, quatro de motorista e, com insalubridade, deu uma contribuição de 36 anos para eu poder aposentar. Mas, então, eu trabalhei nessa empresa 30 anos, foi pelo meu jeito de ser, eu nunca recusei de fazer horas extras, toda hora que precisava de mim eu estava presente, sempre disponível. Hoje eu me considero um vencedor, mas eu penso que poderia ter sido melhor.

E a vida antes de ir para São Paulo era de muita dificuldade. Para começar as condições de saúde na roça era muito longe. Então a alternativa era fazer chá para os doentes e benzer. Eu lembro que a minha mãe era parteira. Minha mãe chegou a ter setenta e dois afilhados, isso porque era pessoa humilde mesmo. Não tinha assim como falo, ela não tinha negócio de salário, era pobre mesmo, era por causa da convivência dela com as pessoas e devido ela ser parteira que todos gostavam dela. Ela não cobrava pelos serviços, ela fazia de solidariedade. Ela não cobrava, fazia porque queria, muitos nasceram da mão dela. Quanto a alimentação a família priorizava o que meu pai plantava: arroz, feijão, mandioca e o inhame. Carne era pouca, só quando a gente conseguia ganhar galinha e carne dos porcos que outras pessoas criavam e meu pai ajudava na criação, A água não era tratada, era água de nascente. Não considero que era uma água suja. O sítio não tinha esgoto, não tinha essas coisas de hoje, tinha fossas.

Quanto a educação a gente só conseguia estudar do primeiro, segundo e terceiro ano de grupo e se quisesse estudar tinha que ir a outro lugar. Para conseguir continuar os estudos, tinha que andar tipo cinquenta quilômetros a pé ou então ir para outra cidadezinha: Rio Piracicaba ou São Domingos do Prata. Então, quem morava naquela região que eu morava ficava parado, não tinha como hoje que o prefeito coloca ônibus até as escolas, eles pegam as crianças das comunidades e levam para cidade mais perto. Isso facilita, mesmo assim é difícil. Os ônibus não são bons como deveria ser para carregar crianças que chegam cansadas na escola.

De transporte, lá onde eu morava com meus pais, era um caminhão que transportava leite e eles punham umas tábuas atravessadas assim e o povo viajava sentado ali. Se a gente ia para uma festa, como a do Senhor do Bom Jesus do Rio Piracicaba, a gente tinha que ir nesse caminhão pegando vento, sol, poeira no rosto e na roupa. A gente divertia indo nessas festas e jogando bola no campinho de terra. Só isso era a diversão da gente quando era criança, ir à missa na igreja uma vez ao mês que tinha.

A religião sempre foi importante para nós, apesar de não ter igreja onde morávamos. Somos católicos e eu me lembro que, para eu ser crismado, eu fui à cavalo (eu e meu padrinho de crisma). Saímos desse lugar de nome Quaresma e fomos para Piracicaba, que tinha o padre Levi na região de Piracicaba, fui crismado com ele. A religião ajudou na vida, eu acho assim: a gente tem que respeitar as outras religiões, eu fui nascido e crescido na católica. Foi minha fé em Deus que me fez correr o mundo, sair da roça.

Hoje, 20 de junho de 2019, penso aqui olhando pela janela as montanhas que refletem a luz da lua cheia e vejo em meus pensamentos a roça, o lugarejo que se chama Quaresma e abriga uma das irmãs mais velha. Papai e mamãe foram dessa vida para uma melhor, e minha irmã quis continuar lá na nossa casa da roça, ela gosta de lá, é onde ela sempre fez comida para a criançada da escola rural, crianças de pé de chão que não possuem muitos recursos.

E minha irmã vive mais ou menos, planta uma hortinha para seu sustento, tem uma criação de galinha que ela cuida e umas duas vaquinhas. Eu sempre vou lá dá apoio a ela, e ela não quer sair de lá e vir para a cidade. Com referência à saúde dela, até hoje não há um posto de saúde. Minha irmã se fica doente tem que tratar em São Domingos do Prata pelo sistema único de saúde - SUS. Na época dos meus pais e minha adolescência não tinha essa assistência. Eu lembro que minha mãe fazia muito chá quando os filhos ficavam com gripe ou qualquer dor. E eu achava bem interessante que criança de roça parece que adoecer pouco. A criançada era forte e quase não ficava doente. Mas, eu lembro também que muitos que adoeciam morria naquela época, por falta de assistência.

Para mulher ganhar menino também não tinha hospital. Naquela época, o serviço de parto era da minha mãe. Ela foi parteira, como eu contei. E mamãe fazia por experiência e conhecimento prático da vida. Uma vez, duas mulheres morreram no parto, mamãe falou que a situação delas estava complicada e precisava urgente de atendimento médico. Então foi aquela correria nas casas e com os vizinhos com charretes e cavalos rápidos, mais não deu para levar ao hospital e nem chamar o médico.

Às vezes, aparecia complicações na gravidez e na hora do parto que mamãe com toda a sabedoria não conseguia resolver. Mamãe chamava gente para levar as mulheres para o médico. Quando chegava lá, devido as condições do local, a mulher não era atendida rápida. Eles, os socorristas da roça gastavam umas duas horas para poder achar uma pessoa com condução para ir levar a mulher ao hospital. Tinha apenas um Jeep para isso, e quando precisava, muitas vezes demorava encontrar o dono, que vivia pelo mato afora. Quando a grávida chegava lá no hospital, já tinha passado da hora, o bebê tinha morrido. Essa é uma situação que eu vivi, e hoje eu agradeço a Deus, que nós temos melhores transportes e sistema de

saúde aqui na cidade, mesmo com todos os problemas de demora e atendimento eu agradeço, porque na minha adolescência vi pessoas morrendo por falta de socorro e minha irmã ainda hoje lá nessa zona rural não tem locais de saúde para o povo. E na minha vida em São Paulo, eu não tive problemas de saúde. Sempre que precisava estava lá os postos de saúde, hospitais grandes e muitos médicos e enfermeiros. Demorava, mas eu conseguia consultas e tratamentos. Nessa cidade, minha preocupação era a falta de liberdade. Eu não podia ficar andando livre como na roça. Lá, em São Paulo a questão da segurança me indignava, e fazer amizades, ter confiança pareciam coisas de roça.

Como fator social, eu penso que a segurança como direito é um recurso público para proteger as pessoas de bem e trabalhadoras. Eu me lembro, por exemplo, que eu trabalhava muito e teve uma época que eu estava chegando do serviço onze horas da noite. Eu fui assaltado, os bandidos puseram o revólver na minha cabeça e por um nada não me mataram. Graças a Deus me deixaram vivo e eu fico dando graças a Deus - eu estou aqui! E fico pensando quantas pessoas que já levaram revólver na cabeça de lá pra cá. Quantas já morreram, quantas estão morrendo e talvez o governo acha que isso é normal. Que é decorrente da pobreza. Fico muito triste e decepcionado, porque ser pobre não é ser bandido, há bandidos eu sei que são de classe alta.

Parece que o pessoal do governo acha normal a bandidagem para cidade grande e que estão deixando o pessoal do mal e do tráfico tomar conta de partes da cidade, deixam eles cuidar e explorar o pobre, que muitas vezes perde a vida e as crianças para o mundo das drogas. Hoje até cidade pequena está cheia de droga, tem tanto que a gente vê falar que a polícia não vai lá. Por que que não vai? Porque eles não podem combater, eu não entendo isto.

Então foi assim, na vida precisei acreditar que eu era capaz de enfrentar coisas novas e ir buscar melhores condições na cidade grande. Precisei manter o interesse e ampliar minha capacidade de novos serviços e então eu assumir riscos e dificuldades. Agora, estou aqui no ano de 2019 e me sinto um vencedor. Estou morando nessa cidade pequena de João Monlevade, mas pelo que passei na minha vida foi enfrentamentos financeiros, falta de acesso à educação, de moradia e de fome. Hoje, eu sou um aposentado, tenho casa, tenho um carro bom (não novo) e faço alguns bicos para ter mais dinheiro. E sou feliz não porque aposentei, eu sou feliz porque sou uma pessoa de caráter e honesto. Trabalhei toda a minha vida e ainda faço meus bicos para complementar o salário da aposentadoria que com o passar do tempo parece que diminui o valor.

Então, meus amigos, a gente tem que aprender a fazer vários serviços, ter carteira de motorista, procurar estudar, buscar conhecer pessoas que possam de ajudar de verdade e não cortam oportunidades, demonstrar que é confiável, ser respeitoso com todos e priorizar sempre a família da gente. Comigo foi assim e eu estou vivendo em condições melhores, sempre trabalhando e tendo o foco de serviço para casa e de casa para o serviço para não cair nas tentações e armadilhas da marginalização. O mais importante, não importa quem você é e se nasceu na roça ou na cidade, se em berço de ouro ou de palha, você tem que acreditar em suas capacidades e durante sua vida procure fazer o bem, pois a solidariedade me salvou muitas vezes da fome, da marginalização e me abriu oportunidades de trabalho.

### 3.2.2.2 Entrevistada 3 (E3) - Dona Luz: eu aproveito todo o espaço de casa que eu tenho, a gente tem que saber fazer mais de um serviço

**Foto 5 - Participante e sua produção para fazer dinheiro**



**Fonte: Fotografia da autora.**

No dia 25 de julho de 2019, às 16 horas e 30 minutos direcionei ao bairro que reside Dona Luz. Saí da rua principal, que é movimentada, e entrei em uma rua paralela estreita com pequenas moradias, cujos telhados são de telhas de amianto (anotações do diário de campo, 25 de julho de 2019). Dona Luz estava na porta da sua casa com a filha, a vizinha e a neta. Dona Luz nos recebeu e convidou para entrarmos. A Foto 5 demonstra os recursos que ela possui para transformar em dinheiro e revela a necessidade de aproveitar espaços da sua casa. Segue a sua história:

Vou contar sobre as coisas que fiz e faço para viver. Vou usar aqui o nome Maria dos Anjos Luz, tenho 58 anos e tenho apelido de Luz. Esse apelido foi o patrão do meu pai que me deu na hora que eu nasci. Sou uma mulher ativa na comunidade e sinto que sou valorizada por muitos vizinhos. Minha moradia é modesta, vivemos aqui na parte de baixo e a de cima é uma laje inacabada. Aqui embaixo, tenho o meu quintal e nele passa um córrego com água suja.

Mas, eu não nasci aqui nessa cidade de Monlevade, eu de São Domingos do Prata. Lá eu mexia muito com a terra e ia a igreja. A igreja me dá uma luz, uma força em orações. É um recurso que ninguém tira de mim, eu sempre usei e, uso a igreja, lá eu encontro força para lidar com a minha vida. Minha vida tem dificuldades como outras tantas vidas, eu penso que é preciso cada pessoa fazer a sua parte para melhorar as condições de vida. Não tenho vergonha e nem orgulho de falar que vivo em situação de pobreza. E nesse ambiente, eu vou me virando trabalhando e trabalhando, não sou preguiçosa, não fico sentada em uma cadeira esperando os favores dos outros e da prefeitura. Uma coisa que eu falo para todo mundo é que a gente tem que aproveitar os próprios recursos de casa e transformar em dinheiro. Muitas vezes são recursos da natureza que Deus coloca ao nosso alcance e a gente tem só que ter a ideia e trabalhar, assim eu faço um dinheirinho.

Tenho esse fogão de lenha pequeno que um filho meu fez com material que ele ganhou. Cozinho meu feijão nele e um dia, olhando o feijão cozinhar tive a ideia de aproveitar a lenha queimando e virando fogo, pensei vou fazer uns sabões para vender e fazer dinheiro. Fiz de duas formas, líquido e em barra. Isso me ajudou a ter dinheiro em casa para comer. Depois, veio outra ideia a de ariar panelas para as pessoas. As panelas chegam aqui pretas e algumas queimadas de gorduras e bem garradas nos cantos. Eu as coloco brilhando, é mais um jeito de fazer dinheiro com o que sei fazer e recebo pelo serviço.

Então, é assim, a gente trabalha por conta própria. Eu nunca trabalhei fichada. Daqui é meu sustento e meu trabalho. Na horta, agora, não estou tendo muitas verduras, tenho só salsa e couve. Minhas verduras estão muito pequenas ainda. Alface, almeirão, mostarda é quarenta a quarenta e cinco dias para colher, mas com esse frio agora é cinquenta dias ou mais, dá um bom trabalho. Esse é meu principal trabalho: plantar, colher e vender verduras em meu carrinho de mão, esses carrinhos que pedreiro usa.

Eu não tenho muito estudo e nunca fui comerciante grande, eu faço parte dos pequenos comerciantes de fundo de quintal. A gente cuida do negócio da forma que acha certa e na confiança das pessoas. Outro dia, imaginem o que aconteceu. A pessoa paga cinquenta centavos em alface pequena e em chuchu lá na feira, e comigo ela quer pagar bem menos, são pessoas que ficam com mimimi, reclamando do preço. Não pensam que a minha verdura é orgânica. Então, me resta empurrar o carrinho e trazer de volta que eu tenho para onde levar. Um panhado na hora tem seu lugar, verduras de mercado já está tudo com talo até seco, você traz para casa no instante murcha e as minhas não, dura até meses. Você lavou, secou no pano de prato e põe na geladeira, dura.

Eu aproveito todo o espaço de casa que eu tenho, a gente tem que saber fazer mais de um serviço. Peguei um local do quintal e meu filho construiu um forno que parece com uma casa de João de Barro, um forno grande que ocupa boa parte do meu terreno. Eu precisei fazer ele e nele eu faço bolos para vender e faço também assados de carne. Todo mundo elogia meu forno que funciona muito bem e é a lenha (Foto 6).

**Foto 6 - Participante e instrumento de trabalho**



**Fonte: Fotografia da autora.**

Mas, esse meu terreno é em declive e o problema maior dele é o córrego por onde corre uma água de forma contínua e que recebe todos os rejeitos humanos das residências vizinhas. Ou seja, um esgoto a céu aberto. À tardinha, dá uma fedida aqui, que a gente fica até com vergonha. O cano começa na vizinha dali e deságua aqui no córrego e aí, umas horas dessas, noh.... Parece que é hora que eles chegam do serviço e dão descarga lá e o fedor mata a gente. Aqui no bairro, o esgoto daqui de casa joga nesse córrego e de todas as pessoas do lado de baixo da rua (Foto 7). Do lado de cima da rua, as casas já têm esgoto. A prefeitura não preocupa com esse lado.

**Foto 7 - O rio no fundo do meu quintal – falta o esgoto**



**Fonte: Fotografia da autora.**

Apesar disso, eu gosto da minha moradia. Ter onde morar é ter um bem essencial e que proporciona segurança. É ter referência e pertencimento. Na minha rotina, eu realizo minhas atividades com preocupação em ter os cuidados com o outro, com a limpeza de casa e a higiene com os alimentos, são hábitos que todos devem ter. A situação de pobreza não pode ser vista como sujeira, essa imagem é pejorativa. Eu sou conhecida como pessoa de muito zelo com as coisas, em especial com a limpeza e cuidados higiênicos com os alimentos. E diante de tantos cuidados, a gente evita problemas de doenças.

A saúde na família é um recurso difícil e nem sempre é possível prevenir contra as moléstias. Doenças são fatos inesperados e que afetam o modo de viver. Meu marido é doente e é sempre assim, inquieto e olhar distante. Se não toma remédio, fica nervoso e quebra tudo em casa. Oh, meu Deus! Eu tenho que cuidar dele e da casa ao mesmo tempo, por isso eu não posso trabalhar na casa dos outros. Eu faço meus bicos, eu dou meus pulos. E na minha casa, os objetos são quebrados por meu marido, isso me entristece e só Deus para socorrer. Coisa que ele quebrou e eu tinha muito amor é uma televisão antiga, uma vasilha de acrílico grande. Eu punha miudezas, era só de enfeite, tinha uns bichinhos. Era muito antiga, eu tinha coisas do meu avô que meu marido quebrou. Um dia ele pegou um pedaço de cano que estava enfiado no pé de chuchu e saiu batendo em tudo e onde a bíblia estava o cano não acertou. Muita gente acha incrível eu contar isso. Quebrou som, televisão e monte de coisas e onde estava a bíblia não acertou. Uma panela de pedra, a tampa dela era diferente, ele quebrou. Antontem quebrou meu relógio estrangeiro que meu menino me deu. Oh, dó! Há muito tempo. Quebrou porque o tic tac irritava ele.

Meu marido ficou doente da cabeça porque nosso filho foi levado pela morte. Essa é difícil de lidar, quando a perda envolve filhos jovens se torna uma marca infinita e atinge a saúde mental e o nosso modo de ser. Eu perdi o meu filho e isso levou o pai a adoecer. Ele não conseguiu superar, foi ele que achou o filho morto. Hoje meu marido sofre de síndrome do pânico e tem depressão profunda. Minha força é em Deus, peço força para trabalhar e cuidar dele e dos outros meninos. Eu corro atrás da saúde pública, dos medicamentos, mas não é fácil, tudo demora muito.

Nossa vida familiar sofre as consequências da morte. Meu marido está aposentado por invalidez e ganha pouco, só Deus para multiplicar. Doente de depressão, ele adoeceu e passou mal no serviço. Trabalhava na empresa dentro da cidade e cada dia estava em um bairro. A doença foi por causa da perda desse nosso filho, perdemos ele com vinte anos. Isso faz 19 anos. Ele morreu afogado em uma lagoa, tinha costume de ir para lá. Quando morava na roça, ia de excursão. Daqui foi a segunda excursão. Tinha costume de ir lá e nadar, mas perdeu sono e bebeu. O pessoal fala que foi redemoinho que puxou ele e não teve força de debater, porque estava bêbado e com sono. Noh! Ele era bom menino, igual ao caçula. Depois da morte dele, os irmãos não quiseram sair. Os mais novos e nem a irmã não ficavam na rua, anoitecia punha para dentro de casa.

A morte e a dor são lembranças eternas e permanecem no decorrer da vida. Dói a mãe perder um filho, é uma ferida que não cicatriza. Meu marido não conseguiu superar e ficou assim. Eu consegui manter, porque eu pedi muito a Deus para me dá força. Eu tinha um sofrimento, os meninos ainda estavam adolescentes. Na época, eu passei meus pedaços.

E minha vida é assim com pouco recurso de dinheiro, de cultura, de relacionamento e eu busco na religião uma ajuda de Deus. O meu modo de viver diante das dificuldades é o apoio na religião como uma alternativa, uma esperança, um fortalecimento. Eu vou à igreja e fico lá rezando, buscando uma saída, uma luz, tenho muita fé. Não entrego as dificuldades e necessidades, eu me viro.

Minha vida se resume em muitas atividades. Eu planto horta, vendo verdurinhas. Tenho uma parceira que se chama Maria, uma pessoa amiga que conheci na comunidade. Ela pega verdura com um senhor, eu vendo para ela e aí ganho um troquinho. E tenho as galinhas, vendo os ovinhos de vez em quando. E é a vida do dia a dia que é mais complicada, por causa dos problemas do meu marido.

Lidar e conviver com doença mental não é fácil. Meu marido doente, tem dias e semanas que a gente não fica tranquila .... Fala muita coisa de você, destrói as coisas que a gente tem amor. Me dá muito trabalho, eu passava noite e dia atrás dele na rua afora e mato afora. Uma vez, ele foi lá em Itabira a pé, isso foi depois da perda do filho. Ele passou uma foice na mão e com o dinheiro do pagamento que ele tinha recebido. Este dia eu fiquei satisfeita demais eu fui lá na rua e recebi 700, quase 800 reais. Eu cheguei aqui, dei ele o dinheiro. Era o costume que eu tinha para respeitar ele, mas era assim: eu chego e ponho o dinheiro na mão dele. E ele é que vai repartir o dinheiro para compra, não para as coisas todas pois não dá, primeiro é fazer compra básica e depois as outras contas que tem para pagar. Aí, nesse dia, ele saiu com o dinheiro todo, eu fiquei quase doida. Deus que livrou que ninguém pegou o dinheiro. Hoje, sou eu que olho o dinheiro. Eu saio pra ir buscar e já levo todas as contas para pagar, compro as coisinhas que tem que comprar e venho embora para casa com o restinho para sobrar para ele e para o vício - fuma demais. Eu também fumo, mais é trevo. Eu fumo pouco. Ele, noh! Fuma muito, um pacote de fumo, ele fuma com três dias. Fumar demais ataca a memória e se ficar sem é pior ainda.

E eu penso que a gente precisa é saber usar os recursos públicos. Aqui em casa, nós usamos o Serviço de Saúde Mental de João Monlevade (Sésamo). Meu marido faz tratamento lá, mas parece que o organismo dele acostumou com os medicamentos do Sésamo. Além do meu marido, eu tenho dois filhos que dão muito trabalho. Até que Graças a Deus esses dias agora eles estão trabalhando. Serviço para casa e de casa para serviço.

Eu já venci muitas batalhas na vida. Como diz os outros, nós passamos bastante dificuldades até para comer. Graças a Deus superamos as dificuldades. Passamos muito magrela. Meu marido ficava trabalhando fora. Eu ficava lá na roça com os meninos. Ia eu, trabalhava, capinava lote para os outros, plantava e ajudava os outros a plantar roça, buscava lenha para os outros. As pessoas me pagavam, naquela época era como se diz um pouco que Deus multiplicava. Tudo era difícil para todo mundo. Vendia muito serviço porque Deus multiplicava. E aprendi muitas coisas nessa vida.

O meu passado influenciou o meu jeito de ser, digo, minha forma de agir, meus hábitos perante as necessidades. Meu marido foi meu único namorado por dois anos e meio, de namoro e noivado e casamento. Nos conhecemos na escola. Eu estudei até o terceiro ano e ele até o quarto lá na roça. Eu não sabia se eu estudava ou se eu ajudava meu pai. Minha mente sempre foi dividida. Aí eu tinha que trabalhar e meu pai tirava leite para os outros e eu tinha que buscar vacas de manhã. Eu punha as vacas encurraladas no quintal para ele primeiro para depois ir tomar banho correndo e ir para escola. Chegava da escola, almoçava e tinha que ir ajudar ele. Assim, aprendi a trabalhar e trabalhar. Eu não tenho medo de trabalhar, penso sempre no que posso fazer para melhorar as coisas para nós, não fico só esperando ajuda dos outros e dos políticos.

Meu marido era bom para mim, mas sempre aprontava uma e quando resolvia sair para trabalhar mundo afora eu é que tinha que assumir as obrigações de casa, e, assim, eu precisei desenvolver múltiplas atividades. A transformação da necessidade em virtude, de aproveitar o trabalho de pessoas conhecidas e aceitar doações, são minhas formas de viver.

Vou contar uma cena da nossa vida. Teve uma vez que meu marido sumiu e ficou três meses, eu nem sabia onde ele estava. Ficava sozinha com os meninos. Aí eu fazia meus bicos, buscava lenhas, capinava para os outros, fazia faxinas na antiga fazenda de um conhecido para ter um dinheirinho e comprar algumas coisas para os meninos. Ganhava material escolar para eles quando estava estudando, não fui orgulhosa e aceitei graças a Deus. E foi nessas necessidades que incorporei vários hábitos de vida. No presente, eu planto, colho, vendo verduras, faço sabão caseiro, vendo sabão em tablete e líquido. Faço tarequinhos (bolos), biscoito polvilho para mexer dá muito trabalho e mais difícil de fazer, então eu faço pouco. O que eu gosto mais é de mexer na terra, na horta. Esse terreno aqui é nosso.

Outros recursos nossos é a aposentadoria dele que não é nem um salário, é só Deus para multiplicar. Chama é de auxílio doença. Os remédios, o posto de saúde e o Sésamo doam. Consegui com facilidade o auxílio e foi bem tranquilo, graças a Deus. E tem os serviços dos meninos, se Deus abençoar que firmam no serviço, os meninos vão ajudar em casa. E tem muito tempo que meus filhos estavam desempregados. Aí eu que cuido deles, fazem um bico aqui outro ali só isso.

E eu percebo que além de ensinar a trabalhar, meus filhos precisavam é de estudar. Mas, não foi possível. Eu penso que a educação é uma necessidade que não é fácil de ser adquirida. Além das condições materiais, deve-se ter interesse e disposição para aprender. A educação aliada ao trabalho, a pessoa tem que saber dividir o tempo e esquecer o cansaço. Isso não é fácil, e a mente fica fraca. Aqui na família, quem está continuando a estudar é só Alex. A educação ajudou esse meu filho que hoje tem condição melhor. Para minha vida o diferencial foi o trabalho, não tenho estudo. Os dois filhos mais velhos pararam na sexta série e não quiseram voltar. Kátia, a mais velha de todas, estudou um pouco mais. Os dois do meio desistiu de estudos. Ela fez científico. Alex está agora estudando, como se diz está tendo oportunidade de emprego melhor, mas sem os estudos não chega lá. Eu falei vai em frente, meu filho. Deus te abençoe e vai dá certo. Ele já tem a família dele. Mora separado daqui. Mora lá no Planalto. Ele é muito carinhoso com a gente. Tenho muita emoção com ele. Isso me ajuda demais, demais.... Tem dias que ele liga e fala assim: oh, mãe, eu liguei só para agradecer a senhora por ter cuidado de mim. Ai! Dá um choque na gente. Ele liga e fala, então ele manda aquelas mensagens bonitas para a gente no telefone. Isso ajuda muito.

E sem ser meus filhos, eu tenho dois irmãos, não tenho pais. Tenho contato direto, eles vêm aqui quando podem e fala por telefone, eu que passo mais tempo sem ir lá por causa das condições. Não dá para ficar passeando muito. Outras relações que tenho são com a vizinhança é um recurso que requer boas relações. São pessoas próximas e que podem trazer apoio nas necessidades. São relacionamentos de ajuda recíproca. Se eu morasse num lugar que eu não tivesse vizinho para conversar, se eu não tivesse amizade com o pessoal do bairro, eu não sei o que seria de mim. Não sei. Tenho amizade com vizinho, graças a Deus. Agorinha mesmo, eu estava ali no muro conversando e a vizinha desabafando comigo.

Hoje em dia a minha vida se mistura com a vida dos meus filhos, penso que filho é tudo na vida da gente. Já falei deles no desenrolar da minha história, mas vou repetir de novo, coisa de pessoas como eu. Tenho uma filha. Eram cinco filhos, faleceu um. Aqui em casa moram três, eu e meu marido. São cinco pessoas aqui em casa. Minha menina mora ali na frente, casada e tem filhas. O caçula é casado e mora no Planalto. Cuido da neta para minha filha ir trabalhar. Então, aqui em casa sempre fica de cinco a sete pessoas. E tenho dois netinhos, uma faz dois meses hoje, ela necessita de ajuda do leite. O leite é muito caro. Ela nasceu pré-matura e tem que usar adaptador por seis meses. A mãe e eu estamos dando uns pulos, o

dinheiro que tinha guardado já gastei ele, comprando o leite porque ela mama muito e o médico mandou dá 60 ml de leite. Graças a Deus, agora já engordou meio quilo. Ela ligou para mim hoje e falou que o marido, rapou o restinho das reservas. Ela paga aluguel e tem mais dois filhos maior, um de 10 e 12 anos e eles não tem idade para trabalhar e ajudar em casa, no aluguel. A menina com esse problema e os outros dois na aula.

A outra neta nasceu bem, Graças a Deus, e o pai e a mãe são bem-sucedidos, estou falando do meu filho o que está estudando. Essa de dois meses é que está preocupando. Minha filha é uma pessoa muito humilde, humilde mesmo e está no aluguel, o pai dos outros meninos dela está desempregado, faz um bico aqui e outro ali e não dá nem para ajudar no material escolar dos meninos. Ela está cortando um doce. Meu menino vendeu uns esterco, fez uns bicos para os outros e comprou uns negócios para ela que estava faltando, coisas de comer. A gente tem que pedir ajuda a uns conhecidos amigos. Deus abençoe que a gente consegue pelo menos o leite da menina. Se conseguisse uma cesta para ela ia ajudar bastante, pois eu não tenho condições e não tenho vergonha de falar. Não tenho condições não, nenhuma de sustentar a casa dela, se vem aqui, a gente divide o pão. Lá no São Vicente, a dona disse que não está tendo nada de cesta básica. Nós estamos correndo atrás desse leite. Não conseguimos no posto de saúde. Tem fila e é difícil, tem muita gente, tem outras crianças na mesma condição. A gente está buscando fora, até conseguir. Mas ela leva a menina para consultar e vacinar lá no posto.

E fico aqui no canto da minha casa pensando no dia de hoje e no máximo amanhã. De repente penso nas minhas atividades do presente e acho que podem ser oportunidades para melhorar as condições de vida aos poucos. A experiência traz ideias e relações positivas que são forças que impulsionam a gente. Como eu já disse, aprendi a plantar com meu pai que plantava roça e com minha mãe que plantava horta em casa. Eu planto, cuido, na hora de colher, encho o carrinho e saio vendendo na rua. Também, pego as verduras que Maria compra no sítio aqui pertinho, é de um senhor velhinho e tá cuidando da esposa alzemada e ele não pode sair para levar as verduras nos pontos de venda. Então, a Maria compra lá e passa para mim. Eu cresço a produção com o que tem mais o que vem. Ela é minha conselheira, ela me ajuda muito.

Juntas fazemos planos de crescimento. O nosso sonho de ouro é usar esse meu espaço da parte de cima (a laje). Hoje está alugado, mas não deve ser alugado e quero fazer um mesão aqui. Assim eu não vou ficar saindo pelas ruas, mas eles (os clientes) é que vão vir buscar. E quando tiver uma estrutura boa, nós vamos vender doces caseiros. Porque é difícil de fazer bem feito, como o doce de Cidra, por exemplo. Já temos a pessoa certa que faz e fica dez. Nós vamos ter doces de figo, de cidra, essas coisas todas e quando não tiver mais o aluguel vamos fazer isso, tudo aqui em cima. Aí não terá mais que sair, pois tenho que olhar o marido.

Maria é uma amiga de ideias. E nós vamos fazer o balcão lá em cima e ela gosta muito de me ajudar. Me dá muita coisa que não presta para ela, tem festa lá e sobra ela me dá. Liga para mim e eu vou lá e pego. Aproveito tudo, porque Graças a Deus a gente não é pobre soberba. Luxo eu não tenho mesmo. Sempre ela tenta me arrumar trabalho e me dá várias ideias. Só de vender essas verduras no bairro, ela que me deu a ideia que me ajuda bastante a fazer um dinheirinho.

Eu sair para vender minhas verduras foi ideia dela, hoje agradeço. Eu aluguei baratinho meu espaço de cima, mas aluguei, para não ficar parado e entrar um dinheirinho. E para o nosso balcão, nós estamos introduzindo agora as ervas medicinais. Maria tem um conhecimento e eu também tenho das ervas medicinais: a losma, quartzo, hortelã, manjeriço, alecrim, o pariri que aumenta os glóbulos vermelhos. É caríssimo, o maço de Pariri é dez reais, e tem ele aqui perto do varal. Isso nós estamos introduzindo as ervas, o brasileiro não tem muito costume de pagar essas coisas. Tudo é “me dá, me dá” então tem que ir devagarinho. Nós não vamos dá nada.

E eu vou continuar a cuidar dos gastos da minha casa e sempre adotei de não ter desperdícios. A gente tem medida para as coisas. As despesas para comer são primeiras e depois vem as do mês que são de água, luz, plano de saúde familiar. Meu INSS, eu pago autônoma tem onze anos. Agora com essas mudanças, eu nem sei se vou aposentar. Verdade verdadeira nem sei se vou aposentar. Cada governo que entra lá muda a coisa. Isso desanima a gente.

Então é assim saber trabalhar com os recursos que se tem é uma prática de economia e de ganhar dinheiro. Um exemplo, eu tenho uma folha aqui plantada que trouxe muda da roça ela chama Vick. É para gripe, tem cheiro de bala de hortelã, tenho coentro. Estamos introduzindo, o que chama as pessoas. Nós vamos

fazer o sabão de erva. Ele joga o creme da Natura no chão. Ele é feito de folha de espinafre, toda a folha comestível saudável e tudo. Vamos fazer o sabão de ervas. Deu uma coceira, lavou com o nosso sabãozinho fica bom.

Um fator importante nas expectativas de melhores condições são saber ter boas relações. Eu e a Maria combinamos na ideia, porque às vezes tem as pessoas assim que querem fazer as coisas juntas, mas e o relacionar? Maria fala assim” Luz é feijão sem bicho, ela não passa ninguém para trás e nem é boba de deixar ninguém passar ela para trás. E não passa o outro. Então eu falei que com ela dá para trabalhar. Então nós estamos investindo pesado, com base em honestidade, solidariedade, confiança e os próprios recursos que Luz tem no quintal. E você vê tudo limpinho, tem uma menina aqui que eu queria e ela fica em casa e tem limitação, eu pensei nela para picar a verdura e a gente vendesse picada, mas a higiene pega : ela lava o cabelo na pia da cozinha, então eu falei “Epa! Uau! Opa!”. Não vai servir para nós: tirou a dentadura do bolso e pôe na boca, hum não dá, porque a questão de higiene pega. Agora, se você vier cá na Luz, olha o lixo dela. Ele é um brilho, todo bem acomodado. Aqui não tenha medo, ela tem nojo de tudo. Então tem que ser assim, tudo limpo. Uma pessoa que vai picar verduras e não tem as luzes escovadas, ah não pode ficar com a gente”. E eu vou tentar fazer o que nós estamos pensando. Eu fico também pensando na infraestrutura daqui do bairro que tem que melhorar para dá um futuro melhor as pessoas. Hoje, eu tenho que ir em outro bairro, pagar passagem cara para levar a minha neta para fazer canto lá na Casa de Cultura. Uma habilidade que queremos desenvolver nela. Ontem ela não foi, lá está de férias.

Na Casa de Cultura tem aula durante o dia e durante a noite. Minha neta faz lá e quando não dá para eu levar, a tia dos meus netos leva. Aqui no bairro não tem essas coisas para melhorar a cultura e a habilidade das pessoas. São coisas que chamam de projetos sociais, meios que ajudam a desenvolver capacidades, mas no geral estão ligados a interesses da política. Os projetos que vem para aqui é querendo atingir o objetivo do político. Então não funciona não! Fica o tempo da eleição política, depois dá uma desculpa e desaparece. Tem lei de incentivo à cultura, mas ela não funciona. Aqui não funciona.

Em Itabirito, eles usam bem isso incentivo à cultura: a varredora de rua lê o livro e, acabou o serviço, ela vai para casa com o livro no ônibus. Ela é treinada e incentivada a lê. E a música também, o povo de Itabirito canta, o prefeito canta pela rua, o juiz, eles cantam por tudo enquanto é lado. Seria ótimo se tivesse filiais da Casa de Cultura no bairro, têm muitas crianças que ficam pela rua afora. Quem teve a ideia de colocar minha neta no canto foi a mãe dela, porque ela gosta também. Quis pôr para ocupar o tempo e a mente dela e assim tirar da rua. Criança na rua só aprende coisa que não deve.

O bairro tem um posto de saúde, mas se o caso for mais grave tem que ir para o Hospital. Mas só Deus sabe se chega lá vivo, porque é longe. O jeito é se virar. A gente toma uns chazinhos, eu não sou muito chegada não. Funcho encapota a gente. Não acredito em benzer, essas coisas não. Isso é coisa de antigamente. Às vezes, só para torcicolo, aí vale coser.

Outro recurso é Serviço Voluntário de Resgate (Sevor) que atende a cidade toda e os acidentes na BR 381, e quando a gente da periferia precisa nem sabemos se seremos atendidos. Falar verdade, não ponho muita fé não. Outro dia meu marido estava atacado, eu liguei para a Polícia e ela pediu para ligar para o Sevor e depois ligar para eles de novo. Eu cansei de ligar para o Sevor vir com ambulância e eles não atenderam. E liguei de novo para a Polícia, agradei e falei com eles e ninguém veio. Aí eu acabei de amanhecer o dia sentada perto dele e ele agitado, quebrando os trens tudo e vendo bichos na parede.

Nas emergências de saúde e desespero, como último recurso e se puder, os vizinhos que têm carro é que ajuda a gente. Mas hoje, conforme o caso, é perigoso a gente levar o doente. Relações com vizinhos são também recursos. Eu superei várias dificuldades por muitas orações de convivência com o pessoal. Uns bons, outros nem tanto. Um bom dia e boa noite é coisa boa. Eu sou da opinião, eu me acho uma pessoa legal, fácil de fazer amizade. Dou um bom dia e boa tarde à pessoa que passa perto de mim e quer bater papo. Noutras vezes, eu viro as costas como fiz com a Joana, ela é nariz em pé. Acontece de eu ver e não topar só no olhar, pois parece que a pessoa quer é ser superior e humilhar a gente.

O bairro também possui água e a energia com promessas de tarifas sociais. A água é tratada, é água do DAE. Mês que vem agora é que vai ter aquela tarifa social que prometeram, agora que vai resolver isso. Eu consegui benefício na luz: um mês eu pago, outro não. Mas agora com os dois meninos direto aqui, não sei se vou continuar tendo, pois, o mínimo é de 100 kwh.

Aqui é bom bairro. Tem vinte anos que moro aqui. E cresceu muito. Quando eu mudei para cá, a rua era toda de terra, só terra, e dava muita poeira. A maioria das pessoas ficavam com as casas fechadas. Como disse, tem água tratada, energia, mas a rede de esgoto não é completa. As ruas não são boas, aqui está precisando demais de limpeza. Como eles falaram que ia canalizar esse córrego aqui, oh! E nada. Se canalizasse, era bom e a gente ficava livre desse mal cheiro. Chega na rua ali, olha lá. É a última casa, onde que vira o ônibus, e de lá já vem a sujeira e vai e vai descendo. Todo lugar que a gente vai aqui é difícil. A maioria das ruas têm asfalto e calçamento.

No bairro o transporte é bom, mas o ônibus tem que melhorar o preço das passagens. Nossa Deus! Passagem está muito cara. Acho que tinha que ser igual a intermunicipal - a pessoa vai até uma distância é um valor, até outra é outro valor. À medida que for distanciando, vai aumentando o valor. Aqui não. Se entrar em um ponto e descer no próximo, é o mesmo valor para o centro. Ponto de Taxi não tem, é apenas no bairro vizinho lá no Cruzeiro Celeste e não vale a pena, ou então lá no centro comercial e na rodoviária rede Graal. Na emergência é o carro do vizinho. Às vezes, na urgência, é melhor eu ligar para meu menino que mora lá em cima. Os vizinhos sempre ajudam quando os outros precisam.

Aqui no bairro tem igrejas diversificadas: Católica, Deus É Amor, Assembleia, Shalom e Fonte de Água Viva e têm mais que eu desconheço. Têm muitos católicos como eu e testemunha de Jeová. Há alguns comércios pequenos e para comprar as coisas. As compras maiores são em Carneirinhos ou no Fraga, que fica no bairro Loanda e eles entregam em casa. E assim é o bairro, não tem muito o que fazer por aqui. O lazer da gente é limitado, às vezes os meninos jogam bola na rua.

Para mim, o lazer é meu trabalho. Entre minhas atividades, tem a de cozinheira dos congadeiros. Nas festas do rosário, faço aqueles panelões de comida. A gente vai na sexta, tempera as carnes. No sábado, cozinha tudo. E, domingo de manhã, já começa a picar e pôr no tabuleiro para colocar o molho, macarrão, arroz de montão, salada, tropeiro, tutu. Eu gosto demais. Eu faço aquela panelada e já batuco, lá me divirto. E outra coisa que me divirto: fico mexendo na terra, vou à missa; quando tem uma quadrilha no asilo, eu vou; na igreja sempre tem e, no mais, é festa de Congado que eu vou lá para ajudar e trabalhar, para mim é diversão. Festa, festa não vou. Adoro música. Não gosto de ir em forró. Não gosto dessas coisas, não faz meu ritmo. Meu lazer é serviço.

E eu penso assim para viver, o que ajuda nas dificuldades e a gente ter melhores condições é o trabalho com atividades diferentes e que te proporciona alegria. E minha vida é dessa forma sempre na batalha, e finalizo aqui com vocês, porque preciso ir trabalhar e lhes digo, para mim não tem terapia melhor do que mexer na terra, não tem não!

### 3.2.2.3 Entrevistada 4 (E4) - Maria Josefina: só que depois que eu cá na cadeira de rodas, eu vi que eu não era religiosa era nada

**Foto 8 - Empreendedorismo de sobrevivência**



**Fonte: Fotografia da autora.**

As formas de mobilizar capitais pelos entrevistados anteriores possibilitaram a identificação da prática de trabalhos diversificados, influência de contatos políticos e pouco tempo livre para relações sociais e formas de lazer. As falas remeteram para uma atenção especial - a capacidade de empreendimento para sobreviver. Nessa linha, encontrei a entrevistada Maria Josefina Silva, uma mulher de 53 anos. Ela possui uma barraca, na qual vende guloseimas e realiza alguns serviços de xerox (Foto 8). Sua barraca está localizada em frente a uma escola estadual, dessa forma o principal público da Maria Josefina, conhecida como a Bizé dos meninos, são os alunos da escola. Dessa forma, adotamos o nome Bizé durante toda a entrevista, a forma como ela gosta de ser chamada.

No dia 03 de agosto de 2019, cheguei à casa da senhora Bizé e a mesma, após me convidar para entrar, demonstrou seu interesse em contar o seu modo de vida, no que tange a utilização dos recursos que possui e como faz para ter os que não possuem. Ou seja, quais são suas práticas para mobilizar capitais. Bizé iniciou a sua fala:

Vou contar a vocês. Sabem, sou uma mulher que já fiz diversas coisas para viver e de formas diferentes. Tenho muitas práticas que fizeram parte da minha caminhada. Passei por dificuldades de recursos, principalmente para alimentar, mas minha mãe sabia que não podia esperar a comida chegar na nossa morada. Eu sempre pensei assim; que eu precisava fazer alguma coisa.

Então, minha história de vida é repleta de situações de dificuldades e acho que as vidas de outras pessoas também são. Vejam a minha história, a maior superação foi em relação a saúde – eu voltei a andar. E para isso eu precisei da religião, precisei aprender a rezar e ter fé. Precisei dos recursos da saúde pública, mas precisei também de dinheiro para pagar um plano e cuidar de mim. Aí foram muitas e muitas dificuldades. Essa é apenas uma cena da minha vida, uma das mais importantes e que me levou a acreditar, que tenho capacidades e que posso com minha história demonstrar a outras pessoas mais jovens que elas são capazes. Então, vamos lá, quem sou eu? Sou apenas a dona de uma barrquinha, sou a Bizé dos meninos da escola? Não, eu sou uma batalhadora, eu sou uma vencedora.

Tudo começou em 1967, quando nascia uma menina em uma roça perto de uma cidade que se chamava João Monlevade. Uma cidade pequena do interior de Minas Gerais, montanhosa e que se desenvolvia através de uma grande siderúrgica que explorava a riqueza natural – o minério de ferro. O desenvolvimento econômico que essa empresa trouxe não veio sozinho, ao seu lado aumentava as desigualdades e os problemas sociais. Nem todas as pessoas lá trabalhavam. No entorno da cidade, surgiram muitos bairros em situação de pobreza, o desenvolvimento econômico não era para todos. As fronteiras da cidade também havia muitas roças com seus lavradores e recursos da terra, em uma delas eu nasci e fui criada, lá moravam meus avós.

Lembro que eu era bem pequena e no quintal ainda com lixos eu vi um tambor. Achei bonito e fui lá brincar. Tinha uns dois aninhos, e chegando perto ele estava cheio de água.... Oh! eu cair. Comecei a bater as mãos e os pés e minha mãe não aparecia. Eu não sabia dela, achei que eu iria morrer ali para sempre no meio da água que fedia. De repente, um cachorro começou a latir, foi então que minha tia apareceu me viu e me tirou, senão eu tinha morrido afogada. Minha tia me salvou. Hoje, creio que foi Deus. Onde estava minha mãe? Não sei, só sei que eu apanhava muito. O jeito dela ser comigo me marcou, mas eu reconheço que minha mãe sofreu muito para dá o melhor para a gente. Ela tinha muitas práticas de fazer recursos virar dinheiro e esse virar comida no prato. Mas, acabava que ela judiava e apanhei, apanhei muito mesmo. Será que ela agia assim por causa do cansaço, da carga de trabalho? A rotina da minha mãe era fazer o trabalho na roça, era cuidar da casa e dos meus avós, era cuidar dos filhos. E com o tempo, mudamos para a cidade, tinha os irmãos dela que vieram morar com a gente, os irmãos e o meu pai trabalhando e era muito serviço para a mãe sozinha, como diziam era pau de toda hora. Eu sei que

apanhava muito, a ponto que minha tia, essa que me tirou do tambor de água, me tirou dos braços da minha mãe. E tenho um irmão, dois anos de diferença e a mamãe com ele, já era diferente.

Minha mãe era estranha, nunca sentou comigo, é meu pai que sentou comigo quando menstruei, com onze anos, que eu tinha muito cólica, eu vivia internada por causa de cólica menstrual e a minha mãe era só trabalhar, trabalhar, trabalhar e a noite quem levantava e me dava remédio era meu pai, tudo era meu pai. Acho estranho o comportamento da minha mãe comigo, mas assim eu vivi e com ela aprendi muitas práticas para eu me virar na vida.

Lembro da época que viemos pra morar em uma casa no bairro aqui na cidade. Morando aqui para tentar uma condição melhor, meus pais vieram em busca de trabalho. Devido as dificuldades, eu e meu irmão éramos obrigados a todo final de semana ir pra roça do avô e da vovó. Eu era obrigada a ir, papai e mamãe ficavam aqui em casa, nós íamos com meu irmão. Então, quando eu estava com oito pra nove anos, uma pessoa começou a me molestar.... Sinto uma dor no peito ao lembrar esta cena. De noite essa pessoa vinha, sinto até hoje um fedor vindo dela, Deus me perdoe, fedor. Ela vinha me abraçando e beijando com meu irmãozinho na cama, e eu era doída pra alguém acordar. E ela lá me tocando com uma mão na minha boca, depois ela cansava e me deixava, ia dormir em seu quarto.

Tenho uma prima que um dia comentou que essa pessoa fazia isso com ela também, aí que eu tive coragem e falei que ele fazia isso comigo também. Ela foi e comentou com minha tia e ela falou com essa pessoa e foi aí que parou as coisas que fazia comigo, não sei exatamente a data, se antes ou depois que menstruei. Essa exploração da menina para o sexo familiar e o trabalho infantil são fatos que marcam a gente. Nessa fase, eu ajudava com o trabalho e não tinha capacidade para sair de casa e enfrentar a vida no mundo. Passaram alguns anos.... E agora estou com doze anos e olha comecei a namorar, feliz da vida. Namorei com o pai do meu filho, eu virgem e ele também, e então namorei quase cinco anos com ele. Até que um belo dia minha mãe virou e falou “vocês vão casar” e eu tinha dezessete anos e eu falei “ah tá, sim senhora, é até bom”. Só que eu não sabia da realidade de um casamento.

Esse meu marido quando tinha treze anos de idade fazia oitava série do ensino médio, e não quis mais estudar queria ser motorista de caminhão, como é até hoje. E eu toda apaixonada, a namoradinha submissa, fui e disse que também não ia estudar. Minha mãe foi e aplaudiu porque aí eu virei doméstica de vez, isso era o sonho dela para mim. E meu pai por ser homem da roça, ficou bem contrariado - filha não faz isso. Hoje eu sei o porquê meu pai falava para eu não deixar os estudos, ele sabia a filha inteligente que ele tinha e a diferença que faz os estudos na vida de uma mulher. Hoje, meu pai não está mais entre nós. Ele faleceu em dezembro de 89, que ele era tudo para mim, com 50 anos. Viveu três anos e meio depois da doença descoberta.

Minha percepção é que o casamento foi um recurso errado que eu utilizei, na verdade foi uma fuga de não sei bem o quê. E eu como se diz, deixei de ser aluna pra ser uma dona de casa e, namorar para casar. E com dezessete anos casei com meu primeiro namorado. Fiquei dez meses casada e desiludida com meu marido. Não engravidava de jeito nenhum, eu não tomava remédio porque minha mãe não deixava. Para esse fato da minha vida, lá fui eu correr atrás de um médico da saúde pública e foi demorado conseguir a consulta. Aí que eu procurei o médico e ele pediu o exame meu e do meu marido. Aí sabe, o médico me orientou o meu dia fértil, que foi nove de janeiro de 1986, que não era pra eu levantar e me lavar, tomar banho não, aí foi que eu engravidei do meu primeiro filho. E tive uma gravidez muito complicada, pressão alta, pré-eclâmpsia, engordei mais de 40 quilos e eu inchei o pé. E o meu caso era muito grave mesmo. Poderia eu e meu filho ter morrido. E graças a Deus, estamos aí.

Minha mãe foi uma pessoa que sempre interferiu na minha vida, mantinha autoridade de mãe sob mim. Fazia eu perceber que nossa condição de vida não era uma das melhores. Ensinou-me que é preciso sempre trabalhar e trabalhar. Quando criança, eu sei que minha mãe repetia, repetia muito, que eu lembro “seu pai só ganha salário mínimo, Salário mínimo e que tenho que fazer isso e aquilo”. Mamãe sempre tentou inventar o que fazer. Na casa tinha horta para vender, na roça ela ajudava minha vó, saía com balaio na cabeça pra vender. Eu me lembro dessa cena, ela saindo com o balaio na cabeça, cheia de coisas para vender na rua. Eu me lembro da minha mãe subindo o morro pra vender. Minha mãe trabalhava no pilão, socando. A vida dela realmente foi pior que a minha, ela passou fome, meu avô deixou minha vó com onze filhos. Ela e os irmãos passaram necessidades mesmo. Minha mãe vendia pirulitos de açúcar, inventava de fazer colchão, costurava roupas para vender e para sobreviver.

Um dos piores fatos na infância foi a restrição para comer, mesmo sendo criada parte na roça e parte na cidade, no ir e vir das estradas empoeiradas. Meus olhos ficam arregalados só de pensar o que é a falta de comida. Teve um dia na casa da minha avó, quando a família conseguia comer um arroz, que era só rico que comia, era aquela festa. E a minha vó, muito nervosa com os onze filhos pra cuidar e não ter o que comer atrapalhou com a comida. A vovó, na hora lá do nervo dela, ao invés de colocar sal na canja de arroz, colocou sabão em pó. Esse dia eles não tiveram nada pra comer, minha vó xingava e chorava - mamãe sempre contou. E nessa cena de dificuldades para se ter as necessidades básicas, tem ainda a questão da forma de um homem tratar a mulher como se fosse objeto. Lembro que a família da minha mãe sofreu muito mesmo, e minha avó mais ainda. Depois a minha mãe casou, meus tios cresceram e minha mãe foi dá aquilo que falei lá no princípio, dá pensão pros irmãos.

E a vida continuou.... A orientação era: viver é trabalhar e trabalhar é ser feliz com o que se faz. E do trabalho veio uma pequena melhora com bens que foram sendo adquiridos. A fome foi vencida. Tudo e o pouco que hoje temos, foi com o trabalho da minha mãe, essa casa que hoje eu tenho é herança dela. O segredo da mamãe para mobilizar recursos era realizar diversos serviços, fazer mais de um trabalho. Esses serviços, como ela nos disse, são as idéias que vinham na sua mente e, sem medo, ela iniciava algo para ver se ia dar certo. Esse ter de aprender a trabalhar e fazer mais de um serviço eu aprendi com a mamãe, e eu fui incorporando em minhas ações e no meu jeito de ser. Esse é um capital importante, o trabalho que temos para oferecer.

Quando papai morreu, eu fui começar a vender leite. Minha mãe não quis continuar a trabalhar. Então eu tive a idéia de aprender a dirigir para trabalhar vendendo leite. Eu vendia 500 a 600 litros de leite por dia. Em cenas de perdas, como a do meu pai e do meu sogro, eu também experimentei a separação de casamento. Meu ex-marido (meu marido na época) foi trabalhar na carreta do pai dele que era o sonho dele. Ele trocou um trabalho fichado de motorista aqui dentro da cidade e foi pegar a Scania do pai e fazer as viagens pelas estradas. Vários fatos levaram a separação do casamento, casamento é uma instituição social e colocada na cabeça da gente pelos pais, não é solução de problemas, hoje eu penso assim. Eu sabia que meu primeiro casamento foi precoce. A fase da separação foi ela que me conduziu para novos rumos e alternativas de vida, não queria ficar dependendo do meu ex marido. Só sei que eu peguei um carrinho emprestado para vender leite e minha tia me emprestou dinheiro até eu poder comprar um carro velho. Aí é que eu juntei um dinheiro com a venda do leite e comprei um fusquinha, tirei o banco da frente para vender mais leite.

Mas a separação eu não deixei as falas da sociedade me bater e me apontar como mulher largada. A fase da separação me conduziu para novos rumos e alternativas de vida, não queria ficar dependendo do meu ex marido. Eu tomei a minha decisão de poder ter outro relacionamento e ser feliz com outra pessoa. Não me senti rejeitada, largada, me senti livre e capaz de amar.

Um belo dia, eu estava vendendo leite, “olha o leite chegando na sua porta” e de repente o meu carro atrapalha. Apareceu o meu primo que chamou um mecânico para mim. Era um menino lindo de olhos verdes que veio consertar o carro e depois eu e ele fomos testar. Para aproveitar nós fomos buscar leite lá em uma fazenda que eu precisava pegar para entregar. Eu lembro até hoje a roupa que eu estava, uma saíinha jeans. Tinha 23 anos, e esse menino veio me dando beijo. Nossa! Pra mim foi o melhor beijo até então, noh! Aí, eu envolvi com esse menino.

Meu recurso foi aprender a dirigir para trabalhar, e acabei encontrando uma nova paixão. As oportunidades na vida da gente são poucas e é preciso saber aproveitar. Eu aprendi a dirigir vendendo leite, buscava lá nas Pacas e saía vendendo de porta a porta aqui em Monlevade. E eu fiquei algum tempo com esse negócio próprio, porque dava muito dinheiro. E o dinheiro trouxe algumas complicações nas relações, minha casa encheu de gente. Eu não ligava, para mim eu estava ajudando. Esse foi um negócio próspero, o das vendas de leite da roça, e foi uma fase de muita fartura. Posso afirmar que foi um sucesso esse meu primeiro pequeno empreendimento. Minha casa mudou e lá foram ficando e chegando um e outro, a casa cheia e os conflitos surgiram. Um dia, diante de tanta confusão, a mamãe chegou com um pau de vassoura batendo em todo mundo, colocando todo mundo para correr. Mas eu não fui porque eu estava com menino pequeno.

Mas, tarde, o pai do meu filho levou ele embora, e aí foi um sofrimento. E a fase de vacas gordas foi passando e as condições de vida voltaram para o ciclo das necessidades básicas, nada acumulei e tudo eu gastei. Passou o tempo, e eu lá ainda na casa da mamãe, até que novamente a cena se repetiu. Mamãe entrou em casa botando todo mundo pra correr de lá, a casa ainda ficava no entrar e sai de pessoas. Dessa

vez, eu tomei uma atitude. Eu aceitei o convite de um senhor daqui desse bairro Boa Vista, amigo do meu namoradinho “vou levar vocês, vão embora comigo.”

Saber mobilizar amizades é uma forma de ter oportunidade para buscar melhorar as coisas. Os amigos são muitos, mas amigos solidários são pouquíssimos. Sempre tenha amigos que vivem com base no caráter e na honestidade, esses são recursos que Deus dá a poucos. Mas, também são recursos que o Diabo usa nas pessoas que se vestem de peles de cordeiros para passar a perna nos outros, em especial, nas mulheres. Na venda do leite passei por prejuízos e que foi decorrente de pessoas assim, o negócio acabou, a gente precisa saber selecionar os clientes. E eu resolvi ir para outra cidade com meu namoradinho.

Essa é outra forma de tentar viver melhor, buscar oportunidades em outros locais, hora de mudar de cenário que já está saturado. No início foi muito difícil e desafiador. Chegando em Ribeirão das Neves, eu fui trabalhar com uma senhora e eu fui morar com ela. Lá eu passei aperto, nossa mãe! Senhor! Morando em um espaço pequeno com uma família desconhecida. Criamos laços de amizades que até hoje eles permanecem. Eu devo muito a essa família, sem nunca ter me visto, eles me acolheram porque o irmão do namoradinho falou que eu era uma pessoa bacana. Me acolheram lá na casa deles.

Após alguns meses vivendo de favores, eu e meu namoradinho fomos trabalhar na fábrica América Latina de Jeans, ficava revisando as calças. Então, esse foi um recurso seguro que pensei “ter um trabalho assalariado” e não um negócio próprio. E a vida continuou com base em trabalho e casa, casa e trabalho e então outras coisas aconteceram sem eu me dá conta. Meu namoradinho estava estranho, mudou suas atitudes comigo. Ele era muito bonito. Aí, eu tinha deixado meu filho, largado na minha cidade, meu irmão estava na minha cidade natal entre a vida e a morte e pela medicina ele não ia escapar, com apendicite estuporada; com um por cento em cem de viver e esse um em cem, graças a Deus, ele viveu. É meu irmão, é meu amigo, é meu pai e é tudo pra mim.

Nessas condições familiares, eu longe da minha família e com namoradinho que me levou para morar com ele mudado comigo, eu não agüentei controlar as emoções. Um recurso que todos temos, mas nem sempre conseguimos usar positivamente. Meu namoradinho não me queria mais. Aí eu quis fazer besteira, quis mesmo. Nessa época, eu quis fazer besteira, cheguei a sair para cometer suicídio ali em Ribeirão das Neves, porque eu senti assim: que o meu mundo tinha acabado. Com as dificuldades da minha família na minha cidade natal e os meus conflitos amorosos, percebi que naquele momento, as condições não me permitiam guardar orgulho e raiva do passado em relação a minha mãe. Então eu me ergui de novo. Meu irmão muito mal na minha cidade natal, minha mãe me chama para vir, aí eu vir ver meu irmão e, graças a Deus, eu fiquei e não voltei mais para esse namoradinho. E eu o considerava como meu segundo marido. O retorno para a casa da mamãe foi outro recurso da minha vida e penso que são de várias pessoas - à volta para casa dos pais quando as dificuldades apertam na vida e a gente não vê uma saída. Voltei sim para minha cidade natal e comecei a trabalhar para um tio que tinha um pequeno comércio. A tristeza de ter sido trocada machucava meu coração, mas eu não deixava atrapalhar minhas atividades, eu precisava trabalhar para viver, eu tinha um filho para criar.

No decorrer do tempo, eu e esse ex-marido (segundo) fomos ter uma conversa em um fusquinha que eu tinha, um fusquinha que eu tinha pagado com sacrifício e era meio de trabalho, o fusquinha foi única coisa que me sobrou. Dentro do carro lá no alto do morro, o carro desceu morro abaixo e eu encapotei o carro, foi perda total. Era pra eu ter morrido ou ele, ou os dois. Nada, não tivemos nada, mas o carro foi perda total. A mulher é muito sensível quando gosta de um homem, e eu penso que isso vem de dentro dessa coisa da mulher ter o cuidar incorporado. Mas, a gente apanha na vida e a gente muda em relação aos homens, mulheres deveriam ser mais amigas das mulheres.

A recaída por esse meu ex marido foi um peso na minha vida, e eu sabia que precisava desligar dele de vez. A vida tem seus fatos e eu percebi que perder um homem não é o fim do mundo, não é uma dor insuperável, percebi que eu precisava era gostar mais de mim e não colocar a culpa em outras mulheres pelo que houve. Em paralelo, a esse sofrimento amoroso, eu precisei recorrer à justiça para ter o meu filho. Eu de novo sem carro e buscando meios para viver, vi na luta de ter meu filho de volta uma luz e consegui ter ele de novo. Queria é estar com meu filho.

Então, a vida prosseguiu, eu e meu filho morando na casa da minha mãe. E os amores vão se renovando na vida, eu penso que se apaixonar e viver relacionamentos faz parte da nossa vida e das nossas necessidades. Esse recurso eu sempre busco mobilizar porque faz parte das emoções, e isso é bem pessoal.

Um dia, aqui na casa da mamãe houve uma reunião do meu irmão com uns amigos seresteiros, e eu conheci um cantor, mas ele não tinha despertado a minha atenção. Seis meses se passaram dessa reunião, eu encontro com esse cantor. Eu estava com minha mãe, a gente estava lá no parque naquelas roletas e minha mãe diz “ali, quem tá ali”, ele tava sozinho lá. Começamos a conversar, viemos subindo e começou o namoro meu e dele. Aí, foi o homem da minha vida! Seria ele meu terceiro marido?

O recurso relacionamento conjugal surgiu novamente como oportunidade para eu ser feliz. E pensei “não é porque não deu certo com os outros, que eu não vou tentar”. E comecei um novo namoro, até que um dia a gente namorando em casa, surgiu a interferência da minha mãe que brigou novamente comigo e eu sair de casa. Nesse momento, fui morar com ele e os dois filhos dentro da casa deles. Fomos eu e meu filho. Eu não podia ficar ali com minha mãe e minha irmã, eu precisava viver de forma mais harmoniosa. Foi então, que ele falou “Você vai lá para casa”. Então, você vai para lá, não vai para outro lugar não. E para lá eu fui, ele foi trabalhar e meu tio e o caminhão veio. Juntei minha casa montada que estava aqui e fui morar com ele e os dois filhos dele, que, até então, era a irmã dele do sul de Minas que estava tomando conta dos meninos. E aí foi maravilhoso, a vida me deu dois filhos que não eram meus e quem estava comigo sabe que eu dediquei durante oito meses dentro da casa. Oito meses se passaram, eu adoeci.

A família que eu pedia a Deus me foi dada, mas veio a doença. Doença é a pior situação na vida da gente, ter boa saúde é mais que ter muito, muito e muito dinheiro. Meu serviço, nesse momento, era o cuidar da casa. Não como função de doméstica, mas como mãe. Precisei de correr atrás de recursos públicos, econômicos, materiais e emocionais para entender o que acontecia na minha vida.

Um cenário de família alegre para um cenário de tristeza e que parecia não ter fim. Eu com os meninos naquela alegria, cumplicidade mãe e filho, bênção, beijo, abraço e aí eu fiquei tetraplégica dentro dessa casa, nessa família que Deus me enviou. Eu morando e cuidando deles e veio a doença. Muita tristeza quando o médico falou para mim que eu não voltaria a andar mais e eu disse “doutor, o senhor está aqui me falando isso, né? Mas eu vou voltar a andar, porque lá em cima tem um Deus, eu vou voltar a andar”. Eu não mexia um braço para pentear os cabelos, a unha não acertava, tetraplégica, inflamação na medula causada por chistosa. Eu não sabia rezar um terço. O ex-marido, o segundo, escreveu para mim, como rezar um terço. Uma senhora que estava internada comigo lá e que faleceu logo depois, me apresentou o São Judas Tadeu, que eu não conhecia. Então, assim, eu achava que tinha religião, e eu não tinha. Aí, eu passei a ter fé.

O recurso da religião é fundamental no decorrer da vida, e muitas vezes apenas descobrimos na doença. Eu sempre falava de boca que era católica. Só que depois que eu caí na cadeira de rodas, eu vi que eu não era religiosa era nada! Sabe, eu achava que era e não era. Foi na doença que eu passei a ter fé. Aí eu passei a ter fé e descobri como é que Deus foi perfeito na minha vida, fazendo a obra, o milagre que ele fez em minha vida. Então, eu sempre agradecendo a Deus por estar em pé. Igual essa casa aqui, quando eu termino de limpar, eu agradeço a Deus que eu limpei, que eu consegui. Uma pessoa na cadeira de rodas faria o que? Quando eu estou dançando eu estou agradecendo a Deus, porque uma pessoa na cadeira de rodas, amar a dança, igual eu amo, seria decepcionante. É só agradecer mesmo. Eu sou abençoada. E, com isso, eu acho que o meu jeito de ser também, eu acabo atraindo muito as pessoas pra mim.

O cenário da doença foi em torno de 22 dias sem movimento e esperança médica. Quando ia voltar os movimentos, os médicos falaram de outro problema que era a minha ileíte. Antes de parar os movimentos, eu parei de urinar. Foi assim... eu estava saindo de um casamento, lá em Bom Sucesso no Sul de Minas, estava com muita dor na perna, sem urinar e não conseguia urinar nada. Cheguei a BH sem urinar. Fui para o hospital. Quando cheguei aqui, tiraram um litro e meio de urina igual coca cola. E isso foi se repetindo, eu ter que ir ao hospital para tirar urina. Aí, foram cinco vezes, pela quinta vez que eu fui pro hospital pra urinar, que a mamãe que me levou, pois meu marido estava trabalhando, aí que mamãe ficou brava com os médicos “não vai internar não? Minha filha toda vez que for fazer xixi tem que vir aqui, ela aqui, e não vai descobrir o que ela tem”? Foi aí que me internaram e foi lá que eu paralisei, a verdade foi essa. E as fezes, eu andando toda torta. Eu começava a balançar e as fezes saiam sem eu notar para o corredor do hospital. Eu paralisei toda.

A doença requer muitos recursos, entre eles, o emocional. É preciso confiar em Deus, em suas capacidades de superação e nos médicos. Com vinte e dois dias no hospital, a enfermeira é que penteava meu cabelo e cortava minhas unhas. E um médico falou que, com muita força, muita garra eu que eu poderia voltar a andar de muleta; quando eu respondi pra ele assim: “antes do senhor aqui tem ele lá em cima, eu vou

voltar a andar”. E eu já saí do hospital, depois de 22 dias, não andando normal, mas pra quem nem se sentava, não ia meio metro, não dava um passo, essa perna não firmava. E eu superei.

Na época o hospital todo comoveu comigo, uma moça com vinte e cinco anos com três filhos para cuidar e toda tetraplégica no hospital ia me ver, até faxineiro ia me conhecer. Mexi com o hospital todo. Um médico disse assim: Aí, você está “rebolando demais!” Ele riu e brincou, pra quem não mexia nada, está ótimo, hein?”. E eu: “graças a Deus, doutor”.

Então eu saí do hospital sem urinar, sem fazer xixi. Eu ficava uma semana em casa tentando urinar, com a sonda enfiada lá, que eu só destampava pra fazer xixi. Voltava pro hospital pra tirar a sonda com a medicação, e, pra ver se conseguia urinar mais. Eu não lembro quanto tempo ao certo fiquei nessa situação, eu perdi a conta. Só sei que foi muito tempo, eu ficava uma semana em casa, uma semana no hospital, uma semana em casa, uma no hospital e tal. Eu ia pra casa com a sonda enfiada lá dentro. E nisso meu marido vai e fala pra mim “você tá tomando muito remédio”, e você “não vai tomar anticoncepcional não, nós evitamos de outro jeito”.

É mais uma cena da minha vida de lutas, sem tomar o anticoncepcional eu acabei engravidando. E aí os médicos ficaram tudo doido “noh! E agora?”. Eu não andava direito, quando eu engravidei do meu segundo filho. O primeiro filho nasceu com oito meses e uma semana, porque eu tive início de eclampsia e o segundo de oito meses e meio. Aí os médicos optaram por me operar porque eu já tive na primeira gravidez um pré-eclampse. Eu fui ter meu segundo filho. Lembro que eu estava no consultório do médico, quando ele falou que ia me internar. Era o primeiro dia de aula dos três meninos. Então, sai do consultório e ia passar em casa, fiquei triste por não poder participar do dia importante dos meus meninos. Na hora que eu desço as escadas do consultório, eu evacuei a roupa toda. Eu voltei a andar, mas eu não voltei a urinar. Vai fazer vinte e oito anos que eu uso sonda para urinar e as fezes onde têm que sair sai. Sabei aquele tanto de fezes pelas pernas abaixo e eu vir pra casa toda suja, tomei um banho e fui internar para ganhar o meu outro filho, e a aí ele nasceu cinco e quarenta da tarde. E eu fiquei ruim, depois que eu vir pra casa. Aí, o médico me ligava por causa desses problemas meu. A urina minha era da cor de coca cola, pretinha, de tanta infecção.

A ajuda dos filhos foi essencial na rotina da casa e comigo, eu era dependente dos meus filhos e do meu marido. Esse um horário estava em casa, outro não. Foi nesse pós parto, um tempo depois que os médicos optaram pelo uso da sonda de alívio, que eu usava aquela que só destampava. Aí eu dependia da ajuda dos filhos e dos enteados. que também me ajudavam com a casa.

Muitos fatos aconteceram durante minha doença e na fase de recuperação. Eu tomava vários medicamentos e minha percepção e capacidade física e mental ficou abalada, eu sempre sonolenta. E a vida continuou, e os fatos mudavam. A vida é feita de fatos alegres e tristes, em um ir e vir que requerem ações e nos tornam protagonistas de nossos destinos. Voltei a andar e aprendi a conviver com a minha sonda para urinar. Assim, seguimos a vida aqui nessa pequena cidade. Até que um dia, nós precisamos mudar novamente e, fomos morar em uma roça. Foi outro sofrimento na minha vida, mas foi preciso, a alegria foi do meu enteado ter passado em uma universidade pública e que ficava mais próxima dessa roça. A situação de mudança foi uma forma de ficar menos longe dele e resolver a questão do desemprego do pai. Antes de ir para lá, nós tentamos mexer com açougue e não deu em nada. Foi só prejuízo. Com o dinheiro do tempo de serviço fichado, ele comprou um sítio indo pra Santa Barbara e aí foram gastos e mais gastos, o dinheiro acabou. E começamos a ter dificuldades, até quando ele perdeu um irmão, no sul de Minas, e meu ex-sogro pediu para gente mudar para lá, lá nessa roça. Ele vende o sítio aqui, compra um caminhãozinho e fomos para lá.

Fui morar na roça, cascavel entrava na minha área. Eu com os dois meninos, aí o filho dele estava no Sul de Minas, estudando e nós lá perto de vertentes, São João Del Rei com Lavras, ih... aquela luta. Eu tinha um carrinho que eu levava meu filho para a escola. No caminho eu via os meninos da roça andando a pé, eu colocava os mesmos no carro também, eu colocava menino até no porta mala. Um dia eu tive idéia de meu sogro ir na prefeitura e pedir para colocar uma Kombi para puxar os alunos da roça para rua. Não é cidade, é um arraial pertence a São Santiago, chama Capelinha Mercês de Lima. Então, meu ex-sogro colocou a Kombi, depois meu ex-marido comprou um ônibus, eu fui e tive essa iniciativa.

Na vida é preciso a gente inventar as coisas para ajudar as pessoas e fazer dinheiro, porque pobre tem que sobreviver como pode, mas tem que tentar melhorar e ser sempre ativo. Não se pode esperar que as políticas sociais resolvam nossas vidas, se não ficamos sentados, e a morte e a exploração de nossos

serviços nos consomem. Eu sempre mexi com alguma coisa, com algum serviço e sempre para minha sobrevivência. Eu tive o leite que eu vendi, depois do leite que foi um negócio que eu perdi, fiz muitos serviços. De criança eu já trabalhava. Com dez anos de idade, eu descia para buscar revistas de Avon e Demillus. Lavava roupas para minha mãe, porque ela pagava lavadeira; e eu falava “não pode deixar que eu vou lavar e a senhora me paga”. Aí depois do meu primeiro filho, da separação, do leite, eu trabalhei para o meu tio e depois foram muitas coisas.

Depois do segundo filho, casada, doente e para poder ter uma renda maior e dá um conforto melhor para os meninos fui mexer com vendas. Eu sempre mexi com vendas, vendia bijuterias, vendia roupas e outras mercadorias. Mas, a diversidade de trabalho que eu tinha quando era casada, na verdade foi uma fuga, o salário que meu marido ganhava dava para nos sustentar. Hoje, se eu tivesse um marido que ganhasse o que ele ganhava, eu não trabalharia não, para que? Mas era uma fuga, para sair daquele mundo, daquela mesmice, fugir das coisas que estavam me contrariando. Eu sofri com esse homem, pois eu economizava em casa e ajudava financeiramente e, ele gastava dinheiro com futilidades fora de casa e acho que com outras mulheres.

Então, a vida na situação de pobreza não perpassa somente pelo recurso capital, a gente tem que se sentir gente, ter dignidade, ser ativo, e no caso da mulher, ela tem que descobrir que ela é um ser humano e não precisa aceitar violência física, moral e até mesmo de estelionato emocional. É preciso ser mulher ativa e não cair nos contos de vigário dos homens, da ilusão do príncipe encantado.

Na minha vida e dos meus filhos, o lazer era difícil. A gente não sabia o que era ter um bom lazer. E eu falo e repito, esse meu filho mais velho não teve infância. Foi uma fase que eu estava doente, ele que me ajudava. E a gente não tinha muito com o que se divertir. E, com três meses, eu curei a dor da separação com o lazer, foi dançando, foi saindo, e mais uma vez taxada como sem juízo e foi assim.

O lazer restrito me ajudou na fase da separação que eu considerei como o maior sofrimento e perda da minha vida. Mas, outro fato surgiu. Em 2001, quando vê, (tudo que eu achei que eu estava morrendo, porque era o homem que eu amava e que eu chorava) vem o meu querido enteado, em 25 de maio, e ele faleceu. Eu sentada com uma amiga almoçando aqui na área de casa, eu gritava que esses vizinhos escutavam. E essa perda foi muito forte, diante de separação conjugal. Eu falo que o que eu tenho de melhor é os meus filhos. E eles só me dão alegrias, graças a Deus é o que eu tenho de melhor mesmo.

Na trajetória da minha vida, muitas decisões eu tomei e muitos sonhos ficaram para trás porque faltaram as oportunidades. Eu deixei de viver e ter outras profissões, quando eu parei de estudar, e eu descobri também, que até então, eu sinto que Deus me deu muito dom pra vendas. Eu queria fazer educação física, igual meu caçula está fazendo hoje. Eu cheguei a pensar em fazer educação física ou medicina. Eu seria uma excelente médica, já ouvi isso de médicos. Não gostaria de estar mexendo com cirurgias, com sangue, com essas coisas, mas uma clínica geral pra você atender, você diagnosticar, tentar achar o que a pessoa tem.

Então a vida é assim, você precisa mobilizar muitos recursos e fazer atividades diversificadas e ir adequando conforme os fatos da vida. Há acontecimentos que nós não temos controle, não depende da gente, eles surgem na caminhada. Diante de desafios e das dificuldades, eu utilizei muito o apoio de amigos e familiares. Primos me emprestaram dinheiro para pagar plano por causa da minha doença e eu até hoje não paguei. E foi até chegar um dia que eu falei: não chega, não vou pagar mais esse plano. Não vou porque é seiscentos reais e com filho estudando fora, eu cancelei meu plano e graças a Deus eu estou me virando com os recursos públicos ofertados, mesmo com todas as precariedades.

Eu penso que, quando surge uma oportunidade você tem que tentar. Em 2002, eu fui trabalhar com uma proposta de emprego lá em São João Del Rei na farmácia. Os donos eram meus vizinhos lá na roça (onde eu morei), então, eles me conheciam de lá. E eu fui porque já não estava indo bem, aqui dentro da casa de minha mãe. Deus é tão maravilhoso comigo, que o homem o dono da farmácia drogaria me liga para ir trabalhar. O caminhão saiu de lá, veio e me buscou aqui com a minha mudança e eu fui. Chegando lá, minha solução foi recorrer a uma amizade que eu tinha. Duas moças, que eu morei na roça perto delas. Elas moravam num barracãozinho. Elas alugaram pra gente uma casinha, pra gente dividir. Uma casinha até melhor, bacaninha mesmo. Um período difícil, que mobilizei o recurso do trabalho assalariado. Aí eu peguei rabo! Com meu filho fui trabalhar na farmácia, salário uma vez no mês pra pagar aluguel, dividir água, luz e manter: eu e meu filho. Aí eu ia trabalhar, tinha dia que não tinha

dinheiro pro pão pra ele, nossa senhora! Eu tinha vontade de chorar. E eu no caixa da farmácia lá, e aí fechando o caixa, ligava pro dono da farmácia: posso tirar um real aqui pra eu comprar pão pro menino? Lugar desconhecido, morando em cidade nova sem ter redes de amigos eu precisei colocar em prática o recurso da confiança. Depois que eu fiz amizade com o pessoal da mercearia, perto da casa que eu morava, e o pessoal passou a confiar em mim, aí, que eu passei a pegar fiado leite e pão. Aí, eu parei de passar tanto aperto. E lá eu fiquei morando um ano certinho.

Mas, família biológica nunca a gente abandona e foi problemas com ela que eu precisei voltar para a casa da mãe. Nessa volta, eu sabia que teria que correr atrás de novas atividades, de recomeçar. A volta aconteceu porque minha prima ficou muito doente. Aí, minha mãe foi e sabia como eu era, como eu sou e falou “volta”. Eu estava com namorado na época, e ela o chamou para vir. Falei assim: eu para poder voltar pra casa da senhora, eu agora só saio de lá no caixão. E ela: “não, pode vir, pode vir”. Aí eu voltei, graças a Deus! Eu voltei pra minha casa, aí eu fui vender colchão magnético. Aqui vendendo colchão magnético, fazendo outras coisas. No início, eu vendi dois colchões só! Muito ruim, que é um produto caro. Ganhei e já sobrevivi bem com essas vendas. Na época das vacas gordas quando estava explodindo o produto colchão magnetizado. Mas, depois da onda de lançamentos, as vendas caíram.

Eu já estava com dificuldade para colocar dinheiro em casa, e dessa vez minha mamãe me ajudou com a ideia de “faz salgado para vender”! Comecei a fazer salgado pra vender. Não dava muito e aí minha mãe comprou uma aparelhagem de publicidade. Na época, o pessoal estava vivendo de fazer telemensagens para festejar datas. Eu ficava fazendo salgados para vender e mexendo com telemensagens aqui em casa. Muito serviço e tudo com as coisas daqui de casa. Aí, o que aconteceu, de tanto ficar presa em casa, eu entrei em uma depressão, e não sabia que era doença. Só, sempre em casa, conversava no telefone, o tempo todo passando mensagens pra pessoas, entrei numa depressão e quando eu fui ver não dei conta era dor de cabeça forte e eu procurei médico. O doutor passou remédio antidepressivo e de cara melhorei a dor de cabeça, sem saber que era antidepressivo eu tomei. E aí minha irmã separou do marido dela lá em São João Del Rey e viu que eu realmente não estava bem e falou: “não, vão dá um jeito. Você tem que sair de casa”. Aí, que ela foi comigo, menina vamos ir prá Divinópolis comprar roupas e vender aqui na nossa cidade. Peguei cheque emprestado e fui buscar roupas pra vender. Com a medicação realizada e essa venda de roupas eu comecei a sair de casa para fazer meu dinheiro, eu fui saindo da depressão.

E lembro, que eu tentando me erguer e lutando para ficar boa da depressão, tive um prejuízo nas minhas compras. A primeira ida da compra, a gente tinha que ir em uma noite e voltar na outra, o meio era uma excursão de sacoleiras. E o que aconteceu? Eu fui roubada! A primeira compra pra eu poder erguer, tentar ter um lucro melhor. Porque telemensagens e salgados eram muito pouco. Me roubaram uma sacola com os produtos no valor de uns seis mil reais. Mesmo assim, eu não desisti dessa atividade. Eu sobrevivi um tempo bom com roupa, muito prejuízo também, mas deu pra eu ir agüentando as pontas e levando.

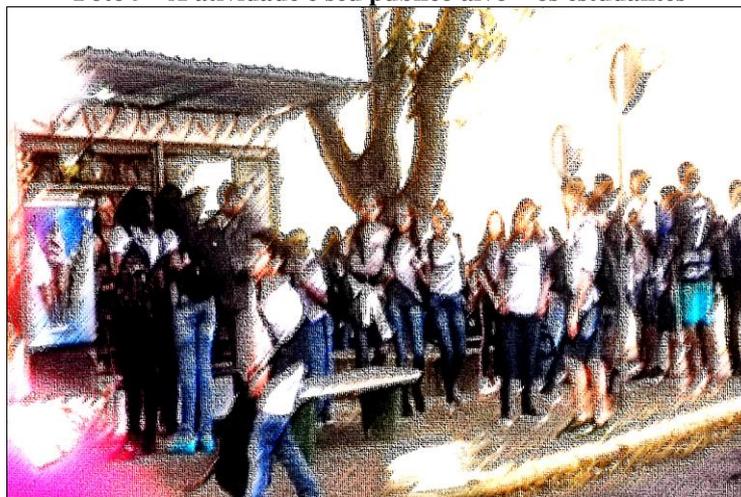
O tempo passou...um belo dia minha mamãe que tinha uma barraquinha de camelô não quis mais trabalhar, e ela passou a barraquinha pra mim. Já tá fazendo catorze anos que estou nela. A história da barraca é a história de trabalho próprio da minha mãe. Ela começou a barraca, ficou seis anos lá. O povo chamava de barraca da Tia Isaura. Na época dela, ela começou a barraquinha com o carrinho de pipoca que ela levava todo dia pra casa do vizinho próximo lá. Era uma barraquinha de empurrar e depois deu lugar a uma barraca fixa. Essa foi conseguida mediante influência política, são coisas de eleições e que o batalhador tem que aproveitar. O prefeito que entrou na prefeitura liberou uma barraquinha. Mas, a barraquinha era muito precária. E no local, que estava a barraquinha acontecia muitas barbaridades, e eles roubavam muito, arrebentavam os cadeados. Os homens roubaram da mamãe umas quatro vezes, coitada! Ela também via as coisas erradas, lá na época tinha muito malandro e tal, e ela falava o que via. Então, eles vingavam dela.

Diante da insegurança, minha mãe passou a colocar toda mercadoria no carrinho velho. Era um Voyage preto, colocava tudo e trazia para casa, todos os dias. Teve um período que abriram o porta mala e roubaram todo dinheiro da venda do dia, Halls, Tridente, os produtos, tudo foi levado. Ela chegava em casa chorando. Tinha dia que para fazer sacanagem, eles colocavam a bunda e fazia as fezes lá, fazia xixi para vingar dela.

A luta da mamãe para manter a barraca foi desgastante diante da insegurança e da malandragem. Ela vivia falando: “Desce aí pra mim com sabão e água sanitária”. Eu descia. Eles sujaram aqui tudo, e ela “ah, não! Eu cansei, vou ficar aqui mais não. Vou passar pra você e você pega”. Eu vendendo roupas, gastando muito com gasolina, com menino, pra lá e pra cá, só prejuízo. E ela: “aqui você vai vender a vista”. E na

época dela vendia mesmo, porque os meninos, tipo assim, que faltava professor, aí saia nove e meia da manhã. Faltava outro professor, liberava dez e quarenta. A pracinha ficava cheia direto. Mamãe chegava a vender um salário mínimo por dia lá, um dos produtos era aqueles sardinha de gula, as pururuquinhas. Noh! Era vinte e cinco centavos, noh! Você imagina seiscentos alunos ficar ali de fora? Mas, o tempo passa e traz mudanças. Hoje eu vendo, o que? Noh, bem menos. Não fica ninguém de fora. Só na entrada da aula, um aperto de dez minutos e na saída de dez minutos que eu vendo, porque a rota de ônibus escolar já fica esperando na hora que os alunos estão saindo. E o movimento caiu por demais. Meu movimento da barraca depende do funcionamento da escola. A abertura e fechamento são de acordo com o horário de entrada e término das aulas. Dessa forma eu faço meu horário de trabalho para atender os alunos. E não é fácil manter a barraca.

**Foto 9 - A atividade e seu público alvo – os estudantes**



**Fonte: Fotografia da autora.**

Barraca (trabalho próprio) e eu com meus problemas de saúde, eu vejo que Deus é maravilhoso, porque quando eu tenho que ficar na barraca, que eu abria e ficava o dia inteiro que eu montava e desmontava tudo, eu sofria demais! Como uso sonda para urinar, tinha que arrumar alguém pra ficar na barraquinha, para eu ir ao banheiro passar a sonda, lavar e todos os cuidados são maiores e é demorado. Teve um dia, que eu evacuei na roupa, não deu tempo de ir ao banheiro do vizinho.

O trabalho na barraquinha funciona e eu encontro muita solidariedade das pessoas e ajuda de Deus que as guiam até lá (Foto 9). Um dia foi um vizinho meu, coitado, bêbadozinho, eu o larguei lá e fui para o banheiro. As fezes estavam saindo. Aconteceu duas vezes na barraca e aconteceu mais em outras situações. Já teve outro dia, que eu estava indo no banco pra mamãe, cheguei lá sujei tudo. Entrei no carro e voltei para lavar. Agora comigo na barraca, várias e vários apertos, mas eu tinha pessoas que Deus mandava e eu deixava lá. Mas, um dia foi um bêbado mesmo, desconhecido. E eu fui pro banheiro e minha vizinha me deu as coisas. E teve outro dia, esse outro dia eu tive que tomar banho na casa da vizinha, porque sujei demais. Eu nem sei quem ficou na barraquinha, eu liguei aqui pra casa e eles desceram com as coisas pra mim, roupa e toalha.

São vinte anos que tenho essa barraca para eu sobreviver e eu gosto dela, dos meus clientes principais que são os alunos da escola. Gosto de estar ali e por isso faço plano para meu negócio, um sonho que tenho. Hoje eu tenho a máquina de sorvete que minha mãe me deu. Eu paguei só uma parte por ela, eu tenho tanta coisa para fazer, tenho que amontar apostilas e tal. Sabe, eu gostaria de ter um espaço bonitinho pra folhas porque amassa tudo, ter um banheirinho, gostaria de ter uma pia igual aquelas das barraquinhas da praça nova, são uma gracinha. Colocaram pias e tudo, e eu não temos nada disso. A pessoa quer lavar uma mão, não tem. Então é limitado. Vinte anos passando isso, vinte anos são vinte anos.

Eu penso que o poder público poderia contribuir para a melhoria das condições das barracas do povo, porém isso acontece por privilégios e influência política. Uma coisa seria a colocação dos banheiros na praça, que a prefeitura podia liberar e ficar bacana, igual fez na praça do empresário. Minha barraca fica

aqui nessa praça que o poder público não cuida, e sem um banheiro. E eu tenho que arranjar alguém para ficar aqui e eu ir pra casa do vizinho.

Hoje, eu não parei desde dez para meio dia sem eu urinar. Minha bexiga está toda doendo. Eu segurei e não apareceu ninguém, porque é de dia, horário de pico aqui na barraca e é tudo tenso o tempo todo. É eu recebendo, é eu repondo, é eu pagando, quer dizer é eu fazendo de tudo. Então não tem como, aí sempre tem uma menininha da escola. Igual hoje, uma desceu e começou a me ajudar lá. Espero que ela continue, ela mora aqui na minha rua, eu dou um troquinho pra ela me ajudar na hora do sufoco.

Na nossa vida de batalhador do dia a dia, precisamos um do outro para colocar em prática a nossa força de trabalho. Esse é um grande bem que Deus nos deu. Eu sou trabalhadora e meu pensamento é a gente de menor condição econômica, temos que procurar dá educação aos filhos. Mantive meu filho no curso técnico durante dois anos através do meu trabalho na barraquinha e sustentando a minha casa. E na época foram dois anos assim: que eu não comprava nem um sutiã pra mim. Eu amarrava o sutiã, não podia comprar nada. Pagava o curso técnico pra ele, não conseguimos em escola pública. Eu não tinha um perfume, um batom, eu não tinha nada.

E a recompensa é grande quando um filho consegue entrar em uma universidade federal. Meu filho passou no Enem e foi fazer Educação Física em Divinópolis, na UEMG. Eu fiquei muito feliz. E ele sabia que ia ser difícil para eu manter as despesas dele, era outra casa. Foi então que ele ficou sabendo de uma vaga de emprego no CRAS, um projeto da prefeitura de Divinópolis, a conhecida dele falou: “nossa essa vaga é pra você, é você que tem que pegar”. E ele conseguiu esse trabalho, graças a Deus.

No início da ida dele foi muito aperto. Eu o mantive um ano sozinha. Além da barraquinha, eu peguei roupa prá vender de novo. Isso para ajudar a sustentá-lo em Divinópolis, pagando aluguel, alimentação, transporte e roupa era a que tinha, eu e Deus com ele. A solução foi ele ir morar em uma república. Graças a Deus que tá dando certo, mora com outros meninos, e com o salário dele paga as despesas que são divididas. Mesmo ele nesse emprego, eu ainda ajudo meu filho, porque eu sei muito bem como alimentação hoje é cara.

E minha vida se mistura com a vida dos meus filhos, com os problemas deles. Aprendi isso com minha mãe, sempre ela ajudou do jeito dela. Com o jeito dela sempre ajudou a mim e meus filhos. Um exemplo é essa casa que eu moro, uma herança que ela deixou. Até o carro velho foi herança da minha avó paterna. Depois que minha avó faleceu eu e meu irmão como herdeiros tivemos direito na parte de uma casinha da vovó. Ela foi vendida e o dinheiro foi dividido e eu comprei esse carro melhor. Antes desse carro, eu cheguei a ter um carro pago. Ele estando velho, precisava de manutenção e eu resolvi e o troquei em um outro melhor, para esse, eu precisei de fazer um financiamento. Então, meu filho com a loja dele a dois anos dentro da galeria, não conseguiu manter a primeira iniciativa de empreendedor. Ele ficou endividado e a situação complicou. Então, eu o trouxe pra dentro de casa, mexi e coloquei a loja dele aqui em um espaço com tudo que ainda tinha de mercadoria. Mas, as dívidas chegam à porta. Minha solução, deixar de pagar as parcelas do carro durante dois meses. Foi assim oh: não pagava a de outubro, pagava a de novembro e não pagava a de dezembro.

Vinte de janeiro entraram os oficiais dentro da minha casa para levar o meu carro. O carro estava carregado de ovo. Na época meu filho estava vendendo ovos na cidade para pizzarias e hambúrgueres com o marido da minha tia. Ele teve que tirar todos os ovos, o carro estava carregadinho! Ao levar meu carro, eu gritava e chorava, eu comprei o carro para pagar. Inclusive eu tinha arrumado o dinheiro. Minha prima fez um financiamento pra mim, era para pagar o financiamento do carro. Dia 20 o dinheiro ia sair, só faltava uma semana. E eu perdi o carro, minha gente! Perdi, e eu chorava, eu gritava nossa senhora! Com essa situação o meu nome ficou sujo.

Eu não me arrependo do que fiz por meu filho. Quem é mãe sempre prioriza o filho, hoje graças a Deus, eu não devo nada. Mas estou aí, esse ano passado, ajudando meu outro filho, porque eu mando 50 ora eu mando 100 pra ele. Eu fui para a casa dele, mês de julho, tudo que eu tinha aqui eu levei. Tudo que eu tinha no cartão, eu comprei para ele. Eu só sei que não quero deixar faltar comida. Ele cresceu muito como ser humano depois que saiu daqui de casa.

E minha vida sempre foi no aperto. Igual todo mundo fica assim “não sei por que você passa aperto”. É que nem todo mundo entende, minha mãe até morreu sem pensar nisso. Minha mãe trabalhava ali embaixo na barraquinha e falava “em seis anos eu tirei dois carros lá e você só trabalha, trabalha”. Mamãe tirava

o dinheiro dela da barraquinha e o lucro dela. Ela vendia um salário mínimo por dia. E ela tinha uma aposentadoria de um salário mínimo, ela fazia o que com esse dinheiro? Só pagava documento de carro dela, o carro-trabalho, e mais nada. Ela agia assim comigo e me deu a responsabilidade de manter a casa, porque eu morava lá e era adulta. Ela nunca me deu moleza não. Eu que tinha que manter a casa com as vendas dos salgados, das telemensagens. Ela cedeu a casa para nós, eu e minha irmã, morarmos. Ela falava casa para morar vocês têm agora se viram com as despesas. Eu ficava grata, porque eu paguei um ano de aluguel e vi como é que foi difícil.

E foi assim, o sustento da família era minha obrigação. Aí, graças a Deus, nunca deixei faltar nada. Mas, ela vivia falando que eu tinha que sustentar a casa, manter filhos. Manter minhas coisas pagava Unimed por causa dos meus problemas de saúde. Agora tem um ano e meio que eu cortei que eu não estava aguentando mais. Precisei cancelar meu plano e ela não via isso, que eu tirava minha despesa lá da barraquinha. Mexi na casa para eu ter um conforto melhor, tudo com dinheiro de lá. Renovei carteira de motorista com dinheiro de lá. Então, assim, eu me sinto uma pessoa feliz. Só, que agora, cairam muito as vendas, e as despesas subirão e o custo de vida está muito alto! O cenário do pequeno comerciante mudou, ganhar pouco já é uma benção.

Todos os meus serviços estão ligados à minha melhor capacidade que é o dom para as vendas. Tudo começou quando eu com dez anos de idade comecei a vender Avon, Demillus, sempre amei vender, gosto mesmo! E eu não gosto é de ficar em casa. Eu fazia salgados, fazia merendas, queijo, requeijão. Aqui em casa já foi um laticínio, na época passada, anos atrás que papai era vivo e eu ajudava mamãe. Só não gosto de fazer doces, mas fazia salgados, quitandas, queijos e requeijões, nessa área da casa.

Vender é comigo, mas tenho algumas dificuldades de gestão dos meus trabalhos próprios. Um dos meus problemas é que eu vendia tudo fiado. Eu tenho muito dinheiro perdido na rua, de roupa, dos salgados que a gente fazia para vender. Tenho tudo anotado no caderno. Eu colocava tipo assim: o nome da pessoa e quantos ela comprou, aí, foi assim, anotava, mas não cobrava!

Devido aos não recebimentos, os calotes que eu tive que arcar me levaram a mudar o meu jeito de trabalhar. Na barraquinha, eu estou parando de vender para anotar. Igual eu falei pros meninos, porque eu não posso continuar do jeito que eu fico lá com dó deles entrar em sala com fome, que não vai conseguir nem raciocinar, penso eu. Sexta-feira mesmo, alguém pegou para pagar hoje e eu só gravei que foi uma pessoa da noite que pegou. Só espero que hoje, chegue e pague. Tem horas que não dá tempo nem de anotar. E tem aqueles que falam “oh, Bizé, me vende uma gula, eu estou com fome e tal”. Aí eu comecei a cortar, porque teve um dia que foram de seis hamburgueses, eu recebi dois. Agora eu estou cortando mais, não estou assim, boazinha mais não.

Para fazer as compras também é uma dificuldade. Eu não tenho nada de cartão e de cheque. Eu perdi meu nome, quando eu ajudei meu filho. Aí gente, se Deus quiser, na hora que eu tiver com meu nome limpo que eu sujei sim, porque eu fui ajudar meu filho e deixei de pagar as duas parcelas, falei chorando com o oficial de justiça que veio aqui em casa, ele ficou comovido com o meu choro e tudo. Mas, na época, eu procurei saber das coisas e os dois lugares que eu fui, falou que seria assim - que eu tinha que quitar o carro. Se eu comprei o carro financiado, como é que eu tinha dinheiro pra quitar o carro? Depois que recolhe o carro é só quitando para ter ele de volta.

Quando eu perdi o carro, eu fiz a opção de perder meu nome. Agora que vai fazer cinco anos e eu vou ver se eu consigo limpar. Tudo o que eu faço ali no comercio é no dinheiro vivo, isso dificulta muito. Tudo que está lá, tá pago. Só uma empresa, que me vende com uma semana de prazo para eu pagar no boleto - quinhentos reais por semana. Mais aí no dia do boleto, eu pago. Se eu não pagar, eu perco como o nome nesta empresa, eu perdi o nome perante a lei, mas nessa empresa eu tenho. Igual agora, eu peguei mercadorias com o senhor de lá, ele me vende o salgadinho que chama gula-gulão. Aí eu paguei da semana passada e dessa semana eu pago semana que vem. E só. Da bananinha é a mesma coisa. Como eu não uso cheque e não assino nenhum documento pra eles, há só a confiança que eles têm. Mas o valor é muito pouco. Porque os valores mais altos, eu pago à vista. É igual a coca cola que vou pagar agora. Então, para fazer dinheiro, eu vou indo deixando minhas coisas sem pagar. É igual eu estou com luz e água da barraquinha. Aí vou atrasando minhas contas de casa e levando a vida.

Para eu melhorar a forma de trabalhar na barraca, eu resolvi participar de cursos de treinamento. E lá uma das coisas que eu aprendi no treinamento que o problema é quem fica atrás do balcão, que sou eu! Porque minha mãe foi seis anos e não dava moleza para nenhum cliente. Mamãe gritava com o menino mesmo:

“você me paga”. Eu não, eu já sou mais boba para cobrar. Um dos meus prejuízos foi com a irmã de um menino que formou lá. A irmã, o último ano dela, não me procurou para pagar cinquenta e quatro reais. Vou fazer o quê? Ela sabe que me deve, ela e a mãe! Então, a mãe já corre de mim. A irmã, eu nem vejo mais. Mas, olha o que é vender fiado: no primeiro ano dela, ela comia hambúrguer lá a vontade. Pagou uma parte e ficaram cinquenta e quatro reais. Ela, já tá formando e até agora eu não vi esse dinheiro.

Mesmo com prejuízos na barraca eu quero continuar lá, eu sinto como se lá fosse uma dádiva com Deus. Eu estudei até a oitava série no Luís Prisco, é onde eu estou até hoje na porta com a minha barraca. É lá que eu tento fazer algo pelas pessoas e meu irmão fala assim: ah você voltou a andar não é de graça não, Deus fez esse milagre na sua vida, para você ali, falar e ajudar dá depoimentos do que passou na vida pra ajudar as pessoas. Eu comecei a dá entrevistas nas salas de aulas da escola. Fiz duas palestras dentro de sala e agora vai ter uma maior. A professora quer que eu faça no anfiteatro pra todos os alunos, é para eu contar a minha história da fase que voltei a andar. Durante a ida dos alunos na barraca, eu falo para eles quando eu escuto um deles falar que não quer estudar: gente, eu tenho dois arrependimentos na minha vida. Um é não ter ido à praia com meu pai. A única vez que eu poderia ter ido, eu não fui por causa do namoradinho. E o outro arrependimento é de ter parado de estudar para casar e ser doméstica.

E assim minha vida vai passando e eu vou vivendo e correndo atrás de condições melhores. No meu meio, eu sou feliz! No meu meio, eu tento ajudar. Igual tem meninos que chegam à barraca reclamando de dor de cabeça. Eu falo quer um pouquinho de café com remédio pra dor de cabeça, acaba com a dor de cabeça mesmo? E eles aceitam e agradecem. É impressionante. Não tem café, eu dou uma bala de café, e eles: “Bizé, não é que melhora mesmo”! E é muita coisa, muita coisa que eu oriento lá, é coisa demais.

Negócio próprio não é fácil, não é como trabalho assalariado que você tem um valor garantido todo o mês. Meu negócio depende muito do funcionamento da escola. Eu fico os meses de férias e de paralisações da escola sem vender. Só que eu tenho despesas doze meses no ano e eu teria que ter um controle bacana: pegar o que eu ganho no mês e guardar a metade. Seria uma reserva. Infelizmente ser pequeno comerciante é difícil. Amanhã, eu estou recebendo setecentos reais de mercadorias, balas e pirulitos que estão chegando. Eu estou com cem reais guardados do final de semana, que eu já paguei a coca cola mais de duzentos. Eu tinha trezentos e pouco. E eu estou trabalhando hoje e até amanhã, quando o caminhão chegar eu tenho que pagar saía de onde sair. Se eu tiver quinhentos, tenho que pegar duzentos emprestados. E arcar com despesas sem ter fonte de entrada de dinheiro é muito difícil. Quando se tem dinheiro é mais fácil gerenciar. Eu estou precisando pagar a conta de luz da barraquinha, porque se não vão cortar. Então, com isso vai ficando os documentos do carro e vai ficando as minhas contas de casa.

No momento, início de semestre, eu estou repondo mercadorias. As aulas começaram dia vinte e nove. Nesse um mês que as aulas começaram, olha quantos dias que eu trabalhei: sábados e domingos - quatro sem trabalhar. São 22 dias trabalhados, teve duas paralisações. É, aí, teve dois dias sem aula, e eu trabalhei 20 dias e eu estou na fase de repor ainda.

Então é por aí, a luta é muita para um comerciante pequeno, micro empreendedor que tem como objetivo sobreviver. Sempre me lembro de um ditado que fala: a água corre para o mar, tem dinheiro quem ganha dinheiro. E é, porque se eu tivesse dinheiro, nossa mãe eu tenho tanto sonho! Igual agora eu estou tendo proposta para eu voltar para as vendas do colchão magnético. Tem uma pessoa que quer pegar comigo pelo meu conhecimento da mercadoria, por eu conhecer a mercadoria para eu falar e convencer o cliente a dormir em um colchão magnético. Todo mundo acha que eu tenho isso. Essa coisa de comerciante, de falar. Eu falei que eu virei foi promotor: é aluga casa para mim? Arranja emprego pra mim? Tudo, tudo, tudo. Arranjo até cantor para cantar nos lugares.

E minha vida é trabalho, sempre foi trabalho. Meu lazer sempre foi pouco e dos meus filhos foi limitado. O mais velho, dadinho, praticamente nem teve. Até morar comigo e sair da minha companhia, não teve. Então, igual ele fala “lá onde a gente morou, os de menores vão para o clube”. Na época ele era doido para ir, os meninos de 14 anos tudo ia. Eu nunca pude dá cinco reais para ele ir. Então, eles não tiveram lazer fora de casa. Tinha nada não, nada. E meus filhos aprenderam que também precisavam trabalhar e estudar para poder ter um lazer bacana.

Eu tenho um filho que começou a tocar violão em barzinho para ganhar dinheiro, mas ele parou porque foi embora fazer faculdade de educação física. Como pessoa, esse meu filho é especial demais. Ele quer

ser técnico em futebol. Outro dia ele me falou: “oh mãe, se eu não conseguir ser um técnico, não conseguir chegar lá, quero ser professor de criança especial.

O meu modo de vida foi baseado na diversidade de trabalhos, pela prioridade na criação dos meus filhos e pelos problemas de saúde que enfrentei. Para superar a paralisia, eu busquei força na religião. E eu uso minha história para ajudar outras pessoas e ampliar minhas redes de relações. Eu tenho minha família e amigos médicos, que me conhece e conhecem toda a minha história: eles batem palmas. Igual o doutor falava comigo assim “oh veio uma paciente aqui e a mulher está chorando, e está reclamando. Eu contei sua história para ela e ela saiu daqui bem, mas eu não falei seu nome não, tá?”. E eu: oh doutor, pode falar meu nome, eu tenho o maior prazer que as pessoas procurem saber da minha vida e dê valor a vida dela. E sempre assim, no caminho da minha vida sempre houve pessoas que me ajudaram. Minha prima, sempre preocupou em pagar meu INSS. Ela já reuniu família, irmãs dela, meus irmãos: “vão acertar e colocar tudo em dia pra Maria Josefina”. Agora, recente, ela por ter aposentado, e continuou a trabalhar, fez caladinha, tornou a pagar uns atrasados aí pra mim. Ela que toma a frente todo mês de eu passar cinquenta reais por mês para ela pagar o INSS. E tem também o meu irmão que sempre oferece para ajudar. Mas, me dá nada não. Se eu precisar, eu sei que posso contar. O meu irmão me empresta, mas anota tudo lá. Eu não posso ficar devendo nada a ele. Inclusive, sexta feira se eu não tiver dinheiro, ele vai me emprestar para eu pagar o documento. Em contrapartida, eu sempre estou ajudando-o lá no serviço. Agora, nos meus intervalos estou ajudando-o também. Eu vou para lá, eu limpo tudo. É uma troca. No fundo dá certo e nesse meio tempo, a gente vai se vendo. Entre famílias, entre filhos, casa e negócios a vida vai seguindo seu rumo. Ah, e a solução para as dificuldades?

As dificuldades vão aparecendo nos negócios, eu preciso sempre usar a criatividade e colocar em prática. Essa semana meu filho vai fazer e trazer umas rifas para mim. A arrecadação vai ser para eu dá uma mexida na barraquinha que a árvore caiu lá em cima. Na verdade, eu precisava também ter um seguro da barraquinha. Pensa... porque lá, a prefeitura já falou pra mim “foi uma escolha sua trabalhar debaixo da natureza”.

Na época que eu fiz a barraca nova, a coca cola correu e panfletou tudo, aproveitou meu espaço para propaganda dela. Aí, agora tem bem tempo que está lá, a árvore caiu em cima e quebrou. Até acertou meu padrão de luz que tinha um mês que eu tinha comprado. Tudo isso leva a despesa extra. Agora, eu vou reformar a barraquinha com essas rifas, se Deus quiser. Até lá na escola ficaram de me ajudar e vai vender pra mim. Vou fazer aí uns mil números a dois reais cada, uma foto bem bacana de uma cesta de chocolate, que é o que eu vendo também. E estou fazendo essas rifas para ajudar a reformar lá, porque não tenho condições. A própria escola falou que vai me ajudar. A escola começou a mexer lá. Igual eu falei a escola vai ficar bonitinha e a barraquinha fica bonitinha também. E ano que vem, a barraca faz vinte anos. Então, eu quero arrumar a barraquinha e deixar ela bonitinha. Igual eu falei, podia ter um banheiro para mim, podia ter uma pia. Você não tem noção como é para eu lavar máquina de sorvete. Eu levo pets, galão de cinco litros que eu tenho pra lavar máquina, oh luta que é. Eu tenho que levar uma caixa ou uma coisa grande para pôr as peças da máquina, trazer e lavar em casa. Se tivesse uma pia lá sabe, nossa eu ia tá no paraíso, nossa é uma luta!

Mas, hoje no Brasil, nesse nosso país as coisas estão piores. Olha, lá atrás, eu tinha filho dentro de casa, mantinha tudo. Eu pagava prestação de carro, eu pagava Unimed. Eu não tinha ninguém para me dá nada. Agora, eu falo - como as coisas mudaram, a venda caiu e que não tá fácil, a alimentação tá muito caro, meus filhos cresceram e estão trabalhando e estudando, e minhas dificuldades continuaram, o dinheiro desaparece rápido. Você vai ao supermercado ali e o dinheiro fica todo lá. Igual eu mandei 50 reais para o meu filho sexta feira, eu sei que ele não comprou nada. Não compra nada.

O nosso país, o que eu estou vendo é assim: quem tem dinheiro ou que já tinha, está ficando melhor. E nós, da classe econômica baixa, estamos é pior, muito pior porque você não está conseguindo fazer nada. Não está! Nem pagar a conta de luz, isso, eu escuto ali dentro do supermercado, aquele pessoal trabalhando, tudo revoltado. Eu estou ali esperando eles contar meu dinheiro (minhas moedas) todos os dias. Eu canso de ouvir lá, o que eles ganham trabalhando ali o dia inteiro é para fazer uma feira, pagar conta de luz que, essa luz absurda!

Ah, lá, hoje na barraquinha, duas pessoas quiseram o sorvete. Eu falei, eu só vou ligar minha máquina de sorvete na hora que bombar o calor mesmo, porque olha ali no meu freezer (eu estou vendendo) tem produtos de sorvetes que eu trouxe para tentar recuperar. Ai amanhã, eu vou fazer uns chup-chup para reaproveitar, porque na máquina não posso colocar de novo. Porque não está mais aquela coisa fresquinha,

bonitinha. Ficou lá na máquina, eu já tirei para lavar, para não perder e aí eu faço chup-chup. Mas, sabe quanto que a máquina me gera de despesas? É um absurdo, gente: trezentos reais. Despesa alta sem a gente está vendendo complica a vida, batalhadores não possuem capital de giro e trabalham para ter o que comer.

E aqui, nessa minha cidade pequena, há muitos comércios que estão fechando. Porque a pessoa vai pagar aluguel, vai pagar luz, acabou o dinheiro. Tem lucro não, ué! Porque eu estou desse jeito, que eu estou? Minha conta de luz com a máquina desligada daquela barraquinha duzentos e cinquenta, duzentos e sessenta, e setenta, está muito caro! Então, muito caro, a alimentação de valor alto. Para você manter hoje, o seu padrão de vida, que todo mundo tem ter uma energia dentro de casa, tem que ter uma água, ter uma internet, ter um carrinho para trabalhar, você tem que ter o seguro por causa de ladrãozinho e caso você esbarra o seu carro ou esbarra em outro. E por aí, vai.

Para você manter um padrão de vida melhor é difícil. Eu não tenho vergonha de falar não: este ano sabe onde eu comprei roupar para mim? Foi no brechó, de cinco, dez reais, no máximo vinte reais. Tenho vergonha não! Está cheio de lojas com roupas baratas, eu tenho eu posso ir lá e comprar uma peça nova? Não, então, eu vou ao brechó e compro cinco novinhas, que as madames colocam lá. E olha que eu vendia roupa. Essa blusa é do brechó - eu comprei por cinco reais e novinhas. Eu fico vendo assim as roupas. Chegam lá as roupas que as madames fazem doação, tem umas que vendem porque acham que a vida é ter dinheiro. Como que uma mulher pode ser consumista de pegar uma roupa nova e passar para frente, eu não entendo o consumismo das mulheres ricas. Sei que são mundos diferentes, mas mulher, independente de classe, teria que saber ganhar dinheiro e gastar de forma correta.

E a vida tem seus desafios. Um período de grande desafio da minha vida foi quando eu precisei sair da minha cidade e ir tentar a vida em uma praia. Eu estava na minha cidade, toda endividada com o cartão e com dificuldade de conseguir serviço local. Foi uma fase que eu sofri na praia. Fui para o ambiente de praia, eu fui trabalhar. Vai fazer sete anos em janeiro. Pensa em uma mulher que sofreu. Fui para praia de Piúma, trabalhar de garçom. Tudo começou quando um amigo meu, eu comentando com ele (ele mora lá no Espírito Santo): eu estou devendo cartão de crédito, nossa senhora! Na época era mil e duzentos ou mil e seiscentos, e a dívida ia subindo demais. Então meu amigo me ajudou a ir para Piúma em busca de serviço.

Lá nesse lugar eu trabalhei tanto que emagreci uns vinte quilos. Uma vez lá no meio da praia, apareceram uns meninos que estudou na escola, eles precisaram me dá um açai que eu estava quase desmaiando de fome. O velho do quiosque ainda brigando comigo, que eu não podia pegar nada. Eles do quiosque não me davam e eu não podia pagar. Um dia que a filha do moço me deu um suquinho daquele de caixinha da Tial da vida, porque eu ia desmaiar. Quinze mesas que eu atendia, dia e noite. Eu falo quem vai à praia tem que valorizar o atendimento de um garçom, de uma garçonete, trabalhar na areia e no sol para dá melhor lazer a outras pessoas, não é fácil.... Eu fui essa trabalhadora, eu vivi essa vida que muitos ignoram e dão calote nos garçons.

O primeiro quiosque que eu trabalhei chamava quiosque da Loira, trabalho à noite. Ali o moço me explicou e entregou para mim, no início da noite, na hora que eu chegava para pegar o serviço, cem fichas de cervejas, cinquenta de refrigerantes, água de coco, porção de peixe, etc. Entregava as fichas e anotava lá Maria Josefina, Maria, Bizé, Majó, cada um me chamava de um nome lá. E anotava lá quantas fichas eu peguei.

No final da noite, eu tinha que acertar todo o valor que eu comprometi a vender. E eu começava meu serviço. Eu via a pessoa chegando lá na mesa eu ia correndo: “você quer a cerveja Brahma, sua irmã a água de coco e aí o outro quer uma água, e o outro...” Tantos pedidos que eu não tinha muito tempo para anotar, e aí eu descobri que eu sou inteligentíssima, eu conversava com os clientes das mesas. Mas, assim, no quiosque da Lua & sol (nome fictício) foi muito bom, foi um aprendizado, eu aprendi e era quinze mesas para mim dia e noite. Porque do serviço noturno, eu fui promovida para trabalhar de dia também. E a dona me colocava nas piores mesas do lado de baixo que eram tombadas. À noite eu trabalhava e tinha música ao vivo todo o dia na parte de cima. De manhã, durante o dia, tinha que trabalhar na areia, e cá em cima, tinha garçom especial. Tá bom, aí estou lá trabalhando a noite, dando tudo certinho. Aí eu chegava à sua mesa aqui oh deixa o casco aqui, prá você pedir outra cerveja, que ajuda a mineira que ela tem filho pra sustentar, tem cartão de crédito para pagar. E não tem tempo pra anotar né, e pra atender as mesas tudo, eu brincava assim com o cliente e nisso na minha brincadeira foi assim que eu superei, pois, tinha garçom que o que ele ganhou no dia não deu pra ele pagar o que ele levou de cano, levantou uma

mesa lá e deu a ele prejuízo de quatrocentos e cinquenta reais. Do meu jeito eu conquistava a pessoa, eu brincava. Deus abençoou também que ninguém me deu prejuízo, uma mulher que foi embora me devendo uma lata de coca cola de 350 que na época era três e cinquenta, e hoje, ainda vendo aqui por três e cinquenta e uma porção de peixe que era quarenta e que eu dei preço errado pro cara de trinta, só! Eu somava aqui na sua mesa tantas garrafas de cervejas, tantas de refrigerantes, água de coco, porção e eu fechava ali, tudo certinho, menina eu falei: eu sou inteligente!

E essa fase foi de muita aprendizagem e de luta. E naquele lugar eu já tinha feito para pagar o cartão. E eles da barraca estando contanto comigo para o carnaval, eu ia emendar. Eu ia apurar mais. Aí minha prima fala comigo “ah, prima! Você fica aí andando pela BR afora”. Nove quilômetros de onde eu estava (casa do meu tio, ficava lá de graça) para vir trabalhar de madrugada, ficava para lá e para cá. Aí que eu fui arranjar outro serviço. Aí, eu caí na areia, onde eu arranjei para trabalhar de dia. Trabalhei um dia e fiquei dois na cama, porque dói seu corpo todo, você garra na areia. Dois dias na cama que eu não agüentava nem comer, sabe? Aí, de tudo eu vivi. Inúmeras pessoas que me viram lá trabalhando debaixo de chuva juntando mesa. Igual eu falo: eu me orgulho. O meu modo de vida sempre foi viver e suprir as necessidades e dificuldades imediatas. Então resolvemos e voltamos para minha cidade natal. Eu voltei da praia me achando capaz e linda, porque o que eu ouvi como eu sou linda lá dos turistas e com o pessoal que eu convivi lá mesmo, nossa: você é muito linda, linda. E como eu sou inteligente!

Mas, tudo na minha vida é colocar em prática o meu dom de vender. Agora, eu vou está fazendo uma reunião, agora dia dezenove, para eu saber mais sobre o colchão magnético. Isso eu posso está fazendo tipo à noite e no intervalo do dia. Por exemplo, eu pego uma pessoa e vou falar do colchão, e ela interessa. E eu vou mostrar como funciona. Tudo com horário marcado. Final de Semana, de dia, não importa, não vai me atrapalhar. E eu quero plantar isso para no final do ano para eu poder ir passear. Minha história é essa, minha capacidade é trabalhar com vendas e ter gratidão por ter voltado a andar, tudo é obra de Deus! Eu penso assim que a força de trabalho é um capital meu e minha fé também é meu capital de força interior. Eu preciso de dinheiro como todas as pessoas, mas preciso das oportunidades para ter dinheiro e transformá-lo em outros recursos. Eu sei que sou muito inteligente!

#### 3.2.2.4 Entrevistado 5 (E5) - Pedro Xavier da Penha - o ápice da superação: de jardineiro a lavador de carro ou garçom. Tudo isso era uma forma de capitalizar recurso para eu estudar

**Foto 10 - O jardineiro que virou mestre**



**Fonte: Fotografia da autora.**

Após a entrevista da senhora Bizé, o percurso da pesquisa nos direcionou para o quinto entrevistado, o senhor Pedro Xavier da Penha. A Foto 10 mostra o nosso entrevistado na formatura de suas discentes. Sua vida foi marcada pelo dueto situação de pobreza e capacidade,

e a esse dueto faltava uma sintonia que funcionasse como meio para se ter melhores condições de vida. Fomos ao encontro do senhor Pedro em um bairro de João Monlevade, bem próximo ao centro comercial da cidade. Um bairro com diversidades estruturais, e no caminho deparamos com excelentes casas, prédios e pequenos comércios. Por outro lado, há casas sem acabamentos e construídas em barrancos, ruas com calçamentos e aspectos de sujeiras. O senhor Pedro viveu sua infância nesse bairro, uma diversidade de características de situação de pobreza e de classe média. Hoje, ele reside em Ouro Branco e sempre está em João Monlevade para visitar e dá apoio a mãe e a família.

Esse relato se enquadra como um depoimento. Após a transcrição e análise inserimos como sendo uma entrevista complementar que valida os resultados alcançados pelas entrevistas concedidas pelos nossos entrevistados anteriores. Senhor da classe média, o jardineiro que virou mestre e em fase de doutoramento, nos revelou que a mitigação da pobreza passa pelas oportunidades e utilização de diferentes capitais (recursos) com práticas inerentes a cada pessoa, como as que foram delineadas nesta tese.

Em nossas notas de diário de campo, observamos que o senhor Pedro acredita na necessidade de quebra geracional em famílias de situação de pobreza. Para isso algum membro precisa mudar as ações hereditárias de estigmas familiares e ter ações prospectivas. Esse entrevistado enfatizou que o principal recurso é o próprio interesse aliado às oportunidades. O foco do seu relato de vida foi sobre como ele mobilizou recursos ao longo da sua vida. Dessa forma, temos as falas do entrevistado:

Eu sou Pedro Xavier da Penha, venho de uma família que viveu em situação de pobreza, uma família de onze irmãos. Hoje, eu pertencço a um grupo social denominado de classe média. Mas, eu não compreendo essa divisão baseada na renda e acho que é uma forma de aumentar a distinção social. A renda é importante para a gente ter outros recursos, mas o principal recurso se encontra dentro de cada um de nós – acreditar que somos capazes. E depois, é preciso dedicar tempo para acumular e desenvolver experiências que se convertem em Capital Econômico, só que para isso precisamos de oportunidades.

Eu sou e sempre fui um batalhador. E conquistei melhores condições de vida porque acreditei nas minhas capacidades e encontrei vários mentores no meu percurso. Minha vida foi marcada de diversas formas. Eu penso a trajetória como se fosse um filme e que eu fui o ator principal. Então, vou contar a vocês os cenários que fizeram parte da minha vida e me transformaram de um homem-jardineiro para um homem-mestre e desse para um homem-doutor, se Deus quiser. Então, vamos conhecer os cenários de minha vida?

Eu sou filho de uma família grande, de um pai que tinha o trabalho braçal, a mãe dona de casa e onze filhos em casa. Sou o único que tem curso superior. Ao longo da minha trajetória de vida eu encontrei alguns mentores que me incentivaram muito e eu lembro de um professor de João Monlevade que me incentivou muito a estudar e assim eu venci desafios, utilizando a educação. Esse professor era João, um diretor do SENAI e ele trabalhou com meu pai na usina.

Meu pai era braçal na usina na área de topografia e recebia salário. Então, a gente sempre teve muita limitação de recursos. Meus irmãos começaram a trabalhar muito cedo, inclusive eu. Aos 7 ou 8 anos eu já lavava carro na casa dos outros, já tratava de animais na semana quando o povo ia viajar ou vendia

picolé, vendia salgado para dona Maria aqui na avenida com meu irmão, um pouquinho mais velho, que era o João. Ele tinha o quê? 12 anos e eu 8 e a gente saía nas lojas aqui do centro vendendo alguma coisa.

Tudo como uma forma de ajudar em casa e de capitalizar para eu estudar. E o professor João falava assim: “Olha, você tem três formas de vencer na vida”. E aquilo me marcou muito na minha pré-adolescência quando eu fui morar na casa deles para estudar o curso técnico que ele dizia: “Olha, ou você vende droga, ganha um dinheiro fácil e na primeira esquina você vai ser metralhado ou você vende o seu corpo” e ainda ele brincava comigo por que eu era muito magro, não tinha um corpo esbelto: “Garoto de programa ninguém vai te querer porque você não tem um corpo atrativo”. Me alugava, brincando comigo. Mas aquilo foi muito forte na minha adolescência. Isso me marcou profundamente. E a terceira fase que eu te recomendo, vai ser de resultado no médio a longo prazo, mas você pode vencer na vida pela educação e isso marcou toda a minha trajetória.

Acho que o grande aporte da minha vivência foi o incentivo da minha mãe, com sua tenra sabedoria de formação e as pessoas com quem eu convivia. Então, elas me ajudaram a transformar aquela condição de alguém sem um recurso tanto financeiro como social e de posse para o Pedro de hoje. Meus irmãos em tese não tiveram oportunidade de estudo porque para não faltar alimentação e roupas, todos iam trabalhar muito cedo. Mas hoje eu vejo, que eu acho que faltou um pouco de idealismo. Porque eu sou desse mesmo ciclo. Eu acho que o ambiente social que eu convivi me oportunizou a enxergar possibilidades de continuar estudando. E tanto é que alguns dos meus irmãos depois de me ver formado, estudando e melhorando as condições econômicas, voltaram a estudar. Então, eu tenho irmãos casados que voltaram a estudar o ensino médio. Hoje, incentivam os filhos a estudarem faculdade e são bolsistas.

Eu tenho sobrinhos que estudaram com bolsas em universidades. Eu tenho até uma sobrinha que hoje é doutora e professora da Universidade Federal que foi bolsista lá em Viçosa. Estudou fora do país, teve um doutoramento com bolsa pela Fundação Getúlio Vargas. Então, essa história, apesar de não aceitar que eu sou um ícone de mudança de condição social da família, muitos deles às vezes se espelham na minha história e isso pra mim é muito gratificante.

Essa semana mesmo um sobrinho meu falou assim “Nossa tio, você com essa idade indo estudar. Ah! Isso para nós é uma inspiração”. Porque é uma condição que eu acredito que transforma vida e famílias em relacionamento. É... eu venho fazendo isso com os meus filhos, com os sobrinhos próximos, que você tem que quebrar essa condição. É um viés que como o professor João, lá no início da minha história, falava: “A educação ela pode demorar, mas em algum momento ela pode te transformar e transformar pra melhor”.

Hoje eu me considero uma pessoa privilegiada, tanto assim em termos laborais de trabalho e de condições de vida do que a história de muito dos meus irmãos. E meus sobrinhos, eles estão caminhando por essa trilha e aí eu fico muito feliz de ter quebrado esse ciclo. De ter quebrado essa história de condições sempre desprivilegiada economicamente, socialmente. E a isso tudo eu devo a minha educação.

E eu não posso esquecer de agradecer aos mentores que tiveram próximo a mim. Eu tive vários mentores, pessoas que sempre me apoiaram e me mostraram que eu estava no caminho certo, que o viés da educação poderia transformar. E não deu outra. Eu sei que eu vou concluir o doutorado em Ensino com muita honra, porque eu acredito na educação e hoje defender a educação pública para mim é o ápice da minha conquista enquanto indivíduo, enquanto cidadão, que a gente pode transformar vidas da sociedade pela educação. Então, eu ainda defendo a educação pública no país, mas a gente sabe que a demanda dela é muito superior.

E além da parte financeira e da educação, outro fator na vida é a saúde. Essa dimensão, a minha família teve dependência do Sistema Único de Saúde (SUS). Graças a Deus, a gente, eu não me lembro assim de ter nenhuma doença, nada que fosse tão grave que precisaria de um atendimento suplementar ou particular. Com toda a limitação e demanda maior que o sustento, a gente sempre foi atendido pelo SUS. É lógico que dentro daquela expectativa. Às vezes precisava de um dentista, você tinha que esperar seis a três meses para fazer uma limpeza. Você tinha uma consulta, às vezes, com um especialista, era quando tinha agenda do setor público. Então era essa condição que vivi a minha vida de infância, adolescência e parte da vida adulta. Eu fui ter plano de saúde pós eu me ingressar na carreira pública federal. Eu tive o meu primeiro e segundo filho usando o Sistema Único de Saúde e foi assim: ou pagava a consulta particular para minha esposa ou seguia os programas do governo. Vamos concordar que, principalmente para gravidez, tem um acompanhamento sistematizado.

Hoje a família que eu constituí tem um plano particular que dá suporte para o meu filho que tem bronquite, para minha esposa que teve internada com uma inflamação no intestino, grave. Se não fosse isso talvez ela não estaria hoje conosco. Ficou internada quinze dias em Belo Horizonte no hospital particular. Mas essa questão de saúde, é na minha nova fase. Antes da minha superação de quebrar o ciclo da miséria, foi utilizando recurso público. E assim, as dimensões econômicas, de educação e de saúde não são as únicas essenciais para se ter melhores condições de vida. Eu acredito na necessidade humana de que todos precisam ter tempo para o lazer, assim...as pessoas precisam e às vezes a gente não vê isso como parte da construção da vida social. Mas na infância, o lazer era os brinquedos daquelas crianças da minha condição socioeconômica, era pic pega, brincar de rua. Férias era ir pra casa do tio na roça, é andar a cavalo, é pegar fruta no terreno dos meus tios do Dionísio que é uma roça aqui do interior ou dava para ir. O meu lazer e dos irmãos era quase que é... brincar na rua e passar a jogar peteca, queimada e brincar de amarelinha, alguma coisa assim. Aquela vida muito limitada. Passeios, essas coisas eu vir a ter isso pós casado e com meus filhos, só depois de eu quebrar esse ciclo de condições financeiras desprivilegiadas. Hoje você consegue pagar um plano de férias ao longo do ano. É o que faço para garantir uma ou duas semanas de férias com a minha família. É planejado ao longo do ano, por exemplo, nós vamos agora na próxima semana de janeiro para Caldas, mas isso a gente está pagando ao longo do ano, dentro do orçamento mensal. A gente consegue colocar isso como uma necessidade e uma necessidade importante para família nas minhas condições hoje, mas na minha infância/ adolescência, isso não existia. Eu não tinha essa necessidade humana atendida. Era mesmo aquela questão um plano social que eu não me enquadrava.

E na minha família de necessidades havia as dificuldades de mobilidade. Eu fui o primeiro filho dos onze a ter a carteira de motorista. Apesar de não gostar muito de dirigir, as minhas condições econômicas a partir da minha escolarização e das minhas economias me oportunizou isso. Depois de mim, todos os meus irmãos hoje têm carteira, dirigem, mas a gente sempre usou o transporte público. E era o municipal, para ir ao médico, para ir ao hospital e até mesmo para consulta em Belo Horizonte. Eu lembro do meu irmão que teve problema no esôfago, a gente usava o transporte público do município pra ir a Belo Horizonte para fazer o tratamento. Sempre usando os recursos que o Sistema Único de Saúde oportunizava. E no município era o transporte coletivo quando tinha grande necessidade, porque não tinha dinheiro para ficar pagando às vezes uma passagem (hoje no município eu assisti uma manifestação da sociedade essa semana aqui, ainda que poucas pessoas, reclamando que a passagem de três e noventa vai pra quatro e dez. Isso para quem recebe o salário mínimo, para quem não tem posse é muito dinheiro. Imagina para famílias com cinco, seis, sete filhos. Então, foi nossa vida sempre com a necessidade muito limitada, andar a pé era o recurso mais barato para minha família.

Eu vivi uma infância e uma adolescência e parte da minha juventude extremamente com limitações financeiras muito fortes. Eu acho que é por isso tanto às vezes eu acho que eu sou mais seguro e muito tradicional no uso do dinheiro. Então, meus investimentos são muito tradicionais ainda hoje. E sou muito seguro, para gastar eu penso duas vezes, mas hoje a insegurança para investimentos arriscados é muito forte. Faz parte da minha constituição de limitação financeira.

Para conseguir alcançar a vida que eu tenho hoje, precisei sempre trabalhar e estudar. E sempre nessa tentativa de conseguir superar as dificuldades, eu fui um aluno muito dedicado. Eu não me considero o melhor dos melhores estudantes, o nota dez em tudo. Eu sabia que tinha dedicar um tempo porque eu tinha uma meta, uma meta de vencer na vida pela educação, já que os outros dois métodos eu não queria seguir, que era a droga ou a prostituição do corpo.

Então isso foi muito forte na minha construção assim de formação e, a partir do ensino médio, eu fui para a casa desse senhor João para estudar. Eu tinha bolsa, recebi uma bolsa de estudo, eu não tinha condições de pagar. Na casa dele eu lavava carro, cuidava de jardim, trabalhava na marcenaria, “ns” trabalhos. Aos finais de semana quando eles iam viajar para Ouro Preto com a família, eu ficava tomando conta da casa - eu era aquele: o guarda da casa.

Tudo era uma forma de eu mobilizar questões financeiras e, tanto ajudar minha família e ter um dinheirinho extra. E nunca fui assim de gastar. Se eu ganhava dez, eu gastava oito, então, eu sempre tive uma poupança. Assim, essa questão é uma coisa que minha mãe deixou muito forte para a gente. E assim eu fui constituindo e, passados os anos, eu estudei, fiz o curso técnico de metalurgia, fiz um estágio na Usina, mas não era aquilo que eu queria. Vi que não era aquele meu mundo. Continuei estudando. A dona Hilca começou na casa dela a me ensinar inglês, a questão da importância do inglês ainda hoje e aquilo

eu fiz estudando sempre com bolsa no ICBEU. A senhora de lá me incentivava, conhecia a minha história e sempre me incentivando. Então, foi um período assim que eu tive, pelos meus contatos sociais, muito mentores.

Hoje eu me considero assim, o jardineiro que em dois anos virará doutor! Mas vários mentores participaram dessa construção da minha identidade profissional, social. E foram pessoas assim que viam que eu tinha muita sede de vencer na vida e eu escolhi esse caminho, essa terceira trilha que é a educação! Eu acredito que a minha vontade, as minhas metas definidas pela vida por meio da educação e encontrar pessoas que conheçam a história da minha família, uma família humilde sem posses e ver assim o meu interesse pela formação facilitou muito a minha condição de vida de hoje - eu ter uma condição que eu diria assim privilegiada.

Eu penso que a influência do contexto, as relações fora da situação de pobreza têm influências na quebra geracional da pobreza. No início das minhas experiências acumuladas, eu fui trabalhar dentro da Faculdade de Educação de Monlevade, nos tempos áureos, dos vinte e cinco anos. Isso tudo me ajudou a ver aquele pessoal formando, as bodas de prata dos professores de cátedra e isso me acendeu aquela luz que eu poderia transpor a minha condição de pobre, sem condições financeiras, sem o histórico intelectual na família para ser um educador.

E eu enxergo a vida e acredito nas pessoas diante do seguinte tripé: que nós somos seres físicos, sociais e espirituais. Eu profetizo uma fé católica apostólica romana e convivo com pessoas de outras crenças e até mesmo hoje pelo meu grau de formação, eu vejo que Deus ou qualquer que seja a sua crença, é uma força que precisa ser alimentada diariamente porque às vezes você tem saúde, tem dinheiro, mas se você não tem uma paz de espírito, uma sintonia, esse ser transcendente, seja Deus, seja buda, seja qual for a sua crença, isso dificulta tudo porque nós em alguns momentos somos tão frágeis que a gente precisa de ter uma crença que seja qual for a sua fé, que é a mobilização da força e energia!

Eu acho que o ser humano é uma energia e independente da religião, por exemplo, eu já fui à terreiro, eu já fui à centro espírita, eu já fui a centros protestantes. Hoje eu me encontro, eu sou dizimista, membro da Liga do Espírito Santo lá da cidade que eu moro, mas eu consigo assim conviver com várias crenças e tentar apropriar dessas coisas positivas de outras crenças e fazer o filtro, porque o que me agrega e no lado da religião você tem “n”, não por acreditar no cristianismo, mas eu vejo que tem outras formas de profetizar a fé que são extremamente saudáveis. Eu tenho... eu tive... eu tenho alunos que são da maçonaria, que eu tinha um tabu assim enorme por desconhecer. O que é o conhecimento? E eu vejo o quanto a maçonaria ela é rica em termos de constituição de um cidadão. E isso passa pela religião, pela crença da caridade. E a religião, principalmente a protestante, ela ajuda muito na mobilização de recursos, na formação de cultura, de crenças, de valores que minimizam dificuldades, por exemplo, você vê assim alguns crentes que eu acredito que algumas práticas deles é uma forma de capitalizar recursos. Por exemplo, eu tenho primos que não frequentam bar né que não vão, mas é por quê? A religião deles é tão forte e isso faz com que eles de certa forma mobilizam recursos, deixam de gastar dinheiro na rua. Na religião católica não tem isso. Os dogmas são frágeis. Ainda que existam, eles são mascarados por muitos de nós cristãos. O meu pai fala até que a gente tem uma falsa fé, que muitas coisas que não deveriam fazer as pessoas fazem e ninguém se cobra. Mas eu filtro isso, eu vou às vezes, com meus amigos para o boteco. Coisa que eu tinha certa aversão, mas quando eu estou entre amigos eu acho aquilo extremamente saudável.

Amigos, uma energia muito positiva. Hoje eu sinto até falta porque minha vida..., ultimamente ela é tão só, eu acho que nessa fase de doutoramento o estudante fica um pouco fechado, mas tem hora que eu sinto falta dessa necessidade social, dessa interação e a religião, ela te ajuda muito nesses momentos de solidão e desafios. Eu acho que independente do que você acredita, ela te ajuda a mobilizar recursos ainda que seja espiritual.

Quanto aos meus pais, eles são católicos, mas não são praticantes. A minha mãe, hoje, ela para tomar um remédio, é uma santa! Ela faz o nome do pai, do filho e do Espírito Santo e agradece pedindo a Deus pra santificar aquele remédio. Isso para mim é a maior religião que se tem. Você imagine você aos oitenta anos com Alzheimer ou com uma doença que é parte da demência, você quando o seu filho te entrega um remédio, você antes de colocar aquele remédio na boca, aquela droga na boca, você pedir a unção. Eu arrepio quando eu a vejo fazendo isso porque ali ela está me ensinando a profetizar uma fé, uma crença. Hoje até por questões de limitações de mobilidade, umas questões assim até mesmo de transporte, às vezes não tem lá um carro disponível, o pessoal leva a eucaristia para ela em casa. Você precisa de ver.

Para mim aquilo ali é uma crença que reforça que eu preciso alimentar o meu espírito. Um recurso intangível e que alimenta a essa constituição de alma, espírito e energia que nós somos.

Continuando minha formação: eu fiz a graduação, que eu tinha bolsa de 50% né e pagava os outros 50% estudando e trabalhando. É... em seguida, passados os anos, eu fiz uma pós-graduação na instituição que eu me formei que é a Teodósio da Fonseca, e o professor João por influência ... ele era o diretor dessa escola... ele conseguiu um serviço pra mim de secretário da faculdade de educação.

Logo na pós-graduação eu fui convidado a fazer uma prova pra dar aula na faculdade. Na época, com mais três concorrentes. Um era até um diretor famoso aqui da Usina. Ele era o candidato preferido, mas pra ele não tinha vantagem nenhuma. Era uma questão de status né pra dar três aulinhas de OSM.

E aí eu comecei a trabalhar um tanto. Na rede estadual, eu era professor regente de matemática, assim que eu terminei a graduação. Então eu tinha sempre assim dois ou três trabalhos, formas de captar recursos. Dava aula, aula particular. Os meus colegas de sala, por eu ser muito dedicado né, principalmente em matemática, eu ensinava pros caras da Usina às vezes aquelas funções, expressões e, com isso, eu fui tomando o gosto né.

Eu trabalhava de segunda a sábado né e você vê que a questão financeira estava cercado todas as minhas possibilidades e aí com esses recursos eu consegui melhorar a minha condição de alimentar arroz e feijão e a verdura. Pra ter uma condição assim de ter uma casa, de poder dar uma condição de vida melhor hoje para os meus filhos, de ter um carro, de comprar, fazer investimentos. Depois que eu comecei a capitalizar, comprei dois lotes que me ajudou a pagar a nossa casa, construir né.

E retornando para a minha carreira profissional eu percebo que eu fui tendo identidades diferentes, eu fui me transformando. Eu sempre fui uma pessoa muito tímida, muito nervosa, eu nunca me encontrava como docente. Até que um professor meu da faculdade, professor Welington, ele me convidou para ser professor na escola que ele era coordenador de um projeto da educação de jovens e adultos (EJA). Então, eu trabalhava de manhã na secretaria da faculdade e dava aula a noite, assim que eu terminei a graduação. Depois fui para a universidade... para faculdade, larguei o Estado e ali eu fui constituindo a minha nova identidade. Foram praticamente dez anos de professor assim, aulista, até que eu cheguei numa carga de 20 aulas semanais, muito pesado. E durante o dia, eu trabalhava no setor de marketing.

Muitos e muitos anos nessa instituição e depois eu resolvi fazer concurso público, porque eu já tinha conseguido me formar no mestrado em Administração. No meu interior, como cidadão eu carrego uma responsabilidade social. Numa sociedade onde aí mais de 90% recebe salário mínimo e ser um professor público federal, de trabalhar numa instituição de renome e poder trazer um retorno para a sociedade é extremamente gratificante. Realmente eu tenho muito que agradecer. Mas, as horas de dedicação, projetos e as pessoas que apoiaram a minha história de caminhar foram muitas. Educação é uma prática que eu recomendaria para as pessoas sem condições financeiras. Precisa tentar diversificar nas suas competências, fazer várias atividades. Porque eu era guardador da casa, dormia na casa das pessoas e era o jardineiro no outro dia, ou o garçom da festa, que esses meus amigos que conheciam a minha história, davam nas suas casas.

Então, uma das estratégias que eu via assim, eu era pau para toda obra, vamos falar numa linguagem mais pop. De jardineiro a lavador de carro ou garçom, ou até mesmo de cuidador de animais, que eu dava comida para animais, cachorro, de famílias que estavam próximas a mim. Tudo isso era uma forma de capitalizar recurso econômico para eu estudar. Então eu tive uma adolescência e uma juventude muito restritiva. Não tinha idas a restaurantes, eu não tinha lazer. Hoje quando eu falo isso para os meus filhos “Olha, eu não tive isso.” Eu fui andar de avião, eu estava com trinta anos. Minha filha com nove anos já andou de avião, meu filho já conheceu assim o Nordeste que eu fui conhecer com eles.

Meus amigos, o núcleo de superar uma adversidade está na essencialidade do querer. Foi nessa perspectiva de sempre querer melhorar e sair do status quo que eu me encontrava, por exemplo, há vinte anos, que eu me transformei. E hoje assim, ainda com esse espírito de querer sempre melhorar. Hoje eu estou com 43 anos e continuo estudando, é... sou um bolsista... parte do pagamento pela Capes, um programa do Instituto Federal com uma universidade de São Paulo. Então, o meu doutorado parte dele é financiado e parte eu arco. É... eu estou assim muito realizado porque eu não imaginava chegar a um doutorado. Eu tinha um projeto assim de ser mestre e não de ser doutor. Mas as minhas condições laborais atuais de trabalho abriram possibilidades para essa outra titulação que eu estou buscando. Há quatro anos eu me ingressei em 2017 no doutorado de ensino de Ciências e Matemática da universidade do Cruzeiro do Sul e estou na fase de qualificação e defesa até 2021 o devo realizar minha defesa. Mas não perdi essa

essência de querer ampliar leques e também de ser bolsista porque hoje imagina um doutorado numa escola particular está em torno de dois mil e setecentos reais. Ainda que eu tivesse interesse, se não fosse essas condições de parceria e de apoio institucionais, eu não poderia estar cursando o doutorado como eu estou cursando na universidade Cruzeiro do Sul em São Paulo. Porque eu tenho mulher e dois filhos e eu invisto na educação deles.

Então, a educação pública está me oportunizando uma nova caminhada acadêmica. E eu tenho um compromisso de cidadão de retribuir. Parte do meu doutorado é financiado pelo governo e, inclusive, o professor que vem me substituindo, que nada mais nada menos são cinco mil reais de bolsas que eu tenho que considerar que o governo e a universidade estão pagando. Então eu pretendo retornar isso com uma boa formação e continuar formando pessoas capazes de transpor essa condição de miséria, essa condição de desprivilegiado numa sociedade como a brasileira que é extremamente desigual por caminhos mais objetivos, para a educação em qual eu acredito. E estou muito feliz no ápice da superação que é essa situação máxima que a academia reconhece. Não por orgulho e sim por conquista, por luta e por desejo. A gente colocou isso como meta e realizar isso é .... uma dádiva social e com Deus!

### 3.3 Modelo de análise: a análise Sociológica dos Capitais de Bourdieu

Após a construção das narrativas, elegemos por entabular a análise sociológica dos capitais de Bourdieu. Para o método de análise, em nossa pesquisa, elegemos por entabular a análise temática das narrativas. Essa forma permite um aprofundamento no conteúdo das falas e se aproxima da proposta da Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Conforme explicitado por Riessman (2008), a análise temática não tem como cerne somente o que é dito. Ela inclui observações e experiências vivenciadas no percurso das narrativas, transcendendo ao que se fala.

Compreendemos que uma interpretação direta da fala pode levar a reducionismos e simplificações do que se pesquisa. Observamos os gestos, as entonações de voz, as expressões corporais, o método de objetivação participante do local, das relações e dos objetos do contexto (fotografias, cartas, quadros, vídeos, musicalidade). Na visão de Deleuze e Parnet (1998) e de Barreto (2018) existe a necessidade de que a linguagem seja compreendida como prática, visto que constrói e remodela a realidade.

Adotamos essas diretrizes acima e concordamos com Zaccarelli e Godoy (2013) ao explicitarem que as narrativas são unidades analisadas de forma menos fragmentada do que o processo da Análise de Conteúdo de Bardin: “a análise narrativa é centrada no caso e não se preocupa com o que é possível encontrar em vários casos; trabalha com o que foi dito (*told*) e não somente com a maneira de dizer (*telling*).” (Zaccarelli & Godoy, 2013, p. 28). Essa concepção da análise narrativa foi adotada na pesquisa de Barreto (2018) – Cartografia dos modos de ser da velhice e do trabalho rurais no Médio Vale do Jequitinhonha, e a defendemos.

Nesse momento, retomamos a leitura interpretativa e analítica seguindo, também, as concepções da *Grounded Theory* que busca compreender o significado das relações e interações

entre os fenômenos sociais, o entendimento da realidade, bem como da vida e da ação humana no mundo real, segundo Strauss e Corbin (1990, 1997) e Glaser e Strauss (1967). Esclarecemos que essa teoria foi um método complementar a pesquisa narrativa. Em nosso primeiro contato com o campo empírico ainda não tínhamos o delineamento do objeto da pesquisa. E a objetivação no campo nos conduziu para as diversas ações que nossos entrevistados faziam. A partir delas conseguimos definir uma pesquisa com as práticas de mobilização de recursos e buscamos fundamentos teóricos para consubstanciar as nossas perspectivas.

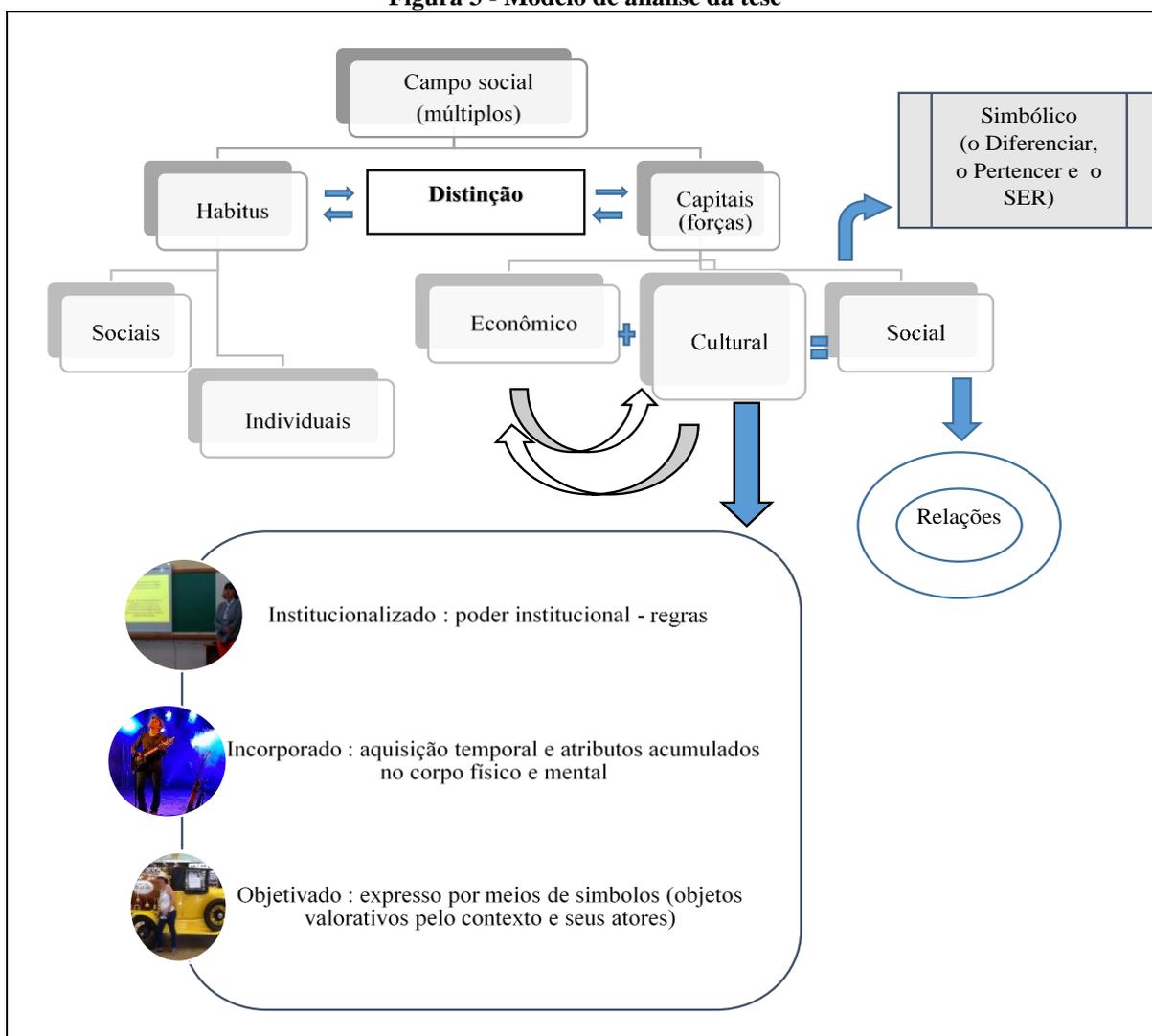
Elaboramos as categorias teóricas de capitais em consonância com o desenvolvimento de um modelo de análise sociológica, uma análise interpretativa e proveniente do campo empírico. Nessa fase, identificamos as falas que enquadravam nas categorias teóricas dos capitais de Bourdieu. Em alguns momentos, houve fala de participantes colaboradores (PC) revelados no campo empírico, e cuja presença foi solicitada pelo (a) entrevistado (a) principal. Utilizamos a expressão “– e riu” para indicar a reação espontânea e alegre dos entrevistados. As reticências para indicar continuidade de pensamento. Obedecemos às expressões utilizadas nas falas e percebidas nas gesticulações, entre elas: Né? Sabe? Ah, não! Ué. Noh! Ham Ham. Ali. Aqui. Cá. Ah tá!

Salientamos que as práticas são infinitas, mutáveis e adaptáveis, são subjetivas e se encontram nos espaços sociais e relacionais podendo levar as práticas coletivas ou sofrendo suas influências. Dessa forma, pode haver inclusão de novos participantes e práticas para enriquecimento do tema.

A análise sociológica dos capitais de Bourdieu foi estruturada a partir do campo empírico que revelou a existência de ações para se ter recursos, e esses estão na Teoria dos Capitais de Bourdieu. Para **descrevermos a análise, transcrevemos parte das falas** dos entrevistados (as) em letra *Times New Roman*, **estilo normal, tamanho de letra 11, espaço simples, recuo 1,25** para falas longas. Quando curtas *Times New Roman*, **estilo itálico, tamanho de letra 12 e espaço 1,5**.

Em seguida, estabelecemos o modelo de análise da tese:

**Figura 3 - Modelo de análise da tese**



**Fonte: Elaborada pela autora.**

O modelo inicia com o campo social constituído por diversos espaços sociais. No caso desta tese, delimitou-se como sendo as pessoas em situação de pobreza. Em seguida, a ramificação do lado esquerdo evidencia os *habitus* e do lado direito os capitais. Entre eles, o quadrante intermediário que é da distinção. Essa recebe e é influenciada pelos dois extremos tanto pela quantidade e a qualidade deles. Os dois extremos são os diferenciadores de ocupação dos espaços e envolvem poder e dominação.

Os *habitus* individuais são elementos prioritários para identificar as práticas que as pessoas em situação de pobreza utilizam para mobilizar capitais. Representam o ser em si, como pensam e agem, refletindo sinais por meio do corpo e do comportamento. Saindo do ambiente micro (indivíduo) tem-se o macro (sociedade), que envolve os *habitus* de âmbito coletivo, no limite, de classe. Esses interferem nos *habitus* individuais, pois, têm como base as relações do ser com o tempo, os objetos e o espaço em que se encontram. Através dos *habitus* percebe-se a

distinção de classes ou grupos sociais, os agentes sentem o pertencimento ou o não pertencimento e tendem a se agruparem em prol de interesses comuns.

Dos *habitus* para a distinção que se propaga pelo ter ou não ter capitais. Os mesmos são as forças que as pessoas possuem para a luta de seus interesses. São causas e efeitos da distinção. A estrutura desses capitais é representada pelo somatório do Capital Econômico com o Capital Cultural, cujas eficácias dependem de capitais sociais. Esses são as diversas relações com o espaço endógeno e exógeno, ou seja, a qualidade e permanência das redes relacionais ao longo da vida. São forças que se efetivam de forma objetivada ou não e resultam em simbologia de vida.

O Capital Econômico é representado pelo dinheiro e seu significado na vida das pessoas, existem também os créditos, as doações, as dádivas e os benefícios sociais como fontes de recursos. O Capital Cultural, em suas diversas formas, é uma fonte de recurso para se obter Capital Econômico, mas há uma complexibilidade no campo operacional de sua aquisição e conversão em dinheiro. A forma cultural incorporada é evidenciada pelo próprio corpo, se revela nos gestos e modos de agir e pensar. Pertence ao agente e dele não se separa (Bourdieu, 1979a, 1989b, 2011).

A forma cultural objetivada se traduz na demonstração objetiva do que se tem materializado, ou seja, a posse de objetos. Quando permanece intangível, agrega aos objetos os atributos do seu agente criador (exemplo – obras de artes, músicas, livros, invenções) e estes são explorados por terceiros, que valorizam ou não a capacidade do agente. Portanto, a efetividade e eficácia desse capital se realiza por meio das relações para e com o mercado. A criatividade encontra-se embutida nos produtos (objetos), mas a sua utilização e valorização dependerão da aceitabilidade pelos outros.

A forma cultural institucionalizada é derivada de reconhecimento institucional e são dependentes do mercado e das políticas públicas. Sua principal forma é a educação (formação escolar) que é concebida por meio de diplomas institucionais, dedicação, interesse e tempo do adquirente que nem sempre consegue o retorno dos investimentos nesse campo.

O Capital Social é o capital resultante da eficácia do Capital Econômico com o Cultural. Define-se pelas relações que o agente possui ou pode possuir ao longo da vida. São mutáveis e quando ampliadas podem proporcionar meios de efetivação do Capital Cultural e econômico. Compreende-se o Capital Social como sendo os laços relacionais dos agentes e se caracterizam como laços fracos ou fortes. Os fracos tendem a limitar o agente em seu contexto, mas são essenciais para a formação e preparação em outros contextos. Um exemplo são as famílias.

Os laços fortes são amplificadores e levam a vivência ao ambiente externo, tendem a proporcionar mais oportunidades e desenvolvimento de capacidades. Exemplos são as instituições políticas, religiosas, educacionais, amigos ou conhecidos diversos. Pode-se incluir as relações com os próprios capitalistas, que na maioria das vezes abrem as oportunidades de ganho econômico por meio da exploração do trabalho, sem o agente se dá conta dessa exploração porque seu objetivo é ter Capital Econômico para satisfazer primeiramente suas necessidades básicas. Essa visão vai ao encontro da exploração da mão de obra de pessoas em situação de pobreza para serviço precarizado e de baixos salários.

Da linha de ramificação dos tipos de capitais tem-se o percurso até ao Capital Simbólico. Esse representa o resultado da eficácia de cada um dos capitais, ou seja, do Capital Econômico, Cultural e Social. É a forma do ser, do ter, do pertencer, do agir e do pensar. Entre suas caracterizações tem-se o poder de criação de um ator (Capital Cultural Objetivado não material) que depende da valorização do mercado, conforme explicitado anteriormente. Quando ocorre a desvalorização, essa não destrói o poder de criação do agente (Capital Simbólico). Por outro ângulo, prejudica a conversabilidade de sua capacidade em Capital Econômico.

A autovalorização do Capital Cultural por seu criador não garante melhores condições de vida, pois a transformação do mesmo em um Capital Simbólico atrela-se ao reconhecimento pelo meio social. Em síntese, o Capital Simbólico é a representação de como os agentes se apresentam no seu modo de vida, seja de forma tangível ou intangível. A boa utilização e acesso aos demais capitais promovem melhores condições de vida.

Este modelo tem nessas categorias as primeiras observações para a análise dos dados coletados por meio de entrevistas não estruturadas. A pesquisadora com a técnica de objetivação participante permaneceu atenta às características da realidade do contexto pesquisado. A abordagem teórica selecionada para a tese não exclui a possibilidade de outras para futuras pesquisas do tema. Portanto, segue a análise e suas categorias bourdieusianas:

### **1) Capital Econômico: distinção - o dinheiro e seu significado**

A objetivação no campo empírico nos direcionou o retorno para o campo teórico em relação ao Capital Econômico. Esse tem como principal elemento empírico o dinheiro. As evidências da dependência do Capital Econômico, como sendo um instrumento estruturante para melhores condições de vida, parecem ser óbvias independentes de classes ou grupos sociais. É o Ter ou não ter esse recurso que conduz para a distinção e que pode ocultar o verdadeiro Ser. O Ter e o Ser econômico promovem a distinção social afluindo as diferentes

oportunidades e condições de moradia, educação, saúde, segurança, mobilidade, condições sanitárias – saneamento básico, entre outros.

Bourdieu (2004) percebeu o Capital Econômico como capital dominante que comanda os demais capitais. Ele se encontra como base de outras formas de capitais, cujas conversões levam, ou não, à acumulação. Nessa vertente Moser (1996) denominou os capitais como sendo ativos e destacou no âmbito econômico a principal fonte de garantia da renda para as pessoas – a força do trabalho. A autora enfatiza o trabalho como sendo o maior patrimônio do pobre. Patrimônio individual que recebe influências do mercado laboral, que vão de aspectos econômicos até políticas trabalhistas e fragilização das relações do trabalho.

Decorrentes de nossas pesquisas apontamos a centralidade e dominação do Capital Econômico como principal recurso, cuja principal fonte é fazer trabalhos múltiplos. Para os quais existem diversas condições de realizações e relações. Existe a prioridade para o exercício de um trabalho assalariado pelas pessoas em situação de pobreza, devido a uma segurança financeira e direitos trabalhistas.

Enfatizamos, que na atualidade as relações trabalhistas sofrem diversas modificações que culminam na redução dos acessos ao trabalho e maior escravidão da mão de obra pelos donos de produção capitalista. Há tendência para trabalhos mais qualificados, mais tecnológicos e que possam ser realizados de forma remota – escravidão digital. Nossa concepção é de menos oportunidade de trabalho para as pessoas de situação de pobreza que não possuem condições e capacidades tecnológicas.

Diante de crise estrutural, como o desemprego, o empreendedorismo é iniciado como forma de ter recurso econômico. Nossa interpretação, é que não se trata de um empreendedor e sim de um sobrevivente trabalhador. Um desafio de ter um pequeno negócio como trabalho e não para ser empresário.

As falas dos entrevistados evidenciaram que as práticas são realizadas com o fim de ter e fazer dinheiro para satisfazer as necessidades básicas de alimentação. Na situação de pobreza devido a ausência ou o pouco dinheiro, se torna necessário ter ação para adquirir esse recurso. A exemplo de outros participantes, nossa entrevistada, dona Amélia (E1) nos conta: *acho importante falar que para a criação dos meus filhos precisei correr atrás do dinheiro e aprender a fazer dinheiro. Eu recebo todo mês a bolsa escola no valor de duzentos e quarenta e seis reais.* Essa fala conduz para a prática de conhecer e acessar programa social de transferência de renda.

No Brasil, o maior e melhor programa social é o Bolsa Família que representou a fusão de outros quatro programas de transferências de renda existentes do âmbito do governo federal:

Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) criado em 1996 sob a responsabilidade da Secretaria de Estado da Assistência Social (SEAS); Programa Bolsa Escola Federal, criado em 2001, sob a responsabilidade do Ministério da Educação (MEC); Bolsa Alimentação, também criado no ano de 2001 com responsabilidade do Ministério da Saúde; e o Vale Gás do Ministério de Minas e Energia também criado em 2001 (Soares & Sátyro, 2009; Coutinho, 2014). Esse é um programa de transferência direta de renda para as famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza.

O objetivo geral do Bolsa Família é superar a situação de vulnerabilidade e pobreza vivenciada pelas famílias. De forma específica, visa garantir o direito à alimentação, ao acesso à educação, à saúde e alguns serviços de assistência social (MDS, 2018).

Diante da crise estrutural brasileira que culminou em desemprego, os entrevistados E1, E2 e E3 explicitaram suas práticas para ter dinheiro. Eles buscaram alternativas com base em suas capacidades e criatividades. Essas se afluam com a preocupação de satisfazer necessidades básicas. Entre as práticas que ouvimos, as ideias foram: comprar e revender roupas, trabalhar por produção, buscar serviços em outras cidades, aproveitar o que se tem em casa e o que sabe fazer para transformar em dinheiro, aceitar múltiplos trabalhos, fazer “bicos”.

O significado do dinheiro não está atrelado somente ao valor monetário do trabalho, explicita a capacidade de realização do Ser ativo, do ser que busca descobrir o que se pode fazer com o pouco que se tem. Nessa interpretação, Dona Luz se expressa com otimismo passando a percepção de valorização e de dignidade: *nunca trabalhei fichada. Daqui é meu sustento e meu trabalho. Na horta, agora, estou tendo nada não....* E E2 se expressa: *o trabalho é uma forma de dignidade para o homem.*

Concebemos e interpretamos através das falas supracitadas a existência do Ser Econômico, do significado do dinheiro como necessidade meio e que se consegue pelo capital do trabalho - disposição e recurso incorporado ao longo da vida. Bourdieu (1986, 2007b) nos fala de Capital Cultural Incorporado. Exemplificando, citou as habilidades inatas, portanto podemos incluir essa força de trabalho múltiplo das pessoas em situação de pobreza como parte desse capital que se converterá em dinheiro.

Zelizer (1985) considera que o dinheiro possui um significado econômico e cultural, e que deve ser gerenciado nos orçamentos domésticos. Alertou para as diversas transações econômicas que tendem a incentivar o consumo. Enfatizou que as pessoas em situação de pobreza podem criar e utilizar moedas para satisfazer suas necessidades, como por exemplo as trocas. Nessa visão, as pessoas podem criar redes relacionais e ampliar a inclusão social aos créditos, aos mercados e as novas formas econômicas.

Nessa acepção, nossa análise reitera que o significado do dinheiro está ligado com a disposição para o trabalho. E esse é expresso com prioridade para o trabalho formal assalariado. Uma percepção de segurança financeira e direitos trabalhistas que lhe são designados por legislação. Nesse contexto, deparamos com os relatos de nossa E1, E2 e E3.

Para finalizar essa categoria, ressaltamos que é preciso trabalhar em serviços múltiplos - prática comprovada pelos entrevistados e que vai ao encontro da afirmação do Capital Econômico como recursos dos fatores de produção e ativos econômicos, sendo suas principais representações o dinheiro e o crédito. (Wacquant, 1998). Nesse contexto, interpretamos o trabalho autônomo como sendo um recurso econômico de microempreendedores (E1 e E3). Nossa E4, a Bizé relatou:

Vendas, sempre foi minha melhor capacidade. Eu com dez anos de idade, eu já te falei, eu vendia Avon, Demilus, sempre amei vender, gosto mesmo! E eu não gosto de ficar em casa. Eu fazia salgados, fazia merendas, queijo, requeijão. Eu sobrevivi um tempo bom com roupa, muito prejuízo também, mas deu pra mim ir aguentando as pontas e levando. Depois foi que mamãe não quis mais trabalhar na barraca lá, passou a barraquinha pra mim. Já tá fazendo catorze anos que estou nela.

Observamos que a Bizé é uma pessoa muito dinâmica, ativa e interessada no crescimento do seu negócio de sobrevivência. Durante a entrevista, devido a diversas dificuldades relatadas em relação a gestão da sua barraquinha e sua vida particular, a entrevistadora (que sou eu – doutoranda) estabeleci um elo de proximidade e confiabilidade com a entrevistada.

Contei e expliquei a história do *Yunus*, conhecido como “o banqueiro dos pobres”, para a Bizé. A partir do interesse e atenção na história houve abertura para fornecer umas dicas profissionais em relação a gestão de micronegócios, como controles e formas de pagamentos, opções de empréstimos e giro de estoques.

Lembramos que a pesquisadora se tornou participante da pesquisa no desenrolar das entrevistas e sua profissão de Administradora, Contadora e Docente de disciplinas de gestão empresarial lhe dá qualificações para orientar microempreendedores. Ao ouvir a história do *Yunus* que cedeu empréstimos a mulheres em situação de pobreza para elas fazerem negócios de sobrevivência e se fortalecerem, senhora Bizé (E4) permanecia atenciosa e pensativa. Essa foi uma iniciativa de Yunus que culminou na criação das microfinanças e inclui os microcréditos de baixos valores a pessoas em situação de pobreza. Um modelo de créditos que se disseminou pelo mundo (Yunus, 2000, 2010). No término da história a E4 imediatamente falou:

Ah é? Então depois você vai me ajudar! Agora, eu vou reformar a barraquinha com essas rifas, se Deus quiser. Até lá na escola ficaram de me ajudar e vai vender pra mim. Vou fazer aí uns mil números a dois reais cada, uma foto bem bacana de uma cesta de chocolate, que é o que eu vendo também. Mas, quando você falou desse moço que emprestou que você descobriu a história dele, eu penso que se todos que tivessem dinheiro e conhecimento nesse país, fizessem isso, as coisas seria melhor.

O resultado das análises das falas possibilitou a identificação das práticas de mobilização do Capital Econômico:

**Quadro 4 - Matriz das Práticas do Capital Econômico na Pobreza**

Prática 1:  Trabalho Fichado (Salário fixo)	Prática 2:  Trabalho por produção	Prática 3:  “Bicos”: fazer qualquer serviço	Prática 4:  Negócio para sobrevivência: fazer dinheiro
Prática 5:  Trabalho para todos da família	Prática 6:  Prestação de serviços com o que tem em casa	Prática 7:  Priorizar gastos: necessidades básicas	Prática 8:  Trabalho infantil fora de casa
Prática 9:  Serviços compartilhados entre amigos	Prática 10:  Compras fiadas e parceladas	Prática 11:  Priorização de empréstimos de familiares	Prática 12:  Recebimento benefícios de sociais
Prática 13:  Aceitação de Doações	Prática 14:  Redução de desperdícios e poupança alimentação	Prática 15:  Atenção aos riscos de múltiplos trabalhos	

Fonte: Resultado da pesquisa.

## 2) Capital Cultural Incorporado

A interpretação analítica das falas nos conduziu para as formas de aquisição desse capital que se constrói e acumula ao longo da vida. São recursos intangíveis que possuem significados e representações da forma de ser. É causa e efeito do contexto da vida social ou familiar.

A prática desse recurso tem elo com os *habitus* individuais, com as capacidades e a forma que as pessoas se apresentam na sociedade. São interiorizados por elas como significados de forças, persistência, valorização, reconhecimento, amadurecimento e evolução das

habilidades e do “eu”, portanto são representações subjetivas. Vão ao encontro das potencialidades de capital humano que Moser (1996) descreveu como sendo recursos ou ativos, e que devem ser mobilizados. Para Bourdieu (1989a) os recursos são os capitais.

Pela sociologia essa caracterização se encontra também nas denominadas fontes morais, que funcionam como dominação das sociedades modernas e da ação cotidiana de todos os indivíduos, para garantir a igualdade social e a liberdade. Sen (1991) exemplifica nesse campo a dignidade do trabalho útil e a expressão do próprio corpo e personalidade. Nessa vertente, Abramovay (2012), Bourdieu (1989a, 2011b) e Honneth (2003) trazem uma visão pós-moderna em relação aos pilares das capacidades, liberdades, poder de decisão e afirmação do indivíduo como sujeito ativo.

Nas concepções de Bourdieu (2007c) e Moser (1996), o Capital Cultural Incorporado refere a um recurso próprio (capital próprio) que se encontra no corpo biológico e tem significado pelas disposições. É adquirido e acumulado pelas pessoas e repassado a outras gerações de forma inconsciente ou até mesmo consciente para potencializar capacidades, como os dons e talentos para culinária, lutas, futebol, dança e musicalidade, capacidades encontradas na situação de pobreza.

Analizamos como um dos Capitais Culturais Incorporados a disposição para o trabalho múltiplo, conforme descrevemos em tópicos anteriores. Na situação de pobreza é essa disposição que as pessoas oferecem na sociedade e passam para suas gerações como prioritária para satisfazer as necessidades básicas. As falas dos entrevistados E1, E2 e E3 vão ao encontro dessa assertiva. Para exemplificar, temos que a convivência com o pai levou E3 (Dona Luz) a incorporar a disposição para qualquer tipo de serviço:

Como eu já disse, aprendi a plantar com meu pai que plantava roça e com minha mãe que plantava horta em casa. Eu planto, cuido, na hora de colher, encho o carrinho e saio vendendo na rua. Também, pego as verduras que Leonildes compra no sítio aqui pertinho, é de um senhor velhinho e tá cuidando da esposa alzemada e ele não pode sair para levar as verduras nos pontos de venda. Também sou cozinheira dos congadeiros. Nas festas do rosário, faço aqueles panelões de comida. Eu gosto demais. Eu faço aquela panelada e já batuco, lá me divirto. Meu lazer é serviço – e riu.

A fala de dona Luz corrobora com a interpretação de priorização do trabalho e da incorporação dessa disposição que vem da família. Seu corpo magro enfrenta qualquer tipo de serviço e ela absorve o serviço como forma de lazer.

A análise dos dados reporta a diversidade de trabalho como um recurso que se passa de geração a geração, cujas práticas são dependentes do contexto de vida, do tempo despendido para a aquisição e sua conversão em fonte econômica. Para Bourdieu (2007b), no âmbito do

Capital Cultural, a primeira rede de transmissão, apoio, interesse e motivação é a transmissão geracional pela família e depois as demais formas de socialização.

Como resultado analítico, o espaço social da situação de pobreza revelou as seguintes práticas de mobilização do Capital Cultural Incorporado:

**Quadro 5 - Matriz das Práticas do Capital Cultural Incorporado na Pobreza**

Prática 1:  Disposição para múltiplos trabalhos	Prática 2:  <i>Habitus</i> de lazer em casa e na comunidade	Prática 3:  Aprendizagem de ofícios familiares (transmissão geracional) e inovação	Prática 4:  Priorização do sustento e convivência familiar (De casa para o trabalho, do trabalho para casa)
Prática 5:  Aproveitamento dos espaços de casa para atividades que vão gerar dinheiro	Prática 6:  Desconstrução do estereótipo da preguiça e da “burrice”	Prática 7:  Adquisição de <i>habitus</i> de Ser e Ter virtudes (ser pessoa ativa e vencer a invisibilidade)	Prática 8:  Desenvolvimento da Autoestima (o jeito de ser)
Prática 9:  Trabalho e diversão juntos (o serviço é o lazer)			

**Fonte: Resultado da pesquisa.**

### 3) Capital Cultural Objetivado

A análise seguinte refere ao Capital Cultural Objetivado no contexto de nossas pesquisas. Esse é um tipo de Capital Cultural que resulta das práticas das pessoas para se transformarem aceitas e percebidas por meio de representações por objetos ou simbologias. Um capital que embora seja individual está sujeito a especulações e dependência de valorização de terceiros para se converter em Capital Econômico.

Segundo Bourdieu (2007a) “esse capital é proveniente da conversabilidade do Capital Cultural Institucionalizado e incorporado.” (p.76). Há a materialização através da propriedade de capital ativo material ou sua representação simbólica. Moser (1996) frisou que o Capital Cultural Objetivado na situação de pobreza representa um importante bem. Citou como exemplo o “Ter uma casa” que tem significado de enobrecer a pessoa e de proteção da família perante a pobreza.

O Capital Cultural Objetivado poderá ser apropriado por terceiros (agentes) como objeto das lutas simbólicas (lutas de classes e o poder existente nos campos da produção cultural - campo artístico, científico, religioso, esportivo etc.). A apropriação visa a obtenção de benefícios econômicos decorrentes do capital objetivado e do capital incorporado (Bourdieu,

1989a, p. 134). Esse capital objetivado promove a distinção nos espaços sociais de aquisição, negociação, disputas e conflitos (Bourdieu, 1996; Wacquant, 1998). Como exemplos citamos os intermediários dos meios artísticos e no futebol. São duas áreas que possuem pessoas de talentos e dons inatos e com origem em situação de pobreza.

O Capital Cultural Objetivado também tem um significado emocional e de apego geracional, assim Dona Luz (E3) nos conta: *coisa que meu marido quebrou e eu tinha muito amor é uma televisão antiga que eu tinha, uma vasilha de acrílico desse tamanho, oh! Eu punha miudezas, era só te enfeite, tinha uns bichinhos. Era muito antiga, eu tinha coisas do meu avô que ele quebrou.*

Aprofundando nas falas em relação ao Capital Cultural Objetivado, E1 e E5 referiram a intangibilidade desse capital, ou seja, a sua não materialização. Conforme Corcuff, Bourdieu e Wacquant (1993), Moser (1996) a não materialidade desse capital envolve subjetividade de avaliação, sentimento, percepção e classificação de utilidade levando a *habitus* que interioriza o exterior, e ao mesmo tempo o exterior se incorpora no interior por meio da Teoria da ação. O resultado analítico revelou as seguintes práticas de mobilização:

**Quadro 6 - Matriz das Práticas do Capital Cultural Objetivado na Pobreza**

Práticas do Capital Cultural Objetivado			
Prática 1:  Aquisição do necessário para vestir (roupas)	Prática 2:  Pensamento para ter o que quer e ter amor pelo que tem (objetos pessoais e de casa)	Prática 3:  Demonstração dos cuidados com a aparência (cuidado com a imagem – aspectos físicos)	Prática 4:  Utilidades como móveis de acordo com o espaço da casa

**Fonte: Resultado da pesquisa.**

#### 4) Capital Cultural Institucionalizado

Nesse tópico, a análise de dados nos conduziu para o Capital Cultural Institucionalizado e revelou restrição, ausência ou pouca presença na vida dos entrevistados. É um recurso que se adquire e se acumula ao longo da vida e para o qual necessita de disposição de tempo, interesse, dedicação e gastos econômicos.

A melhor exemplificação é a educação que provém de instituições para a formação acadêmica e profissional. Conforme Bourdieu (2007b), o Capital Cultural Institucionalizado refere a um recurso que necessita ser adquirido ao longo da vida de forma assimilada e que vai pertencendo a quem dedicou-se tempo para acumular o mesmo.

A prática para aquisição desse capital relaciona-se com a visão prospectiva de vida com melhores rendimentos e condições de vida; visão restrita na situação de pobreza que privilegia a visão imediatista do ter agora. Nesse contexto, as falas de nossos entrevistados evidenciaram a dúvida comum entre estudar e trabalhar, prevalecendo o trabalho nas decisões familiares.

Nossos entrevistados apresentaram baixo Capital Cultural Institucionalizado (educação), sendo justificado pela necessidade de trabalhos e priorização de necessidades básicas de alimentação. Porém, todos eles possuem a percepção de que a educação é um meio para melhorar as condições de vida e mitigar a pobreza. Dessa forma, eles buscaram incentivar os filhos a adquirir esse capital. Eles não possuem a visão de que é um capital que promove distinção social e dominação, entendem que é necessário estudar e que a educação é um direito do cidadão. Nem todos possuíram ou possuem acesso e oportunidade para estudar, a lógica deles é trabalhar e estudar. Nesse dueto, nos falou Senhor Lico (E2), para quem o sonho de estudar ficou para trás:

*E como a Açominas dava oportunidade pra gente mudar de horário foi aonde eu fiz um supletivo, né? Mas, nessas arturas, eu já tavo com 38 anos. Aí, eu acho assim: que as oportunidades que tinha que vir pra mim quando eu tavo mais novo foi cortada. E isso me faz chorar. Eu não consegui crescer muito por isso, porque lá atrás alguém me barrou de estudar, mais ou menos assim.*

Noutra dimensão, a senhora Bizé (E4) evidencia a visão tradicional do papel da mulher como doméstica e dona de casa em detrimento de uma educação: *então, isso, aí eu falo, tenho esse arrependimento e o outro é de ter parado de estudar para casar e ser doméstica*. Os dados nos revelaram a decisão entre trabalhar ou estudar quando se vive na situação de pobreza (E3 e E4).

Com relação ao Capital Cultural Institucionalizado para os filhos, a maioria dos entrevistados (E1 e E4) enfatizaram a preocupação de proporcionar educação a eles. Nessa percepção. A partir da análise das falas inerentes ao Capital Cultural Institucionalizado elaboramos as seguintes práticas de mobilização:

**Quadro 7 - Matriz das Práticas do Capital Cultural Institucionalizado na Pobreza**

Práticas do Capital Econômico na Situação de Pobreza			
Prática 1: Habilitação: carteira de motorista	Prática 2: Priorização do trabalho em detrimento do estudo	Prática 3: Trabalho e Estudo: conciliação do tempo	Prática 4: Capacitação por meio de cursos profissionais e treinamentos
Prática 5: Estudos constantes: Ensino médio e superior	Prática 6: Participação em projetos sociais para desenvolver ou adquirir habilidades	Prática 7: Ruptura de preconceitos familiares do papel da mulher como objeto sexual e dependente do homem	

**Fonte: Resultado da pesquisa.**

## 5) Capital Social

A análise dos dados evidenciou que as pessoas em situação de pobreza possuem laços relacionais restritos com foco nos entes familiares e vizinhos. As pessoas buscam ampliar seus laços por meio de programas sociais, nos seus micronegócios e com conhecidos políticos. Os laços das redes relacionais são divididos em laços fracos e laços fortes, esses podem requerer maior mobilidade. O Capital Social está direcionado para as construções das relações entre os diversos atores e instituições da sociedade.

Os tipos e as preferências relacionais determinam a distinção entre grupos, e ajudam a ampliar as capacidades dos indivíduos. Esse capital requer boas relações e a aceitação de subordinação as normas, estabelece a confiança e focaliza redes de reciprocidade para a geração de benefícios mútuos comunitários e redução da vulnerabilidade, segundo estudos de Bourdieu (1980a, 1980b) e Moser (1996).

Para os grupos mais vulneráveis, o Capital Social promove a entrada de um conjunto de ativos familiares e pode viabilizar a utilização mais produtiva de outras formas e acumulação de capital. Essa concepção de Capital Social vai ao encontro das afirmações de Moser (1996). As relações vão criando redes relacionais que se baseiam em diversos fatores e causas para atingir objetivos individuais ou sociais.

Na situação de pobreza, a ajuda para tentar melhores condições tem como primeiro suporte um familiar menos pobre. A essa afirmativa, Moser (1996) denominou de rede de apoio familiar: um recurso endógeno e primordial para a sobrevivência diante da vulnerabilidade social.

Consideramos essas redes atingidas pelas condições exógenas que suportam os seus efeitos. Esses interferem nas formas geracionais do modo de agir e pensar e afetam as relações no ambiente da primeira célula social, a família.

Como exemplo das condições exógenas e endógenas, Moser (1996) cita o desemprego, as dificuldades financeiras, os conflitos familiares, a influência das drogas, a ampliação da família por nascimentos ou novos agregados, a gravidez na adolescência, a redução familiar por falecimentos ou saídas de membros, a necessidade especial para doentes, os idosos, as crianças e as pessoas com necessidades especiais.

Os participantes citaram o apoio familiar e a solidariedade entre os seus membros e a vizinhança (E2, E3, E4). Vamos exemplificar com a fala da nossa E3 (Dona Luz):

Sinto ativa na comunidade e valorizada pelos vizinhos. Não todos, né? Aqui, se eu morasse num lugar que eu não tivesse vizinho pra mim conversar, se eu não tivesse amizade com o pessoal do bairro, eu não sei o que seria de mim. Não sei. Tenho amizade com vizinho, graças a Deus. Agorinha mesmo, eu tava ali no muro conversando e a vizinha desabafando comigo. Na emergência é o carro do vizinho.

Em seguida, no campo do Capital Social, encontramos a necessidade de comportamento ético: uma forma de SER e de agir que implica em caráter, dignidade, honestidade, confiabilidade e respeito com si próprio e com o outro. Nessa linha, deparamos com as falas de E1, E2 e E3. A exemplo, o senhor Lico (E2) nos fala: mas sou feliz não porque aposentei não, eu sou feliz porque sou um cara de caráter e honesto e toda a vida eu trabaei... e desculpe meu choro.

Em continuidade ao comportamento ético, deparei com as ações que envolvem posturas políticas, de cidadania e de resiliência. A análise e interpretação dos dados permitiu relacioná-lo com o acesso a oportunidades. Bourdieu (1980b, 1989a), Narayan et al. (2000) e Nussbaum (2011) descreveram que melhores condições de vida não dependem apenas das disposições das pessoas que vivenciam a situação de pobreza. Entre os diversos fatores, esses autores citam a forma como os indivíduos vivem, encaram as oportunidades ou a ausência delas, os riscos e as limitações dos recursos.

Os autores supracitados expressam que é preciso a combinação de habilidades individuais com oportunidades e liberdades políticas, sociais, econômicas e ambientais. As análises do campo empírico evidenciaram ações que vão ao encontro dessa combinação, como por exemplo, a utilização dos direitos sociais, a qualidade do recurso oportunizado e a utilização pelos atores diante de condições precárias dos serviços ofertados. Dona Luz (E3) em certo momento da entrevista nos olha e diz:

Esse horário dá uma fedida aqui, que a gente fica até com vergonha. O cano começa na vizinha dali e deságua aqui no córrego e aí, umas horas dessas, noh.... Parece que é hora que eles chegam do serviço e dão descarga lá e o fedor mata a gente. Aqui no bairro, o esgoto daqui de casa joga nesse córrego e de todas as pessoas do lado de baixo da rua. Do lado de cima da rua, as casas já têm esgoto.

A nossa entrevistada dona Amélia (E1) mencionou o recurso da saúde: *aqui nós utilizamos primeiro o posto de saúde da comunidade. Depois, temos bem próximo o hospital Odilon Behrens.* Outro aspecto relatado pelos participantes (E1, E2 e E3) se refere a conhecer direitos sociais. A exemplo, descrevemos a fala de E1 a respeito da filha que está com doença grave: *se ela não tivesse empregada, ela teria direito em benefícios pela Loas, um projeto do governo de assistência social. Agora, ela deve receber um salário mínimo, capaz de receber.*

Os direitos sociais identificados nas falas dos entrevistados se referem aos direitos básicos e benefícios de programas sociais, como consumo de água e energia. A Pnud (2010, 2013, 2015) destaca como exemplos de direitos sociais básicos, a saúde (nutrição, mortalidade infantil), a educação (anos de instrução, escolaridade) e padrão de vida (consumo de alimentos, água, eletricidade, bens). No contexto dos entrevistados verificamos a existência de falas que nos remeteram a todos esses direitos. De forma complementar, direitos trabalhistas foram mencionados como resultado da disposição do trabalho assalariado.

Townsend (1979) advertia para o reconhecimento dos capitais na vida das pessoas, entre eles, os bens e serviços pagos pelo trabalho em espécie (vale-alimentação, seguro pago pelo empregador e benefícios sociais) e a utilização de serviços sociais subsidiados e públicos (saúde, educação, segurança social e habitação). A preocupação seguinte dos participantes foi com a falta de segurança (E2, E3 e E4). A segurança é um direito fundamental do cidadão. Outro aspecto analisado nos dados foi a dificuldade de participar e ter projetos sociais de bairros, esses são percebidos como instrumentos políticos, assim pensa dona Luz (E3):

Os projetos que vem para aqui é querendo atingir o objetivo do político. Então não funciona não, minha filha! Fica o tempo da eleição política, depois dá uma desculpa e desaparece. Tem lei de incentivo à cultura, mas ela não funciona. Aqui não funciona. Seria ótimo se tivesse filiais da Casa de Cultura no bairro, têm muitas crianças que fica pela rua afora. Quem teve a ideia de colocar minha neta no canto foi a mãe dela, porque ela gosta também. Quis pôr para ocupar o tempo e a mente dela e assim tirar da rua. Criança na rua só aprende coisa que não deve.

Em seguida a análise foi a necessidade da política para conseguir o que precisa, visto que há uma desacreditação na meritocracia estrutural. Percebemos que as pessoas da situação de pobreza buscam uma indicação para entrar no órgão público. Souza (2009), em seus estudos,

questionou a respeito da dominação social nas precondições sociais e a ausência de uma verdadeira meritocracia. Essa tende ao favorecimento do acesso aos recursos para as classes mais favorecidas e de melhor Capital Econômico. Nosso campo empírico possibilitou a análise de que na situação de pobreza se torna essencial ter uma influência política e uma participação ativa na época de eleições, mesmo com a incerteza de ter os pedidos atendidos. Nessa vertente escutamos as falas de E4.

Outra forma de ação das pessoas em situação de pobreza que pode se enquadrar no Capital Social é voltado a solidariedade. Uma prática muito utilizada pelas pessoas em situação de pobreza e que fluem para a ajuda mútua. Um dos principais recursos durante a vida em situação de pobreza, através dele as pessoas mesmo com restritos recursos se ajudam, compartilham alimentos, ideias, trocam serviços e iniciam a prática de ajuda mútua no seio da família. Nessa significação tivemos a fala de E1, E2, E3 e E5. Nesse sentido, Dona Luz (E3) revela ações de solidariedade. *Dei um carrinho de bebê para uma vizinha, porque não precisava mais e ela precisava. E tenho dois netinhos, uma faz dois meses hoje, a Lavinha, e ela necessita de ajuda do leite.*

O campo empírico nos revelou a ação para se ter independência e alternativas para melhores condições de vida. Essa ação requer a prática de gestão para ampliar o Capital Social e pode fazer muita diferença para as pessoas em situação de pobreza. Interpretamos que as falas dos nossos entrevistados nos direcionaram para a análise das capacidades empreendedoras de sobrevivência. Freitas e Ribeiro (2009), Wilkis (2013) expressam que na maioria das vezes a abertura de um pequeno negócio pelas pessoas em situação de pobreza tem como objetivo a sobrevivência e não necessariamente a visão de empreender-se. É uma forma de trabalho próprio e de necessidade familiar. Uma alternativa de minimizar o desemprego e suprir a ausência de emprego formal. São habilidades e capacidades das pessoas em situação de pobreza, cujas atividades na maioria das vezes são despercebidas na sociedade e pelos donos do poder capitalista. Capacidades que se relacionam com a liberdade de decisão e posição dos indivíduos, bem como as condições que eles podem planejar, organizar e realizar ações para ter vida significativa (Sen, 2000). Os entrevistados comprovaram que são capazes. As falas de dona Amélia (E1) e de dona Bizé (E4) foram referentes as suas práticas de gerenciar seus negócios de sobrevivência. E1 nos explica:

Tem sempre que ter um percentual para repor as compras, pois se não você não consegue pegar o negócio, tipo assim, eu chamo isso de “fazer dinheiro”, aí, não tem como você ter material para trabalhar. Nesse tempo, o que que eu fiz, eu fui juntando o dinheiro, aí quando chega nessa fase baixa, como eu não gasto muito e minha família não tem lazer, porque eu sei que a

prioridade aqui é comer, o que guardo dá. Então, assim, eu tenho que guardar dinheiro todo dia para comer, e se a gente gastar com lazer depois vai fazer falta, entendeu?

Na mesma acepção de E1, dona Bizé relata sua rotina e desafios no comércio de sua barraca:

Vendia tudo fiado. Minha filha, o que tenho de dinheiro perdido na rua, de roupa, desses trens que a gente fazia pra vender. Tem anotado aí, tudo anotado no caderno. Eu colocava, tipo assim: seu nome Marinette e quantos você comprou, aí, é assim! Eu não tenho nada de cartão e de cheque. Infelizmente ser pequeno comerciante é difícil.

Dando sequência na análise de dados, concluímos que utilizar o espaço de casa é uma alternativa que viabiliza as formas de se ter Capital Econômico. Essa assertiva derivou das falas de E1 e E3. Os dados analisados apontaram que as pessoas em situação de pobreza criam alternativas e pensam em melhores condições, assim tem-se a fala da senhora Bizé (E4) também expõe:

Então é por aí, a luta é muita pra um comerciante, pequeno microempreendedor, pra sobreviver. Porque tem um ditado que fala: que a água corre para o mar, tem dinheiro quem ganha dinheiro. Todo mundo acha que eu tenho isso. Essa coisa de comerciante, de falar. Eu falei que eu virei foi promover né? É alugar casa, é isso e aquilo outro, arranja emprego pra mim. Tudo, tudo, tudo. Arranja até cantor pra cantar pra nos lugares - e riu.

No contexto do Capital Social, o resultado analítico é representado pelas seguintes práticas de mobilização:

**Quadro 8 - Matriz das Práticas do Capital Social na Pobreza**

Práticas do Capital Social na situação de pobreza				
Prática 1:  Confiança de pessoas para realização de micronegócios	Prática 2:  Priorização de boas relações com os filhos	Prática 3:  Participação e utilização recursos da e para a comunidade: priorizar direitos comuns – educação, saúde, e saneamento básico	Prática 4:  Criação de amizade com pessoas dos programas sociais e participação	Prática 5:  Utilização de laços familiares
Prática 6:  Minimização e superação das relações negativas no ambiente interno e externo	Prática 7:  Mudança de localidade por necessidade	Prática 8:  Enfrentamento do desconhecido	Prática 9:  Seleção de clientes	Prática 10:  Manter boas relações com os vizinhos

**Fonte: Resultado da pesquisa.**



## 6) Capital Simbólico

A identificação da existência do Capital Simbólico na situação de pobreza nos alerta para as desconstruções de visões preconcebidas pela sociedade. Com base em Bourdieu (1990), esse capital se define como recurso e se relaciona com a acumulação de bens materiais e intangíveis. Entre eles o conhecimento, o prestígio e o reconhecimento social de uma pessoa, mesmo que ela viva as dificuldades de bem estar.

O Capital Simbólico pode ser considerado uma (re) conversão de cada um dos capitais econômicos, culturais e sociais, que são reconhecidos e legitimados em um espaço social, suas relações e necessidades. Moser (1996) explica que o Capital Simbólico tem significado motivador para o seu possuidor, como um propulsor de energia humana existente nas pessoas. A autora explicita que necessária é a busca do significado de vida pelo homem. Interpretamos, que o significado de vida, quando positivo, o possibilita a ser um agente capaz de efetivar suas ações, potencialidades e talentos. Um capital que se revela de forma tangível ou intangível e que deparamos nos relatos de E1 (dona Amélia):

As condições da minha casa são boas. Água, energia, saneamento básico, coleta de lixo, mas não seletiva. Hoje, nossa comunidade tem muitas coisas. Se vocês fossem em alguns lugares por aí, como o bairro Zilar, vocês não iam encontrar isso, aqui temos muita coisa. Em casa temos um banheiro, uma tv, geladeira, fogão, temos um computador, mas a gente usa mais os celulares com o Face – e riu.

O trabalho também se enquadra no Capital Simbólico devido ao seu significado para cada pessoa (E2, E3 e E5). Vamos exemplificar com a fala de E3 (Dona Luz): *Tenho 58 anos e tenho apelido de Luz. Não tem terapia melhor do que mexer na terra, não tem não!*

Bronzo (2009) salientou que as pessoas em posições mais fragilizadas das classes sociais necessitam de oportunidades para que possam acumular e converter capitais, como por exemplo: a força de trabalho e talentos inatos (Capital Cultural) em dinheiro (Capital Econômico) e desse para o bem estar em saúde e moradia digna (Capital Simbólico), em paralelo ao Capital Econômico para o desenvolvimento das capacidades (Capital Cultural).

Nesse contexto, do Capital Simbólico, observei as expressões de sentimentos. Um recurso que é utilizado no cotidiano das pessoas, caracteriza por emoções. As análises das falas revelaram esse recurso emocional sendo utilizado na busca de equilíbrio e superação. Ele está ligado a subjetividade, constatação das falas de nossos entrevistados E2, E3 e E5. Para exemplificar, citamos o relato de Dona Luz (E3). Ela declarou as consequências da morte do filho com reflexos na saúde do marido e que trouxeram dificuldades para sua família: *Perdi o*

*meu filho e isso levou o pai a adoecer. Ele não conseguiu superar, foi ele que achou ele morto. Hoje meu marido sofre de síndrome do pânico e tem depressão profunda.* O significado da morte é de dificuldade diante da perda, para a qual cada pessoa tem uma reação, ou seja, a morte traz reações subjetivas. A morte atinge a todas as classes.

Nossas análises revelam a dificuldade de superação da morte em situação de pobreza, desconstruindo o senso comum de que as pessoas pobres estão acostumadas com a morte. Nessa vertente emocional. No campo do Capital Simbólico, outra vertente que observamos e consideramos como parte desse capital é a prática da religião. É um recurso permanente no cotidiano das pessoas, em especial, atua como força invisível de apoio para as pessoas em situação de pobreza. A religião pode ser definida como a representação da vontade, e nos preconiza que existir socialmente é também ser percebido como diferente. Uma prática religiosa é a estratégia da libertação e a da prosperidade no mundo social (Bourdieu, 1989b).

Entendemos que na situação de pobreza, a prática da religião foi identificada no campo empírico como sendo um laço forte que potencializa as forças interiores. Realizamos no decorrer da tese, trabalhos científicos no campo da religião. Nossos achados apontaram que a religião se insere, também, como elemento do Capital Social – na abordagem da Teoria dos Capitais de Bourdieu. Os achados fundamentam-se nos estudos de Granovetter (1973, 1983), o desenvolvimento das redes sociais está atrelado às relações dos indivíduos que interagem entre si em busca de recursos que satisfaçam suas necessidades. São redes de relacionamentos onde circulam diferentes recursos (amizade, solidariedade, informação, conhecimento, acolhimento, aporte financeiro, bens materiais etc.).

Observa Granovetter (1973) que “indivíduos com poucos laços fracos estariam privados da informação de partes distantes do sistema social e, como tal, confinados a novidades e visões provincianas de seus amigos próximos.” (p. 1368). Esse é o caso encontrado na situação de pobreza, onde as redes são restritas e as pessoas buscam as ações religiosas pela crença e representações revestidas de caráter sagrado, visão sustentada por Bourdieu (2011b) para assumir desafios. Portanto, nos leva a considerar religião como um forte fenômeno social coletivo, seguindo as concepções de Durkheim (2012). Na nossa análise, todos os entrevistados mobilizaram a religião com representações de crença por meio de presença em igrejas e fé a Deus; um ser superior e invisível que auxilia nessas necessidades. Dona Amélia (E1) nos falou:

Minhas filhas são evangélicas da igreja Batista, elas foram para a igreja porque elas quis; eu nunca levei, foi até Deus. O papel da igreja foi muito importante na criação 203 delas, eu não sou evangélica, mas tenho muita fé em Deus. A igreja foi muito importante sim, por exemplo quando elas eram pequenas e eu tinha que ir trabalhar, então elas ia para o Ondorindo daqui, e

de lá ia para a Igreja Batista, e lá elas conheceram a palavra de Deus. Eu falava com elas: vocês vão porque lá vocês terão o que comer, aqui em casa não tem comida, vocês não voltam para casa sem comer.

Nossa visão é o significado da religião interligado aos momentos das doenças. Esse foi o fator da descoberta de força interior, no acreditar em Deus e de ter fé que encontramos nas falas emocionadas da senhora Bizé (E4):

Quando o médico falou para mim que eu não voltaria a andar mais e eu disse “doutor, o senhor está aqui me falando isso, né? Mas eu vou voltar a andar (voz emocionada e de choro), porque lá em cima tem um Deus, eu vou voltar a andar”. Eu não mexia um braço para pentear cabelos, a unha não acertava, tetraplégica, inflamação na medula causada por chistosa. Eu não sabia rezar um terço.

Religião como sendo Deus numa forma prospectiva de esperança e livramento, dona Luz (E3) nos fala:

Uma vez os outros dois filhos foram presos. Uma tristeza, os dois juntos. Arley de menor. Foi por causa de colegas. Esse dia foi o dia que Pé de Pano, filho de Waldemar, morreu no bar. Nesse dia que os meninos aprenderam a usar drogas. Não lembro, eu peço a Deus e tenho fé em Deus que vou ver meus filhos livres. Ele vai restaurar a vida.

Nossa análise proveniente das observações em campo nos permite considerar o Capital Simbólico, como resultante dos sucessos e conquistas das práticas de mobilizar recursos, propicia o Ser se sentir Ser Ativo. A seguir temos as práticas de mobilização do Capital Simbólico decorrentes da análise das falas dos nossos participantes:

**Quadro 9 - Matriz das Práticas do Capital Simbólico na Pobreza**

Prática 1:  Crença em Deus ou ser superior	Prática 2:  Autoconfiança: ser capaz, não se vitimizar	Prática 3:  Construção da autovalorização
Prática 4:  Atuação com dignidade e independência de ação	Prática 5:  Luta por condições de infraestruturas (Cidadania)	Prática 6:  Visões de objetivos imediatos e só depois no futuro (ser imediatista)
Prática 7:  Aprendizagem com os acontecimentos e estigmas	Prática 8:  Transmissão da imagem de respeito e confiança	Prática 9:  Religião e seus símbolos: ter fé - Rezar/orar- Religião

**Fonte: Resultado da pesquisa.**

Nossos resultados culminaram em **cinquenta e quatro práticas**, para as quais criamos a **Tabela Periódica das Práticas de Mobilização dos Capitais na Pobreza**. A criação teve como base a tabela periódica dos elementos químicos que é uma forma de organização e demonstração de dados. Foi criada por Dmitri Ivanovich Mendeleiev que buscava organizar a relação entre os elementos químicos com suas características específicas.

A nossa tabela propicia a visão holista de todas as práticas de mobilização dos capitais de Bourdieu. Elas se inserem nos períodos 1, 2, 3 e 4 que se referem aos capitais econômico, cultural, social e simbólico, respectivamente. Acreditamos que essa tabela pode ser utilizada para a elaboração de políticas sociais e efetivada mediante diagnósticos das condições de vida das pessoas em situação de pobreza. Pode ser um suporte para criações de padrões que visam ao desenvolvimento de capacidades e ampliação de ações construtivas para mitigar a situação de pobreza. A tabela proposta visa sintetizar os capitais descritos nos quadros das matrizes e suas práticas de mobilização. Essa foi uma estratégia encontrada como meio de disseminação do conteúdo a distintos usuários:

**Figura 4 - Tabela Periódica das Práticas de Mobilização de Capitais na Pobreza**

1		2			3		4
CAPITAL ECONÔMICO		CAPITAL CULTURAL INCORPORADO	CAPITAL CULTURAL OBJETIVADO	CAPITAL CULTURAL INSTITUCIONALIZADO	CAPITAL SOCIAL	CAPITAL SIMBÓLICO	
1.1	1.9	2. A1	2. B1	2. C1	3.1	4	
<b>Tr- F</b> Trabalho fichado	<b>SCA</b> Serviços compartilhados entre amigos				<b>CoPMN</b> Confiança em pessoas para realização de micronegócios		
<b>Tr- Pr</b> Trabalho por produção	<b>CFP</b> Compras fiadas e parceladas	<b>MTb</b> Disposições para múltiplos trabalhos	<b>AqV</b> Aquisição do necessário para vestir	<b>CNH</b> Habilitação - carteira de motorista	<b>PFI</b> Priorização de boas relações com os filhos	<b>DEUS</b> Crença em Deus ou ser superior	
<b>BI</b> "Bicos"	<b>EmF</b> Priorização de empréstimos de familiares	<b>HLCC</b> Hábitus de lazer em casa e na comunidade	<b>PensTer</b> Pensamento para ter o que quer: amor pelo que tem	<b>TrEs</b> Priorização do trabalho em detrimento do estudo	<b>ReCo</b> Participação e utilização de recursos da e para a comunidade	<b>ACon</b> Autoconfiança: ser capaz, não se vitimizar	
<b>NS</b> Negócios para sobrevivência	<b>BS</b> Recebimento de benefícios sociais	<b>OFI</b> Aprendizagem de ofícios familiares e inovação	<b>UtMov</b> Utilidades como móveis de acordo com o espaço da casa	<b>TrEs - S</b> Trabalho e estudo: conciliação do tempo	<b>APPsoc</b> Criação das amizades com pessoas dos programas sociais e participação	<b>AVR</b> Construção da autovalorização	
<b>FT</b> Trabalhos para toda a família	<b>Do</b> Aceitação de doações	<b>PscF</b> Priorização do sustento e convivência familiar	<b>APA</b> Demonstração dos cuidados com a aparência - imagem	<b>CPT</b> Capacitação por meio de cursos profissionais e treinamentos	<b>Lfam</b> Utilização de laços familiares	<b>DIGA</b> Atuação com dignidade e independência de ação	

1.6 <b>PSC</b> Prestação de serviços com o que tem em casa	1.14 <b>DeA</b> Redução de desperdícios e poupança alimentação	2. A5 <b>EcsD</b> Aproveitamento dos espaços de casa para atividades que vão gerar dinheiro		2. C5 <b>EdS</b> Estudos constantes - Ensino médio e superior	3.6 <b>MSRAIE</b> Minimização e superação das relações negativas - Ambientes internos e externos	4.5 <b>LUIE</b> Luta por condições de infraestruturas																														
1.7 <b>PGBN</b> Priorização de gastos - necessidades básicas	1.15 <b>RIS</b> Atenção aos Riscos de múltiplos trabalhos	2. A6 <b>Dest</b> Desconstrução do estereótipo da preguiça e da burrice		2. C6 <b>PjSo</b> Participação em projetos sociais para desenvolver ou adquirir habilidades	3.7 <b>ML</b> Mudança de localidade por necessidade	4.6 <b>OIF</b> Visão de objetivos imediatos e depois de futuro																														
1.8 <b>TrIF</b> Trabalho infantil fora de casa		2. A7 <b>HSTV</b> Aquisição de hábitos de Ser e Ter Virtudes - sujeito ativo		2. C7 <b>VAMU</b> Ruptura de preconceitos familiares do papel da mulher como objeto sexual e dependência do homem	3.8 <b>Dch</b> Enfrentamento do desconhecido	4.7 <b>AAE</b> Aprendizagem com os acontecimentos e estigmas																														
		2. A8 <b>Aes</b> Desenvolvimento da autoestima - o jeito de ser			3.9 <b>CL</b> Seleção de clientes	4.8 <b>TIRC</b> Transmissão da imagem de respeito e confiança																														
		2. A9 <b>TrDi</b> Trabalho e diversão juntos			3.10 <b>VIZ</b> Manter boas relações com os vizinhos	4.9 <b>RS</b> Religião e seus símbolos: ter Fé - Rezar/orar- Ir a Igreja																														
<p>Outros capitais simbólicos:</p> <table border="1"> <tbody> <tr> <td>Controle do orgulho: pode ser prejudicial para aceitar todos os tipos de trabalhos</td> <td>Força para lidar com as dificuldades de saúde, falta de comida, dependência de droga, crise econômica que afetam a família</td> <td>Cobrança de alternativas para suprir a ausência ou deficiência das condições de infraestrutura local</td> <td>Ação e atitudes com valores morais, como a honestidade</td> <td>Solidariedade com as pessoas da família, em especial a criação dos filhos</td> </tr> <tr> <td>Aceitação das condições de vida e adaptação para melhorar</td> <td>Relação com quem faz política para pedir e reclamar</td> <td>Enfrentamento das decepções</td> <td>Transmissão de confiança a outras pessoas, incluindo os patrões</td> <td>Troca de experiências e informações</td> </tr> <tr> <td>Aprendizagem com os acontecimentos e estigmas</td> <td>Solicitar recursos públicos para a comunidade</td> <td>Gerenciamento dos negócios próprios - compras, vendas, pagamentos e recebimentos</td> <td>Defesa das situações sempre usando verdade e sinceridade</td> <td>Realização e aceitação da solidariedade</td> </tr> <tr> <td>Solicitação de ajuda a profissionais: não ter vergonha</td> <td>Aproveitamento da aproximação de políticos em época de eleição</td> <td>Capacidade para enfrentar e superar situações de discriminação se defendendo</td> <td>Demonstração de ações de bom caráter</td> <td>Presença na igreja para rezar ou orar; ter religião</td> </tr> <tr> <td>Manutenção da persistência para conseguir recursos</td> <td>Conhecimento e utilização dos direitos sociais</td> <td>Iniciativas para experiência de serviços diversos</td> <td>Crença e persistência na ajuda divina</td> <td>Preparação dos filhos para saber trabalhar</td> </tr> <tr> <td>Demonstração de emoções sem vitimização</td> <td>Atitudes com segurança</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>							Controle do orgulho: pode ser prejudicial para aceitar todos os tipos de trabalhos	Força para lidar com as dificuldades de saúde, falta de comida, dependência de droga, crise econômica que afetam a família	Cobrança de alternativas para suprir a ausência ou deficiência das condições de infraestrutura local	Ação e atitudes com valores morais, como a honestidade	Solidariedade com as pessoas da família, em especial a criação dos filhos	Aceitação das condições de vida e adaptação para melhorar	Relação com quem faz política para pedir e reclamar	Enfrentamento das decepções	Transmissão de confiança a outras pessoas, incluindo os patrões	Troca de experiências e informações	Aprendizagem com os acontecimentos e estigmas	Solicitar recursos públicos para a comunidade	Gerenciamento dos negócios próprios - compras, vendas, pagamentos e recebimentos	Defesa das situações sempre usando verdade e sinceridade	Realização e aceitação da solidariedade	Solicitação de ajuda a profissionais: não ter vergonha	Aproveitamento da aproximação de políticos em época de eleição	Capacidade para enfrentar e superar situações de discriminação se defendendo	Demonstração de ações de bom caráter	Presença na igreja para rezar ou orar; ter religião	Manutenção da persistência para conseguir recursos	Conhecimento e utilização dos direitos sociais	Iniciativas para experiência de serviços diversos	Crença e persistência na ajuda divina	Preparação dos filhos para saber trabalhar	Demonstração de emoções sem vitimização	Atitudes com segurança			
Controle do orgulho: pode ser prejudicial para aceitar todos os tipos de trabalhos	Força para lidar com as dificuldades de saúde, falta de comida, dependência de droga, crise econômica que afetam a família	Cobrança de alternativas para suprir a ausência ou deficiência das condições de infraestrutura local	Ação e atitudes com valores morais, como a honestidade	Solidariedade com as pessoas da família, em especial a criação dos filhos																																
Aceitação das condições de vida e adaptação para melhorar	Relação com quem faz política para pedir e reclamar	Enfrentamento das decepções	Transmissão de confiança a outras pessoas, incluindo os patrões	Troca de experiências e informações																																
Aprendizagem com os acontecimentos e estigmas	Solicitar recursos públicos para a comunidade	Gerenciamento dos negócios próprios - compras, vendas, pagamentos e recebimentos	Defesa das situações sempre usando verdade e sinceridade	Realização e aceitação da solidariedade																																
Solicitação de ajuda a profissionais: não ter vergonha	Aproveitamento da aproximação de políticos em época de eleição	Capacidade para enfrentar e superar situações de discriminação se defendendo	Demonstração de ações de bom caráter	Presença na igreja para rezar ou orar; ter religião																																
Manutenção da persistência para conseguir recursos	Conhecimento e utilização dos direitos sociais	Iniciativas para experiência de serviços diversos	Crença e persistência na ajuda divina	Preparação dos filhos para saber trabalhar																																
Demonstração de emoções sem vitimização	Atitudes com segurança																																			
Legenda:	Práticas do Capital Econômico - o dominante	Práticas do Capital Cultural - a Emancipação	Práticas do Capital Social - as Relações e as Oportunidades	Práticas do Capital Simbólico - o Ser e o Ter	Práticas de outros Capitais Simbólicos - o Fortalecimento																															

Fonte: Elaborada pela autora Fraga, M.S. e pesquisador Fraga, L. P. (2020).

A Tabela Periódica das Práticas de Mobilização de Capitais na Pobreza demonstra na coluna 1 as práticas do capital dominante que é o Capital Econômico. A coluna 2 evidencia o capital que pode levar a emancipação das pessoas, sendo ele o Capital Cultural e suas três formas. A coluna 3 descreve o recurso relacional que requer oportunidades e é denominado de Capital Social. A coluna 4 representa a resultante da conversão dos capitais mencionados que

forma o Capital Simbólico. A parte seguinte relaciona outros capitais simbólicos que encontramos no decorrer de nossas pesquisas. O Capital Simbólico fortalece e é causa e efeito dos *habitus* sociais e individuais que levam à distinção.

De forma complementar, elaboramos o quadro 10 evidenciando a quantidade de práticas para cada categoria de capitais e os entrevistados que as citaram:

**Quadro 10 - Matriz das Práticas de Capitais na Pobreza**

CAPITAIS	Praticas	E1	E2	E3	E4	E5
Econômico	15	x	x	x	x	x
Cultural Incorporado	09	x	x	x		
Cultural Objetivado	04	x		x		x
Cultural Institucionalizado	07	x	x	x	x	
Social	10	x		x	x	x
Simbólico	9	x	x	x	x	x
Total de Práticas	54					

**Fonte: Resultado da pesquisa.**

Conforme os dados, o Capital Econômico possui a maior quantidade de práticas e foi mencionado por todos os entrevistados. O Capital Cultural Objetivado tem a menor quantidade de práticas, sendo mencionado por três entrevistados. Nossa interpretação é que existem dificuldades para se ter esse capital, sua representação acontece pela posse ou propriedade de um bem ou objeto.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Evidenciamos a defesa da existência de práticas de mobilização de capitais pelas falas dos entrevistados que viveram ou vivenciaram a situação de pobreza. Suas disposições para viver e para sobreviver nesse espaço social refletem suas capacidades, iniciativas e criatividade. Diversas práticas foram delineadas pelas ações subjetivas das experiências vivenciadas.

Nossos resultados possibilitaram a identificação e análise de diversas práticas. Segundo Bourdieu, a praxiologia permitiu repensar os *habitus* no nível subjetivo e seus atributos de intangibilidade - envolvendo sentimento, percepção e pertencimento. O autor afirmou, pela Teoria da ação, que o *habitus* interioriza o exterior, e ao mesmo tempo o exterior se incorpora no interior (Corcuff, Bourdieu & Wacquant, 1993). Portanto, o estudo das **práticas de mobilização de capitais são ações de vidas que se efetivam no mundo exterior**. São

dependentes e determinantes do contexto de seus espaços sociais. Verificamos que muitas práticas são comuns na vida dos pesquisados e podem ser encontradas em outros contextos da pobreza.

Discorrer sobre **Pobrezas e Capitais** constituiu um desafio de demonstrar que os capitais estão presentes nesse espaço social. Capitais na pobreza nos pareciam contraditórios. O discernimento dos tipos de capitais e sua mobilização perpassa pela Teoria dos Capitais de Bourdieu e vão ao encontro das *práxis* de vida. Não há uma limitação das práticas em relação a mobilização. Elas são experiências evidenciadas e que convergem para a mitigação da situação de pobreza em busca de melhores condições. Afirmar que encontramos todas as práticas de mobilização de recursos pelas pessoas em situação de pobreza é uma falácia, pois estamos em um contexto dinâmico e multidimensional, que é uma limitação da nossa pesquisa. Apresentamos algumas práticas, cujo campo empírico nos permitiram verificar convergências entre as ações dos atores.

Nossa pesquisa teve como primeira preocupação conhecer a realidade das ações das pessoas em situação de pobreza sem nos prendermos as concepções pré-concebidas da pobreza e dos estereótipos das pessoas que a vivenciam. Para elucidar o nosso **problema de tese** (Como as pessoas em situação de pobreza fazem para mobilizar e acessar capitais?). Em nossa entrevista não estruturada, elaboramos uma questão norteadora. Esse tipo de entrevista não requer um roteiro pré-estabelecido. A entrevista se conduz conforme o contexto e o entrevistado é livre para expor sua fala, busca-se interatividade, participação e troca de experiências. Para atender ao objetivo da pesquisa e seu problema, perguntamos: “como vocês fizeram ou fazem para ter recursos e melhores condições de vida?”.

De forma espontânea, os participantes falaram de suas experiências e descreveram situações que vivenciaram e que precisaram mobilizar recursos (capitais) tangíveis ou intangíveis. Entre essas situações, selecionamos **algumas ações desenvolvidas** na trajetória de suas vidas: trabalhar em diversos serviços, colocar as crianças para trabalhar, mudar de localidade quando necessário, aproveitar espaços e coisas de casa para transformar em dinheiro, fazer “bicos”, tirar carteira de motorista, conciliar estudos com trabalho, ter fé, superar abusos sexuais e discriminação de cor, aproveitar capacidades natas e incorporadas ao longo da vida.

As respostas são partes integrantes das ações realizadas pelos participantes, como as que exemplificamos anteriormente. A pesquisa identificou diversas práticas com predominância para a aquisição imediata do Capital Econômico. Após análise das falas e da Teoria de Capitais de Bourdieu, delineamos a construção das práticas em categorias.

Nesse contexto, alcançamos o **objetivo geral** de identificar as práticas de mobilização de capitais pelas pessoas em situação de pobreza nas cidades brasileiras de Belo Horizonte e de João Monlevade, localizadas na região sudeste do Brasil e pertencentes ao estado de Minas Gerais. A concretização desse objetivo pode ser visualizada nos quadros das matrizes de cada capital de Bourdieu e na Tabela Periódica das Práticas de Mobilização de Capitais na Pobreza. Eles possuem o elenco das práticas que evidenciamos durante o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, o objetivo geral da nossa tese foi alcançado e houve revelações no campo empírico que nos proporcionou a interpretação dos capitais de Bourdieu. Buscamos preencher a lacuna existente na fundamentação teórica a respeito das práticas de mobilização de capitais ou de ativos.

Quanto aos três **objetivos específicos**, elucidamos as seguintes observações. O primeiro foi elaborar uma Estrutura Conceitual Contemporânea da Pobreza (ECC) para compreender o campo empírico da pesquisa. Essa estrutura conversa com os capitais propostos na tese, visto que foi o contexto escolhido para a pesquisa. Através da objetivação do campo empírico e da fundamentação teórica foi possível propor e elaborar essa Estrutura Conceitual Contemporânea da Pobreza (ECCP). Ela derivou da abordagem da pobreza multidimensional, possibilitando uma visão holista de alguns tipos de pobreza e que se insere na vertente da sustentabilidade. Essa visão para a compreensão da pobreza precisa ser ampliada com outras pesquisas. Nosso trabalho não possibilitou um aprofundamento no campo da sustentabilidade, mas fornecemos essa diretriz para futuras pesquisas sobre pobreza e capitais. Alertamos que essa visão é a base para entender e compreender a multidimensionalidade que envolve o campo social da pobreza.

Ao realizar uma análise de conceituação de pobreza, verificamos a congruência das abordagens de Narayan (2000, 2005), Sen (1998, 1999, 2000) com os autores Abramovay (2004, 2012) e Souza (2009, 2012). O ponto de congruência se efetiva na priorização das capacidades e afirmação dos indivíduos em situação de pobreza. Elas vão ao encontro das noções operatórias das pesquisas de Bourdieu.

As abordagens contemporâneas e sociológicas da pobreza têm os núcleos de capacidades, liberdades, oportunidades, afirmação e sustentabilidade. Nesse âmbito, inserem-se os capitais social, econômico, cultural e simbólico. A mobilização dos mesmos e suas constantes (re) conversibilidades se tornam essenciais para a mitigação da pobreza.

Por meio da ECCP, alcançamos o primeiro objetivo específico proposto na tese. Os conceitos contemporâneos de pobreza possibilitaram a identificação de fatores complementares à renda e às capacidades, como por exemplo, a influência simbólica, o ambiente natural, o social e suas relações, que, no geral, aportam-se em estudos sociológicos.

De forma complementar aos estudos conceituais da pobreza, realizamos uma análise dos debates que envolvem a pobreza no Brasil a partir dos estudos sobre a chamada Nova Classe Média e seus críticos, que apontam permanências importantes, sobretudo no que tange à gestão dos capitais pelas famílias em situação de pobreza, em um contexto de exclusão, desigualdade e do próprio acesso ao crédito.

O debate da nossa temática está inserido nas discussões da discordância e concepção teórica heterogênea do que é a NCM. Pochmann (2014) e Souza (2012) criticam a denominação de Nova Classe Média, advogam que se trata de um grupo social advindo da base da pirâmide e que continua com ausência de determinados capitais. São pessoas que possuem diversas formas de trabalhos e que fazem da quantidade de trabalho o elemento principal para aumentar a renda e o consumo ao longo da vida. Por outro lado, faltam a essas pessoas o tempo para seus projetos de vida, suas relações, a construção do seu Capital Cultural e o desenvolvimento de suas capacidades.

Esse contexto reforça a Teoria de Capitais de Bourdieu, através da qual Souza (2009, 2012) trouxe a percepção do Capital Social e do Capital Cultural como necessários para mitigar a situação de pobreza. Esse autor defende uma pobreza dependente não só da renda, mas do Capital Social e Cultural. A renda pode aprisionar o indivíduo numa ciranda econômica de produção, exploração e consumo, e assim oculta o desenvolvimento do Capital Cultural e a ampliação do Capital Social.

**Não se pode concluir** a existência de uma pobreza e de seus fatores no Brasil. Torna-se notório compreender que o campo social da pobreza evidencia diversos tipos de **pobrezas**, e no Brasil não é diferente, suas características e políticas evidenciam ser um país de inúmeras desigualdades e que se prende a renda para definir a pobreza. Assim sendo, de forma complementar, é relevante situar que o campo social da pobreza evidencia diversos aspectos, que são decorrentes da ausência e da falta de acesso aos capitais estudados nesta pesquisa, bem como da proporcionalidade na estrutura desses capitais.

Em síntese, no conteúdo conceitual de pobrezas, evidenciamos a vertente da sustentabilidade nos estudos da pobreza e sua multidimensionalidade, que se encontram na estrutura conceitual contemporânea. Diversas dimensões existem no seu interior e seus conceitos possuem conexão com a teoria das capacidades de Amartya Sen e diversos espaços sociais, entre eles a religião.

A conceituação contemporânea da pobreza pode se tornar essencial para melhores políticas sociais. Delinear empiricamente a realidade é uma forma indutiva de construção científica e de elaboração das políticas sociais. Duas características importantes podem ser

destacadas nessa assertiva e discutidas em pesquisas futuras. A primeira seria o “conhecimento da percepção de quem vive a rotina da pobreza: como e de que ela é”. A segunda “a necessidade da autoafirmação dessas pessoas, seus sentimentos de pertencimento social e suas emoções como são trabalhadas pelas políticas sociais”.

O **segundo objetivo específico** da tese foi verificar a existência de ações que pudessem ser reconhecidas como práticas de mobilização de recursos mediante os procedimentos metodológicos das pesquisas pioneiras de Bourdieu e sua análise sociológica. A concretização desse objetivo foi realizada pelos fundamentos teóricos estruturados com abordagem sociológica, tendo como norte a Teoria de Capitais de Bourdieu (1980a, 1980b, 1989a, 1989b, 2007a, 2011b). Construimos o corpo teórico com ênfase no Capital Econômico, Capital Cultural, Capital Social e Capital Simbólico. Em consonância, revisamos e ampliamos o discernimento sobre as noções operatórias de Bourdieu a respeito de *habitus*, classes - grupos sociais, campo social e capitais.

A redação da pesquisa teórica propiciava a visualização mental dos fatos encontrados no campo empírico. **Essa pesquisa empírica foi realizada no Brasil, antes do avanço das pesquisas teóricas que ocorreu no estágio doutoral em Portugal.** Diante de nossas observações e por se tratar de uma tese de doutorado em Administração, estabelecemos a necessidade do capítulo teórico nessa pesquisa qualitativa, de profundidade e com aspectos narrativos. Essa determinação prevaleceu como forma de propiciar ao leitor das áreas da Administração e da Ciência Contábil maior compreensibilidade sobre a Teoria de Capitais de Bourdieu e sua metodologia de pesquisa. Essas ciências, na maioria das vezes, se prendem aos conceitos econômicos de capitais e sua gestão financeira com aspectos de controladoria.

O **terceiro objetivo específico** foi verificar se os capitais de Bourdieu, a Teoria de Ativos de Moser, bem como as abordagens de Souza e Honneth, se relacionam e como podem (ou não) gerar resultados em termos de identificação das práticas de mobilização de capitais e melhoria das condições de vida das famílias em suas distintas dimensões da vida - (re) conversão de capitais. Objetivo que se relaciona com os demais, à medida que recursos distintos são mencionados pelos autores e novos aspectos são inseridos, como a necessidade de constante conversão dos capitais tangíveis e intangíveis. Houve a **consolidação** do terceiro objetivo a partir de duas partes.

A **primeira** parte da consolidação foi através da relação estabelecida entre os capitais de Bourdieu e a Teoria de Ativos de Moser. Essas abordagens se relacionam e elas podem gerar resultados para as práticas de mobilização de capitais e melhoria das condições de vida, visto que no cotidiano os capitais ou ativos fazem parte das ações individuais abrangendo várias

dimensões da vida que estão atreladas a necessidade de (re) conversão de capitais e são dependentes de uma estrutura de oportunidades. Essa vertente está consubstanciada nas análises e nas práticas resultantes da pesquisa, pois elas demonstram que as pessoas em situação de pobreza são ativas e possuem ações próprias, apesar das dificuldades de oportunidades e dos restritos recursos, ou seja, dificuldade de exteriorizar. É preciso ser um Ser Ativo para haver conversão entre os capitais.

A Teoria de Ativos de Moser e a Teoria de Capitais de Bourdieu possuem relações e podem gerar resultados positivos para a mobilização das práticas de capitais. Ambas teorias destacam recursos que precisam de oportunidades para serem convertidos, ou seja, a conversão de um Capital Cultural (nesse encontramos as capacidades individuais) em Capital Econômico não depende exclusivamente das pessoas. Há diversas variáveis que interferem na (re) conversão dos recursos. São variáveis de estruturas macroeconômicas, políticas, sociais e ambientais. Elas interferem nas relações das microestruturas e nos seus distintos modos de vida. Entre as microestruturas, as pessoas em situação de pobreza.

O acesso aos recursos de Moser e Bourdieu nos conduz para a reflexão da distinção gerada pelo dilema Ter e Ser. A posse e aquisição de capitais selecionam grupos sociais e aumentam a desigualdade. Legitimamos que existem capitais na situação de pobreza e as pessoas possuem práticas específicas para mobilizá-los e acessá-los. Porém, a maioria dessas práticas e ações realizadas no cotidiano passam despercebidas pela sociedade, que as enxergam como atividades normais e objeto de dominação e exploração para a produção de bens e serviços.

São ações das pessoas em situação de pobreza que se realizam através das disposições para trabalhos múltiplos, empreendedorismo de sobrevivência, subordinação a elite, dificuldades de permanência na escola, aceitação de serviços precários, dedicação de muitas horas para trabalho, entre outros fatores. Essas disposições despercebidas movimentam a economia e contribuem para o enriquecimento da minoria.

Em termos da consolidação do terceiro objetivo específico da tese, **a segunda** parte refere às relações dos estudos de Souza e Honneth. Pelas práticas identificadas nas nossas pesquisas, interpretamos que as abordagens de Souza e Honneth possuem relações e podem gerar resultados no que tange a (re) conversão de capitais - em termos de identificação das práticas de mobilização de capitais e melhoria das condições de vida das famílias em suas distintas dimensões da vida.

Nossa afirmação fundamenta-se na prática de capitais simbólicos encontrados no campo empírico (emocional, ética, religiosa, solidária, política, cidadania, infraestrutura, gestão,

independência e alternativas) e que necessitam de variáveis para sua (re) conversão em Capital Econômico. Essas variáveis não são simples, pelo contrário, envolvem grande complexidade de fatores sociais e individuais. Nessa dimensão nos apoiamos na teoria de reconhecimento de Honneth (2003, 2007) que nos chama a atenção para o princípio da dignidade e envolve o sentimento de estigmas, pertencimento e expressivismo. Portanto, se torna necessária a manifestação da autonomia das pessoas. Autonomia que depende da acessibilidade aos recursos que possibilitam a ação ativa do sujeito, e que tende a se sentir respeitado por todos. Verificamos a ação autônoma nas falas de nossos entrevistados, uma vez que todos eles apresentaram iniciativas e desenvolveram ações específicas para mitigar a sua situação de pobreza. Mesmo diante de estruturas de serviços públicos deficitárias ou ausentes, os participantes buscaram e buscam alternativas para satisfazer as necessidades de trabalho, alimentação, saúde e educação.

A defesa da ideia de Honneth destaca a relevância das relações sociais para a dignidade das pessoas e suas autovalorizações (Honneth, 2003, 2007). Nessa dimensão, suas ideias vão ao encontro dos estudos de Souza (2009, 2012) no que se refere ao conceito da pobreza. Apesar das suas classificações de grupos sociais serem derivadas de estudos qualitativos, entendemos que denotam concepções pejorativas. Ao mesmo tempo cremos que essa não foi a intenção do autor em suas obras. Nosso argumento é que, de forma crítica, Souza (2009) evidenciou como e quem são as pessoas que vivem em situação de pobreza. Enfatizou a questão da dignidade e do reconhecimento ao reforçar que as forças de reprodução de desigualdades no Brasil são a posse ou não dos capitais econômico e cultural de Bourdieu. Fatores que proporcionaram o surgimento de uma farsante Nova Classe Média no Brasil, cujas pessoas vieram da situação de pobreza e melhoraram suas condições pelas disposições de trabalho e estímulo à prática intensiva de consumo e de créditos.

As concepções de Honneth (2003, 2007) e Souza (2009, 2012) podem auxiliar e nortear na (re) conversão dos capitais, pois elas vão ao encontro da abordagem sociológica de Bourdieu e sua estrutura de capitais. Diversos fatores influenciam na incorporação dos capitais. Eles devem ser diagnosticados, observados, construídos e gerenciados (Souza, 2009).

As pessoas em situação de pobreza precisam de oportunidades em relação aos seus capitais tangíveis e intangíveis (Souza, 2012). O autor Souza advoga a ausência da construção sociocultural na situação de pobreza. Indaga a respeito da dominação social moderna nas precondições sociais e a ausência de uma verdadeira meritocracia. Essa tende ao favorecimento do acesso à cultura para as classes mais favorecidas e de melhor Capital Econômico. A ausência dos capitais leva a uma vida em condições precárias.

Pelos estudos de Souza (2009, 2012) a sociedade brasileira é estratificada por classes sociais teóricas definidas pela renda e pela capacidade diferencial de incorporação de disposições e de conhecimento. Essa observação está inserida na abordagem sociológica “não é a renda, mas o *habitus* um fator de divisão social.” (Souza, 2009, p. 335). Bourdieu (2006) explica que o *habitus* refere a um conjunto de disposições para a ação e é adquirido como aprendizado espontâneo e inconsciente desde a infância.

Explicitamos a existência escassa ou ausência do Capital Econômico, Cultural, Social e Simbólico comprovada por nosso campo empírico. Nossos entrevistados relataram que o Capital Econômico sempre foi pouco e restrito. As ações cotidianas são pensadas para fazer dinheiro e atender necessidades básicas imediatas. Em suas vidas passaram por momentos de dificuldades de alimentação e a qualidade nutricional ficava a desejar.

Quanto ao Capital Cultural, em suas três formas, verificamos que os entrevistados tiveram dificuldade de acesso e acumulação, prevalecendo a força de trabalho como Capital Cultural Incorporado. Os entrevistados relataram que possuem poucos anos de estudos, que fizeram cursos profissionalizantes e alguns estudaram em idades longevas. Eles possuem a visão da educação como essencial para emancipação e melhores oportunidades (Capital Cultural Institucionalizado). Eles buscam quebrar o ciclo geracional do não estudar. Aprender a fazer diversos serviços desde a infância possibilitou a criação dos *habitus* individuais para múltiplos trabalhos. Priorizar o trabalho em prol da educação foi um pensamento permanente herdado da família. A prática foi a conciliação de tempo para estudar e trabalhar.

A educação é percebida como necessária e as novas gerações são estimuladas, mas primeiro transfere a ideia da necessidade de trabalho, que é a principal fonte de renda. A prioridade é o trabalho assalariado seguida do trabalho próprio. Essa última é a alternativa diante de problemas macroestruturais como o desemprego. Os recursos para o trabalho próprio devem ser originados com o aproveitamento das capacidades inatas, das adquiridas e do pouco que possuem em casa. É preciso ideias para fazer dinheiro. Uma das revelações foi a necessidade de ter carteira de motorista, pois amplia as possibilidades de emprego.

O Capital Cultural Objetivado é percebido pela posse e da afirmação de “Ter” o necessário e o básico para viver em família. Vai de encontro aos que possuem bens para demonstrar ser menos pobre e ser aceito em determinados grupos sociais. Na sequência, temos o Capital Social que se baseia nas relações. Como principal Capital Social das pessoas em situação de pobreza tem-se as relações familiares e a vizinhança. Comprova-se, portanto, a existência de relações sociais restritas. As ações relatadas sobre as práticas demonstram alternativas para ampliar a rede relacional. Entre as alternativas que escutamos, citamos as

participações em projetos sociais, em comícios eleitorais (ter conhecidos na política local), na igreja e nos pequenos negócios.

Após o Capital Social aparece o Capital Simbólico. Ele é o resultado da conversão e (re) conversão dos capitais econômicos, culturais e sociais. O Capital Simbólico faz parte da vida das pessoas em situações de pobreza e são causa e efeito dos *habitus* cotidianos referentes às práticas. Se realiza pelos sentimentos de pertencimento, reconhecimento de capacidades e por crenças religiosas. São aspectos intrínsecos ao processo de (re) conversão dos capitais, uma interiorização na exteriorização e uma exteriorização que adentra no interior das pessoas afetando a sua forma de ser.

Em relação ao “Ter” capitais, a ênfase foi que o econômico facilita a acessibilidade a outros capitais. E que os outros capitais precisam do Capital Econômico para se desenvolverem e se acumularem. Diante de restrições, precariedades dos recursos públicos, as pessoas, objeto de nossas pesquisas, apresentaram ações subjetivas e específicas para viver, permanecendo na mente que o eixo central é o Capital Econômico e esse é o capital que eles conhecem, é o dinheiro que eles precisam. E para se ter esse capital e condições melhores é preciso acreditar em Deus e trabalhar. O Ter recursos revela o Ser perante a sociedade.

Essas percepções dos entrevistados, em especial da educação e do trabalho, são **semelhantes ao relato da minha autonarrativa**. A superação do ciclo geracional familiar da pobreza, na fase de adolescência e no início da fase adulta, me conduziu para a profissão de docência em universidades. A longa distância temporal entre a realização do ensino médio, da graduação, do mestrado e do atual doutorado caracteriza pela prioridade de mobilizar trabalho em detrimento de educação, pois na trajetória de vida houve a prioridade para satisfazer as necessidades básicas familiares.

Como resultado do meu percurso em constantes mutações, posso declarar que o interesse, a persistência, a resistência, a superação de estigmas e a quebra do ciclo geracional da situação de pobreza possibilitaram a construção de melhores condições de vida. Da menina que não sabia ler e foi hostilizada por profissionais da educação, para a conclusão do ensino primário (básico). Desde para o ensino médio (fundamental) e em seguida para a busca do trabalho em diversas localidades. Buscava-se uma profissionalização do curso técnico em química. Do mundo do trabalho por diversos anos para o retorno ao sonho de fazer a universidade, e dessa para novas redes sociais e acesso a novas culturas. Enfim, da graduação para o mestrado e o doutorado. E assim, chegamos a uma mulher educadora, cidadã e que acredita na existência de capacidades e criatividade das pessoas que vivem ou vivenciaram a situação de pobreza. Uma mulher que busca em seu espaço de atuação a (re) conversão dos

capitais econômicos e culturais para construir um capital simbólico. E que esse possa ser útil nos contextos de sociabilidade, cooperativismo, dádiva e solidariedade.

Diante das análises entre conhecimentos empíricos e teóricos, **defendemos a tese que existem práticas de mobilizar e acessar capitais para viver ou sobreviver nas condições de situação de pobreza, em razão de as pessoas que a vivenciam possuírem capacidades e criatividades.** Elas não somente nos contaram, mas nos demonstraram suas ações durante o percurso da pesquisa. E essas ações traduzimos como práticas que são naturais, específicas, subjetivas e que decorrem dos *habitus* e das experiências advindas das necessidades.

Na mesma concepção da pobreza multidimensional, consideramos que as práticas de mobilização de capitais também são **multidimensionais e não há limites de práticas**, de ações, do como mobilizar capitais na situação de pobreza, e, assim, se torna essencial a voz das pessoas que vivenciam ou vivenciaram essa situação.

Salientamos que a elaboração dessas práticas e a análise interpretativa da existência de outros capitais são contribuições de conhecimentos empíricos desta tese, visto que são originadas do campo de pesquisa que transcende a fundamentação teórica dos referidos capitais e contribuem com a Teoria de Capitais de Bourdieu. Portanto, tem-se uma interação de saberes empíricos com o discernimento científico que abrem caminhos para novas pesquisas.

Esta tese explicita um chamamento para inserção de pesquisas sobre **Pobreza e Capitais** no campo da Administração e das Ciências Contábeis, em especial, nos microespaços sociais e como parte dos estudos organizacionais, do desenvolvimento sustentável e da gestão social. Torna-se uma inovação e contribuição no campo da Administração, da Contabilidade e contribui com a Teoria dos Capitais de Bourdieu pela descrição dos *habitus* das práticas de vida de pessoas em situação de pobreza.

Utilização de abordagens antropológicas, filosóficas e comportamentais podem evidenciar discernimentos das práticas de mobilização de recursos na situação de pobreza - visto que a abordagem sociológica selecionada para a tese não exclui a possibilidade de outras em futuras pesquisas. Recomenda-se, para novas pesquisas, o aprofundamento e a limitação a um dos capitais de Bourdieu. Outra sugestão é a inserção e verificação científica, nos debates e nas produções científicas da existência das práticas detectadas, a fim de incitar futuras pesquisas. Sugerimos aprofundamento das atribuições e do papel mercadológico e acolhedor da religião no contexto da situação de pobreza, de forma a contribuir e aprofundar nos estudos da religião e seu elo com a mobilização de recursos na situação de pobreza. Outra vertente de estudo é se as microfinanças, na prática, são instrumentos sociais para mitigar a situação de pobreza e da extrema pobreza ou são alternativas de mercado financeiro para angariar recursos.

Oportunizamos algumas instigações: “quais são as variáveis que interferem na (re) conversão dos Capitais de Bourdieu se considerarmos a situação de pobreza?”; “existem diferenciações das práticas de mobilização e acesso de capitais se considerarmos raças e gêneros?”; “como a aplicação dos Capitais de Bourdieu na situação de pobreza pode contribuir com a formulação e efetivação de políticas sociais?”; “como trabalhar a subjetividade do emocional na situação de pobreza e sua conversabilidade nos capitais de Bourdieu?; “a abordagem de Capitais de Bourdieu pode se relacionar com os conceitos gerenciais e econômicos da Administração e da Ciência Contábil visando melhorias na aplicação de recursos públicos?”; “é possível uma Teoria das Falas para a construção de políticas sociais?”. Essa presente tese inicia um novo campo de pesquisa que possui desafios multidisciplinares. Seu cerne é a preocupação com a mitigação da pobreza através do desenvolvimento das capacidades e criatividade das pessoas, retrata um recorte relevante que é a mobilização de recursos, ou seja, de capitais.

Para finalizarmos, frisamos que essa tese contribui no campo científico com a Teoria de Capitais de Bourdieu ao propor uma vertente de estudos sobre práticas de mobilização de recursos na situação de pobreza a partir da voz das pessoas que vivenciam ou vivenciaram essa situação. Para a sociedade, a tese proporciona a disseminação das práticas a todos interessados incluindo gestores de políticas sociais e de projetos sociais empresariais. Ambos podem trabalhar com as práticas e desenvolver pesquisas de maior profundidade para a elaboração de políticas públicas e empresariais voltadas ao desenvolvimento das capacidades, criatividade, potencialidades e visibilidades das pessoas em situação de pobreza. Demonstrar o que e como essas pessoas fazem para viver poderá quebrar o ciclo geracional de políticas e percepções sociais que as pessoas são responsáveis pelas suas pobreza. Em nível micro, para os nossos entrevistados, a contribuição é demonstrar que eles fazem parte da construção da ciência e suas experiências de vida são conhecimentos que precisam ser disseminados e apresentados no campo científico.

De forma a alcançar um número maior de pessoas, em especial as de situação de pobreza, o produto da tese transcende a sua finalidade de registros acadêmicos nas bibliotecas presenciais ou virtuais. Para esse propósito, decidimos pela composição de uma música enfatizando as capacidades das pessoas em situação de pobreza. A música será divulgada por meios digitais e concedida uma cópia a cada participante. Na mesma linha, outro produto será a elaboração de um livro de contos derivados das histórias narradas pelos participantes. Esse será um produto que iremos oferecer a nossos entrevistados como forma de agradecimentos e

demonstrando a importância das suas experiências para as pesquisas acadêmicas. Em consonância buscaremos a sua publicação.

## REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (2012). *Muito além da economia verde*. São Paulo: Abril S.A.
- Abramovay, R. (2004). *Laços financeiros na luta contra a pobreza*. São Paulo: FAPESP/Annablume.
- Almeida, A. M F. (2007). A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In L. Paixão Pinheiro. & N. Zago (Orgs.), *Sociologia da educação: pesquisa e realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Ameen, J. R. M. (2017). Optimal multi-dimensional poverty lines: the state of poverty in Iraq. In *Anais, Conference Proceedings*. Recuperado a partir de [https://www.researchgate.net/publication/319575403\\_Optimal\\_multi-dimensional\\_poverty\\_lines\\_The\\_state\\_of\\_poverty\\_in\\_Iraq](https://www.researchgate.net/publication/319575403_Optimal_multi-dimensional_poverty_lines_The_state_of_poverty_in_Iraq)
- Andrade, P. (2014). Agência e estrutura: o conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu - Estudos de Sociologia. *Rev do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, 12(2), 97-118.
- Barbisan, C. & Megid, M.A. B. (2018, outubro, dezembro). Categorias de narrativas: principais usos em investigaciones y formación de pedagogas. *Educação Temática Digital*, 20(4), 979-996. doi: 10.20396/etd.v20i4.8649944
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. (70a ed.). Lisboa: LDA.
- Barreto, R. O. (2018). *Cartografia dos modos de ser da velhice e do trabalho rurais no Médio Vale do Jequitinhonha* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Administração, Belo Horizonte.
- Batti, R. C. (2014, maio). Challenges Facing Local NGOs in Resource Mobilization. *Humanities and Social Sciences*, 2(3), 57-64.
- Bauer, M.W. & Gaskell, G. (2018). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático*. Petropolis: Vozes.
- Bello, E.S.V & Barros, R.A. (2016). Epistemologia qualitativa e pesquisa narrativa: perspectivas (auto) biográficas para a formação de professores de matemática. In *Anais, VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica*. UFMT: Cuiabá.
- Benzécri, J. P. (1992). *Correspondence analysis handbook*. Nova York: Marcel Dekker.
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. (1963). *Travail e travailleurs en Algérie*. Paris: Mouton.
- Bourdieu, P. & Sayad, A. (1964). *Le déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1966), "Différences et distinctions". In P. Bourdieu e A. Darbel (Orgs.), *Le partage des bénéfiques: expansion et inégalités en France*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1977). *Algérie 60: structures économiques et structures temporelles*. Paris: Les Éditions deMinuit.
- Bourdieu, P. (1979a). *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.

- Bourdieu, P. (1979b). Les trois états du capital culturel. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, 30, 3-6.
- Bourdieu, P. (1980a). Le capital social: notes provisoires. *Revista Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 31, 2-3.
- Bourdieu, P. (1980b). *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1980-1990). *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- Bourdieu, P. (1985, November). Social Space and the Genesis of Groups. *Theory and Society*, 14(6), 723-744.
- Bourdieu, P. (1986). The Forms of Capital. In J. G. Richardson. *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. (pp. 241-258). New York: Greenwood Press.
- Bourdieu, P. (1989a). *O Poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, P. (1989b). Os três estados do capital cultural. In M. Alice Nogueira & A. Catani (Orgs.), *Pierre Bourdieu Escritos de educação* (pp.3-6). (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1990). *Fiel dwork in philosophy*. In P. Bourdieu. *Coisas ditas*. São Paulo; Brasiliense.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. (9a ed.). M. Correia (Trad.). Campinas, Papirus.
- Bourdieu, P. (1997). *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (2001). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2004). A formação do habitus económico. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 14, 9-34.
- Bourdieu, P. (2005). *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. (2006, junho). O camponês e seu corpo. *Revista de Sociologia e Política*, 26, 83-92. Recuperado a partir de <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf>. doi.org/10.1590/S0104-44782006000100007
- Bourdieu, P. (2007a). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp.
- Bourdieu, P. (2007b). Os três estados do capital cultural. C. Magali, N. Maria Alice (Trad.), *Bourdieu, Pierre, "Les trois états du capital culturel"* (Vol. 30, pp. 3-6). Paris, Actes de la recherche en sciences sociales, 1979.
- Bourdieu, P. (2007c). *Razões formas: sobre a teoria da ação*. Alegre: Zouk.
- Bourdieu, P. (2011a). Espaço social e gênese das classes. In P. Bourdieu. *O poder simbólico*. (70a ed.). pp. 135-165. Lisboa: DIFEL.
- Bourdieu, P. (2011b). *A economia das trocas simbólicas*. (7a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (2013). *Outline of a theory of practice*. Cambridge: University Press.
- Bourdieu, P. (2014). *Capital Simbólico e classes sociais*. Cadernos de Ciências Sociais. Porto: Afrontamento.
- Bouzarovsk, S. & Simcock, N. (2017). Spatializing energy justice. *Energy Policy*, 107, 640-648. doi: 10.1016/j.enpol.2017.03.064

- Bronzo, C. (2005). *Programas de proteção e superação da pobreza: concepções e estratégias de intervenção* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas: Sociologia e Política, Belo Horizonte.
- Bronzo, C. (2009). Vulnerabilidade, empoderamento e metodologias centradas na família: conexões e uma experiência para reflexão. In Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil*. Brasília.
- Burger, P. (1985, agosto). On the literary history. *Poetics*, 199-207.
- Carrion, R. S. (2014). Cidadania. In R.F. Boullosa (Org.), *Dicionário para a formação em gestão social* (pp. 35-38). CIAGS/UFBA: Salvador.
- Clandinin, D. J. & Connelly, F. M. (2011). *Pesquisa narrativa: expectativas e histórias na pesquisa qualitativa*. Uberlândia: EDUFU.
- Clandinin, D. J. & Connelly, F. M. (2015). *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. (2a ed.). Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU (Trad.). Uberlândia: EDUFU.
- Clark, W.C. (2007, February). Sustainability Science: a room of its own. *The National Academy of Sciences of the USA*, 6(104), 1737-1738.
- Coleman, J. S. (1988). Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, 94(1), 95-120.
- Connelly, F. M. & Clandinin, D. J. (1995). Relatos de experiência e investigação narrativa. In J. Larrosa et al. *Déjame que te cuente: ensaios sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes.
- Corcuff, P. & Bourdieu, P. & Loïc J. D. Wacquant. (1993). Réponses. Pour une anthropologie reflexive. In: *Revue française de sociologie*, 34(2), 293-296. Recuperado a partir de [https://www.persee.fr/doc/rfsoc\\_0035-2969\\_1993\\_num\\_34\\_2\\_4247](https://www.persee.fr/doc/rfsoc_0035-2969_1993_num_34_2_4247)
- Corrêa, T. & Medrado, B. (2016). Sexualizando as narrativas: o prazer cartográfico de contar histórias sobre fazer pesquisas. In R. Cordeiro & Kind, L (Orgs.). *Narrativas, Gênero e Política*. Curitiba: CRV.
- Coutinho, R.R. (2014). Entre eficiência e legitimidade: o bolsa família no desafio de consolidação do suas. In E. P. Gomide, *Capacidades Estatais e Democracia: Arranjos Institucionais de Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Crossley, S. (2017). The ‘official’ social justice: an examination of the Coalition government’s concept of social justice. *Journal of Poverty and Social Justice*, 25(1), 21-33. doi: 10.1332/175982717X 148422 82 011532
- Cunha, M. A. A. (2007, julho, dezembro). O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. *Perspectiva*, Florianópolis, 25(2), 503-524.
- Decancq, K. (2014, July). Copula-based measurement of dependence between dimensions of well-being. *Oxford Economic Papers*, 66(3), 681-701. doi: 10.1093/oeq/gpt038
- Deleuze, G. & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Dewey, J. (1976). *Experiência e educação*. (2a. ed.). A. Teixeira (Trad.). São Paulo: Nacional.
- Dinzey-Flores, Z Z. (2017). Spatially polarized landscapes and a new approach to urban inequality. *Latin American Research Review*, 52(2), 241-252. doi: 10.25222/larr.89

- Durkheim, É. (2012). O problema religioso e a dualidade da natureza humana. *Debates do NER*, 13(22), 27-61.
- Euzeby, C. (1991). *Le revenu minimum garanti*. Paris: La Decouvert.
- Fernández, I. C., Navarrete, D. M. & Torres-Salinas, R. (2016). Breaking resilient patterns of inequality in Santiago de Chile: challenges to navigate towards a more sustainable City. *Sustainability*, 8(8), 820-839. doi:10.3390/su8080820
- Ferreira, F. H. G. & Lugo, M. A. (2013, January). Multidimensional poverty analysis: looking for a middle ground. *The World Bank Research Observer*, 28(2), 220-235. doi: 10.1093/wbro/lks013
- Freitas, A. A. & Ribeiro, R. (2009, abril, junho). Análise segmentada da performance empreendedora de tomadores de microcrédito. *Revista Econômica do Nordeste*, 40(2), 249-261.
- Gillarda, R., Snella, C. & Bevanb, M. (2017). Advancing an energy justice perspective of fuel poverty: household vulnerability and domestic retrofit policy in the United Kingdom. *Energy Research & Social Science*, 29, 53-61. doi.org/10.1016/j.erss.2017.05.012
- Glaser, B. G & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research* Chicago: Aldine Publishing Company.
- González Rey, F. L. (2010). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Graham, C. 2009. *Happiness around the World: the paradox of happy peasants and miserable millionaires*. Oxford: Oxford University Press.
- Granovetter, M. (1973, Mayo). *The strength of weak ties*. *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-1380.
- Granovetter, M. (1983). *The Strength of Weak Ties: a network theory revisited*. *Sociology Theory*, 1, 201-233.
- Guimarães, A. A. & Júnior, C. R. O. (2014, julho, dezembro). Pierre Bourdieu and the economics of linguistic exchanges. *Faculdades Integradas de Itararé*, 05(02), 31-38.
- Gupta, J. & Vegelin, C. (2016). Sustainable development goals and inclusive development. *Int Environ Agreements*, 16, 433-448. Recuperado a partir de <https://link.springer.com/article/10.1007/s10784-016-9323-z#citeas>. doi:10.1007/s10784-016-9323-z
- Gurovitz, E & Crespo, A.P. (2002, julho, dezembro). A pobreza como um fenômeno multidimensional. *RAE-eletrônica*, 1(2), 1-12. Recuperado a partir de [https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590\\_S1676-56482002000200003.pdf](https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S1676-56482002000200003.pdf)
- Habermas, J. (2011, janeiro, junho). Trabalho, amor e reconhecimento. O filósofo Axel Honneth completa 60 anos de idade. Uma viagem em pensamentos de Marx a Hegel para Frankfurt: ida e volta. *Educação e Filosofia Uberlândia*, 25(49), 337-341.
- Hess, R. (2001). Bourdieu, P. In: D. Huisman (Org.), *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hobsbawm, E. J. (1968). Poverty. In D.L. Sills. *New International Encyclopaedia of the Social Sciences*. (12a ed.). London: Macmillan.
- Honneth, A. (1995). *The Fragmented World of Social: essays in social and political philosophy*. New York: New York State University.

- Honneth, A. (2003). Redistribution as Recognition: a response to Nancy Fraser. In N. Fraser & A. Honneth. *Redistribution or Recognition? A Philosophical Exchange*. London: Verso.
- Honneth, A. (2007). Recognition as ideology. In: Van Den Brink, B. & Owen, D. (Eds.). *Recognition and Power*. Cambridge: Cambridge University.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado a partir de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv50063.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Síntese dos Indicadores Sociais*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado a partir de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=25875&t=sobre>
- Jornal Bom dia (2013). Recuperado a partir de <http://www.bomdiaonline.com/noticia/26649/moradores-do-bairro-planalto-denunciam-invasaotildeo-de-casas>
- Júnior, E. L. (2002, janeiro, junho). As potencialidades analíticas da Nova Sociologia Econômica. *Sociedade e Estado*. 17(1), 39-62. doi.org/10.1590/S0102-69922002000100004
- Katzman, R. & Filgueira, C. (1999) Marco Conceptual sobre activos, vulnerabilidad y estructura de oportunidades. *Documento de trabalho*. Montevidú: Cepal.
- Katzman, R. (2000). Notas sobre la medicion de la vulnerabilidad social. *Serie Documentos de Trabajo del IPES*. Montevideo: Universidad Católica de Uruguay.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. H. Monteiro, F. Settineri (Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Lawson, T. (2015). Critical ethical naturalism: an orientation towards ethics. In Lipina, S.J. & Evers, K. *Neuroscience of childhood poverty: evidence of impacts and mechanisms as vehicles of dialog with ethics*. *frontiers in psychology*, 8(61), 359-387.
- Lipina, S. J. & Evers, K. (2017, January). Neuroscience of Childhood Poverty: evidence of impacts and mechanisms as vehicles of dialog with ethics. *Frontiers in Psychology*. 8, (61).
- Lewis, O. (1961). *The Children of Sanchez, Autobiography of a Mexican Family*. New York: Random House.
- McGregor, J. A. & Pouw, N. (2017, July). Towards an economics of well-being. *Cambridge Journal of Economics*, 41, 1123-1142. doi:10.1093/cje/bew044
- Mello, D. (2016). Etnografia, pesquisa narrativa e fenomenologia: entendendo espaços de fronteira entre três caminhos de pesquisa. In R. Cordeiro & L. Kind. *Narrativas, Gênero e Política*. (pp. 17- 48). Curitiba: CRV.
- Miller, S. M. & Roby, P. (1971). Poverty: changing social stratification. In P. Townsend, *The Concept of Poverty*. London: Heinemann.
- Minayo, M.C.S. (2015). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In M.C.S. Minayo & S. F. Deslandes. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (34a ed.). (pp. 9-31). Petrópolis: Vozes.
- Ministério do Desenvolvimento Social. (2018). *Benefícios*. Brasília: MDS. Recuperado a partir de <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/beneficios>
- Moser, C. O. N. (1996). Confronting crisis: a comparative study of household responses in four poor urban communities, environmentally sustainable development studies and

- monographs series. *World Bank*. Recuperado a partir de [https://www.researchgate.net/publication/234640289\\_Confronting\\_Crisis\\_A\\_Comparative\\_Study\\_of\\_Household\\_Responses\\_to\\_Poverty\\_and\\_Vulnerability\\_in\\_Four\\_Poor\\_Urban\\_Communities\\_Environmentally\\_Sustainable\\_Development\\_Studies\\_and\\_Monographs\\_Series\\_No\\_8](https://www.researchgate.net/publication/234640289_Confronting_Crisis_A_Comparative_Study_of_Household_Responses_to_Poverty_and_Vulnerability_in_Four_Poor_Urban_Communities_Environmentally_Sustainable_Development_Studies_and_Monographs_Series_No_8)
- Moser, C. O. N. (1998). The asset vulnerability framework: reassessing urban poverty reduction strategies. *World Development*, 26(2), 1-19. Recuperado a partir de [http://www.tessproject.com/products/seminars&training/seminar%20series/Assets\\_Materials/Reassessing\\_Urban\\_Poverty\\_Reduction\\_Strategies.pdf](http://www.tessproject.com/products/seminars&training/seminar%20series/Assets_Materials/Reassessing_Urban_Poverty_Reduction_Strategies.pdf)
- Müller, R.G. & Duayer, M. (2019). A carta aberta de E. P. Thompson a L. Kolakowski e outros ensaios [recurso eletrônico]. Florianópolis: Editoria Em Debate/UFSC.
- Narayan, D., Chambers, R., Shah, M. K. & Petesch, P. (2000). *Voices of the poor: crying out for change*. New York: Oxford University Press/World Bank.
- Narayan, D. (2005) *Voices of the poor – Can anyone hear is?* World Bank. Oxforde University Press, 2000.
- Navarro, C. L. & Arce, G. M. (2016, June). Revisitando el concepto de exclusión social: su relevancia para las políticas contra la pobreza en América Latina. *Revista del CLAD Reforma y Democracia*, 65, 39-68.
- Neri, M. (2010). *The new middle class in Brazil: the bright side of the poor*. Rio de Janeiro: Centro de Políticas Sociais da FGV.
- Neri, M. C. (2011). *A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*. Rio de Janeiro: Saraiva.
- Neri, M. (2017). *Microcrédito, dinâmica empresarial e mudança de classe: o impacto do CrediAmigo*. Recuperado a partir de <http://www.fgv.br/cps/crediamigo2>
- Nussbaum, M. (2011). *Creating Capabilities – The human development approach*. Cambridge e Londres: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Organisation for Economic Co-operation and Development. (2015). *In It together: why low inequality benefits all*. Paris: OECD.
- Orshansk, M. (1965, July). Who's Who Among the Poor: a demographic view of poverty. *Social Security Bulletin*, 28(7).
- Pereira, V.B. & Queirós, J. (2012), “State, housing and the ‘social question’ in the city of Porto (1956-2006)”. *Social Sciences*, 1, 203-214.
- Pereira, V.B. (2013). “Une maison pour le ‘peuple’ portugais: genèse et trajectoire d’un quartier du programme des ‘maisons économiques’ à Porto (1938-1974)”. *Politix*, 101, 49-78.
- Pereira, V.B. (2014). “‘It’s not a *bairro*, is it?’: subsistence sociability and focused avoidance in a public housing estate”. *Environment and Planning A*, 6(46): 1297-1316.
- Pereira, V. B. (2016). Classes sociais e simbolização na cidade do Porto: elementos de teoria e de pesquisa empírica. *Tempo Social, Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo*, 28(2), 183-206.
- Perrot, M. & Pierre, B. (2003, janeiro, junho). Corpo, poder e dominação: um diálogo com Deborah Thomé Sayão, *Perspectiva*, 21(01), 121-149.
- Pickett, K. & Wilkinson, R. (2012). Income inequality and psychosocial pathways to obesity. *Proceedings of the British Academy*. 1, 179-198.

- Pinto, J.M. & Pereira, V. B. (2007). Classes, relações de habitus e efeitos de lugar: um estudo sobre sociabilidades, estilos de vida e anomia no centro do Porto. *Cadernos de Ciências Sociais*. Porto, Afrontamento.
- Pouw, Nicky & Gupta, Joyeeta. (2017, March). Inclusive Development: a multi-disciplinary issue. *Current Opinion in Environmental Sustainability*. doi: 10.1016/j.cosust.2016.11.013.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2010). *Situación socioeconómica de la población afrocolombiana en el marco de los objetivos de desarrollo del milenio, en Población afrodescendiente de América Latina*. Naciones Unidas: Pnud.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2013). Aprendiendo a vivir juntos: convivencia y desarrollo humano en Costa Rica. *Informe nacional sobre desarrollo humano*, A. Jiménez (Ed.), San José. Naciones Unidas: Pnud.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2015). *Informe de desarrollo humano en Chile: los tiempos de la politización*, Santiago. Naciones Unidas: Pnud.
- Projovem. (2019). *Centro de Referência de Assistência Social*. Belo Horizonte. Recuperado a partir de <https://projovemaast.files.wordpress.com/2009/09/dsc034772.jpg>
- Pochmann, M. (2012). *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Pochmann, M. (2013). Mobilidade social no capitalismo e re-divisão internacional da classe média. In D. D. Barelt (Org.), *A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político* (pp. 156-170). Rio de Janeiro: Fundação Heinrich.
- Pochmann, M. (2014). *O Mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. (2018a). *História de bairros*. Belo Horizonte: PMBH. Recuperado a partir de <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-municipal-de-cultura/arquivo-publico/informacoes/historia-de-bairros>
- Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. (2018b). *Info/Bairro do Brasil. Censo 2000*. Belo Horizonte: PMBH. Recuperado a partir de <https://prefeitura.pbh.gov.br/nordeste>
- Putnam, R. (2000). *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV.
- Ravallion, M. (2011). On multidimensional indices of poverty. *Journal of Economic Inequality*, 9(2), 235-248.
- Reid, L., McKee, K. & Crawford, J. (2015). Exploring the stigmatization of energy efficiency in the UK: an emerging research agenda. *Energy Research Social Science*. 10, 141-149.
- Rouanet, H., Ackerman, W. & Le Roux, B. (2005). A análise geométrica de questionários: a lição de la distinction de Bourdieu. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15, 43-52.
- Rowntree, B. S. (1901). *Poverty: a study of town life*. Londres: Macmillan.
- Rowntree, B. S. (2000). *Poverty: a study of town life*. Centennial ed. Bristol: Policy Press.
- Ruggles, P. (1990). *Drawing the Line: alternative poverty measures and their implications for public policy*. Washington DC: Urban Institute Press.
- Sá, A. L. *Teoria da Contabilidade*. (1999). (2a. ed.). São Paulo: Atlas.

- Santos, C. G. & Carrion, R. S. M. (2009, junho). Microcrédito e pobreza: um diálogo possível? *Revista de Administração Contemporânea*, 13(4), 53-67.
- Saunders, P., Bradshaw, J. & Hirst, M. (2012). *Social Policy & Administration*, 36(3), 217-234.
- Sen, A. (1981). *Poverty and famines essay on entitlement and deprivation*. Oxford: Clarendon press.
- Sen, A. (1989). Development as capability expansion. *Journal of Development Planning*, 19, 41-58.
- Sen, A. (1991). *Sobre Ética y Economía*. México: Alianza Editorial.
- Sen, A. (1998). The concept of development. H. Chenery & T.N. Srinivasan (Eds.). *Handbook of development economics*. Amsterdam.
- Sen, A. (1999). *Development as freedom*. New York: Oxford University Press.
- Sen, A. (2000, June). Social exclusion: concept, application and scrutiny. *Social Development Papers*, 1. Asian Development Bank: Philippines.
- Serra, A. S.S. (2017). *Pobreza multidimensional no Brasil rural e urbano* (Tese de Doutorado). Programa do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Silva, M. O. (2002). O debate sobre a pobreza: questões teórico-conceituais. *Revista de Políticas Públicas*, 6(2), 65-102.
- Soares, S. & Sátyro, N. (2009). *O programa bolsa família: desenho institucional, impactos e possibilidades futuras*. Brasília: IPEA.
- Souza, A. & Lamounier, B. (2010). *A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Souza, J. (2009). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG.
- Souza, J. (2012). *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (2a.ed.). Belo Horizonte: UFMG.
- Steven, J. L., Haider, L. J., Engström, G. & Schlüter, M. (2017, Mayo). Resilience offers escape from trapped thinking on poverty alleviation. *Science Advances*, 3(5).
- Streeten, P., Javed, S. B; Mahbub, U. H., Norman, H. & Frances, S. (1981). *First things first: meeting basic human needs in developing countries*. New York: The World Bank Press.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of Qualitative Research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park: Sage.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1997). *Grounded Theory in Practice*. London: Sage Publications.
- Teixeira, S. & Zuberi, A. (2016). Mapping the racial inequality in place: using youth perceptions to identify unequal exposure to neighborhood environmental hazards. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 13 (9), 844.
- Townsend, P. (1979). *The definition and measurement of poverty*. London: HMSO.
- Wacquant, L. (1992). *Réponses: pour une anthropologie réflexive, de Pierre Bourdieu, com Loïc Wacquant*. Paris: Editions du Seuil.
- Wacquant, L. (1998). Negative social capital: state Breakdown and social destitution in America's urban core. *The Netherlands Journal of the Built Environmnet*, 13(1), 25-40.

- Wacquant, L. (2004). Esclarecer o habitus. *Sociologia*. J.M. Pinto e V. B. P. (Trad.). C. Augusto e L. Wacquant. (Rev.). *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 14, 35-41.
- Wacquant, L. (2012, fevereiro). A tempestade global da lei e ordem: sobre punição e neoliberalismo. *Rev. Sociol. Polít.*, 20(41), 7-20.
- Wacquant, L. (2013). “Symbolic power and group-making: on Bourdieu’s reframing of class”. *Journal of Classical Sociology*, 2(13), 274-291.
- Wacquant, L. (2014). *Poder simbólico e constituição de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes*. Cadernos de Ciências Sociais. Porto: Afrontamento.
- Wacquant, L. (2017, Mayo). Bourdieu viene a la ciudad: pertinencia, principios, aplicaciones. *EURE*, 43(129), 279-304.
- Walker, R. (2014). *The Shame of Poverty*. Oxford: Oxford University Press.
- Walker, R., Kyomuhendo, G.B., Chase, E., Choudhry, S. & Gubrium, E.K. (2016). *Poverty-in-Iraq-2012-2014*. Washington: *World Bank*.
- Wilkis, A. (2013). *Las sospechas del dinero: moral y economía en la vida popular*. Buenos Aires: Paidós.
- World Bank. (2019). *World Development Report 2019: the changing nature of work*. Washington: *World Bank*. doi:10.1596/978-1-4648-1328-3.
- Yunus, M. (2000). *O Banqueiro dos Pobres*. São Paulo: Ática.
- Yunus, M., Moingeon, B. & Lehmann-Ortega, L. (2010). Building social business models: lessons from the Grammen experience. *Long Range Planning*, 43(2-3), 308-325.
- Zaccarelli, L. M. & Godoy, A. S. (2013). “Deixa eu te contar uma coisa...”: possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. *Revista Gestão Organizacional*, 6(3), 25-36.
- Zelizer, V. (1983). *Morals and markets: the development of life insurance in the United States*. New Brunswick: Transactions Publishers.
- Zelizer V. (1985). *The social meaning of money*. New York: Basic Books.
- Zelizer, V. (1989). *Princing the priceless child: changing social value of children*. New York: Basic Books.

## ANEXO A – Glossário

**Análise Sociológica:** representa uma sociologia da ação desenvolvida por Bourdieu e significa uma ação situada no campo a partir da lógica prática.

**Ativos:** são os recursos tangíveis e intangíveis denominados de capitais, eles permitem melhores condições de vida para as pessoas e propiciam benefícios presentes ou futuros para satisfazer as suas necessidades. São recursos que permitem aos domicílios um aproveitamento efetivo das oportunidades oferecidas pelo Estado, pelo mercado e pela comunidade, para ter acesso a condições de vida que possam ser consideradas dignas em um determinado momento.

**Campo social:** espaço global de posições sociais, configurado em torno de um sistema de desvios de distintos níveis, cuja existência acontece nas relações dos atos entre as instituições, os agentes e todos os atores sociais.

**Capitais:** forças motrizes que envolvem a acumulação de disposições, habilidades e conhecimentos e permitem aos sujeitos a participação mediante determinada posição num campo específico. Associa a importância dos relacionamentos e dos contatos (Capital Social) que se constroem com educação, capacidade intelectual e retórica; inclui a presença ou ausência de prestígio (capital cultural) e agrega o papel dos gostos, estilos, valores e estruturas psicológicas que decorrem das condições de vida (capital simbólico).

**Capital Cultural Incorporado:** recurso próprio (capital próprio) que se encontra no corpo biológico e tem significado pelas disposições. É adquirido e acumulado pelas pessoas e repassado a outras gerações de forma inconsciente ou até mesmo consciente para potencializar capacidades.

**Capital Cultural Institucionalizado:** recurso que se adquire e se acumula ao longo da vida e para o qual necessita de disposição de tempo, interesse, dedicação e gastos econômicos.

**Capital Cultural Objetivado:** capital proveniente da conversão do capital cultural institucionalizado e incorporado, ocorre nele a materialização através da propriedade de capital ativo material ou sua representação simbólica.

**Capital Cultural:** capital distintivo que possui dependência do contexto.

**Capitais de Bourdieu:** forças e fontes dos recursos que, sendo utilizadas, podem trazer benefícios tangíveis e intangíveis; entre eles, o desenvolvimento das capacidades das pessoas.

**Capital Econômico:** capital dominante que funciona como base essencial para obtenção de outros tipos de capitais.

**Capital Simbólico:** forma assumida por todos os tipos de capitais (Capital Cultural, Econômico e Social), percebida pelos atores sociais por meio da percepção, reconhecimento e atribuição de valor.

**Capital Social:** conjunto de recursos atuais ou potenciais que tem ligação estreita com uma rede durável de relações institucionalizadas de reconhecimento e de inter – reconhecimento mútuo.

**Classes:** conjuntos de agentes que ocupam posições e condições semelhantes e que estão sujeitos a condicionamentos com atitudes, interesses, práticas e tomadas de posição semelhantes.

**Distinção:** diferenciação entre grupo, sendo ela proveniente da estrutura de capitais e gerada pelo dilema Ter e Ser.

**Epistemologia Qualitativa:** caráter construtivo interpretativo do conhecimento e a legitimação do singular como fonte do conhecimento.

**Espaço social:** partes mutáveis do campo social que são permeados de capitais econômico, cultural, social e simbólico, e que levam à distinção conforme a estrutura desses capitais.

**Estruturas de oportunidades:** acesso a ativos, ou seja a bens, serviços ou atividades que incidem sobre o bem-estar dos domicílios. Os indivíduos podem utilizar ou não essas oportunidades, dadas suas preferências e capacidades, mas não as podem modificar individualmente (embora possam se organizar para modificá-las).

**Estrutura Social:** sistema de organização da sociedade que decorre da inter-relação e posição (status social) entre seus membros. É determinada por diversos fatores, dentre os quais econômico, político, social, cultural, histórico e religioso. Estabelece série de direitos e deveres praticados pelos diversos grupos que constituem uma sociedade.

**Grounded Theory:** metodologia de investigação qualitativa que extrai aspectos significativos das experiências vivenciadas e interliga constructos teóricos.

**Habitus:** princípio operador que considera a interação entre os sistemas relacionais das estruturas objetivas e das práticas, ou seja, um sistema de disposições abertas, mutáveis, duráveis e transferíveis. Refere a propensão para agir de determinada forma; conjunto de características humanas socialmente adquiridas que define, em traços gerais, certo modo de conduzir a vida.

**Mobilização:** esforço dispendido para conseguir os meios financeiros e não financeiros visando o alcance dos objetivos e atividades das células sociais.

**Pesquisa Narrativa:** pesquisa que visa capturar as experiências das práticas como sendo o fenômeno investigado, considerando como essenciais a temporalidade, a sociabilidade e o lugar.

**Pobrezas:** ausência ou restrição de capitais para melhores condições de vida e que envolvem dimensões econômicas, culturais, simbólicas, ambientais e sociais.

**Sustentabilidade:** forma de inclusão dos indivíduos aos meios que lhes possibilitem melhores e permanentes condições de vida e propicia o (re) conhecimento dos demais tipos de pobreza com inserção para aspectos do meio ambiente natural e seus recursos.

**Vulnerabilidade:** escassa capacidade para resolver situações de risco ou situações adversas. Refere às situações que surgem quando as configurações de recursos que controlam e podem movimentar os domicílios não são suficientes para aproveitar as estruturas de oportunidade de acesso ao bem-estar, no campo social da pobreza.

## APÊNDICE A – Letra da música criada no contexto da tese

### FICHA TÉCNICA DA CANÇÃO “SEM NÓS”

Autores: Marinette S. Fraga e João de Ana

Música: Sem nós

Letra: Marinette S. Fraga.

Música: João de Ana.

Violões e voz: João de Ana.

Teclados, gravação, produção e mixagem: Sune Mika Salminen.

Gravação: 11/09/2020

A luz das estrelas

Brilha o céu

Ilumina

Todos nós

Como elas

Estamos em todo canto

Lutamos para brilhar

Invisíveis nas estradas

Nos trabalhos precários

Nas avenidas, becos e guetos

Nas Barracas e feiras

Apertados no transporte

Lá, nos encontramos

#### **Refrão**

Somos o povo

Sem nós,

não há a riqueza dos poucos

Sem nós,

as estrelas do poder

Podem escurecer

Nossa vida é trabalhar

É ter o que comer

É ter onde morar

É fazer bico

É compartilhar

É não parar

É ter, é ter muita fé

Temos estrelas

De novelas

De samba, de rap

De MPB, de futebol

Lá, nos encontramos

Na luta pela vida

Precisamos de uma economia

Solidária e popular

#### **Refrão**